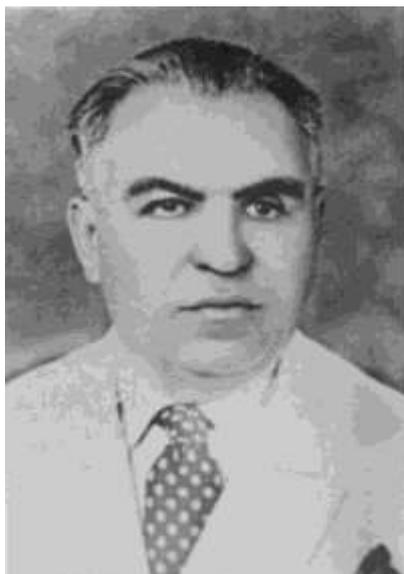


# Tempo de Dante Gente de Hoje



**100 ARTIGOS PUBLICADOS NO JORNAL**

**“CORREIO DE BOTUCATU” de**

**21/05/1970 a 19/01/1972**

**ADENDO DOS REVISORES** - Como o objetivo deste trabalho é divulgar a maravilhosa obra do Dr. Sebastião Almeida Pinto, que “mergulhou nas raízes de incontáveis personalidades que ilustram os Tempos de Dante”, como já foi dito no Artigo 51, Plantadores de Carvalho, com correções e inclusões dos Revisores ao longo da mesma, abrimos espaço para atualização de dados das Famílias que assim o desejarem.

REVISORES - Olavo Pinheiro Godoy e Paulo Pinheiro Machado Ciaccia

# PREFÁCIO

HERNÂNI DONATO

*Dezembro / 2011*

*Membro da Academia Paulista de Letras  
Ex-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*

TEMPO DE DANTES, GENTE DE HOJE, CRONISTA DE SEMPRE

Como?! Prefaciando o texto do Sebastião Almeida Pinto?! Quem há de?! Ele não cabe em nenhum prefácio pois um prefácio que o contenha resultará mais volumoso do que o contexto tempo e gente. É que Doutor Tião é onipresente na crônica da Cidade. É gente de ontem e de sempre. Ainda agora, datilografando (sou do tempo de dantes) este texto, posso ouvir aquela risada gargalhante que tantas vezes souo como clarim convocando o povo serrano para uma tarefa de alcance cívico. Este livro bem que poderia encerrar-se com um relato das campanhas e dos feitos que ele convocou e conduziu a bom termo.

Multioperante, aliciante, somente não soube e não quis ter inimigos. Ou, simplesmente, indiferentes. Cinquenta dos seus setenta anos foram postos ao serviço da Santa Casa. Doentes pediam o doutor Tião. À perícia profissional aliava a receita mágica do transmitir confiança. Mais do que isso, compartilhamento. Muitos anos, também, no ensino, parecia aos alunos – na voz, no jeito, no todo – ser um deles. Na política, na vereança, conseguiu o prodígio de ser partidário e candidato sem inamistar-se. De todo esse exigente quefazer, hauriu, entesourou, usou, valorizou a sua terra, a sua gente, o seu tempo. Uma recolha imensa: farmacêutico, médico, professor, diretor de escola, cofundador e animador da Academia de Letras, do Taenca, do Tênis Clube, do Aero Clube, do Centro Cultural, et cetera. Os veteranos locais atuantes na frente sul da guerra constitucionalista de “32” narravam o quanto de estímulo moral lhes dava o médico dedicado igualmente aos tratamentos cirúrgicos. Sendo que desses cuidados resultou um livro primoroso sobre os istos e os aquilos de uma frente de guerra.

Atuou em muitos campos. Reuniu-os com dedicação à crônica. Todos e tudo, inspiração, registro, doação à sociedade em forma de textos. Amor à sua terra, respeito para com o tempo, carinho para com o povo. Creio não ter havido dia, nem roda de prosa, nem cumprimento festivo que não tenha resultado em anotação. Neste volume, bem lido e bem ouvido, temos a voz da rua, a intimidade do lar, o ontem da coletividade.

Daí esse legado valioso de “No Velho Botucatu 1956”, no idem editado em 1994, de “Botucatuenses no Setor Sul”, de “Historias da Santa Casa”. E este apanhado de crônicas resultando em guardado que, ademais de adjetivos lítero-histórico eu diria ser – dizendo no estilo do doutor Tião – gostosíssimo.

Ousado, dinâmico, prestativo atuou onde foi preciso um dínamo que movesse a inerme sociedade. Dele, a campanha pelo busto do Duque de Caxias; dele, a animação de clubes populares – de negros e gente de arrabalde. Dele, lembranças carinhosas de tertúlias na redação da “Folha de Botucatu”, com a audiência de Pedro Chiaradia, de Antônio Tilio, do Pedretti Neto, do Francisco Marins, de tantos outros.

Deixe que lhes dê um flash do dinamismo do bom Tião Pinto. O Aero Clube ameaçava não ter sua terceira turma por falta de quem falasse aos alunos de ventos e nuvens. Ele presidia. Na “Folha”, entrando, viu-me bater à máquina. Com o sorriso largo e quente capaz de vencer qualquer negativa, tocou-me o ombro: - Você acaba de ganhar uma bolsa para o curso de piloto. O custo? Falar aos outros de nimbos, cúmulos, estratos. – Não sei nada de nuvens!, berrei. Reforçando a gargalhada, sentenciou: - Suba lá e se intimize com elas!

Ah!, esse Sebastião! Só não nos faz falta porque não se foi de todo. Para Botucatu será sempre o Tião Pinto e o Tião Pinto será sempre gente presente no hoje de Botucatu. Amém!

## BIOGRAFIA



### **Dr. SEBASTIÃO ALMEIDA PINTO**

(\* 1902 + 1979) - Dicionário dos Escritores Botucatuenses, autor Olavo Pinheiro Godoy, 1999, Gráfica e Editora Tipomic, 252 p., com biografia às págs. 175 e 176.

Nasceu em Botucatu a 25 de setembro de 1902. Filho de Sebastião Pinto Conceição e Amélia Paes de Almeida Conceição, de tradicionais famílias Botucatuenses, pioneiras de Botucatu. Formado Professor pela Escola Normal Oficial de Botucatu, ali exerceu os cargos de Professor de Biologia, secretário e diretor desse estabelecimento. Formou-se em Farmácia pela Escola de Farmácia e Odontologia de Pindamonhangaba, em 1919. Bacharelou-se em Medicina pela Faculdade Fluminense de Medicina (1934). Dedicou quase cinqüenta anos de seu profícuo trabalho à Santa Casa de Misericórdia Botucatuense, onde foi, durante muito tempo, o responsaável pela enfermaria de homens daquele nosocômio. Jornalista, um dos primeiros

membros da Academia Paulista de Imprensa, publicou trabalhos durante toda a sua existência, em vários jornais desta cidade, no “Pulso”(Órgão Noticioso da APM) e jornais da região. Através desses relatos, pode-se conhecer praticamente toda a história de Botucatu e de suas famílias. Historiador, publicou dois livros significativos no estudo da formação dos botucatuenses. “No Velho Botucatu” e “Botucatu no Setor Sul”, onde relata os episódios da Revolução de 1932, da qual participou na qualidade de Tenente Médico do Batalhão Universitário “Fernão Salles”. Por seus méritos como Historiador e Folclorista, foi condecorado com as comendas: Vital Brazil, do Governo do Estado de São Paulo, Brigadeiro Couto de Magalhães da Sociedade Geográfica Brasileira e Veteranos da Revolução de 1932, da Sociedade MMDC. Membro-Fundador da Academia Botucatuense de Letras, cuja cadeira tem por patrono Alceu Maynard de Araújo, que foi seu aluno e grande amigo. Professor Emérito do Instituto de Educação “Dr. Cardoso de Almeida” e “Instituto Santa Marcelina”. Fundador do Aero Clube de Botucatu, que lhe prestou significativas homenagens durante seus funerais, com aviões sobrevoando o séquito. Um dos fundadores do Centro Cultural de Botucatu em 1942. Vereador por muitos anos à Câmara Municipal de Botucatu, onde exerceu sua presidência. Presidente de honra do Teatro Amador da Escola Normal de Botucatu - TAENCA - e um dos homens que erigiram o prédio próprio da instituição. Sócio-Fundador do Botucatu Tennis Clube, onde exerceu, durante muito tempo, as funções de médico. Historiador.

BIBLIOGRAFIA: “No Velho Botucatu”, 1956 (edição comemorativa do primeiro centenário da emancipação político-administrativa da terra dos bons ares - 1855/1955) 185 p.; “No Velho Botucatu 2 edição, Editora PAULICÉIA, 1994, 203 p.; “Botucatuenses no setor Sul”, “Impressões de Viagem”, “A Tuberculose nos Meios Escolares”, “Escolas Especializadas para Crianças Hospitalizadas” (monografia), “Tempo de Dante - Gente de Hoje” (série de 100 artigos publicados no “Correio de Botucatu); “Histórias da Santa Casa”. Colaborou na revista “A Cruzada” (1928). Centenas de artigos, versando sobre história de Botucatu, publicados nos jornais: “Correio de Botucatu”, “Folha de Botucatu”, “Jornal de Botucatu”, “Botucatu-Jornal”, “Gazeta de Botucatu”, etc...

Complementando a biografia citada PELOS REVISORES, o Dr. Sebastião Almeida Pinto foi casado com a Professora Maria Leony Nogueira Pinto (Dona Laly), que tiveram os seguintes 7 filhos:

1- Dra. Ana Maria Nogueira Pinto Quintanilha, Médica Veterinária, casada com José Paulo Quintanilha, Engenheiro Agrônomo, que tiveram o filho José Paulo Quintanilha Junior, Administrador de Empresas.

2- Maria Amélia Nogueira Esteves Pinto, Professora, casada com o Dr. Osiris Esteves Pinto, Médico, que tiveram os filhos Izabela, Médica, Rodrigo, Engenheiro e Fernando, Pianista.

3- Dr. Sebastião de Almeida Pinto Filho (Tiãozinho), Médico, casado em primeiras núpcias com Dra. Sônia Raquel Galvão do Amaral Campos, Médica Oftalmologista, que tiveram os filhos Débora, Advogada e Beatriz, Formada em Artes Cênicas. Em segundas núpcias casou-se com Sandra Coraini Sanches de Almeida Pinto, que tiveram os filhos Clara e Gustavo, Estudantes.

4- Alcides Nogueira Pinto, Advogado, Escritor, Novelista, Teatrólogo, Cronista.

5- José Roberto Nogueira Pinto (Zébão), Engenheiro Agrônomo, casado com Dra.Regina Aparecida Tortorella Pinto, Médica, que tiveram os filhos Maria Emília (Mimi), Renato (Dôdo) e Luiza.

6- Maria Isolina Nogueira Pinto (Shen), Bibliotecária.

7- José Paes de Almeida Nogueira Pinto, Médico Veterinário e Vice-Diretor da Faculdade de Medicina Veterinária Unesp-Botucatu, casado com Yuriko Yanagizawa de Almeida Nogueira Pinto, Professora Bióloga da Unesp-Botucatu, que tiveram os filhos Lucas e Bruno, Estudantes.

## **Índice dos 100 artigos publicados**

01) Turíbio Vaz de Almeida - 21/05/1970

02) Turíbio Vaz de Almeida e a Marcha do Tempo - 31/05/1970

03) A Família Maranhão - 04/06/1970

04) O Patriarca José Rodrigues César - 07/06/1970  
Atualização de dados pelo Engenheiro Paulo Pinheiro  
Machado Ciaccia, nos artigos 4 e 5

05) Dona Pureza Rodrigues César, A Matriarca - 11/06/1970

06) O de Sanctis que virou dos Santos - 14/06/1970

07) O Tenente Coronel Floriano Rodrigues Simões - 18/06/1970

08) Os Levantinos Chegaram - 21/06/1970

09) O Velho Cardoso - 25/06/1970

10) Carlos César, Um da Velha Guarda- 28/06/1970

11) O Rabino Samuel Levy - 02/07/1970

12) Mastropietro Tortorella - 05/07/1970

13) Coronel Raphael Augusto de Moura Campos - 09/07/1970

14) A Gente do Nhô Faé - 16/07/1970

- 15) Genésio de Freitas, Outro da Velha Guarda - 19/07/1970
- 16) Os Tecchio, Cocheiros e Motoristas - 23/07/1970
- 17) O Fanfulla Clube - 26/07/1970
- 18) Thomaz Fazzio, O Cartolinha - 30/07/1970
- 19) O Bacharel, O Coronel e O Major - 02/08/1970
- 20) Totó Pedro - 06/08/1970
- 21) Velhos Tiradentes - 09/08/1970
- 22) Dr. José Cardoso de Almeida - 13/08/1970
- 23) Velhas Ruas e Nomes Novos - 16/08/1970
- 24) Chico Padre - 20/08/1970
- 25) Fernando do Amaral Gurgel - 23/08/1970
- 26) O Domingão - 30/08/1970
- 27) Nhô Quim Leandro e Nhô Quim de Barros - 03/09/1970
- 28) O Clã de Domingão - 10/09/1970
- 29) Mais Gente de Domingão - 13/09/1970
- 30) Domingos Soares de Barros - 17/09/1970
- 31) O Clã dos Villas Bôas - 24/09/1970
- 32) Coronel José Victoriano Villas Bôas - 01/10/1970
- 33) O Clã dos Villas Bôas (Continuação) - 08/10/1970
- 34) Do Lopão ao Moscoliato - 11/10/1970
- 35) Nigro, Galucho e Outros Bambas da Navalha - 22/10/1970
- 36) Um Major do "O Vento Levou"- 24/10/1970
- 37) Doutor Jones e Outros Americanos - 02/11/1970
- 38) Amando de Barros - 05/11/1970
- 39) João Morato, O Monarquista - 19/11/1970
- 40) Manequinho Mestre - 29/11/1970

- 41) A Tribu dos Paes de Almeida - 03/12/1970
- 42) O Capitão Pedro Paes - 10/12/1970
- 43) Capitão José Paes de Almeida - 19/12/1970
- 44) A Gente do Capitão Zé Paes - 24/12/1970
- 45) O Major Antonio Pinto - 31/12/1970
- 46) Sebastião Pinto Conceição, Meu Pai - 07/01/1971
- 47) O Leão Vitório - 11/01/1971
- 48) O Leão Vitório (Continuação) - 21/01/1971
- 49) Major Joaquim Maria, O Latifundiário - 24/01/1971
- 50) Nhô Quim Ferreiro - 31/01/1971
- 51) Plantadores de Carvalhos - 11/02/1971
- 52) Nhô Quim Francisco - 17/02/1971
- 53) O Clã de Nhô Quim Francisco - 25/02/1971
- 54) Dona Izabel Franco de Arruda - 04/03/1971
- 55) Coronel Caetano da Cunha Caldeira - 11/03/1971
- 56) A Família Ferrari - 18/03/1971
- 57) A Família Ferrari (Continuação) - 25/03/1971
- 58) Monsenhor Ferrari (Continuação) - 01/04/1971
- 59) Adolfo Dinucci, Cidadão Ad-Honorem - 04/04/1971
- 60) Adolfo Pardini - 22/04/1971
- 61) Os Aguiar, Gente de Araritaguará - 29/04/1971
- 62) A Família Varolli - 06/05/1971
- 63) A Família Varolli (Continuação) - 18/05/1971
- 64) A Família Varolli (Continuação) - 04/06/1971
- 65) A Família Varolli (Conclusão) - 10/06/1971
- 66) Os Irmãos Zanotto - 17/06/1971

- 67) O Prefeito Tônico de Barros - 24/06/1971
- 68) O Clã dos Pinheiro Machado - 01/07/1971  
Atualização de dados pelo Engenheiro Paulo Pinheiro Machado Ciaccia, nos artigos 68 ao 75
- 69) O Memorial de Matheus Gomes Pinheiro Machado - 04/07/1971
- 70) O Major Matheus - 15/07/1971
- 71) Brazil Gomes Pinheiro Machado - 22/07/1971
- 72) O Capitão Manéco - 25/07/1971
- 73) O Povo de Adolfo Pinheiro - 29/07/1971
- 74) Os Pinheiro Caldeira - 01/08/1971
- 75) Ainda o Clã Pinheiro Machado - 05/08/1971
- 76) "Mastro" Battiston e Maestro André Rocha - 12/08/1971
- 77) Rocha Lima, O Homem dos 7 Mares - 19/08/1971
- 78) Alberto Rocha Lima - 25/08/1971
- 79) Os Irmãos Zacharias - 28/08/1971
- 80) O Compadre Serra - 01/09/1971
- 81) Costa Leite, o Maior - 11/09/1971
- 82) Vital Brazil em Botucatu - 15/09/1971
- 83) "Seu" Pires da farmácia - 18/09/1971
- 84) O Lusitano Veiga Russo - 02/10/1971
- 85) A Tribu do Levy - 06/10/1971
- 86) Os Primos do Marechal de Ferro - 16/10/1971
- 87) O Clã dos Souza Nogueira - 20/10/1971  
Atualização de dados pelo Engenheiro Paulo Pinheiro Machado Ciaccia, nos artigos 87 ao 90
- 88) Zéca de Souza (Continuação) - 27/10/1971
- 89) Francisco de Assis Nogueira - 30/10/1971

90) Ainda o Clã dos Souza Nogueira - 03/11/1971  
Atualização de dados pelo Dr. Joaquim dos Santos Neto

91) Emílio Garcia Y Garcia - 06/11/1971

92) O Velho Miguel Ribeiro - 10/11/1971

93) Um Naufrágio e Um Sonho Salvador - 17/11/1971

94) De Bandeirantes e Tropeiros Venho... - 24/11/1971

95) Alemães em Botucatu - 08/12/1971

96) Italianos da Velha Guarda - 11/12/1971

97) Os Guimarães de Ontem e de Hoje - 15/12/1971

98) Os Que Vieram de São Peregrino - 18/12/1971

99) O Cavalheiro Serafim Blasi - 01/01/1972

100) A Família Blasi - 05/01/1972

A Família Blasi (Correções) - 19/01/1972

Atualização de dados pela Professora e Pianista

Maria Amélia Blasi Toledo Piza

## **1 - TURÍBIO VAZ DE ALMEIDA**

Naqueles idos de 1866, apareceu na fazenda do Sobrado (naquele tempo um sertão bruto), vindo das bandas de Piracicaba e do Tietê, um Sr. Joaquim Vaz de Almeida. Era muito moço. E vinha se esconder do “voluntariado” para a guerra do Paraguai. Carapina dos bons, foi contratado para construir senzalas nas fazendas que estavam sendo abertas nesta zona do Estado. O homem escravo, canalizado de outras zonas, vinha povoar as senzalas, que logo mais iriam se despovoar. A fazenda Sobrado, verdadeiro latifúndio era propriedade do Senador Souza Queiroz.

Depois de 1870, Joaquim Vaz de Almeida passou a trabalhar na fazenda Santa Rosa ( logo adiante da fazenda dos Moura ). E lá se casou com Joana Vaz de Almeida. Desse casamento, aos 07 de fevereiro de 1877, nasceu o menino Turíbio. E depois a menina Leopoldina. Esta, foi a mãe do famoso Zé Carabina, pedreiro muito conhecido, e mais conhecido ainda, como jogador de futebol. Era dono de um chute formidável, parecendo ter um canhão nos pés.

Com a mudança da família para Botucatu, o menino Turíbio, aos quatro anos de idade começou a frequentar a escola dominical, escola protestante do missionário Landes, norte- americano. Data daí, seu ingresso na comunidade evangélica de Botucatu. Entre os colegas

desse tempo, tem lembrança da mãe dos meninos Oscar e Elias Machado de Almeida, que foram Engenheiros e figuras de projeção nos meios políticos e culturais do Estado de São Paulo. Foi colega, também, de dona Garibaldina Pinheiro Machado, que se formou Professora e casou-se com o Prof. Benedito Maria Tolosa, primeiro Inspetor Escolar na zona.

Aos 7 anos de idade, Turíbio matriculou-se na escola primária de Manéquinho Mestre ( Manoel Theodoro de Aguiar ), onde, de 1885-1887, foi colega de meu saudoso pai Sebastião Pinto Conceição.

Deixando a escola, foi aprender o ofício de Seleiro. Seu mestre foi Salvador Benedito da Silva, o conhecido Salvador Seleiro. Mais tarde se estabeleceu por conta própria, negociando e trabalhando no gênero por largos anos. Só parou em 1907, quando mudou-se para São Manuel e posteriormente para São Paulo.

Aos 19 anos de idade, Turíbio Vaz de Almeida, casou-se com a finada Marcelina de Paula Campos, pupila de Miguel Cioffi. Desse consórcio teve os filhos: Gersei, Ana, Leôncio, Odilon, Joana, Maria, Josefina, Marta, Abnez, Barthimeu e Damáris. Esta última, faleceu em São Francisco na Califórnia ( Estados Unidos da América do Norte ), onde residia, no dia 29 de março de 1970. Seu corpo foi transportado para São Paulo, por via aérea, sendo dado à sepultura no dia 04 de abril próximo findo. Golpe terrível para o pai amantíssimo.

Barthimeu Vaz de Almeida foi meu contemporâneo na Escola Normal de Botucatu. Formado Professor Normalista, não ingressou no magistério. Por concurso, foi para o funcionalismo público do Estado de São Paulo. Fez brilhante carreira e aposentou-se como alto funcionário da Secretaria da Fazenda. Reside em Jaboticabal onde é cidadão de escol.

Ausente da cidade, Turíbio não se esqueceu da terra querida. Vinha visitá-la com frequência, até que se aposentou, em 1946, como funcionário da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. Resolveu então mudar-se para Botucatu, o que fez em 1958. Reside na rua Dr. Cardoso de Almeida, número 1076, na casa que foi de Nhôzinho Góes. Já então, em segundas núpcias, estava casado com dona Esmeraldina Buarque de Almeida.

Aos 93 anos de idade, Turíbio Vaz de Almeida é um moço. Jovem de corpo e espírito. Sua lucidez é impressionante. Sua memória é o arquivo onde vou buscar o material para as estórias de Botucatu ( não sou historiador ). Narrador fiel e imparcial das coisas de minha terra, tenho-o na conta de um dos grandes cidadãos botucatuenses. Pela sua conduta inatacável. Pela sua fé, como bom cristão. Pelo seu espírito de solidariedade. Pelo seu senso de equilíbrio. Pela maneira de se conduzir, no lar, na igreja e na sociedade. Pobre de pecúnia, mas rico de predicados morais, o meu amigo Turíbio, é um dos homens bons da minha terra.

Na sua longa vida, nestes 93 anos de idade, viu, ouviu e sentiu muita coisa. Viu a cidadezinha sertaneja e mal afamada, crescer, civilizar-se, prosperar e transformar-se numa linda e educada cidade, justificando o lema:- “Cidade dos Bons Ares e das Boas Escolas” e da boa gente, também.

Conheceu Botucatu do fim do Império e dos primórdios da República. Conheceu os homens bons que fizeram a grandeza da centenária Ibiticatu. Viu, também, muita coisa feia e atos deploráveis, que ele critica e analisa com isenção de ânimo, com justiça e sabedoria. Correio de Botucatu - 21/05/1970 )

## 2 - TURÍBIO VAZ DE ALMEIDA E A MARCHA DO TEMPO

Há dias, escrevendo sobre o Sr. Turíbio Vaz de Almeida, ( hoje com 93 anos de idade ), dissemos que ele conheceu o velho Botucatu, no fim do Império e nos primórdios da República. Conheceu os homens bons que fizeram a grandeza da centenária Ibiticatu. Viu também muita coisa feia e atos deploráveis, que ele analisa com censo crítico elevado e justiça.

Turíbio tem lembrança do Capitão Tito Correa de Mello, que era Deputado à Assembléia Provincial de São Paulo, isto no fim do regime imperial. Em 15 de Novembro de 1889, gritou vivas à República. Presenciou cenas interessantes, quando muito monarquista virou republicano, acuando o Delegado de Polícia Pedro Egidio do Amaral, que se manteve fiel às suas convicções políticas e não virou casaca.

Turíbio conta, que na época trabalhava na “A GAZETA”, jornal local que teve pouca duração. O nosso informante frisa, com humorismo, que não era jornalista, mas sim jornaleiro, encarregado da limpeza das oficinas e entrega do furibundo hebdomadário, como se dizia então. Ele se lembra muito bem, do professor Azurára, na tarde de 15 de Novembro. O homem tinha ido à estação da Sorocabana, saber notícias dos fatos que ocorriam na Capital Federal. Soube da Proclamação da República, que telegramas difundiam pelo Brasil afora. O Prof. Azurára, de pé, em cima de uma carroça, de chapéu na mão, apoplético, dava vivas a República. E o povo, nas ruas, correspondia entusiasticamente. E, imediatamente, todas as autoridades constituídas foram demitidas. Formaram uma junta governativa, onde figuravam os cidadãos Raphael Augusto de Moura Campos, Amando de Barros, Bernardo Augusto Rodrigues da Silva, Dr. Costa Leite e outros homens de projeção.

Em 1901, dirigido pelo médico Dr. Miguel Zacharias de Alvarenga, surgiu o “Correio de Botucatu”, decano da imprensa botucatuense e da Zona Sorocabana. Outros órgãos da imprensa surgiram depois. Entre eles, “O Botucatuense”, dirigido por Avelino Carneiro. Nas trincas e futricas locais, o “Correio de Botucatu” defendia a facção AMANDISTA, o “O Botucatuense” era grupo CARDOSISTA. Ambos eram alas do Partido Republicano Paulista, o famoso PRP.

Naqueles velhos tempos, os monarquistas eram apelidados “Casquados” e os republicanos eram os “Farrapos”. Mais tarde, os Cardosistas eram os “Carrapatos” e os Amandistas eram os “Gafanhotos”.

Turíbio, naqueles tempos de lutas bravas, não era eleitor. Vivia muito bem com os elementos de todos os grupos políticos. Dizia ele, muito moço, que “em festa de uru, nambu não pia”.

Na década de 1890 – 1900 e na passagem do século, que foi assinalada com grandes festas, Botucatu era mal afamada. Tida e havida, como terra de valentões, bandoleiros, bagunceiros, ladrões de cavalo, etc... Entre os criminosos, figuravam o Dioginho e Chico Tanoeiro. Mal afamados ladrões de cavalos, eram o Chico Estevam e o Timóteo. Como arruaceiros se destacavam o Prudêncio Paes e o Lourenço Paranistas. Estes, na opinião de Turíbio, eram apenas moços divertidos, de coragem, que, nas festas populares ( circos, touradas, carreiras de cavalos ) gostavam de desacatar a polícia, mas não matavam ninguém ...

Quando o Dr. Vital Brazil, residiu em Botucatu, iniciando os trabalhos que culminaram com a descoberta do soro antiofídico, Turíbio conta que houve um reboliço tremendo entre as comadres locais. A mulherada se reunia no açougue de João Cláudio Pereira. E ali comentava as artes daquele médico, que no porão da casa, guardava cobras, coelhos, cachorros, sapos, etc... Devia ser coisa do tihoso por que o homem não ia à igreja ( Vital Brazil era protestante ). Por falar em Vital Brazil, nas comemorações do centenário de seu nascimento, Turíbio Vaz de Almeida, recebeu a medalha comemorativa conferida pelo Governo de São Paulo. E o nosso amigo, em sessão solene na Câmara Municipal de Botucatu, pronunciou, a respeito do cientista patricio, uma pequena oração, objetiva, simples e bonita, que calou fundo nos presentes.

Falar da vida de Turíbio, seria um nunca mais acabar. Por isso, agora vai um ponto final. Mas, em outras oportunidades, ainda faremos menção aos fatos de que tem conhecimentos. E da sua valiosa opinião, sobre a vida local, também lançaremos mão. Para regalo dos possíveis leitores destas despretensiosas crônicas.

(Correio de Botucatu – 31/05/1970)

### **3 - A FAMÍLIA MARANHÃO**

No ano de 1909, eu cursava o grupo escolar “Dr. Cardoso de Almeida”.

No trajeto para a escola, costumava passar em frente à cadeia. Era ali onde está a sede do B.T.C. Chamava-se Cadeia Nova, porque a velha, aquela que existira no largo de Santa Cruz ( hoje Praça Emílio Peduti ), fora demolida. Nas idas e vindas, eu via o Carcereiro lidando com os presos. Revistas nos presos, revista nos visitantes, sentinelas de armas embaladas, me impressionavam.

O Carcereiro era o preto João Sabino de Oliveira, mais conhecido por João Maranhão. Pouca gente sabia o nome exato do homem. Até nos autos de processos crimes, quando executava um mandado de prisão, ele escrevia: “ Arecebi o prezo constante do mandado supra e recolhi no xadreiz – O carcereiro, João Maranhão”.

Essa ortografia típica, numa letrinha miúda e tremida, de quem mal e mal fora alfabetizado, poderá ser vista nos arquivos do Fórum local. João Sabino nasceu no Maranhão e daí seu apelido. Nascido em 1890, quando moço veio para o sul. Para São Paulo, a província que atraía braços de todos os recantos. Como tropeiro e carroceiro dos Cardoso, fincou pé em Botucatu. Aqui se casou e constituiu família. E prosperou também.

Aos poucos, economizando e aplicando seus minguados capitais em imóveis, tornou-se bem situado na vida. Quando faleceu, em avançada idade, era proprietário da casa onde sempre residiu, na rua Áurea ( atual Cardoso de Almeida ), n.913. Era dono de várias casas de aluguel, de uma boa chácara no Tanquinho e de algum dinheiro. Mas o seu maior capital, foi a educação que deu aos filhos. Formou todos.

João Mário ( o Joãozinho Maranhão ) diplomou-se em Farmácia. O outro rapaz, o José Nilo, era Contador. As duas filhas eram Professoras normalistas. Delas fui contemporâneo e calouro. Acompanhei suas vidas no magistério. E posso testemunhar os excelentes serviços prestados ao Estado na alfabetização e educação da infância brasileira. Trabalharam longos anos na zona rural e, depois na cidade.

As Professoras Emília Roquilha de Oliveira e Elvira Marciana de Oliveira, já são falecidas, não há muito tempo. E deixaram bom nome como Professoras do ensino primário; assíduas, dedicadas, eficientes, serviram com dignidade a causa pública. É justo, pois, que nestas memórias, eu dê o testemunho do trabalho altamente meritório que realizaram nos longos anos de magistério.

Dos filhos homens, apenas o João Mário está vivo. É funcionário municipal. O outro, o José Nilo, que era funcionário do Departamento dos Correios e Telégrafos, faleceu há tempo, muito moço.

O velho João Maranhão, morreu em avançada idade, aposentado. Fora nomeado Carcereiro em 1907, mais ou menos. No período republicano e antes dele, tenho notícias de que carcereiros tinham sido: João Lopes, envolvido na morte de Quinzote, ao tempo do Capitão Tito; Calistinho, que depois foi Oficial de Justiça; Antonio Francisco, que foi antecessor do Maranhão. Esses os homens responsáveis pela guarda dos hóspedes da “casa amarela”, que costumavam ver o sol nascer quadrado. . .

João Maranhão era bom carcereiro. Tanto para o Estado, porque zeloso e honesto, como para os detentos, aos quais tratava com humanidade. Poucas fugas se verificaram durante os longos anos de função. De uma tentativa de evasão fui testemunha ocular, nunca me esqueço do episódio que aqui vai narrado.

No ano de 1919 eu fazia parte do TG 523. Como o destacamento policial era reduzido, os rapazes do TG eram solicitados para colaborar no policiamento, por ocasião de festas populares, jogos de futebol, procissões, etc... Numa Sexta-feira Santa, fui designado para auxiliar a polícia durante a procissão do Senhor Morto. No itinerário a percorrer, a procissão

deveria passar em frente à cadeia. Nessa ocasião, de acordo com a tradição, a guarda do presídio, formada, apresentava armas.

No momento em que o cortejo religioso fronteava a cadeia, a banda musical tocava a marcha fúnebre. As irmandades, rezando, seguiam os andores e o pátio onde estavam os sacerdotes. Nesse momento, houve uma coisa inusitada. Que botou em pânico a multidão de fiéis.

Um detento, famoso ladrão de cavalos, o Virgílio Valério, aproveitando o ensejo, tentou uma fuga espetacular. Rompeu o cadeado do xadrez. Ganhou um corredor e arrombou a porta dos fundos da prisão. Houve alarde. Um soldado desfechou-lhe um tiro de fuzil, ferindo-o sem gravidade. Assim mesmo, sangrando, o preso correu. Atravessou o pátio interno da cadeia. E saltou um alto muro, ganhando a rua. Então, torceu o pé e foi apanhado pelos soldados.

As sentinelas que estavam à porta, para assustar o fujão, dispararam suas armas para o alto. Foi um perepequê dos diabos. Um rififi danado. Gritaria. Correias. Desmaios. As irmandades dispararam e , o povo deu no pé. Os carregadores dos andores correram para a matriz, que estava próxima. Muita gente ao saltar a gradinha do jardim ( que vinha até onde estão o Cine Nelli e os Correios ) deixaram pedaços de roupas, ... Uma das minhas tias, que em adiantado estado de gestação, acompanhava o “enterro”, teve que ser levada às presas ao Hospital, em trabalho de parto . . . Foi uma coisa louca.

O malandro do Valério, na “visita” da véspera, recebera a amásia. E esta, dentro de um pão, lhe entregara uma lima cortante, com a qual arrebetara a fechadura da prisão.

(Correio de Botucatu, 04/06/1970)

#### **4 - O PATRIARCA TENENTE JOSÉ RODRIGUES CÉSAR**

Tenho para mim, que a família César é a maior de Botucatu. Maior que as de Domingão, Pinheiro Machado, Paes de Almeida e outras tradicionais famílias aqui radicadas desde o século passado. Se considerarmos, por exemplo, os Arruda Camargo, Arruda César, Franco de Arruda, Camargo Conceição, Rodrigues César e outras muitas, veremos que os César estão relacionados com um milhar de botucatuenses ( milhar mesmo, não é exagero ), o que dá ao Tenente José Rodrigues César o título de patriarca.

O Tenente José Rodrigues César era de Piracicaba (NOTA DOS REVISORES: TRISAVÔ PELO LADO MATERNO DE PAULO PINHEIRO MACHADO CIACCIA). Do tempo em que a bonita cidade se chamava Vila Nova da Constituição. Descendia de velhos bandeirantes. Muito moço, como era da época, consorciou-se com sua prima Justina Franco do Amaral. Esta, era irmã da benemérita dona Izabel Franco de Arruda, uma das fundadoras da Misericórdia Botucatuense, que não é Santa Casa mas é uma casa santa.

José Rodrigues César, já casado e com filhos, transferiu-se para Botucatu, onde se formavam grandes lavouras de café. Isto ocorreu em 1861. Aqui, tornou-se dono da fazenda Capão Bonito do César. Um latifúndio. De milhares de alqueires. Era um mundão de terras, que se estendia pelo Guarantã, Faxinal, Rubião Junior, até próximo a São Manuel. Como dizia um caboclo, era um mundo velho sem porteiras.

Homem dinâmico, trabalhador, o moço de Piracicaba exercia múltiplas atividades. Lavrador, pecuarista, homem de sociedade, constituiu-se num dos beneméritos da cidade que adotara como sua terra. Sócio fundador da Misericórdia Botucatuense e de várias sociedades e clubes da época, prestou relevantes serviços à Botucatu. Em 1869, fez doações de terras para o patrimônio do Município. Era Tenente da Guarda Nacional.

Como político, teve atuação decisiva na vida local. No Império, pertencia ao Partido Liberal, com tendências republicanas. Em 1866 a 1869, elegeu-se Vereador. Recebeu 557 votos, o que era, ao tempo, uma votação estrondosa. Segundo Hernâni Donato, em “Achêgas para a História de Botucatu”, foi reeleito várias vezes.

Republicano histórico, tomou parte na histórica CONVENÇÃO DE ITÚ ( 18/04/1873 ), que se batia pela implantação da República no Brasil. José Rodrigues César, Domingos Soares de Barros e o Dr. Bernardo Augusto Rodrigues da Silva, foram os botucatuenses presentes à famosa Convenção. Tenho em meu arquivo, uma fotografia do trio botucatuense, que, no velho Itu, formou na vanguarda dos republicanos. O Dr. Bernardo Augusto Rodrigues da Silva, era avô de dona Sinharinha Cintra, Leopoldina Pinheiro Cintra, já falecida, que foi casada com o Prof. Raymundo Marcolino Da Luz Cintra, botucatuense AD-HONOREM.

Além de Vereador e Republicano histórico, político atuante, fez parte do Diretório local do Partido Republicano Paulista, o velho PRP, que até outubro de 1930, foi o partido que comandou os destinos do país. O PERREPÊ, apesar dos pesares, era uma forja de estadistas e um celeiro de homens públicos.

Como reconhecimento aos relevantes serviços prestados à coletividade botucatuense, o nome de José Rodrigues César, figura numa das ruas da cidade, lá na Vila dos Lavradores. Velhos moradores de Botucatu, ainda se lembram do fazendeiro do Capão Bonito, hoje Rubião Junior. Também são lembrados os seus filhos, Teófilo, Joaquim, Dr. Antonio, Adolfo, Antonia, Francisca Leocádia, Major José Rodrigues César Junior, Emídio, Ana, Leopoldina, Maria Virgínia e Pureza (A Matriarca). De sua filha, a dona Pureza César, falarei no próximo capítulo, onde a figura da respeitável Matriarca será devidamente focalizada.

O Tenente José Rodrigues César, faleceu em avançada idade, deixando a lembrança de um verdadeiro paulista, desbravador, lutador e patriota.

( Correio de Botucatu – 07/06/1970 )

## 5 - DONA PUREZA RODRIGUES CÉSAR, A MATRIARCA

Dos filhos do Tenente José Rodrigues César, tenho boa lembrança de dona Pureza Rodrigues César de Camargo, de quem fui médico assistente em seus últimos anos de vida.

Dona Pureza (NOTA DOS REVISORES: TIA-BISAVÓ PELO LADO MATERNO DE PAULO PINHEIRO MACHADO CIACCIA), filha do casal Justina Franco do Amaral e Tenente José Rodrigues César, nasceu em Piracicaba em 1º de novembro de 1858. Quando contava apenas três anos de idade, seus pais se mudaram para Botucatu. Aqui se criou, educou-se, casou-se e constituiu família.

Aos dezenove anos de idade contraiu matrimônio com seu primo Augusto César de Arruda Camargo, fazendeiro local. Desse casamento nasceram os 13 filhos Maria Elisa, Carlos, Amália, Augusto César ( Nhonhô ), Dario, Mário, Risoleta, Flávio, Antonio (Gijo), Octávio, Pureza, José e Álvaro. Essa grande prole multiplicou-se em netos, bisnetos, trinetos e tetranetos, que somavam centenas de descendentes. Era muito comum, nas reuniões familiares, a veneranda senhora dizer : - “Minha neta, sua neta está chorando”.

Augusto César de Arruda Camargo, que foi Vereador em 1896 e político atuante, faleceu aos sessenta anos de idade, relativamente moço, numa família onde muitos eram os octogenários e nonagenários. Da filharada, ao que me consta, depois de adultos e chefes de família, faleceram Octávio, Dario, Mario e dona Amália, esta, viúva do Major Edmundo do Amaral, falecido aos 90 anos de idade, não há muito tempo, nesta cidade de Botucatu.

Dona Pureza, era o tipo daquelas respeitáveis matronas paulistas, damas que se constituíam em notáveis exemplos como esposas, mães, cabeças de famílias tradicionais, do velho São Paulo. Era largamente estimada em Botucatu, graças aos seus dotes morais e espirituais. Viveu intensamente a sua longa vida de criatura centenária, pois faleceu no dia 23 de novembro de 1961, aos cento e três anos de idade.

A comemoração do seu centenário de nascimento, no dia 1º de novembro de 1958, foi um extraordinário acontecimento, uma verdadeira festa municipal. A venerável matriarca, em plena lucidez de espírito ( apesar de adoentada fisicamente ), foi vivamente festejada pela população local, pela grata efeméride em transcurso e tão rara de ser comemorada.

A cidade em festas, assistiu às solenidades religiosas e as festividades sociais, que assinalaram o centenário da mais velha e mais antiga moradora de Botucatu. Mais de mil pessoas ( portando laçinhos de fitas, identificando-as como ligadas à família César, por parentesco ), compareceram à solene Missa em Ação de Graças, oficiada pelo Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, Dom Frei Henrique Golland Trindade, e depois à recepção no Clube 24 de Maio.

O falecimento de dona Pureza gerou consternação geral. Não pelos longos anos acumulados, mas pela vida que deu ao século vivido.

Dos filhos de dona Pureza, vivos e em atividades, tenho algo a dizer:

Maria Elisa, com 92 anos de idade, é viúva do meu tio Capitão Alfredo Pinto Conceição, um dos primeiros farmacêuticos do velho Botucatu;

Carlos, com 90 anos de idade, reside na Capital, São Paulo. Comerciante, residiu longos anos em Botucatu, onde exerceu marcantes atividades nos setores comercial e político. Foi Presidente da Associação Comercial. Vereador à Câmara Municipal, em 1911, foi reeleito em várias legislaturas. Em difícil período da vida nacional, foi Prefeito Municipal de 06/03/1934 a 25/08/1935, tendo dado cabal desempenho ao seu cargo.

Flávio, foi meu companheiro de trabalho na Escola Normal de Botucatu, e, também, companheiro de lutas políticas. Ótimo funcionário. Cidadão de escol. Idealista, humanitário, era o braço direito das instituições de caridade de Botucatu. Era de se admirar o calor com que defendia suas convicções políticas, religiosas e sociais. Reside na Capital onde, também residem seus irmãos Augusto César , Antonio e José.

Donas Risoleta e Pureza ( Zita ), residem em Botucatu, sendo que a dona Zita é professora aposentada e casada com o Prof. Mário de Almeida Góes. O caçula Álvaro, casado com Juraci Botelho, mora em Curitiba ( Paraná )

( Correio de Botucatu – 11/06/ 1970)

## **6 - O DE SANCTIS QUE VIROU DOS SANTOS**

No meu tempo de menino, fui vizinho de um italiano bem apessoado, já idoso. Dono de longas barbas. Homem delicado, de boas maneiras. Era estimado no Velho Botucatu. Tratava-se de Felipe dos Santos, dono de sítio e de uma fábrica de cerveja. Em verdade, seu nome era Felipe de Sanctis, que ele aportuguesara para Felipe dos Santos.

Um irmão de Felipe, pai do professor Baptista e do farmacêutico Honório de Sanctis, conservou o nome na grafia italiana, original, de Sanctis.

José Nicoletti, que conhece bem as coisas do passado, me contou que a fábrica de Felipe dos Santos ficava na rua do Riachuelo ( hoje Amando de Barros ), onde foi a sede da A.A.Botucatuense, em frente à Casa Carvalho.

Abrasileirando-se de vez, o moço italiano casou-se com Donária, uma botucatuense ( irmã de Dona Fonseca ), da família Thomaz da Silva. Isso, por volta de 1870. Do casamento de Felipe, resultou grande descendência. Ao que me lembro, foram seus filhos: Orlando, Humberto, Nenê, Alberto, Architiclinio, Rosa, Theresa e o Nhonhô. De alguns desses filhos, tenho algo a dizer:

HUMBERTO, tornou-se eclesiástico. Foi seminarista em São Paulo. Ordenou-se em Roma, sendo o primeiro padre botucatuense. Dele tenho lembrança, como Secretário do Bispado de Botucatu, ao tempo do 1º Bispo Dom Lúcio Antunes de Souza, isto em 1911-1912.

O bispado de Botucatu era tão grande, que, do seu vasto território, foram desmembradas as dioceses de Lins, Sorocaba, Assis, Marília, Presidente Prudente, Bauru e Itapeva. Essa a razão porque Botucatu é Arcebispado.

ARCHITICLINIO fez carreira no ensino Normal do Estado. Foi professor e diretor de várias escolas normais oficiais. No período de 1931-1934, dirigiu a nossa Escola Normal. Transferido para a Capital, exerceu funções de destaque junto ao Governo do Estado.

NENÊ DOS SANTOS mudou-se para o Rio Grande do Sul. Enquanto isso, o Albertinho, dando largas ao seu temperamento boêmio, meteu-se em atividades circenses. Era dono e artista de um circo de cavalinhos. Correu o Brasil todo. Seguiu o exemplo do José Floriano (filho do famoso “Marechal de Ferro”, que foi Presidente do Brasil), que era lutador profissional e dono de circo. O filho NHONHÔ, teve morte trágica. Foi esmagado por um trem da Sorocabana. Nunca se apurou se foi desastre ou suicídio.

DONA ROSA, casou-se com Elóy Tobias de Aguiar, “Professor de Palácio”, como diziam. Por que não era formado. Habilitara-se para o exercício do magistério, em exames realizados na Secretaria de Educação. De ELÓY me recordo como adjunto do grupo escolar “Dom Lúcio”, na Vila dos Lavradores.

THEREZINHA casou-se com o jornalista Avelino Carneiro, diretor do “O Botucatuense”.

Em 1880, uma das irmãs de Felipe dos Santos, regressou para a Europa, para a terra natal. E levou em sua companhia, um afilhado, um menino esperto chamado Ozório Silva. Após 14 anos de permanência na Itália, Ozório regressou ao Brasil, como ótimo funileiro, ou folheiro. E como só falava o idioma de Dante, era conhecido como o “italiano preto”.

Felipe faleceu em avançada idade. E ao que me consta, nenhum dos seus descendentes reside nesta cidade.

Um episódio ocorrido com um empregado da cervejaria, pelo seu ineditismo, merece ser aqui narrado. O fato passou-se assim: “O rapaz, entregador de bebidas, bebia muito. Nada havia que curasse sua embriaguês habitual. Um curandeiro, recomendou então uma SIMPATIA. Recomendou que dessem ao pau d’água um estranho remédio, que era porrete para curar alcoolismo. Era o tal de “pão de defunto”.

Quando um cidadão estivesse agonizando, na hora de desencarnar, deviam colocar na boca do mesmo, um pedaço de pão. E, exalado o último suspiro, esse pão, deveria ser dado ao viciado. A coisa estrambótica foi feita. O alcoólatra, sem o saber comeu aquele pão. E nada lhe aconteceu de bem e nem de mal. O homem continuou bebendo como antes. Um dia contaram-

lhe o que lhe haviam feito. E o cidadão, sem se alterar, respondeu: De agora em diante, vou tomar três porres por dia!”

( Correio de Botucatu – 14/06/1970)

## **7 - O TENENTE CORONEL FLORIANO RODRIGUES SIMÕES**

Figura de projeção no velho Botucatu, foi o Tenente Coronel Floriano Rodrigues Simões. Seu nome está numa das ruas da cidade, na Vila dos Lavradores. Seu retrato figura na galeria de benfeitores da Santa Casa. Na Câmara Municipal, seu nome consta de vários livros de atas, que registram suas atividades como Vereador eficiente.

O Tenente-Coronel Floriano nasceu em Piracicaba, aos 17 de outubro de 1851. Filho de Anna Ferraz Pacheco e Joaquim Rodrigues de Oliveira. Onde teria ele arranjado o sobrenome Simões? A explicação encontramos num artigo publicado no “O ESTADO DE SÃO PAULO”, de 17/10/1951, onde se focalizava o centenário do honrado paulista. Nesse artigo consta que Floriano nasceu no dia de São Simião, e, por isso, seu pai ( católico fervoroso, resolveu lhe acrescentar o sobrenome Simões). Si Non é Vero. . .

Moço, já tendo contraído matrimônio com dona Francisca de Souza Leite, deixou Piracicaba e veio p’ro sertão de Botucatu, que começava a ser desbravado. Como Gerente das fazendas do Barão de Souza Queiroz, residia na Fazenda do Sobrado, que até agora é ainda um enorme latifúndio.

Em 1880 o moço piracicabano já estava em Botucatu. Segundo me contou Turíbio Vaz de Almeida, nesse ano, ele comprou de Joaquim Camilo ( aliás Joaquim Vaz de Almeida ), um terreno , onde construiu um sobradão. Ali onde está a Farmácia Glória. Na esquina da rua Cesário Alvim com a Moraes Barros. Depois, é que Veiga Russo construiu outro sobrado, na rua de cima, esquina da Moraes Barros, hoje residência de José Augusto Rodrigues.

Em 1893, Floriano Simões formou entre os fundadores da Misericórdia Botucatuense, o primeiro hospital da zona. Foi braço forte do inolvidável Dr. Costa Leite. Em 1895, vemo-lo integrando a comissão encarregada de instalar em Botucatu um Lyceu de Artes e Ofícios. Esse instituto de ensino profissional seria entregue aos Padres Salesianos. Sua construção foi iniciada no Bairro Alto, onde ainda se encontram os enormes alicerces do grande edifício. Infelizmente, por questões de politiquice, anti-clericalismo e incompreensões, a obra fracassou. Hernâni Donato, no seu magnífico “Achêgas para a História de Botucatu”, narra com detalhes esse triste episódio da vida botucatuense.

Homem de posses, caridoso, religioso, gozava da confiança das autoridades. Era o perito do Juiz de Direito, nas avaliações que se processavam no Foro local. Como Juiz de Paz, que foi durante longos anos, prolatava sentenças dentro de sua Alçada.

Como “homem bom”, fatalmente teria de se meter em política. Republicano, pertenceu ao P.R.P. Militava na facção Amandista. Eleito Vereador e reeleito em várias legislaturas, soube honrar seu mandato.

Sobre a idoneidade moral e política de Floriano Simões, basta um fato para comprová-la. Logo após a Proclamação da República, todas as autoridades estaduais e municipais foram destituídas. E, para governar os municípios, foram criados os Conselhos de Intendentes Municipais. Floriano Simões integrou o primeiro Conselho Botucatuense.

Floriano Rodrigues Simões, Tenente Coronel da Guarda Nacional, faleceu nesta cidade aos 17 de outubro de 1901. Deixou numerosa descendência. Foram seus filhos: Bráulio ( Nhô Lé ); Deolindo e Valério; Ana, casada com José da Silva Galvão; Natália Augusta, casada com Fernando do Amaral; Eudóxia, casada com Júlio Pinto Conceição; Donária, casada com o Prof. Liberato de Alencar e Deolinda, casada com Joaquim da Rocha Junior. Todos falecidos.

O Prof. Liberato Martiniano Barreto de Alencar, sobrinho do romancista José de Alencar, foi Inspetor Escolar em Botucatu, durante muitos anos. Fernando do Amaral, um dos primeiros empresários cinematográficos, na terra, é pai do nosso amigo, Dr. Romeu Amaral Gurgel, advogado na Capital ( formado professor em 1914, na primeira turma da Escola Normal de Botucatu ).

Em Botucatu, os únicos descendentes dos Simões, aqui residentes, são os irmãos Souza Pinto ( filhos de Júlio Pinto Conceição ), professora Irne, Floriano, Mercedes, Antonio, Odilon, Júlio, Silvio e João Batista.

Também aqui reside, a professora Sonia Galvão de Campos, bisneta, descendente de José Joaquim da Silva Galvão ( o Juca ), há muito falecido.

( Correio de Botucatu – 18/06/1970)

## **8 - OS LEVANTINOS CHEGARAM**

Corria o ano de 1892. Floriano Peixoto, com mão de ferro, governava o Brasil. Nessa época, um moço alto e magro chegava a Santos. E para Botucatu, boca de sertão, se dirigiu. Era ele João Miguel Rafael. Nascido no Líbano, na cidade de HAMAT.

Por que o moço libanês escolheu Botucatu para seu campo de atividades? Porque já estavam aqui alguns patrícios e conhecidos, que prosperavam e diziam ser esta uma nova terra da promessa. Felipe Pedro, o Felipe Turco como diziam, era um deles.

João Miguel Rafael, começou a lutar. Seguiu o ciclo de todo levantino imigrado. O nosso amigo Dr. Marão, com boa dose de humorismo, costuma dizer que “como mascates os levantinos são turcos; estabelecidos com lojas viram sírios; e quando industriais ou do alto

comércio, são libaneses”. João Miguel Rafael foi tudo isso. E hoje, falecido há bastante tempo, tem nome em rua da cidade.

No principio, foi mascate. Andava pelos sítios e fazendas, nesses socavões de serra, a cavalo ou na carrocinha, num dureiro danado. Tinha deixado a família no longínquo oriente. Quando melhorou de vida, mandou buscar a família – esposa e duas filhas. E um belo dia, aqui aportaram dona Marta Salem e as mocinhas Mariana e Cáuca. Daí em diante, começou a segunda série da filharada : Miguel ( que foi meu colega na Escola Normal ); Felício, o popular Tuffy, e o Alin Nelson; e as meninas Olga, Olinda e Djanira.

Montada a primeira lojinha, em 1893, na rua do Riachuelo ( atual Amando de Barros ), lá por perto do Capitão Manéco Fernandes Cardoso, João Rafael embalou. E logo mais, mudou-se para ponto mais central. Ao lado do sobrado de Miguel Cioffi, onde está a Agência do Banco do Brasil. No velho largo de Santa Cruz, que hoje é praça Emilio Peduti, depois de ter sido praça Jorge Tibiriçá, Ataliba Leonel e João Pessoa, nomes que não pegaram.

Em 1903, a “LOJA SÍRIA” estava no seu prédio próprio, construído na Avenida Floriano Peixoto. Onde está o Posto Esso. E as coisas progredindo. . .

Em 1928 surge a Casa Royal, localizada onde está a loja Riachuelo. E depois, no prédio MARTA SALEM, onde à noite funciona o “SENADINHO”. Estava completo o ciclo do libanês.

Este “Senadinho” merece uma referência especial. Todas as noites na loja do Rafael e Irmãos, se reúnem os amigos – Dr. Araújo, Antoninho Alves, Dr. Jayme de Almeida Pinto, Francisco Luizeto, Dr. Faé de Moura Campos, Rafael Serra, Dr. Martins, João Cury, Prof. Prado, e outros bambas da cidade. E ali, discutem e resolvem, os magnos problemas nacionais e internacionais. . .

No Velho Botucatu, já negociavam Felipe Pedro, os Cury, Jacob Mattar, Farhat, Zacharias, Karam, Jacob Aleik, José Abibe e outros patrícios todos falecidos. O Reverendo Simão Salem, dono de notável cultura humanista e religiosa, já andava por estas sertanejas paragens, no seu piedoso mister. Géó Rafael, irmão de João Miguel Rafael, só muito mais tarde chegou a Botucatu, localizando-se na Vila dos Lavradores, onde sua família reside.

Em 1910, um acontecimento social, movimentou a cidadezinha. Despertou a curiosidade da brasileira. Foi o casamento das senhoritas Cáuca ( com Elias Simão ) e Mariana ( com Jorge Abrão Rafael ). As bodas, conforme os costumes árabes, foram de espavento. As festas duraram três dias: cerimônias religiosas, banquetes, cantorias, danças . . .

A família Rafael é católica. Mas, espiritualmente, não perdeu os vínculos com o Oriente. Há alguns anos atrás, visitou Botucatu um Bispo Ortodoxo. Pois bem, os ofícios então celebrados, o foram na casa dos Rafael.

Em 16 de junho de 1940, aos 75 anos de idade, faleceu o estimado comerciante botucatuense. Sua família, continua em Botucatu. Hoje, como cabeça desses bons botucatuenses, está o Rafael João Rafael. Com a mesma e tradicional Casa Royal.

Rafael, o sempre moço, foi Conselheiro Municipal, quando prefeitos os Srs. Manoel Deodoro Pinheiro Machado, João Baptista Correa de Mello e Carlos César. Foi também, durante longos anos, Juiz de Paz. Casou muita gente. Mas não se casou. É solteirão impenitente.

( Correio de Botucatu – 21/06/1970)

## 9 - O VELHO CARDOSO

Frequentemente recebo a visita de estudantes, que me pedem dados sobre a rua Velho Cardoso. Para atendê-los me socorro do historiador Hernâni Donato. O nosso brilhante conterrâneo, no seu “Achêgas para a História de Botucatu” assim se manifesta:

RUA DA PEDREIRA ( Velho Cardoso ). Em certo ponto do seu curso, dentro da cidade, o pacífissimo Lavapés, traído pelo solo, atira-se sobre uma corredeira, entre barrancos. Durante meio século foi o cenário de suicídios românticos, não registrando a imperfeição de uma só tentativa falha. De fato existia a pedra, que não se sabe até que ponto teria sido explorada para justificar o nome com que se apresentou durante dilatados anos. Uma versão popular, quer ligar aquele nome ao de uma senhora por nome Pedrina, que mantinha na proximidade do pequeno salto, uma casa de jogos e outras diversões, à qual os freqüentadores se referiam com uma providencial e cautelosa alteração do nome.

O certo é que era, também a rua por onde os devotos conduziam procissãoalmente, a lavar, a imagem de São João, nas épocas de estiagem. E porque a tal Pedrina, se realmente existiu, já se tivesse mudado ou porque a pedra escasseasse, a rua ficou sendo “Rua de São João”, até 20 de julho de 1918, data em que a Lei N. 270, decidiu que ela passaria a chamar-se “Rua Velho Cardoso”. Concorreu para essa mudança, o fato da casa comercial e residência de Cardoso, ficar na esquina da rua do Riachuelo ( hoje Amando de Barros ), com a mencionada rua São João.

Quem era o Velho Cardoso?

Antonio Joaquim Cardoso de Almeida, nasceu em Portugal. Dizem que era pedreiro em sua terra natal. Muito moço imigrou para o Brasil. Veio para Botucatu, que era então “Boca de Sertão”. Zona de intenso progresso, com o plantio de lavouras de café. O moço Cardoso veio trabalhar como caixeiro do seu compatriota Cunha Mello, que era dono de uma grande loja. Com o tempo, o jovem imigrante tornou-se sócio e depois dono daquela que seria a CASA CARDOSO, de grande tradição.

Antonio Joaquim Cardoso de Almeida chegou a Botucatu por volta de 1860. Meu avô materno, o capitão José Paes de Almeida, que chegou aqui em 1868, contava que o menino Juca Cardoso já era nascido naquela época. Com o falecimento do patrão Cunha Mello, Antonio Cardoso casou-se com a sua viúva, dona Maria ou Mariazinha, como diziam. Desse casamento nasceram os filhos José, Antonio, Custódio e Armindo.

Além de negociante, Cardoso era fazendeiro. Dono de grande fortuna. Homem importante na cidade. Era um dos beneméritos da Misericórdia Botucatuense ( seu retrato está lá na galeria de benfeitores ) e da Caridade Portuguesa Maria Pia. Colaborava em todos os movimentos sociais da cidade que crescia continuamente.

Em política sua atuação era discreta. Pertencia ao PRP. Em 1890, com a extinção das Câmaras Municipais, pelo governo republicano, integrou o primeiro Conselho de Intendentes Municipais, órgão constituído para substituir as extintas edilidades. Seus filhos, tomaram parte ativa nos movimentos políticos locais.

Antonio Joaquim Cardoso de Almeida, o Velho Cardoso, faleceu nesta cidade. Nenhum dos seus descendentes reside em Botucatu. E os seus filhos?

O Juca, o Dr. José Cardoso de Almeida, foi o mais ilustre botucatuense de todos os tempos. Advogado, financista, Deputado Estadual, Secretário de Estado, Deputado Federal ( foi líder da maioria ), Presidente do Banco do Brasil, Chefe de Polícia de São Paulo, Ministro da Fazenda, tornou-se nome de projeção nacional.

Prestou relevantes serviços a Botucatu. Seu nome figura numa das ruas da cidade. É o patrono do Grupo Escolar Dr. Cardoso de Almeida e do Instituto de Educação. O majestoso Fórum local, foi construído por sua iniciativa. E dizem que fez isso, sem consultar seus superiores no governo do Estado.

Antonio ( Nenê Cardoso ) , o único que assinava Cardoso do Amaral, foi Vereador e Prefeito Municipal, Deputado Estadual em várias legislaturas. Era no PRP, o Chefe da facção cardosista. Tem seu nome numa rua da cidade.

Custódio ( o Custódinho ) quase septuagenário, bacharelou-se em Direito, pela Escola do Largo de São Francisco, em São Paulo.

Armindo ( o Cazuza ), foi casado com d. Euthymia Monteiro, irmã da escritora senhora Leandro Dupré. Dona Euthymia, em 1919, foi madrinha do Tiro de Guerra 523. Foi ela que entregou a Bandeira Nacional, ofertada por seu esposo, e que agora é conduzida pelos convocados do T.G. 123, que substitui o extinto T.G. 523.

( Correio de Botucatu – 25/06/1970)

## 10 - CARLOS CÉSAR, UM DA VELHA GUARDA

No dia 22 de junho de 1970, na Capital do Estado, onde residia, faleceu o Sr. Carlos César, prestante cidadão botucatuense. Foi sepultado em Botucatu.

Neste registro simples, fica assinalada a morte de Carlinhos César, um da velha guarda, de homens públicos botucatuenses.

Carlos César nasceu em 23 de março de 1880. Contava pois, noventa anos de idade. Foram seus pais, Augusto Cesar de Arruda Camargo e a centenária dona Pureza Rodrigues César.

Carlos César, bom cidadão botucatuense, serviu sua terra com honra e dignidade. Lutador, idealista.

Começou sua vida como Guarda-Livros da tradicional Casa Amando. Depois, fundou a Casa Carlos, que ainda existe, sob a direção de Orestes Tortorella. Quando da instalação da agência do Banco Comércio e Indústria de São Paulo, em Botucatu, foi o seu primeiro Gerente. Não admira, pois que ao ser fundada a Associação Comercial, fosse ele o seu Presidente.

Como todo bom cidadão, servidor da terra, pagou tributo à política. Durante longos anos, tomou parte nas lutas partidárias. Teve alegrias e sofreu dissabores. Alcançou sucessos e teve prejuízos. E ao final, como homem bom, honesto e decente, para si e para os seus, nada colheu. Mas de cabeça erguida, respeitado, saiu como, entrou.

De 1912 a 1916, foi Vereador à Câmara Municipal local. Integrava a bancada amandista. Findo o mandato, afastou-se da militância e foi cuidar de seus interesses particulares.

Correm os anos. Chegou o ciclo revolucionário de 1920-1930. Oposição forte, apoiada nas forças armadas, se levantou contra o velho PRP. As agitações e movimentos armados, culminaram com o 03 de outubro de 1930. Derrubado Washington Luiz, e com ele a República Velha, instala-se a República Nova, sob a ditadura de Getúlio Vargas. Iniciou-se o nocivo "getulênio", curto período de governo, de quinze anos. . .

Carlos César, que formara ao lado daqueles que combatiam as oligarquias, as truculências, os desmandos e as opressões, batendo-se pela melhoria dos costumes políticos, desiludido, engrossa as fileiras dos paulistas descontentes. E em 1932, na Revolução Constitucionalista, ficou ao serviço da Lei, da Democracia. Combateu a Ditadura.

Com a redemocratização, aliás passageira, do país, voltou à atividade política. Integrou os partidos Democrático, Constitucionalista e União Democrática. Num período difícil para São Paulo, foi Prefeito Municipal de Botucatu, de 06/03/1934 a 25/08/1935. Foi bom Prefeito. Honesto. Trabalhador. Carlos César foi o 6º Prefeito de Botucatu.

( Correio de Botucatu, 28/06/1970)

## 11 - O RABINO SAMUEL LEVY

Corria o ano de 1870. Na Europa, a guerra franco-alemã atingia o seu clímax. A França, derrotada, perdia as províncias da Alsácia e Lorena, que foram incorporadas ao território alemão.

Um judeu-francês, o alsaciano Samuel Levy, muito moço, não se conformou com aquela situação. E resolveu imigrar. Veio para o Brasil. E aqui começou a viver como Ourives e Dentista Protético. E mais tarde, seria rabino. Para prestar assistência religiosa à pequena comunidade judaica dispersa pelo interior. Nas suas andanças o moço judeu veio parar em Sorocaba, onde conheceu uma bonita moça ( parecia uma Arlesiana ), de quem logo gostou. E com ela quis se casar. Maria Magdalena Grohmann, filha de alemães ( e era mesmo registrada como alemã ) de 15 anos de idade, católica, acabou se casando com o jovem francês.

Mas o casamento deu tanta confusão ( hoje diríamos deu um bode ), que acabou sendo realizado no Consulado Alemão, mediante um registro especial. Naquele tempo, não havia Registro Civil, só instituído depois de 15 de Novembro de 1889. Casamento na igreja ( que era o que havia ), era impossível, dada a diferença de religião. Ajuntar, simplesmente, era imoral. E a solução encontrada, foi a acima mencionada.

Nas suas andanças, o casal esteve em várias cidades. Mas acabou se fixando em Botucatu, onde viveu largos anos, criando a filharada : Samuel Junior ( Nhonhô ), casado com Amélia Grohmann; Elisa, casada com Paulo Fernandes; Alberto, casado com Cilóca Braz da Cunha; Julieta ( Zizinha ), casada com Henrique Pavão; Amélia, casada com Nicolau Kuntz; Iracema ( Mira ), casada com João Silva; e Jayme Catão, que sempre residiu em Sorocaba. Todos são falecidos.

Eu conheci o velho Samuel Levy, no fim da vida. Residia com seu genro Nicolau Kuntz, comerciante, que foi Prefeito Municipal de Botucatu. Naqueles bons tempos, não havia esses preconceitos e essa discriminação racial, que tanto castigam os judeus. Nicolau Kuntz era filho de alemães. Dona Magdalena, era registrada como alemã. E o velho rabino, amigo do Monsenhor Ferrari, vigário da Paróquia, era muito estimado pela população, de todos os credos.

Samuel Levy faleceu em 1915. Está sepultado em Botucatu. Prevendo sua morte, espírito liberal que era, reuniu os filhos, e recomendou: “Sigam a religião da mulher, que era católica; quero ser enterrado com os objetos do culto israelita; e queimem os livros sagrados”.

Dos filhos do velho judeu ( que morreu pobre ), tenho lembranças de dona Mira e de Nhonhô Levy. Este, Dentista Prático, deixou os seguintes filhos: Prof. Mário; Professoras Odete, Julieta e Lygia; João, Romeu, Oswaldo e Vinício. João Levy, ferroviário e Romeu ( o Bizuca ), decano dos gráficos botucatuenses, residem em nossa cidade.

Dona Mira ( Iracema Levy Silva ), casou-se com João Silva, moço catarinense, que chegara a Botucatu como funcionário dos Correios. Depois, ele foi funcionário da Prefeitura Municipal, onde eu o conheci como lançador, colega de meu pai Sebastião Pinto Conceição. João Silva faleceu em 1913, exercendo o cargo de professor de Trabalhos Manuais ( secção masculina ) da Escola Normal de Botucatu. Sua Esposa, dona Mira, lutou muito para criar e encaminhar os filhos, formando-os todos. Eram eles: João, Iracema ( falecida, foi casada com o Professor José do Amaral Wagner); Dinorah ( casada com Américo Alvarez Rodrigues ); Maria ( casada com Nicola Avallone ); e Diva, já falecida, que foi casada com Renato de Barros.

Eu conheci bem dona Mira. Era funcionária da Escola Normal, quando do meu tempo de Diretor e Professor daquele educandário botucatuense. Depois, fui seu Médico durante algum tempo. Por isso, bem pude avaliar suas qualidades de funcionária, dona de casa e mãe.

O Professor José do Amaral Wagner, foi uma das grandes expressões do Magistério Normal de São Paulo. Foi meu colega de turma, em 1919, na então Escola Normal de Botucatu. Excelente professor. Grande orador. Cidadão de escol, prematuramente falecido.

Um neto do velho rabino, o Sr. Alberto Levy Junior, o “lôca”, reside em Botucatu, onde é ferroviário.

( Correio de Botucatu, 02/07/1970)

## **12 – MASTROPIETRO TORTORELLA**

No fim do século passado, era em massa a imigração italiana para o Brasil. Calcula-se que mais de meio milhão de peninsulares aqui se estabeleceram. Como cada casal (na opinião divertida de Monteiro Lobato ), desovava um filho e meio por ano, explica-se a razão desses vinte milhões de ORIUNDI que são nossos patrícios.

Pelo navio RÉ VITTORIO, com passaporte emitido em 06 de setembro de 1895, desembarcava em Santos, no mesmo ano, o jovem CALÇOLÁIO Tortorella Pietro. E logo veio para Botucatu.

O moço italiano ( 21 anos de idade ), solteiro, natural de Rossano, logo começou a trabalhar. Verdadeiro mestre ( Mastropietro ) na sua profissão, era mesmo um artista. Tinham fama as botinas de pelica que fabricava. Macias. Bonitas. Como elas, a gente tinha a impressão de estar de chinelos, tão leves eram. Grangeou freguesia. Vinha gente de São Paulo, para adquirí-las. Carlos Mirabelli, o discutido médium, por exemplo, era um dos fregueses habituais.

Em 08 de outubro de 1898, o jovem Tortorella se casou com Joanhina Tillio, irmã de Antonio Tillio, que por longos anos foi Gerente da Folha de Botucatu, o jornal do mestre Pedro Chiaradia. Desse casamento nasceram os seguintes filhos: Francisco ( lôca ), casado com Júlia Franco; José ( já falecido ), que foi casado com Haidée Varolli; Orestes, casado com a Profa.

Iolanda Bolognini; Luiz, casado com Aparecida Giraldi; Alfredo, casado com Lúcia de Almeida; Profa. Alayde, falecida, que foi casada com o Dr. Waldemar Faria Motta, advogado em Prudente, já falecido; Profa. Adelaide, casada com Ubaldo Gomes Correia; Profa. Antonieta, casada com José Josino de Andrade; Helena Tortorella, viúva do falecido jornalista Darcílio Pinheiro Machado; Assumpta, casada com Joaquim Reis; Elisa, já falecida; e Maria Wilma Tortorella. Netos e bisnetos, em quantidade, enriqueceram essa numerosa família; cujos chefes celebraram bodas de diamante ( 60 anos de casado ). Pedro Tortorella faleceu em 29/04/1965 e dona Joaquina Tillio seguiu-o poucos anos depois. Pedro Tortorella contava 91 anos de idade, sendo dos mais velhos moradores da cidade.

Figura popular, muito estimado, era o velho italiano. No início de sua vida, morou no bairro da estação ( Vila dos Lavradores ). Depois, veio para a rua Riachuelo. Ali por perto da Casa Popolo. Foi vizinho do cientista Vital Brazil Mineiro da Campanha. E, por isso, acompanhou de perto, as experiências do descobridor do soro antiofídico.

Progredindo, Pedro Tortorella se estabeleceu, em casa própria, ali onde está o Banco Comercial, um prédio que foi demolido. Após a venda da casa, Pedro Tortorella mudou-se para a rua do Curuzu, onde ficou até o término de seus dias.

Como italiano que era, torcia por Garibaldi, Cavour, Mazzini e outros campeões da unificação italiana. Conseqüentemente, era contra o poder temporal do Papa. Além disso, era maçom, pertencendo à Loja “Guia Regeneradora”, constituída então, por maioria de italianos. Nas festas comemorativas da tomada da PORTA PIA, reproduzida ao vivo na antiga praça da Liberdade, hoje “Coronel Moura”, a colônia italiana se esbaldava. E o vinho era consumido generosamente, numa festança que contagiava até os nacionais.

Já na velhice, dando azo ao temperamento boêmio, Pedro Tortorella integrava um grupo, de interessante formação heterogênea: Joaquim Dias, português, jardineiro; Manoel Guimarães, português, construtor; Gregorio Fazzio, alfaiate; Mastrochico, sapateiro; e o Osnan Garavello, serralheiro, muito moço em relação ao time, e o único vivo. Eram célebres os bródios promovidos pelo sexteto.

Tenho lembrança de um gozado episódio, onde aparece a interessante figura do Quico, patrício e compadre de Mastropietro.

A coisa foi assim: Comemorando a formatura de duas sobrinhas, pela Escola Normal de Botucatu, em 1931, Pedro Tortorella ofereceu um suculento almoço aos professores da Escola. A eles somente. Às tantas, já na hora dos discursos, apareceu o Mastrochico, que se julgou desprestigiado, por não ter sido convidado. Não queria aceitar as explicações do compadre. Mas acabou cedendo, após soltar um sonoro palavrão, que arrancou uma gargalhada geral: - “P.Q.P. de roda! ( e fez um gesto circular. . . ) E sentou-se, almoçando com a turma.

( Correio de Botucatu – 05/07/1970)

### 13 - CORONEL RAPHAEL AUGUSTO DE MOURA CAMPOS

Quem chegar à praça Coronel Raphael Augusto de Moura Campos ( do tempo do ph ), antiga praça da Liberdade, ali encontrará o busto do benemérito cidadão que foi um artífice do progresso de Botucatu. Praça Coronel Moura.

Na praça Carlos Gomes ( antigo Largo do Rosário ), há o grupo escolar “Raphael de Moura Campos”. No salão nobre do Instituto de Educação, está o retrato do nobre varão. E no coração dos botucatuenses da minha geração, há um lastro de gratidão para aquele que foi um padrão de homem público.

O Coronel Moura Campos, era de linhagem portuguesa, que atingia a nobreza lusitana. Descendia de velho tronco bandeirante. Nasceu em Tietê, a 28 de outubro de 1841. Seus pais foram João de Moura Campos e Ana Cândida de Souza. Era neto paterno de Raphael de Moura Campos e de Emília de Arruda Campos. Bisneto foi do Ajudante de Campo Estanislau José de Abreu e de Ana do Amaral Campos. Trineto de Jerônimo de Almeida Abreu e de Leonarda de Moura. Como se vê, era gente de paulistas quatrocentões.

Pelo lado materno, era neto de Ana Cândida Alves de Lima e Francisco Antonio de Souza, este, natural de Vila de Murça ( aldeia de Braga ), em Portugal. Bisneto foi do Capitão Lourenço de Almeida Lima e Manoela Baptista de Aranha. Está assim explicada, na genealogia dos Moura Campos, a presença de dezenas de Anas e dos trinta e quatro Rapfael, de sobrenome Campos. Que o diga o Dr. Raphael de Moura Campos, conspícuo membro do Senadinho da Casa Royal.

No velho Tietê, no dia 14 de julho de 1863, casou-se com sua prima Ana Joaquina de Arruda. Esta filha de João Batista de Souza e Salomé de Arruda Campos. Eu bem me lembro ( ainda bem menino na época ), das bodas de ouro do estimado casal Nhô Faé-dona Aninha. Marcaram época, nos anais da cidade, as festividades comemorativas.

Em Tietê, Moura foi lavrador. Ocupou vários cargos públicos, tais como Vereador, Suplente de Delegado de Policia e Juiz de Paz. Em 1880, acompanhando a marcha para o oeste, no RUSH do café, mudou-se para Botucatu, onde se tornou grande fazendeiro.

Lavrador, agro-pecuarista, foi uma das alavancas da terra que adotou. Empenhou todos os seus esforços e capitais, para o desenvolvimento da cidade. Tornou-se um líder da florescente cidadezinha. Gozava de imenso prestígio político no município e zonas vizinhas. Mas nunca quis ser Deputado, sempre apoiou o Cel. Amando de Barros, seu companheiro no velho PRP.

Naqueles tempos duros e ásperos, onde as lutas políticas eram violentas e odiosas, Raphael Augusto de Moura Campos, já Coronel da Guarda Nacional, foi Vereador em várias legislaturas ( 1902 a 1913 ). Durante vários anos, foi presidente da Edilidade. Como Delegado de Policia ( sub-delegado em exercício ),teve atuação decisiva na manutenção da ordem pública

ameaçada por agitações políticas. Causou sensação a ordem de prisão que deu certa vez, ao Capitão Tito Correa de Mello, Deputado e poderoso chefe político local.

Em suas atividades, o Coronel Moura foi sempre elemento de prol, nas iniciativas sociais. Fundador do Clube 24 de Maio, cujo primeiro Presidente foi o farmacêutico José Arnaud Paulino Pires. Sócio-fundador da Misericórdia Botucatuense.

Na criação da Escola Normal de Botucatu, o Coronel Moura empenhou todos os seus esforços junto aos homens do governo de São Paulo, que eram seus amigos. Em 1910-1911, integrou a Comissão encarregada dos trabalhos de criação da Diocese de Botucatu e da instalação do Seminário Diocesano.

Nas lutas políticas, entre Cardosistas e Amandistas ( os Chefes políticos eram primos ), a coisa fervia. E o pau comia de verdade. Em 1907, houve eleições municipais. Tumultuadas. Com um vale-tudo de amargar. E foi empossada, em princípio de janeiro de 1908, a Câmara Cardosista. Houve recursos. Barulho grosso. Hernâni Donato, historiador criterioso, assim comenta os fatos: “1908, Com as eleições, sobremodo tumultuadas realizadas em outubro do ano anterior, inclusive com atas falsificadas por uma das facções, a Câmara viveu momentos difíceis e somente se empossou definitivamente, mediante pronunciamento do Tribunal de Justiça, em 23/03/1908, com a posse de Raphael Augusto de Moura Campos, Amando de Barros, Antonio J. Carvalho de Barros, Teodomiro Furquim de Campos, Paulo Fernandes, Dr. Antonio do Amaral Cesar e Nicolau Kuntz. O primeiro ato desta Câmara, foi decretar a Lei n. 167, declarando nulos todos os atos da Câmara que fora empossada, às pressas, em 15 de janeiro”.

( Correio de Botucatu – 09/07/1970)

#### **14 - A GENTE DE NHÔ FAÉ**

O Coronel Raphael Augusto de Moura Campos, na intimidade, entre familiares e amigos, era conhecido por Nhô Faé. Do seu casamento com sua prima Anna Joaquina de Arruda ( comemoraram bodas de ouro ), houve grande descendência. Seus filhos foram: Salomé, casada com o advogado e historiador Dr. João Nogueira Jaguaribe; Anna Cândida, foi casada com o Desembargador Dr. Antonino do Amaral Vieira; Dr. Raphael de Moura Campos Filho, Engenheiro, que foi Tabelião em São Manuel, casado com dona Carlota Rodrigues Torres; Major Antonio de Moura Campos, casado com sua prima Emília Moura Campos; Eulália, casada com seu primo Dr. Joaquim do Amaral Gurgel; e Dr. Cantídio de Moura Campos, casado com dona Berth Martins Costa.

Desses filhos, genros e noras, são vivos apenas o Dr. Cantídio e senhora, residentes na Capital, e o Dr. Joaquim do Amaral Gurgel, residente em Botucatu. O Cel. Raphael Augusto de

Moura Campos faleceu na Capital do Estado, em 9 de abril de 1918, sendo sepultado em Botucatu.

O Dr. João Nogueira Jaguaribe, era cearense. Foi Juiz Municipal em Tietê. Depois, deixando a magistratura, passou a advogar em São Manuel. Historiador, deixou vários trabalhos sobre Botucatu, publicados em o “Correio de Botucatu”. Não deixou descendentes.

O Dr. Raphael Moura Campos Filho, era casado com uma irmã do Dr. Mario Rodrigues Torres, que, por sua vez, consorciou-se com uma neta de Nhô Faé. Os filhos do Dr. Faézico foram: Sílvio, Helena, Rafael, Léa e Agostinho.

O Dr. Antonino do Amaral Vieira, deixou os filhos: Leonidas, que foi Deputado Estadual; Eulalina, ex-professora da Escola Normal de Botucatu, casada com o Dr. Mário Rodrigues Torres; Iracema, professora, casada com o Prof. Gastão Pupo; Luiza, professora, casada com o farmacêutico Dr. Clóvis de Avellar Pires.

Os professores Silvio, Josefina, Dalila, e os médicos Cícero e Franklin de Campos Gurgel, são filhos do Dr. Joaquim do Amaral Gurgel. Este vulto de destaque em Botucatu, onde exerce sua profissão de engenheiro, foi Vereador e Prefeito Municipal. Prestou relevantes serviços à cidade e ao município. Foi um dos elementos preponderantes na criação e instalação da PRF-8, Rádio Emissora de Botucatu. Goza de real prestígio em nossa terra, onde é acatado, respeitado e estimado. Foi Engenheiro da Central do Brasil, da Mogiana e da Sorocabana. É um dos protetores dos desfavorecidos da fortuna, dos pequeninos e humildes. Foi o “pai” do Hospital de Rubião Junior, onde funciona a Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas.

O Major Antonio de Moura Campos, foi Vereador e Prefeito municipal. Chefe político do velho PRP, e depois Chefe do Partido Constitucionalista e do Partido Democrático. Deixou os filhos Mourinha e Celina, falecidos; Profa. Maria Laura e Dr. Raphael, Advogado e ex-Vereador, residente em Botucatu.

O Dr. Cantídio de Moura Campos, único filho do Coronel Moura nascido em Botucatu, reside na Capital, onde é Professor Universitário, Catedrático da Faculdade de Medicina da USP e um dos Diretores do Hospital das Clínicas. Político de projeção, foi Deputado e Diretor de partidos em âmbito estadual e nacional. Quando Secretário de Estado, na pasta da Educação, criou a Escola Industrial de Botucatu, hoje Colégio Industrial “Dr. Armando de Salles Oliveira”. O Hospital Psiquiátrico de Botucatu, denomina-se “Prof. Cantídio Moura Campos”. São seus filhos: Maria Helena, Marcelo, Cantídio e Fernando. Os três filhos homens são médicos, e estão fazendo carreira universitária.

Bisnetos e trinnetos são em grande número, de se perder a conta. Alguns deles, eu os conheço bem, como os Drs. Rubens e Agostinho Rodrigues Torres, Drs. Rafael e Clóvis de Campos Avellar Pires, Drs. Trajano Pupo Neto e Celso Pupo, Drs. Antonio Francisco e Murilo de Moura Campos, e as professoras Regina Maura e Sílvia Gurgel, Cidinha e Maria Luiza Pires.

No Velho Botucatu, havia um farmacêutico, o Sr. Cantídio Vianna, que foi casado com Anna Cândida ou Sinhára, sobrinha de Nhô Faé. Desse casamento, nasceu Luiza Vianna, Professora, residente em Botucatu. Dona Luizinha casou-se com o tieteense Antonio Mono de Castro, o popular Antoninho Mono, que foi porteiro do Instituto de Educação Dr. Cardoso de Almeida. Bom amigo, ótimo funcionário, foi Antoninho Mono, tão precocemente falecido, no ano passado.

Quando eu fui diretor do IEECA, tive no “seu” Antoninho um grande auxiliar. Assíduo, dedicado, honesto, eficiente, trazia a Escola como um brinco. Na administração, na parte subalterna, não havia problemas. Seu Antoninho resolvia tudo.

( Correio de Botucatu – 16/07/1970)

### **15 - GENÉSIO DE FREITAS, OUTRO DA VELHA GUARDA**

“Faleceu nesta cidade, dia 04 de julho de 1970, aos 87 anos de idade, o senhor Genésio de Freitas, funcionário municipal aposentado”

Esta, seria a notícia lacônica e de rotina, nos acontecimentos diários de Botucatu. Entretanto, o morto pelo que foi e pelo que fez – um da velha guarda botucatuense – merece um registro especial. Trata-se de um cidadão que, dentro das suas possibilidades, bem serviu Botucatu, principalmente o antigo distrito de Espírito Santo do Rio Pardo, hoje município de Pardinho. Homem bom, amigo certo nas horas incertas, coração aberto, companheiro cem por cento, na sua longa existência, soube fazer amigos.

Filho do casal Francisco e Maria de Freitas, gente de Itapetininga, desde mocinho radicou-se no Pardinho. Era Comerciante. Mas quem tocava mesmo a casa comercial era a popular Marica Freitas. No balcão, a auxiliá-la estava o neto Aduino Passos, filho de Ernesto Passos, meio-irmão de Genésio.

O Tenente Genésio de Freitas ( Oficial da Guarda Nacional ) era tudo na Capela. Naqueles recuados tempos de 1880 em diante, o Major Antonio Pinto Nunes ( Farmacêutico ) o Coronel Amélio de Campos Melo ( Chefe Político ), João Braz Salomé, Capitão Trindade, Euzébio Rocha Camargo, Olivério Moraes Barros, Zico Barreiros, os França, Nenén Bethlém Moreira ( Escrivão de Paz ), formavam ao lado de uma italianada boa, onde se notavam os Dromani, Vicentini, Zanetti, Mário Camiletti, Pauletti, Ceranto, Corulli, Bataglia e outros. Isto sem esquecer o velho Fusco, falecido há poucos meses com noventa e seis anos de idade. O tenente Genésio, integrava o grupo de moços – Tônico de Melo, João Barbeiro, Zéca Leite, Quincas da Farmácia, Cícero Pinto, Euzébio Vicentini, Ortílio Gomes – que movimentavam a pracinha.

Político, era membro do Diretório do PRP. Foi Juiz de Paz e Delegado de Polícia. Autoridade enérgica, que não temia caretas. Certa vez, num conflito sangrento, deu voz de prisão a um soldado co-responsável pela briga. O milico, indisciplinado e truculento desacatou

o Delegado e ameaçou-o de morte. Genésio, homem de coragem, não teve dúvidas. Reagiu à bala. E mandou o soldado para o hospital.

Genésio, espírito esportivo, jogava futebol, promovia carreiras de cavalos, tocava na banda de música, chorando gostoso no bombardino.

Correm os anos. Genésio transfere residência para o Distrito de Ribeirão Grande. Comerciando durante alguns anos, amealha regular fortuna. Muda-se então para Botucatu, com a sua veneranda mãe. Com a saída do Genésio, o Ribeirão Grande foi decaindo, decaindo, até que se acabou. Desapareceu. Caso único que vi em minha vida: uma vila desaparecer. Nem casas, nem igreja, nem cartório, nem cemitério, nem nada. Na antiga vila, uma tiguera recobre o que fora antes florescente povoação.

Em Botucatu Genésio comprou a casa comercial de Décimo Cassetari, lá na Vila dos Lavradores, na rua Vitor Atti. Solteirão impenitente, espírito boêmio, chateou-se nos negócios. Não se abalou. Fechou a casa comercial. Pagou os credores. E foi ser funcionário municipal. A pobreza não lhe fez mossa. Continuou sempre bom, alegre, divertido e serviçal.

E chegou à velhice. Com ela os achaques e as doenças. Um dia, acidentado, visitei-o na Misericórdia Botucatuense. Conversamos longamente. E ele muito lúcido comentou as estórias que escrevia sobre o Velho Botucatu. Ao despedir-me, perguntei-lhe se precisava de alguma coisa. E ele respondeu:

- Muito obrigado. Estou bem. Nada preciso. Os meus sobrinhos são muito bons. O João Passos e os irmãos são como que filhos.

E sorria olhando o João Passos e o Ronaldo que se aproximavam.

( Correio de Botucatu – 19/07/1970)

## **16 - OS TECCHIO, COCHEIROS E MOTORISTAS**

Em 1887, com os filhos e a esposa Maria Madalena Curtivo, chegou ao Brasil o senhor Alexandre Tecchio. Vieram todos, diretamente da Itália para Santos. Esses corajosos imigrantes foram encaminhados para Pirambóia. Para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Sorocabana, cuja ponta dos trilhos tinha chegado àquela povoação. Trabalho duro, pesado, só para gente decidida.

Alexandre Tecchio, algum tempo depois mudou-se para Botucatu. Veio com a família, viajando de carro de bois. Levou vários dias de viagem. Agora, possuindo uma carroça e respectiva tropa, transportava café da Capela do Divino Espírito Santo do Rio Pardo ( hoje Pardinho ), para Botucatu, onde a Sorocabana já havia chegado. Nesse trabalho mourejavam os carroceiros Titon, Dromani, Vicentini, Roder e outros velhos imigrantes.

O velho Tecchio terminou os seus dias de maneira trágica. No pouso da Vendinha ( na estrada velha de Pardinho ) morreu esmagado por uma carroça que tombara. Deixou os filhos: Caetano, Gilda, Clorinda, Túlio, Zoraide, Alexandrina e Alexandrino.

Caetano, Túlio e Alexandrino Tecchio, foram cocheiros nos tempos de tração animal. Mais tarde passaram a motoristas ou chauffeurs, como então se dizia. Guiavam velhos fords de bigode, isto por volta de 1910. Os carros europeus não provavam bem nas buracadas ruas e estradas existentes.

Caetano foi o “herói”, que trouxe o primeiro automóvel que espantou Botucatu. Depois é que vieram Benedito Delmanto, Gori e outros pioneiros. Quando os fedorentos e explosivos veículos rodavam pelas ruas, era de pasmar o Zé-povinho. A criançada corria atrás numa barulheira danada. Caetano foi casado com Vitalina Góis, já falecida, e deixou as filhas Leonor, Lili, Julieta e Maria, todas residentes em São Paulo.

Alexandrino, o dono da primeira bicicleta que correu na cidade, era um camarada barulhento, alegre, extrovertido. Foi casado com dona Maria Emilia Sartori, filha de João Thomáz, o mais antigo morador do Bairro Alto. Alexandrino e a esposa são falecidos. Deixaram filhos Emundo, Mariquita, Epaminondas, Elpídio, Armando e Alexandre Neto. Os senhores Armando e Elpídio são funcionários do IBGE e da Caixa Econômica do Estado, respectivamente, sendo os únicos residentes nesta cidade.

Túlio Tecchio, que foi motorista, ao falecer era dono de um curtume, lá onde era a Serraria do Vignati, no fim da rua Curuzu. Homem de temperamento explosivo, certa vez, ou melhor certa noite ( no principio do século ) deu uns tiros na sede do “33 Contenti”, clube italiano, onde lhe barraram a entrada. Não deixou filhos.

As filhas Clorinda, Gilda, Zoraide e Alexandrina, de há muito que são falecidas.

Alexandrina, casou-se com Samuel Bechelli já falecido. Deixaram os filhos: Calimélio (médico), José, Mário, Bruno e Otávio, todos advogados.

Clorinda, na Itália, casou-se com um senhor Micheletto, do qual houve o filho Gino, falecido há três anos. Zoraide foi casada com Luiz Cechetti. Não tiveram filhos. Mas criaram os sobrinhos Luiz Américo (Gigino) e Lourenço, filhos do casal Gilda e Lourenço Ferrari, este prematuramente falecido. Dona Gilda Tecchio enviuvou muito moça de Lourenço Ferrari. Após a morte do marido regressou à Itália. E lá, contraiu matrimônio com o senhor Del Nero, constituindo outra família. Seus filhos brasileiros, como já dissemos, foram Gigino, já falecido, e Lourenço, agro-pecuarista residente em Botucatu.

Da descendência do velho Alexandre Tecchio residem em Botucatu os irmãos Elpídio e Armando Tecchio e os descendentes de Luiz Américo, o Lourencinho Ferrari.

( Correio de Botucatu – 23/07/1970

## 17 - O FANFULLA CLUBE

No ano de 1870, aos vinte e seis de março, na Itália, na Villa Collemantina, Província de Lucca, Região da Toscana, nascia o menino José Antonio Bolognini. Aos dez anos de idade, com seus pais e mais o irmão Olinto, imigrou para o Brasil. São Paulo era a Meca da colônia italiana. E Botucatu um dos seus grandes núcleos.

Quando eu conheci José Bolognini ( o Jépo ou Major para seus amigos ) já era ele estabelecido com armazém de secos e molhados, no mesmo prédio onde ainda mora sua família, na Avenida Dom Lúcio N.27, antiga Campo Santo, número 1.

Bolognini, temperamento alegre, bonachão, era um camaradão no conceito dos seus inúmeros amigos e fregueses. Na sua casa os velhos italianos jogavam o tre sete, o escopône, a bisca e o patrone e soto. Depois vinho, os raviólis e macarronadas, os cabritos ao espeto, muito bem preparados pela Sgna. Bolognini que era uma excelente cozinheira. O vinho, sempre bom. Importado diretamente. E os fregueses eram assíduos. Além disso, com os jogos carteados, lícitos, onde também jogava-se o truco nacional, a casa era um verdadeiro Clube da Colônia Italiana. E o homem prosperava.

Mas não só jogos de salão eram praticados. Havia o jogo do queijo, de preferência dos elementos da Colônia Italiana. O jogo era na rua, na Avenida. Arranjavam um queijo bem curado, com um palmo de diâmetro mais ou menos. E em torno do “provollone” enrolavam uma cinta ou correia. Lamçavam-no com toda força para ver quem o atirava mais longe. A avenida Campo Santo se enchia de curiosos, em toda a sua extensão, porque os lançamentos eram feitos, uns após os outros, até às vizinhanças do Cemitério. Conta-se que o construtor Angelo Lovatto, certa vez arremessou o queijo com tanta força, que ele foi desbeijar uns túmulos do Cemitério. Os mais conhecidos praticantes do jogo do queijo ( cujas partidas terminavam em comedorias e bródios ) eram o banqueiro Francisco Botti, Júlio Rafanelli, Júlio Tognozzi, José Bolognini, Dinucci & Pardini, Angelo Lovatto, Alfredo Nardini, Pignelli e os Ferrari.

Na casa de José Bolognini havia frequência de brasileiros. Ali funcionava o Fanfulla Clube. Curiosa sociedade de gastrônomos e amigos do vinho. Doutores Alcides de Almeida Ferrari, Sebastião Villas Bôas, Orlando Costa Leite, Moisés Carlos dos Santos ( todos advogados ), professores Raymundo Penha Forte Cintra e Batista de Sanctis, o engenheiro Leandro Dupré, o Tabelião José da Rocha Torres, ali se reuniam para os seus frequentes e habituais banquetes. Após as patuscadas, os comensais dizendo-se integrantes de uma Confraria de Santo Ivo, realizavam uma coleta, para adquirir caixões de defunto. Para enterrar indigentes, é bom esclarecer. O Prof. Raymundo Penha Forte Cintra, que aí está vivinho da silva, conta que o Major Bolognini, pela resolução de seus amigos, fazia quatro ou cinco aniversários por ano. E as comemorações, eram obrigatórias, com vinho “chianti” e cabritos magistralmente preparados pela esposa do aniversariante.

Monsenhor Paschoal Ferrari, vigário da Paróquia desde 1886, formava entre os frequentadores da casa do Bolognini. Este, por vezes era o sacristão ou o coroinha, que auxiliava o padre nas cerimônias religiosas. João Ferrari, irmão do Monsenhor, era um excelente mestre de cerimônia. Ao que parece tinha cursado um seminário na Europa. E, na sua ausência é que o Jépo entrava em ação. Diziam as más línguas, por troça naturalmente, que o Jépo esgotava os “Lacrima Chisti” existentes na sacristia.

José Bolognini, que tinha prestígio na Colônia Italiana, durante alguns anos exerceu as funções de Vice-Consul da Itália. Foi substituído por um Consul de carreira, o Sr. Olivo Andolfato, que aqui esteve até o início da Primeira Grande Guerra, em 1914.

José Bolognini foi casado com da. Maria Musetti Bolognini. O Jépo teve os seguintes filhos: Pedro, Luiz, João e Antonio, todos falecidos; Professoras Irene e Anita, solteiras, Professora Yolanda, casada com Orestes Tortorella; e Professora Isabel, casada com João Petry, residentes em presidente Prudente. José Bolognini faleceu em 18 de maio de 1943 e sua viúva alguns anos depois. O irmão Olinto faleceu nesta cidade, em avançada idade, não há muito tempo.

Dos companheiros e contemporâneos de José Bolognini, poucos ainda vivem. Mas os que o conheceram bem, afirmam que ele era um bom amigo, um bom cidadão e um grande admirador do Brasil. Enriquecendo, em 1926 fez uma viagem à Europa, para estudar o ambiente e ver se retornava de vez à pátria LONTANA. Não se acostumou. E voltou definitivamente para o Brasil.

Um cunhado de José Bolognini era Emilio Musetti. Já falecido. Sapateiro. Sempre trabalhou com o finado Francisco Grecco, tio do José Nicoletti, e que foi casado com Dona Pierina Cani, ainda viva, octogenária. Emílio Musetti era solteirão. Sabia tudo o que se passava em Botucatu. Por exemplo, de manhã cedo, contava aos amigos quais das crianças que haviam nascido naquela noite, isto depois de um bate-papo com Nhá Leandra, Corinha, Antonia Gorda e outras comadres da época. Era por isso conhecido como Emílio Parteira.

(Correio de Botucatu, 26/07/1970)

## **18 - THOMAZ FAZZIO, O CARTOLINHA**

Uma figura muito conhecida no velho Botucatu, era o alfaiate Thomaz Fazzio, conhecido como “O Cartolinha”. Eu o conheci, por volta de 1910. Era um velhinho espigado. Durinho. Com uma barbichapontiaguda. Sempre de preto e bem abotoado. E com um indefectível chapéu de coco, o que era novidade na terra cabocla. Essa a razão do apelido “O Cartolinha”

Thomaz Fazzio era italiano, de Ferolito (Catanzaro). Nasceu em 29 de maio de 1851. Foram seus pais Gregório Fazzio e dona Thereza Fazzio. Em outubro de 1871, casou-se com dona Maria Guzzi Fazzio, na cidade de Maiola. Alguns anos depois, e já com filhos, mudou-se para o Brasil.

Veio para o estado de São Paulo. Inicialmente, residiu em Itapira. Depois, buscando um centro maior, mudou-se para Sorocaba. Montou uma alfaiataria, onde se revelou um mestre da tesoura. Mas o destino, marcara outro rumo para o homem. Uma epidemia de febre amarela varria Sorocaba. Morria gente a valer. E muita gente, procurando salvar-se, mudou de ares. Thomaz Fazzio rumou para Botucatu. A cidade serrana parecia imune à mortífera epidemia. E assim, em fins de 1899, já estava a família Fazzio instalada na cidade dos bons ares.

Na rua Curuzu, ali nas alturas da casa da família Dal Farra, o novo botucatuense se estabeleceu. Montou uma alfaiataria, onde os auxiliares eram os filhos, alguns nascidos em Botucatu. Durante vinte e dois anos, o Cartolinha residiu aqui na terra. Criou os filhos e encaminhou-os na vida. Em julho de 1921, aos setenta anos de idade, encerrou sua vida terrena. Sua viúva, dona Maria Guzzi, nonagenária, faleceu em 1941. Deixaram os seguintes filhos: Savério, Gregório, José, falecidos; Angelina, Stella, Thomaz e Celestino Euzébio Fazzio, vivos, residentes na Capital do Estado.

Gregório Fazzio, casado com dona Pedrina Amaral Fazzio, músico e alfaiate, deixou numerosa descendência. Dos seus filhos, apenas o Alfredo seguiu a tradição da família, tornando-se bom costureiro, criando métodos especiais para costura feminina. Dos filhos de Alfredo, o Vicente continua divulgando os métodos do pai. O Gregório Fazzio Neto, bancário, é jornalista, diretor de “O Mirim”; a irmã Lalí, é professora normalista primária.

Roberto Fazzio, neto do velho Thomaz ( filho do Gregório ), foi Diretor do Instituto de Previdência e Diretor Administrativo do Hospital das Clinicas de São Paulo, faleceu dia 27 do corrente mês, na capital. Deixou viúva dona Maria César, bisneta de José Rodrigues César.

José Fazzio, faleceu relativamente moço. Seus filhos, formaram-se pela Escola Normal de Botucatu, sendo que o Guilmar não exerce o magistério. É alto funcionário do Touring Club de São Paulo. Seu genro, o professor Luiz Rodrigues Ramos, é funcionário do I.B.G.E. local.

Celestino Euzébio Fazzio – diplomou-se pela Escola Normal de Botucatu, numa das primeiras turmas. Pouco tempo dedicou ao magistério. Preferiu outras atividades na Capital, onde venceu na vida. Jornalista ( dirigiu a “Cidade de Botucatu” ), bom poeta e orador, Celestino foi figura de destaque na sua turma de professores.

Do Thomaz, alfaiate, eu me lembro como esportista. Foi meu companheiro na A.A.Botucatuense.

Dona Stella Fazzio, seguindo a tradição familiar, casou-se com Octacílio Teixeira Pinto, também alfaiate. Octacílio foi esportista de nomeada. Grande futebolista. Defendeu as cores da Associação A.Botucatuense. E depois, transferindo-se para o Rio de Janeiro, pertenceu ao Botafogo ou Fluminense, não me recordo bem. Uma neta do velho Cartolinha, a professora Josna Fazzio, durante anos dirigiu uma acreditada escola de corte e costura.

Contou-me José Nicoletti ( cunhado de José Fazzio ), que o velho Thomaz Fazzio, quando na Itália, foi costureiro da Rainha. E, em Botucatu, com o Sr. Antonio de Zagottis, revolucionou a costura masculina, aprimorando-a, a ponto de fazerem roupas de cinta ( alta costura ). O velho Cartolinha ( não se zangava com o apelido ), gostava de viajar. Percorreu vários estados do Brasil, conhecendo suas principais cidades.

Era um italiano da velha guarda. E um bom brasileiro de coração. O mesmo se poderia dizer do Sr. Antonio de Zagottis. Este, casado na tradicional família Alegretti, de São Paulo ( o Coronel Médico Dr. Ricciotti, foi Chefe do Serviço de Saúde, da Força Pública de São Paulo e Derville foi Deputado Estadual ), deixou vários filhos, todos formados. Tenho lembrança do Dr. Alfredo, Médico e Delegado de Saúde; professores Carlos e Paulo, notáveis desportistas; Dr. Alberto, Secretário de Estado, Engenheiro; Orlando, Contador; e as Professoras Helena, Virgínia e Carmen de Zagottis. Com a mudança da família para a Capital, nenhum descendente dos Zagottis aqui reside.

( Correio de Botucatu – 30/07/1970 )

## **19 - O BACHAREL, O CORONEL E O MAJOR**

Há dias, recebi a visita de alunos do IEECA. Em trabalhos de pesquisas sociais, desejavam informes sobre os patronos das ruas Dr. Antonio do Amaral César, Major Nicolau Kuntz e Coronel Fonseca. Eis os dados que forneci:

### **DR. ANTONIO DO AMARAL CÉSAR**

É botucatuense. Filho do patriarca José Rodrigues César. Foi figura de destaque nos meios político-sociais, de 1890 em diante. Por isso tem seu nome numa das ruas da Vila Maria.

Bacharel em Direito, advogou durante algum tempo. Em 1906, como substituto, ocupou a Promotoria Pública de Botucatu. Militando na política, no velho Partido Republicano Paulista, como representante de tradicional e prestigiosa família local, elegeu-se Vereador, no triênio 1896 a 1899. Foi re-eleito depois, em outras legislaturas. Em 1907, deixou a vereança para ser Deputado Estadual. Em 1898, foi Diretor ( administrativo ) da Misericórdia Botucatuense.

Encabeçando uma lista de capitalistas locais, fundou e dirigiu a Empresa de Força e Luz de Botucatu, que tinha como Diretor Técnico o Engenheiro Manfredo Costa. Este, construiu a represa do Rio Pardo, montou a usina elétrica e puxou a rede de fios pela cidade. Com grandes festas, a luz elétrica foi inaugurada em 03 de fevereiro de 1907, sendo Prefeito Municipal o Coronel Antonio Cardoso do Amaral ( Nenê Cardoso ).

O Dr. César foi casado com dona Esmeralda de Andrade, tendo deixado os filhos Domingos, Armando e Ormino de Andrade César, bom futebolista, era o famoso Bororó, do Esporte Clube Normalista e da A.A. Botucatuense.

## CORONEL FONSECA

O cidadão Joaquim Gonçalves da Fonseca, Coronel, cunhado de Domingão Gonçalves de Lima, foi um dos grandes vultos do passado botucatuense. Foi casado em primeiras núpcias com dona Maria L. Franco da Fonseca. Residia, numa bela casa de estilo colonial, no bairro Alto, ali onde está a Escola Senac. É por isso, que a rua Coronel Fonseca ( nome dado em sua homenagem ), da cidade. Enviuvando, em segundas núpcias, casou-se com a professora dona Brazilina (Mimi) Fonseca.

Com outros cidadãos botucatuenses, no dia 03 de março de 1870, nas notas do 1º Tabelião, por escritura pública, o Coronel Joaquim Gonçalves da Fonseca fazia doação de terras, para aumentar o patrimônio da cidade de Botucatu. Homem de prestígio; foi Vereador em várias legislaturas. Presidiu a Câmara Municipal de Botucatu, no ano de 1885. Foi Juiz de Paz no período de 1866 a 1868.

No seu túmulo, no cemitério local, não consta a data do seu nascimento e nem a data do falecimento.

## MAJOR NICOLAU KUNTZ

Nicolau Kuntz, natural de Tatuí (SP), era filho do cidadão alemão João Nicolau Kuntz e da brasileira dona Maria das Dores Kuntz. Nascido em 1868, muito moço, se transferiu para Botucatu, onde chegou em 1889. Dedicou-se ao comércio. Tinha uma loja no largo de Santa Cruz, num prédio que foi demolido para dar lugar ao belo Edifício da Caixa Econômica do Estado. Casou-se com dona Amélia Levy, filha do rabino Samuel Levy, judeu Francês. Desse casamento nasceram os filhos: Nicolau Kuntz Filho, dentista; prof. Zenon Kuntz e Maria Levy Kuntz, licenciada em Letras, pela Faculdade de Filosofia da USP. Todos são residentes na Capital.

O Major Nicolau Kuntz ( da Guarda Nacional ), foi político da facção Amandista, do Partido Republicano Paulista. Vereador em vários triênios: de 1908 a 1911; de 1914 a 1916; de 1917 a 1919; e de 1920 a 1922. Foi sub-Delegado de Polícia. Como Prefeito Municipal, de 1919 a 1922, promoveu o calçamento da Rua Amando de Barros.

O veterano político, tem uma rua na Boa Vista, com o seu nome. Era um homem calmo, bonachão. Não se amofinava com os reveses próprios das lutas partidárias. Mas houve uma ocasião em que, decepcionado grandemente, não escondia sua irritação ante a fragorosa derrota do seu partido, frente ao grupo cardosista. Isso ocorreu nas eleições municipais para o triênio 1923-25.

Era um pleito duro. De prognóstico reservado. As forças se igualavam. E poderia haver até empate. Entretanto, os cardosistas habilmente dirigidos por Nenê Cardoso, venceram estrondosamente. Elegeram o Prefeito. Fizeram todos os Vereadores. E mais os três Juízes de paz. Nunca se viu coisa igual. Os amandistas, com todo seu poderio, ficaram a zero.

A edilidade ficou composta pelos Srs. Abílio Alves Amarante de Almeida, Adeodato Faconti, Antonio Cardoso do Amaral, Carlino de Oliveira, Dr. João Candido Villas Bôas, Manuel Fernandes Cardoso, Octacílio Nogueira e Dr. Sebastião Villas Bôas. Os Juízes de Paz eram os Srs. Joaquim Leandro de Oliveira, Cap. José Paes de Almeida e Joaquim Batista de Souza. Prefeito, foi o Cel Antonio Cardoso do Amaral.

O Major Nicolau Kuntz, era apreciador de brigas de galos. Na rinha, apesar da sua reconhecida parcimônia, apostava forte nos seus galos. E quando no entrevero dos “índios”, os galistas aplaudiam as batocadas e soltas, era comum ouvir-se o grito de Nhô Quim Bonilha:- Tem vinte no pinto do Major!

( Correio de Botucatu – 02/08/1970)

## **20 - TOTÓ PEDRO**

Eu sempre disse, que os mineiros influíram grandemente no povoamento e desenvolvimento de Botucatu. Os Assis Nogueira, Cruz Pereira, os Costa, Tito Correa de Mello (era de São Paulo), os Villas Bôas, Cel. Fonseca, Domingão, os Ribeiro, eram gente das Gerais. Mineirada boa. Bandeirante como os paulistas. Um exemplo dessa afirmativa, é o caso da família Ribeiro, gente de Juiz de Fora (MG), que antes de 1860 fazia política em Botucatu. Os Ribeiro, eram aparentados com José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência.

Compulsando os livros da Câmara Municipal de Botucatu, verifica-se que Francisco Bonifácio Ribeiro ( tio do conhecido Totó Pedro ), já em 1857, era Vereador em Botucatu.

Em 1860, mais ou menos, chegava aos sertões de Botucatu, o cidadão Antonio Pedro Ribeiro ( casado com dona Catarina de Sena Magalhães ) Gente de Juiz de Fora. Aqui formaram fazendas. E aqui nasceram os filhos Antonio, Abílio e João Baptista, e ainda outros, cujos nomes nos escapam. Antonio, filho, mais conhecido como Totó Pedro, tornou-se figura quase lendária, como verdadeiro patriarca que foi.

Antonio Pedro Ribeiro ( Totó Pedro ), nasceu em Toledo, município de Botucatu, em 1866, mais ou menos ( naquele tempo não havia Registro Civil ). E veio a falecer, em Botucatu, no dia 7 de dezembro de 1959, contando 93 anos de idade. Deixou enorme descendência. Foi pai de trinta filhos, dos quais dezessete são vivos. Netos, bisnetos, trinets e tetranets, são sem conta.

Totó Pedro casou-se duas vezes. Do seu primeiro matrimônio com dona Cândida da Conceição Correia da Silva, nasceram dezesseis filhos, dos quais vivem os de nome José, Maria, Ana, João, Pedro e Rita. Todos estes estão vivos, com exceção de Maria, que foi fulminada por um raio, não há muito tempo.

O sogro de Totó Pedro – José Francisco Correia da Silva – “O Correinha” e sua esposa Cândida Conceição Correia da Silva, eram fazendeiros e velhos moradores de Botucatu. “Correinha”, em 1861 foi Vereador em Botucatu. À mesma Câmara, no ano de 1862, pertencera o velho Antonio Pedro Ribeiro, pai de Totó Pedro.

Do segundo matrimonio do patriarca botucatuense, com dona Brazília Maria Alves da Conceição ( filha de João Alves Barreto e da. Ana Barreto, falecidos ), nasceram quatorze filhos. Cresceram onze, todos vivos e que são os seguintes: - Isabel, viúva de Scillas Pacheco; Manoel, Antonio, Alice, casada com Abílio de Oliveira Campos; Paulo, Jair, Joaquim, Scillas; Céres, casada com Clóvis Batista Alves; Carmen, casada com Francisco D. Folco e Ruth, casada com Arlindo Crésti.

Fazendeiro desde 1891, era dono da fazenda “Vira Machado”, sendo conhecido agro-pecuarista. Sempre residiu em sua propriedade agrícola (aquém da Fazenda Estrela), no Distrito da Prata. Uns poucos anos antes de sua morte é que se transferiu para Botucatu, quando então fui seu médico assistente. Já bem velho e doente, conserva lucidez perfeita, contando fatos e coisas da sua longa existência.

Totó Pedro tinha um irmão, o Capitão João Baptista Ribeiro, que foi político influente no município de Botucatu. Foi o fundador do Distrito de Pratânia ( antiga Prata ), do qual era Chefe incontestado. Pertencia ao velho PRP. Da ala amandista. Era conhecido como Chefe dos “gafanhotos”, em contraposição aos cardosistas, que eram os “carrapatos”.

Totó Pedro, apesar da sua grande família e das relações de amizade, não queria saber de chefias. Ele e seu irmão Joaquim Pedro Ribeiro ( residente em Toledo ), também eram “gafanhotos”, apenas por solidariedade ao irmão.

A família do Capitão João Baptista era católica. Foi o Capitão que deu os sinos da igreja da Prata. Nos velhos bronzes, ainda se podem ler as iniciais J.B.R., assinalando a doação do velho chefe. Com o tempo, os Ribeiro (como me disse um dos filhos do Totó), conheceram o Evangelho. E tornaram-se crentes. Protestantes presbiterianos. Tenho a impressão de que esse movimento espiritual, foi trabalho dos Reverendos Francisco Lotufo e Coriolano Assumpção, velhos pregadores do Evangelho nestas paragens do UVUTUCATU.

Os descendentes do honesto e prestativo patriarca, andam por aí, no desempenho dos mais variados misteres. Parece-me que nenhum deles se meteu em política. Pelo menos no presente, é o que se verifica.

No dia 2 do corrente mês, finou-se nesta cidade a viúva de Totó Pedro, dona Brazília Ribeiro.

( Correio de Botucatu - 06/08/1970)

## 21 - VELHOS TIRADENTES

No tempo de Dante, a odontologia era simplesmente horrível. Pelo menos para os pacientes. Os antigos Tiradentes se limitavam a fazer pequenas chumbações, arrancar dentes e fabricar dentaduras. Estas, eram enormes, pesadas, feias, grandes chapas que formavam calo no céu da boca. Os profissionais eram temidos. E, frequentemente surgiam complicações, infecções sérias, que constituíam um verdadeiro martírio para as pobres vítimas.

Também eles não possuíam os recursos com que hoje os dentistas fazem maravilhas: boa anestesia, antibióticos e aprimorada formação técnico-profissional. A anestesia era a do “berroformio”, a famosa troncular lusitana, como dizia um humorista.

O primeiro dentista formado a trabalhar em Botucatu, foi o americano Doutor Leonardo Yancey Jones, que aqui chegou após a Guerra da Secessão. Formado por uma Universidade Americana, em 1895 já trabalhava em Botucatu. Como não falava o português, valia-se do auxílio de um intérprete. Bom profissional. Revolucionou a ciência e a arte odontológica então conhecidas. E, quando retirou-se para São Paulo, por volta de 1908, deixou fama de bom dentista.

Depois do Dr. Jones, no princípio do século, aqui se estabeleceram os Drs. Olavo de Barros Monteiro e Aníbal da Costa Leite. Este, filho do Dr. Costa Leite, terminou sua vida no Rio de Janeiro, como funcionário do Ministério da Marinha. Olavo Monteiro, depois de muitos anos de Botucatu, transferiu-se para São Paulo.

Em 1912 mais ou menos chegou à nossa cidade o Dr. João Pereira Mello Moraes. Vinha do Rio de Janeiro. Bom profissional. Cavalheiro distinto. Ele e dona Gina, sua senhora, logo se constituíram em figuras de escol da sociedade botucatuense. Após quase vinte anos de Botucatu, realizado financeiramente, Mello Moraes se transferiu para Niterói. Na Capital do Estado do Rio de Janeiro, ele ia desempenhar cargo de projeção na Saúde Pública Fluminense. Mas o casal foi infeliz. Em 1930, uma epidemia de febre amarela varreu a terra de Araribóia. E o Dr. Mello Moraes e a esposa, foram das primeiras vítimas fatais.

Se havia falta de dentistas formados, abundavam os práticos, que nem licenciados eram. Turíbio Vaz de Almeida, o cérebro eletrônico da cidade, conta que o Francês Samuel Levy, Joaquim César, Joaquim Lucas, Vitor da Silva, Mateuzinho da Ribeira, Augusto de Campos e alguns outros trabalhavam na praça e redondezas. Alguns, na cidade. Outros, nas vilas e povoações vizinhas. E outros, ambulantes, andavam pelas fazendas e bibocas sertanejas.

Nhô Quim César ( Joaquim Rodrigues César Neto, filho do Tenente José Rodrigues César ), era considerado um bom prático. Cuidava de outras atividades e ao que parece era dono de uma fazendinha. Deixou os filhos Aquilino, Eduardo, Josefina, Júlia (esta sogra do Ló Silveira), Júnia, Maria e José.

Joaquim Lucas tinha um gabinete bem montado. E trabalhava bem. Possuía boa clientela. Da perícia do homem, fui vítima certa vez. Ele me extraiu dois dentes. Sem anestesia e sem boticão. Foi na força dos dedos. Casado com a filha do Major Joaquim Maria Barreiros, não deixou descendentes aqui em Botucatu.

Mateuzinho da Ribeira era irmão de Amador Bueno da Ribeira, o famoso boticário Amadorzinho, que foi político e Vereador durante largos anos. Mateuzinho, prático, era do tempo de Augusto de Campos, cunhado de Chiquinho Braz da Cunha, que também trabalhava na arte de fazer dentaduras e botar dentões de ouro na boca da caboclada.

Vitor da Silva era dentista ambulante. Preto sabido, fora camarada de cometas, aqueles representantes comerciais que com tropas faziam as zonas sertanejas. Não se sabe como, o Vitor aprendeu a arrancar dentes e a fabricar dentaduras. Certa vez nas suas andanças pelos sítios e fazendas, arranchou na casa de um caboclo, sitiante nas bandas do Bofete. Montou a sua cadeira, arrumou a ferramenta, e botou a autoclave a ferver, preparando uma “chapa” para a esposa do seu hospedeiro. Às tantas, a autoclave explodiu. Um estrondo terrível foi acompanhado pelas telhas que despencavam, arrancadas pela deslocação do ar. O dono da casa, assustado, berrou: “E o senhor ia botar esse troço na boca da minha mulher! Fora daqui!!!”

Vitor da Silva conseguiu formar um filho, pela Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo. O rapaz fez carreira na capital. Enquanto isso o pai continuava nas suas andanças pela roça, até que faleceu repentinamente em 1915, mais ou menos.

Joaquim Benato foi o último dos velhos práticos que conheci ( dos que ainda estão na atividade, não cuidarei nestas evocações, que visam apenas coisas do passado ) Joaquim Benato era sapateiro e músico. Um dia tocou-se para a velha Prata ( hoje Pratânia, berço do escritor Francisco Marins ) trabalhando como dentista prático. Decorrido alguns anos voltou para Botucatu, onde instalou uma agencia funerária. Aqui faleceu, tràgicamente.

Para fechar este capítulo vale a pena falar do Juquinha do Mamédio. Emverdade, era ele o Dr. José Paes de Siqueira. Conforme anunciava, dizia-se dentista formado por uma Universidade da América do Norte. Mas aqui, no velho Botucatu, era sempre o Juquinha, filho do Mamédio, um conhecido curador de cavalo, que costumava tomar uns pileques muito engraçados. O Dr. Siqueira, cuidava muito de espiritismo. Diziam que tinha qualidades mediúnicas e era até vidente. Sua vida era cheia de altos e baixos. Algumas vezes apresentava-se com um gabinete bem montado, demonstrando prosperidade. De repente degingolava. E ficava voando baixo. Mudava de ares. Ia para São Paulo ou outras cidades. Mas acabava voltando.

( Correio de Botucatu -09/08/1970 )

## 22 - DR. JOSÉ CARDOSO DE ALMEIDA

Faz parte do programa do ensino secundário, nas cadeiras de geografia e história, o estudo dos vultos principais das cidades onde o ginásio se acha localizado. Por essa razão, muitas vezes sou consultado sobre nomes das nossas vias públicas. Há dias, por exemplo, pediram-me dados sobre a rua Dr. Cardoso de Almeida. A respeito, com a devida vênua, transcrevo abaixo, um artigo do Dr. Romeu do Amaral Gurgel, botucatuense, advogado e jornalista, residente na Capital do Estado. Publicado na "A GAZETA", de São Paulo, em 08/09/1967, o referido artigo diz tudo sobre o assunto. Ei-lo:

DR. JOSÉ CARDOSO DE ALMEIDA

Romeu do Amaral Gurgel

Aos oito dias do mês de setembro do ano de mil oitocentos e sessenta e sete, nascia em Botucatu, neste Estado, José Cardoso de Almeida, filho de Antonio Joaquim Cardoso de Almeida e de Da. Maria Amélia Cardoso de Almeida. Após ter completado seus estudos, diplomando-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, contraiu núpcias com a senhora Da. Ismênia Ramos de Azevedo Cardoso de Almeida, tendo tido dois filhos: Mário e Lauro, casado com a senhora Da. Esther Correa Cardoso de Almeida. Ambos são falecidos.

Cardoso de Almeida, desde moço, revelara-se possuidor de um raro tino administrativo e uma energia pouco comum, impondo-se desde logo como uma pessoa necessária à direção dos negócios do Estado; e, como tal foi logo aproveitado em espinhosos cargos de administração, dos quais sempre desempenhou com invulgar brilhantismo, ocupando cargos de grande evidência: Secretário da Justiça, no governo de Campos Salles; Chefe de Polícia no Governo de Bernardino de Campos; Secretário de Interior e Justiça, no governo de Jorge Tibiriçá; Secretário da Fazenda e interino da Agricultura, no Governo de Rodrigues Alves; Secretário da Fazenda, no governo de Altino Arantes e Presidente do Banco do Brasil, no governo de Epitácio Pessoa. Como representante de nosso Estado, na Câmara Federal, revelou-se um financista emérito. As suas opiniões e pareceres com Relator da Receita, eram acatadas por seus pares que o admiravam. Mais tarde, LEADER da maioria do governo de Washington Luiz, em um dos períodos mais difíceis que passou a história republicana, viu-se sempre cercado de todas as simpatias e admiração de seus pares, mesmo daqueles que faziam oposição ao Governo constituído. Cardoso de Almeida, que era primo de meu pai, faleceu em Paris, aos 6 de outubro de 1931; e sua morte foi sentida por todos os paulistas e demais brasileiros, deixando um vazio muito grande nas hostes do velho Partido Republicano, o velho P.R.P. que, fazendo justiça, prestou-lhe todas as homenagens que merecia. Espírito culto, impunha-se pela sua elevada formação moral e intelectual. Daí, os projetos que apresentou na Câmara Federal e as reformas que introduziu nas diversas Secretarias de Estado.

Botucatu deve-lhe muitos benefícios: instalação do Grupo Escolar e da Escola Normal que tem seu nome; a criação do Bispado, a instalação de águas e esgotos, luz elétrica, a

construção do Fórum, etc. . . Construiu a sua própria custa a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, cuja imagem é venerada constantemente.

Rendamos aqui um preito de saudade a esse grande paulista que soube amar e honrar sua Pátria.

( Correio de Botucatu – 13/08/1970 )

### **23 - VELHAS RUAS E NOMES NOVOS**

As principais ruas de Botucatu, na parte que o povo chama de miolão, tiveram seus nomes relacionados com fatos e vultos do passado – propaganda da República, abolição da escravidão, guerra do Paraguai. Mas, com o tempo, foram trocando os nomes de algumas. Vejam a sequência.

RUA DO SAPO – Beirava o ribeirão Lavapés . Depois de 1890, passou a ser rua Rangel Pestana. Homenagem a um jornalista da “ A Província de São Paulo”, hoje “ O Estado de São Paulo”. Propagandista da República e campeão da luta anti-escravagista, pertencia a uma conhecida família de jornalistas.

RUA CURUZU – É a mais antiga rua de Botucatu. Ganhou esse nome em 1886. Comemorativo da vitória das armas brasileiras na guerra do Paraguai, na tomada do forte de Curuzu. Certa vez, por ocasião da morte do notável Clóvis Bevilacqua, tentaram mudar o velho nome para o do ilustre jurista. O povo não gostou. Houve protestos. Ameaça de arrancamento de placas. E afinal, camaristas e prefeito voltaram atrás. E a velha rua continuou. Para remoçar. Para se modernizar a pouco e pouco.

RUA AMANDO DE BARROS – No principio era a rua do Comércio. Veio a guerra do Paraguai. E com a grande batalha naval de 11 de junho de 1865, a rua passou a denominar-se “Riachuelo”. O nome pegou. E perdurou até a morte do coronel Amando de Barros, chefe político, Deputado, quando a mais importante rua local passou a se chamar “Amando de Barros”.

RUA CESÁRIO ALVIM – Nome de ilustre desconhecido. Que nada representa para Botucatu. Creio que nem para a maioria dos paulistas. Era o cidadão em causa, jornalista no Rio de Janeiro, no tempo da Abolição e da Proclamação da Republica. Parece que fez parte do Ministério de Deodoro.

RUA DR. CARDOSO DE ALMEIDA – É a minha rua. Chamada antigamente de rua Áurea. Lembrança do 13 de maio de 1888. Quando a Princesa Isabel, na regência do trono, assinou a Lei Áurea, abolindo a escravatura no Brasil. Quando o Dr. José Cardoso de Almeida, ilustre político botucatuense, figura de projeção nacional, faleceu em 1931, a rua passou a ter seu nome. Um humorista da terra, já falecido, muito irreverente, contava uma história diferente.

Dizia ele, que por volta de 1880 e poucos, a parte alta da cidade, em capoeira e cambuizal, não tinha ruas ( aliás eram caminhos no campo ruim ). Havia a chamada rua da Áurea, uma mulata de fechar o comércio na segunda-feira e que era amigada com um régulo local . . . Isso devia ser piada, mas o registro vale como amostra de oposição.

RUA GENERAL TELLES – Homenagem a um glorioso soldado. Defensor da legalidade na revolta de 1893, que visava derrubar o presidente Floriano Peixoto. Como Tenente-Coronel, Carlos Maria da Silva Telles venceu os caudilhos gaúchos, em Bagé, quando a cidade estava toda sitiada pelas forças de Canabarro, Gumercindo Saraiva e outros. Teve melhor sorte que seu colega Gomes Carneiro, que morreu no cêrco da Lapa, Paraná. Na guerra de Canudos ( governo de Prudente de Moraes ), o já Coronel Carlos Maria da Silva Telles, foi ferido em combate. Foi promovido a General. Mas Silva Telles não durou muito. Morreu em consequência dos ferimentos recebidos em campanha.

RUAS PRUDENTE DE MORAIS E CAMPOS SALLES – Homenagem a dois notáveis paulistas, que foram presidentes da República de 1894 a 1898 e 1898 a 1902, respectivamente.

RUA MARECHAL DEODORO – A rua que do ribeirão Lavapés sobe ao Fórum, é a rua Marechal Deodoro. Homenagem ao Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, que proclamou a República no Brasil. Esta rua corta o Bosque. É a praça que no Velho Botucatu se chamava largo de Santa Cruz. Um dia, no principio do século, um presidente de São Paulo, visitou a nossa cidade. E záz! O cordão dos puxa-sacos conseguiu batizar o velho largo como praça Jorge Tibiriçá. O nome não pegou. Um pouco antes de 1930, a política situacionista local, para agradar um chefe todo poderoso na Sorocabana, que nada tinha de comum com Botucatu, cassou o nome de Tibiriçá, substituindo-o por praça Ataliba Leonel. Pouco durou a troca de nomes. Com a revolução de 1930, Gastão Pupo e seus companheiros de luta, arrancaram, sem nenhum protesto, a placa perrepista. E botaram o nome de João Pessoa, o malogrado governador da Paraíba, barbaramente assassinado em Recife, pelos sicários a serviço da politicagem nordestina. Nem assim, parou a mudança de nomes do infortunado Bosque. Já foi praça Del Prete ( homenagem a um grande aviador italiano ), praça Olavo Bilac ( em momento de grande exaltação cívica e arrancamento do busto do aviador ) e depois praça Emilio Peduti. A estátua do Pedutão, está lá no meio do Bosque, para impedir inoportuna cassação. . .

( Correio de Botucatu - 16/08/1970 )

## 24 - CHICO PADRE

No fim do século passado, a colônia portuguesa em Botucatu era grande. E prestigiosa. Seus membros se destacavam na lavoura e comércio. E na política. Os lusitanos exerciam cargos eletivos e executivos, como se brasileiros fossem. Era o tempo dos Pinto Nunes, Cardoso, Guimarães, Daniel Carlos, Villa do Conde, Joaquim Pinhão, Manoel Coelho, Luiz Pinho, Ferreira, Manoel José de Araújo Azevedo e seu irmão Bento Bernardo da Cunha e tantos

outros. Um português havia no entanto, que se destacava dos demais, pela sua cultura e atividades profissionais. Era Francisco Pinto de Gouvêa Almeida, o “Chico Padre”, nascido em 1868.

Francisco Pinto de Gouvêa Almeida ( só nos atos oficiais ), o popular Chico Padre, era Advogado Provisionado. Mas não era nenhum solicitador ou rábula comum. Era um notável advogado. Sua fama corria mundo. Não se formou em Portugal, nem na Corte, nem na tradicional faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Atirava poeira em qualquer bacharel, ou doutor de borla e capelo.

Donde teria vindo essa alcunha de Chico Padre? Diziam ( palavra que não afirma e nem nega ), que o homem teria sido seminarista em Portugal. Cursara até o Seminário Maior. E isso devia ser verdade, porque possuía vasta cultura geral e profissional. Verificando que não tinha vocação para sacerdote, abandonou a batina. E meteu-se num escritório de advocacia lá na santa terra.

Sentindo-se habilitado, imigrou para o Brasil, onde sobrava serviço e faltavam advogados. Veio para São Paulo. E botou banca em Botucatu. Grande comarca que tinha sido instalada em 1860. ( segundo Hernâni Donato, a primeira sessão de júri foi realizada no dia 06 de agosto de 1860 ) Advogado estudioso, trabalhador, inteligente, venceu largamente. E fez escola. Muitos de seus antigos auxiliares, moços inteligentes, tornaram-se bons advogados. É o caso dos senhores Alberto da Rocha Lima e Agnelo Villas Bôas. Este advogado, já falecido, foi o pai de Orlando, Claudio e Leonardo, os famosos Irmãos Villas Bôas, sertanistas e indianistas, que operam nas florestas amazônicas.

O Dr. Juvenal Bonilha de Toledo, quando recém-formado em São Paulo, praticou no escritório do famoso Chico Padre. Como era da época, trabalhava em todos os ramos do Direito. E até no Direito Criminal, fazia sucesso. Não sendo orador de largos surtos de eloquência ( como Alcides Ferrari , Luiz Soares da Silveira ), conseguia brilhantes vitórias na tribuna do júri popular. Era um argumentador terrível. Um analista profundo. Que conseguia convencer o colendo Conselho de Sentença. Os réus, muitas vezes, eram absolvidos por perturbação dos sentidos dos Jurados, diziam as más línguas.

Chico Padre era de físico minguado. De estatura mediana. Muito magro e pálido, dava idéia de fraqueza, quando na verdade era um forte nas lides forenses. Parecia distraído ( diziam os venenosos que era quando convinha ). Eu o conheci em 1918, quando fui copista do 1º Tabelião e Escrivão da Comarca, o meu pai Sebastião Pinto Conceição. Chico Padre era simples no trato. Não tinha aquela pose, tipo de figura de proa, dos figurões de pergaminho e anel de grau. Era amigo da minha gente. Não só por afinidades de trabalho, mas também porque meu avô paterno, o major Antonio Pinto Nunes, era português.

Em política, Chico Padre era do PRP, partido único, repartido em facções. Amandista. Fazia parte do Diretório local. Exerceu Vereança várias vezes – de 1896 a 1899; re-eleito; depois foi Edil de 1911 a 1913. Neste ano licenciou-se e viajou para a Europa, onde permaneceu

largo tempo. Regressando, abandonou a política, por estar doente. Era o Assessor jurídico dos chefes locais. Famosos ficaram alguns recursos eleitorais, em que, nos Tribunais, ganhou eleições perdidas nas urnas.

Francisco Pinto de Gouvêa Almeida, muito moço, casou-se com uma botucatuense. Era ela a dona Suzana Dias de Castro, filha de Bentinho de Castro e de dona Alexandrina Dias de Castro, que eu conheci octogenária. Um seu cunhado, José Dias de Castro ( Nenê Dias ) foi meu tio por afinidade, pois casou-se com Maria Rita, filha do meu avô, o Capitão José Paes de Almeida. Chico Padre, que faleceu relativamente moço, em 13/06/1919, está sepultado em Botucatu. Deixou os filhos: Benedito, Francisco, Maria do Rosário e Alexandrina ( Pequetita ), esta falecida. Os demais residem em São Paulo. Benedito é cunhado do Professor Novelli.

Até hoje, decorridos cinquenta e um anos de sua morte, Chico Padre é lembrado pelos que o conheceram. Falam da sua inteligência, da competência profissional, da malícia política, de suas excentricidades : era um bom cidadão e um ótimo advogado. Por isso, na cidade, há a rua “Chico Padre”.

Dona Suzana, sua viúva, faleceu em São Paulo, no ano passado.

( Correio de Botucatu – 20/08/1970 )

## **25 - FERNANDO DO AMARAL GURGEL**

No arquivo geral da Cúria Diocesana de Botucatu, no livro número 04 à folha 29, encontra-se o assentamento do teor seguinte :- “Aos dezessete de agosto de mil oitocentos e oitenta e nove, em oratório particular, depois de feitas as diligencias do estilo, em minha presença e das testemunhas Dr. Antonio José da Costa Leite e Manoel Theodoro de Aguiar, por palavras de presente, receberam-se em matrimonio Fernando do Amaral Gurgel e Natália Augusta de Souza, filhos legítimos de: ele, de Sebastião Ignácio do Amaral Gurgel e Ana Miquelina do Amaral Barros, e ela de Floriano Rodrigues Simões e Francisca de Souza Leite. O contraente nasceu e foi batizado em Piracicaba e a contraente nesta paróquia, donde ambos são fregueses. Para constar, faço este assento. O vigário, padre Paschoal Ferrari”.

É preciso acrescentar, que ao tempo do casamento, o noivo Fernando do Amaral Gurgel ( o popular Fernandinho ), contava vinte e quatro anos de idade, pois nascera a 17/11/1864. A noiva, “Nhãnhã”, na intimidade, contava quatorze anos, nascida que fora em 07/03/1875. Naquele tempo era assim. Aos vinte anos de idade as moças já eram solteironas. . Os padrinhos eram duas figuras exponenciais do velho Botucatu. O Dr. Antonio José da Costa Leite foi o humanitário clinico que fundou a Misericórdia Botucatuense. Manoel Theodoro de Aguiar era o conhecido Manéquinho Mestre, líder do Laicato Católico, professor, e ao final de sua vida, titular do cartório do Partidor e Distribuidor da Comarca.

Fernando do Amaral Gurgel era negociante em Botucatu à época do casamento. Para efeitos comerciais simplificava o nome. Cancelou o Gurgel, ficando simplesmente Fernando do Amaral, o popular Fernandinho. Contava meu tio Nenem Bethelém antigo tabelião da Comarca, que o estabelecimento comercial de Fernandinho, para a caboclada, era a casa de Nhô Fernando.

Ainda solteirão, o moço piracicabano fundara uma fábrica de chapéus. E depois de casado, montou uma torrefação de café. Quando o cinematógrafo ( assim se falava antigamente ) apareceu no interior, ele fundou a empresa que mantinha um cinema no Pavilhão Ideal e outra no Teatro Santa Cruz ( mais tarde o queimado Espéria, na praça Emílio Peduti ). Como se vê foi pioneiro nas três atividades.

Hugo Pires, no seu apreciado livro de “Memórias de um Botucudo Engravatado” conta que Fernando do Amaral era muito amável com os rapazes da imprensa. Fornecia-lhes entradas grátis para todas as sessões dos cinemas. Até um jornalzinho manuscrito do Hugo, cuja tiragem era de cinco exemplares, era contemplado com uma permanente. Isto a título de estímulo para o jornalismo, como dizia, sorrindo o bonachão Fernandinho.

Fernando do Amaral Gurgel, descendia de velho tronco bandeirante, os Amaral Gurgel, de Itu e Piracicaba. Nesta grande família paulista havia um Sargento-Mor Bento Amaral Gurgel, natural do Rio de Janeiro, conforme se vê na “Genealogia Paulista”, de Silva Leme – 1º volume – pg. 139. Como na família do nosso Fernando havia quatro pessoas com o homônimo Bento Amaral Gurgel, é o caso de se pensar que essa nossa gente se relacionava com o famoso estudante Bento do Amaral Gurgel, que, no período colonial lutou contra os franceses que invadiram a Guanabara. O Dr. Romeu do Amaral Gurgel, filho de Fernando, que gosta desses assuntos genealógicos, está investigando o caso, que é digno de estudo.

Do casamento de Fernando com dona Nhanhã, nasceram os seguintes filhos: Julieta do Amaral Pereira Pinto, que foi casada com Leôncio Pereira Pinto, já falecido, deixando sete filhos e treze netos; o Dr. Romeu do Amaral Gurgel, casado com Maria E. Conrado do Amaral Gurgel, tem cinco filhos e dezoito netos; Bento do Amaral Gurgel, falecido, que foi casado com Violeta do Amaral Gurgel, deixando três filhos : Maria Aparecida, viúva de Cristiano Rodrigues de Campos, com dois filhos; Thereza do Amaral Teixeira, casada com Laurival Teixeira, com um filho e dois netos; Jenny do Amaral Pereira, viúva de Manoel Alves Pereira, que deixou duas filhas e três netos.

( Correio de Botucatu – 23/08/1970 )

## **26 - O DOMINGÃO**

Simplesmente Domingão. Em seu tempo, o homem mais conhecido em Botucatu e redondezas: Domingos Gonçalves de Lima. Chefe de conceituada e enorme família. Que há

mais de um século vem povoando Botucatu. Seu nome figura numa rua da Vila dos Lavradores, mas sempre como DOMINGÃO Gonçalves de Lima. E o seu vulto, justificava a alcunha.

Mineiro. De Diamantina. Da terra de Juscelino Kubitschek. Nasceu em 1829. E faleceu em Botucatu aos 21 de junho de 1916, com 87 anos de idade. Foi um verdadeiro patriarca. Muito moço, em sua terra natal, casou-se com a senhora D. Carolina de Oliveira Lopes, chegando a ter oito filhos. Tendo enviuvado, transferiu residência para Botucatu, onde grande era a “colônia” mineira. Aqui consorciou-se com a Sra. D. Gertrudes Olympia da Silveira, de cujo matrimônio teve sete filhos. Lavrador, espírito bandeirante, abriu fazendas, delas me lembrando da “Tanquinho” e “Córrego Fundo”. Tornou-se político, respeitado e prestigioso. Dono de grande eleitorado. Vinte e poucos anos antes de falecer, sofreu amputação da perna direita, em consequência de um acidente. Mesmo assim, continuou em intensas atividades, batalhando pelo progresso da terra que o recebera. Ele e seu cunhado Coronel Fonseca, foram nomes de projeção no Velho Botucatu, bem como o sobrinho Domingos Soares de Barros.

No Almanak de Botucatu, editado pelo jornalista maranhense Augusto de Magalhães ( 1920 ), a respeito de Domingão, há esta apreciação: “ Foi um dos beneméritos de Botucatu. Concorreu para os melhores progressos do lugar, como fundação do Bispado, da Casa de Misericórdia, Catedral, etc... Era dotado de grande alma e exemplaríssimo chefe de família.

Domingos Gonçalves de Lima, do seu primeiro matrimônio, com dona Carolina de Oliveira Lopes, deixou os seguintes filhos: Joaquim Leandro de Oliveira, José Gonçalves Simões, Firmino Gonçalves de Lima, Maria Gonçalves de Barros, Francisca de Oliveira Matozinho, Júlia Gonçalves de Barros e Lino Gonçalves de Oliveira.

Do seu consórcio com dona Gertrudes Olímpia da Silveira, em segundas núpcias, deixou os filhos: Eliza Soares Campanhã, casada com Adolfo Campanhã; Francisco Gonçalves de Lima; Julio Gonçalves de Lima; Sebastião Gonçalves de Lima e Antonia Gonçalves Guerra, casada com Alfredo Guerra.

Dona Olímpia, quando se casou com Domingão, já era viúva de José Joaquim de Barros, de quem houvera os seguintes filhos: José Antonio Gonçalves de Barros, Joaquim Gonçalves de Barros, Ana Olímpia de Oliveira, Maria Gonçalves de Lima, Joana Gonçalves Simões e Gertrudes Gonçalves Brandão.

Quando essa filharada ganhou idade de casar, deu-se um fato interessante. Os filhos de Domingão, do seu primeiro matrimônio, começaram a se casar com os filhos de dona Olímpia, em primeiras núpcias. Assim, vemos o seguinte: José Gonçalves Simões, casou-se com Joana Gonçalves; Firmino, casou-se com Maria Gonçalves de Lima; Maria, casou-se com Joaquim Gonçalves de Barros; Júlia, casou-se com Antonio Gonçalves de Barros; Joaquim Leandro, casou-se com Ana Olímpia de Oliveira.

Até aí não havia consangüinidade. Depois, ao que me informaram alguns descendentes de Domingão, começaram os casamentos entre tios e sobrinhos, primos com primos. Em várias

gerações, ficou uma confusão, que os Gonçalves de Lima, Gonçalves de Barros, Gonçalves Simões, Gonçalves de Oliveira, Gonçalves Guerra e outros, sentem dificuldades para explicar o parentesco.

Domingão foi mesmo um verdadeiro patriarca, pois seus descendentes, várias centenas, estão aí, atestando a vitalidade do tronco mineiro que na terra bandeirante deu árvore frondosa e frutuosa. Em outros capítulos destas evocações, aos poucos, irei falando da gente de Domingos Gonçalves de Lima, O DOMINGÃO. Para abrigar sua filharada, Domingão residia no casarão onde está a Farmácia do Lacerda e reside Primo Paganini.

( Correio de Botucatu - 30/08/1970 )

## **27 - NHÔ QUIM LEANDRO E NHÔ QUIM DE BARROS**

Hoje chegou a vez de falar de um filho e de um enteado de Domingão Gonçalves de Lima: Cel. Joaquim Leandro de Oliveira e Joaquim Gonçalves de Barros, ou melhor, Nhô Quim Leandro e Nhô Quim de Barros.

O CORONEL JOAQUIM LEANDRO DE OLIVEIRA, nasceu em Diamantina, Minas Gerais. Filho de Domingos Gonçalves de Lima e de dona Carolina de Oliveira Lopes. Bem moço se transferiu para Botucatu. Aqui, Coronel da Guarda Nacional, dedicou-se a atividades agrícolas, sendo fazendeiro de café. Militando na política, tornou-se membro do Diretório local do PRP. Foi Vereador várias vezes. E Juiz de Paz do distrito da sede por longos anos. Tem seu nome numa das ruas da cidade. Faleceu há tempo e está sepultado em Botucatu.

Casado com D. Ana Olímpia de Barros – enteado do seu pai Domingão – deixou os seguintes filhos: Joaquim Leandro Filho, Honor Leandro, Luiz Leandro, falecidos; Paulo Leandro, Maria, Carolina, Garibaldina e Alice, vivos, sendo que Maria é a única residente em Botucatu.

Joaquim Leandro de Oliveira Filho foi Diretor Regional dos Correios e Telégrafos, de Botucatu. Luiz Leandro ( o popular Lulú ), foi secretário do Instituto de Educação “Dr. Cardoso de Almeida”. Paulo Leandro, da Polícia de São Paulo, aposentou-se como secretário do Gabinete de Investigações de São Paulo, e tem um filho, o Dr. Paulo Leandro Filho, que é Delegado de Polícia na Capital. Lourival de Oliveira, filho de Honor Leandro é Bacharel em Direito, sendo Tabelião em Guarulhos.

Dona Maria de Oliveira Martins, é viúva do Professor José Martins, boníssimo cidadão e conceituado educador, que relevantes serviços prestou a Botucatu. O Professor José Martins foi adjunto do grupo “Cardoso de Almeida”. Depois, integrou os corpos docentes da Escola Normal (IECA) e Colégio Santa Marcelina, desta cidade. Autoridade em Contabilidade, lecionou na Escola Superior de Comércio e no Ginásio Diocesano. Dirigiu a secretaria da Associação Comercial de Botucatu. Elemento positivo da sociedade botucatuense, por largos anos, foi Diretor do Tiro de Guerra local. Foi meu leal companheiro de trabalho e de atividades cívicas.

Deixou oito filhos: Oscarlino, Funcionário Municipal aposentado; Dr. Euclides, Professor Universitário, que dirigiu, em período difícil, a Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu; Plínio, funcionário da Secretaria da Fazenda; Joaquim Leandro, funcionário da Faculdade Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu; José Maria, Diretor Administrativo do Instituto Zimotécnico, de Pirassununga; Celso Geraldo, aviador, Piloto da VASP; Oraida, viúva do Dr. Delduque Garcia Ribeiro; Heloísa, viúva do Sr. Jorge Barbosa de Barros. Bisnetos, trinets e tetranets completam a descendência do Cel. Joaquim Leandro de Oliveira. Na Vila Auxiliadora, há uma rua com o nome do Professor José Martins.

O Sr. JOAQUIM GONÇALVES DE BARROS, o popular Nhô Quim de Barros, foi fazendeiro e político. Exerceu a Vereança em 1918. Sempre colaborou em todas as iniciativas pró-Botucatu.

Enteado e genro de Domingão Gonçalves de Lima, de seu casamento com D. Carolina de Oliveira Barros ( falecida em 24/05/1951 ), nasceram os filhos: José, Raul, Sebastião, Vicente de Paula , todos falecidos; Maria Carolina, Maria de Lourdes, João e Renato de Oliveira Barros.

Renato de Oliveira Barros, foi Vereador e Prefeito Municipal de Botucatu; Dona Maria de Lourdes casou-se com Antonio Rangel de Torres Bandeira, pernambucano, que foi negociante na Vila dos Lavradores e depois se transferiu para o Rio de Janeiro-DF. Dos filhos do casal Bandeira, tenho Lembrança de Beraldo e Florivaldo. Este, o esportista Florí, é figura conhecida no mundo esportivo da Guanabara. O professor Beraldo, foi meu aluno na Escola Normal de Botucatu, nos idos de 1935/1937. Pertenceu a uma turma seleta, com autênticos valores.

Beraldo foi aluno brilhante. Dono de forte personalidade. Gostava de literatura. E escrevia bem. Com o pseudônimo de Bandeira Brant ( tirado do seu nome ), era colaborador assíduo dos jornais locais. Foi o primeiro escrivão e oficial do Registro Civil, da Vila dos Lavradores. Reside no Rio de Janeiro.

Vicente de Paula Barros Sobrinho, filho do falecido José Gonçalves de Barros ( Juca ), é neto de Nhô Quim de Barros, e, portanto, bisneto de Domingão, a quem já deu trinets. É funcionário da Secretaria da Fazenda.

Joaquim Gonçalves de Barros faleceu em 04 de agosto de 1962, nonagenário ( 97 anos ). Deixou bom nome como cidadão, fazendeiro e chefe de família.

( Correio de Botucatu – 03/09/1970)

## 28 - O CLÃ DE DOMINGÃO

Nestes últimos capítulos, tenho escrito algo sobre a numerosa família de Domingos Gonçalves de Lima, o Domingão. Sobre o clã desse patriarca, há muito que falar. Hoje serão apresentados mais alguns dos seus componentes.

### ANTONIO GONÇALVES DE BARROS

Filho de José Joaquim de Barros e de dona Gertrudes Olímpia da Silveira. Esta, em segundas núpcias, contraiu matrimônio com Domingão, que assim se tornou padrasto do moço Antonio Gonçalves de Barros. Este, se tornou genro de Domingão, ao se casar com Julia Carolina, sua filha do primeiro matrimônio, realizado lá em Diamantina, nas Minas Gerais. Nessas condições, Antonio Gonçalves de Barros era enteado e genro de Domingos Gonçalves de Lima.

Do casal Júlia Carolina e Antonio Gonçalves de Barros, nasceram os filhos: Romana, Leôncio, Carolina, falecidos; Bárbara, Lázara e Maria, vivas e residentes em Botucatu.

Romana foi casada com Hilarino Rodrigues, um ferroviário muito conhecido em Botucatu pelo apelido de “Bêcco”, e ora residente em Mairinque. Quando moço, Hilarino era ferrenho torcedor da A.A. Botucatuense. Brigava por causa da Veterana. Muito boêmio, era um companheiro nas excursões e noitadas alegres. Dona Bárbara, viúva de Júlio Gonçalves de Barros, reside em Botucatu, sendo sogra do nosso colaborador nestas pesquisas, Sr. Oscarlino Martins, funcionário aposentado da Prefeitura Municipal. Carolina foi casada com o falecido Chiquinho Batista de Almeida, sendo que seus filhos residem em Botucatu. Maria foi casada com Pedro Pardo, também falecido. Lázara, casada em primeiras núpcias com Caetano Biancofone de Fiore e em segundas núpcias com Antonio Papa, também falecido e reside nesta cidade. Leôncio de Barros, que foi Administrador do Matadouro Municipal, faleceu há pouco tempo. Foi casado três vezes só deixando filhos do primeiro matrimônio com dona Josefa Guerreiro, a saber: Joer, Jonas, Júlia, Jarbas, Dulce, Dirce e Maria José. Em terceiras núpcias foi casado com sua prima Noemi Gonçalves Simões, residente em Botucatu.

### JOSÉ GONÇALVES SIMÕES

Filho de Domingos Gonçalves de Lima e Dona Carolina Oliveira Lopes. Nasceu em 1866. Faleceu em 1933. Casou-se com Joana Gonçalves Simões, enteada de seu pai, Domingão, que, em segundas núpcias havia se casado com a viúva de José Joaquim de Barros, a Sra. Gertrudes Olímpia da Silveira.

José Gonçalves Simões, o único da família a usar o sobrenome Simões, foi agricultor. Funcionário Municipal e Agente Postal, durante algum tempo foi . Na política, exerceu a Vereança algumas vezes.

Da sua grande descendência, deixou os seguintes filhos: Maria Olímpia, falecida, que foi casada com Antonio de Castro; Lázara e Paulo, falecidos em estado de solteiros; José, falecido,

que foi casado com Júlia Mattozinho Simões; João, residente em São Paulo; Abel, falecido; e Noemi, residente nesta cidade e que em primeiras núpcias foi casada com Lázaro Biazon ( falecido ), e em segundas núpcias com seu primo Leôncio de Barros, falecido no ano passado.

Dos muitos netos de José Gonçalves Simões, reside em Botucatu o Sr. Gentil de Castro, aposentado no cargo de Diretor Regional dos Correios e Telégrafos de Botucatu. É pai dos engenheiros Junior e Régis, e da professora Jane Torres de Castro.

JOSÉ ANTONIO DE BARROS

O Zéca de Barros, como era conhecido, nasceu em Botucatu. Filho de Antonio Joaquim de Barros e de dona Gertrudes Olímpia da Silveira, tornou-se enteado de Domingos Gonçalves de Lima, quando a senhora sua mãe, ficando viúva, casou-se, em segundas núpcias, com Domingão. Zéca de Barros casou-se com dona Maria Vitória Martins, da antiga família Martins ( que deu nome ao Porto Martins, no rio Tietê ).

Zéca de Barros era fazendeiro. Ao falecer aos 56 anos de idade, deixou os seguintes filhos: Ana, casada com Mário Pires ( irmão do humorista e escritor Cornélio Pires ), já falecido; Maria, casada com Domingos Garcia; Otoni, falecido; Laudelino, agricultor, residente em Botucatu; José Martins de Barros ( BEM ), fazendeiro, residente em Botucatu. BEM de Barros, casado com Maria França de Barros, tem os seguintes filhos: prof. Álvaro, Diretor do Colégio Industrial de Campinas, onde também é Orientador Educacional; Professora Maria José, casada com o Professor Waldemar Sartori, Orientador do Colégio Industrial de Botucatu; Professora Terezinha, casada com o Sr. Odracil Rodrigues; Professora Vera Lúcia, casada com o bancário Moacir Fontes; José, funcionário do Colégio Industrial de Botucatu; e Dorival, ferroviário.

O Sr. Olavo de Barros Garcia, neto de José Antonio de Barros, funcionário da Secretária da Fazenda, sendo exator em Pardinho. O professor Álvaro França de Barros e sua esposa Professora Ondina, foram meus afilhados de formatura, quando colaram grau na Escola Normal de Botucatu (hoje IECA).

( Correio de Botucatu -10/09/1970 )

## **29 - MAIS GENTE DE DOMINGÃO**

Este capítulo é dedicado aos filhos de Domingos Gonçalves de Lima com dona Gertrudes Olímpia da Silveira ( Nha Tudinha ) : Elisa, Francisco, Júlio, Sebastião e Antonia.

Eliza Soares Campanhã, casou-se com Adolfo Soares Campanhã, gente de Jaú e Bocaina. Nenhum descendente reside em Botucatu. Nos meus tempos de Escola Normal, tive uma colega—Thercilia Campanhã. De Francisco Gonçalves de Lima, não tenho informações a seu respeito.

Júlio Gonçalves de Lima, reside em Dois Córregos. É o ÚNICO FILHO vivo de Domingão. Foi Agente Postal em Botucatu, e funcionário da nossa Municipalidade. É casado com a Professora Olindina Pires de Lima, minha contemporânea na Escola Normal de Botucatu.

Sebastião Gonçalves de Lima, o popular Tião, já é falecido. Morreu em estado de solteiro, há já algum tempo.

Antonia Gonçalves de Lima, a caçula da filharada de Domingão, casou-se com um Gonçalves, que não era seu parente. Era Gonçalves de outra estirpe. Dona Antonia consorciou-se com Alfredo Gonçalves Guerra, ferroviário, que integrava uma família de ferroviários, desde os tempos da chegada da Sorocabana. Seus sogros foram o português Pedro Gonçalves Guerra ( de Traz os Montes ) e dona Belmira do Espírito Santo, natural de Sorocaba. Dos vários filhos de Pedro Guerra, os de nomes Manoel e Antonio, foram meus colegas de classe, no grupo escolar "Dr. Cardoso de Almeida".

A caçula Antonia e seu esposo Alfredo, já são falecidos. Alfredo faleceu em 1940, aos 51 anos. Sua viúva, em 1948, aos 53 anos. O casal deixou os seguintes filhos: Maria de Lourdes, falecida, que foi Professora da Escola da Igreja Presbiteriana de Botucatu; Nelson ,ferroviário aposentado, residente em Botucatu; Getulio, ferroviário,falecido em 30/06/1970; Lázaro e William,bancários,residentes em Botucatu; Jayro, Operador de Raio X, residente em São Paulo; Pedro Gonçalves Guerra, funcionário da Secretaria da Fazenda, residente em Sorocaba.

Nelson Guerra, casado com dona Valéria Del Pilar, tem os seguintes filhos: Wladimir, Diógenes, Neusa, Dalva e Sônia, todos residentes em Botucatu; Getúlio Gonçalves Guerra, foi casado com dona Maria José Bicudo Guerra, tendo deixado a filha Eliane, residente em Botucatu. Lázaro Gonçalves Guerra, casado com dona Laura Coelho Guerra, tem os filhos Alfredo Augusto, Carlos Eduardo e Laura Sílvia, todos residentes em Botucatu. O bancário William Gonçalves Guerra, é casado com dona Ilsa Bokerman e tem os filhos Helena de Lurdes, Henrique Alfredo, William Roberto e Regina Célia,todos residentes nesta cidade e netos do meu amigo Henrique Bokerman, Construtor e companheiro de trabalho nas obras do túnel grande na Sorocabana, de cujos trabalhadores eu era médico.

Pedro Gonçalves Guerra, é solteiro. Ou melhor, é solteirão. Esportista. Foi Presidente do Esporte Clube Centenário, agremiação que cuidava de pedestrianismo, ao tempo do falecido Palmiro Biazon. Além disso, dirigiu o Departamento de Futebol de Salão da Comissão Municipal de Esportes. Militando em política, Pedro Gonçalves Guerra elegeu-se Vereador à Câmara Municipal servindo na legislatura de 1964 a 1969. Tendo sido transferido para Sorocaba ( como funcionário que era da Delegacia Regional de Fazenda do Estado de São Paulo, extinta há pouco ), deixou a política.

Os irmãos Manoel e Antonio Gonçalves Guerra, cunhados de dona Antonia, meus ex-colegas da escola primária, ainda são vivos. Manoel reside em Mairinque, como ferroviário aposentado. Antonio reside em Avaré. É casado com uma filha do falecido Gregório Fazzio, Funcionário Postal aposentado, tem uma torrefação de café, naquela cidade.

Como os leitores observaram, a descendência de Domingão foi enorme: vinte filhos, mais de uma centena de netos, bisnetos sem conta, e mais trinetos e tetranetos. Gente que foi se misturando aos descendentes de outras numerosas famílias do Velho Botucatu. A minha família, Paes de Almeida, parecia não ter ligações com a gente de Domingão. Entretanto, nestas pesquisas, descobri que um tetraneto do velho mineiro, o Jarbinhas Martins de Barros ( trineto de Joaquim Leandro de Oliveira, bisneto de Maria de Oliveira Martins, neto de Heloisa Martins de Barros e filho de Jarbas Barbosa Martins de Barros ) é meu primo distante.

Jarbinhas é filho de Maria Helena de Mello Martins, é neto de Nair Paes de Mello Martins, bisnetode Malvina Paes de Mello, e trineto do Capitão José Paes de Almeida, que é meu avô pelo lado materno.

( Correio de Botucatu – 13/09/1970 )

### **30 - DOMINGOS SOARES DE BARROS**

A placa “Domingos Soares de Barros”, naquela rua paralela à rua Dr. Costa Leite, na parte alta da cidade, é uma homenagem a um grande vulto do Velho Botucatu. Cidadão que se destacou como homem público e na sua vida particular. Era sobrinho de Domingão.

Conversando, há dias, com o Sr. Turíbio Vaz de Almeida ( talvez o mais antigo morador de Botucatu ), contou-me ele coisas interessantes sobre Domingos Soares de Barros, que conheceu pessoalmente. É um desconhecido da atual geração, mas que foi, sem favor nenhum, grande benemérito de nossa terra. Seu nome, apesar de figurar numa rua da cidade, não tem tido o realce que merece pelo acervo de serviços prestados à comunidade botucatuense.

Domingos Soares de Barros não era botucatuense nato, mas o era de coração. Quando aqui chegou, em 1860, mais ou menos, vinha de São Manuel, onde fora grande fazendeiro, juntamente com seus irmãos. Veio com fama de “Podre de Rico”. Tinha vendido o latifúndio que era a FAZENDA SOBRADO. Sua residência era num prédio que foi demolido, onde se ergue o sobrado da família Peduti, em frente ao BOSQUE. Solteirão, celibatário empedernido, trouxe para servi-lo um casal de escravos – Caetano e Marina –fidelíssimos. Gostava de passear a cavalo, possuindo ótimos animais.

Protestante, crente de fato, tudo fazia para difundir sua religião. Tornou-se um dos esteios da Igreja Presbiteriana, fundada em 01/08/1885, e da qual foi fundador e primeiro pastor, o Reverendo João Ribeiro Braga, que, também foi, o primeiro Intendente ou Prefeito Municipal de Botucatu – República. Para a formação do patrimônio da Igreja recém-fundada, doou parte dos seus bens. À Misericórdia Botucatuense, destinou alguns prédios, localizados nas ruas centrais. Esses prédios foram vendidos e o dinheiro apurado foi empregado nas obras do Hospital.

Domingos Soares de Barros era político. Em 1864/1865 foi Vereador à Câmara Municipal. Republicano histórico, desde sua mocidade; tomou parte na grande CONVENÇÃO DE ITU, em 18/04/1873, batalhando pela implantação do regime republicano no Brasil. Domingos Soares de Barros, José Rodrigues César e Bernardo Augusto Rodrigues da Silva ( bisavô do Dr. Rivaldo Assis Cintra ), compunham a representação botucatuense ao conclave.

Domingos Soares de Barros, sem ter tido grande instrução, era um homem inteligente e de visão. Espírito arrojado e progressista. Com idéias avançadas para a época. Preocupado com a melhoria das condições dos seus semelhantes, não se limitava a atos de filantropia e religião. Ia mais longe.

Observando a deficiência educacional da cidade, com carência absoluta de ensino médio e superior, o que ocasionava o êxodo da mocidade para a Capital, Campinas, Itu e outras cidades adiantadas, tomou uma resolução arrojada: - Instalar aqui um colégio, com métodos modernos, possibilitando o preparo de ricos e pobres, para ingresso nas escolas superiores, o que só era possível, então, aos filhinhos de papai.

Bem assessorado, Domingos Soares de Barros trouxe para Botucatu um notável professor alemão, Constantino Carlos Knuppel, que imigrado ( não conheço as razões ), vivia no sul do Brasil. O Prof Knuppel, na Alemanha, tinha sido mestre de Bismark, o famoso chanceler do REICH. Apesar da distância e dos acontecimentos, conservou-se inalterada a amizade entre o professor e o discípulo célebre. Consta que na velhice, doente e empobrecido, Knuppel recebia uma pensão do governo alemão. Knuppel, falecido, repousa no cemitério botucatuense.

O Colégio começou a funcionar em fevereiro de 1881, instalado em prédio de Domingos Soares. Mas houve um desentendimento entre Domingos e o Professor. Este era materialista e aquele era mui religioso, crente mesmo. Barros exigiu que Knuppel se filiasse aos presbiterianos. O alemão resistiu e o protestante não teve dúvidas e nem meias-medidas: despejou professor e escola de seu prédio, arranjou-se como pode (conta Hernâni Donato ) e com professores leigos, intransigente em matéria de religião e ensino, tocou o colégio para frente.

Em 1869, Domingos Soares de Barros, doou terras para aumentar o patrimônio da Vila de Sant'Anna. Ao falecer, em 22/12/1890, foi sepultado no cemitério local. Seu túmulo simples, foi levantado pelos amigos e consta de um tronco de árvore ( em pedra ), decepado ao meio e com a seguinte inscrição: - "Gratidão da Igreja Presbiteriana de Botucatu. De hoje em diante, diz Espírito, que descansem dos seus trabalhos, porque as obras deles os seguem. Apoc. XIV-13".

Domingos Soares de Barros, tinha um sobrinho chamado Domingos de Barros, apelidado Domingos Mole. A semelhança de nomes, por vezes ocasionava confusão. Contam um episódio cômico ocorrido com o Domingos Mole: - "O homem não tinha barba e nem bigodes, glabro que era. E isso o incomodava e aborrecia. Certo dia, com uma dor de dentes furiosa, o rosto

inchado, estava o homem à janela de sua casa, na rua Curuzu. Com a cabeça envolta por um chalé, parecia uma velha à janela. Um homem da roça aproximou-se e olhando-o, perguntou : - Onde é que mora Domingos Mole? O nosso homem se enfureceu e respondeu :- “ Olhe seu malcriado, Domingos Mole é a avó. Tenha respeito! Então o caboclo retrucou: - Dona, não precisa ficar braba. A senhora me desculpe, eu não sabia que era mãe dele.

Domingos Mole, subiu a serra e berrou:- “ Senhora é a . . . ( e soltou o maior palavrão da língua portuguesa ). Eu sou homem! Macho toda a vida! Se quiser experimentar desça e venha aqui!!!

( Correio de Botucatu– 17/09/1970 )

### **31 - O CLÃ DOS VILLAS BÔAS**

No principio do século 19, alguns portugueses, os Villas Bôas, se instalaram no sul de Minas Gerais. Mais propriamente em Santa Rita do Sapucaí. Esses lusitanos se entrosaram com famílias locais. E surgiram então Renós, Moreiras, Villas Bôas, família com grande projeção, havendo até um Presidente da República, Delfim Moreira, que era dessas famílias.

No último quartel do século 19, os Villas Bôas se transferiram para São Paulo. Vieram formar lavouras de café. A onda verde se espraiava para as terras roxas na sua marcha para o oeste. Alguns foram para Espírito Santo do Pinhal e outros para Itapira, municípios lindeiros com Minas.

Em 1887, o grupo de Itapira veio para Botucatu, onde se formavam grandes fazendas. Os Victoriano Villas Bôas, mineiros dos bons, botaram suas famílias em carros de bois e a cavalo e a pé, tocaram-se para cá. Gastaram quase um mês de viagem. Dormiam em barracas. Comiam paçoca, virados, carnes defumadas e o feijão de tropeiro, que preparavam nos pousos e paradas à beira d'água. Puro bandeirismo. Começa, então, uma vida nova para essa gente.

FRANCISCO VICTORIANO VILLAS BÔAS, nascido em 1849, na cidade Santa Rita do Sapucaí, quando na terra natal, casou-se com a prima Maria Celestina Villas Bôas. Desse casamento, nasceram em Minas Gerais, os já falecidos Maria Lucinda, João e Victoriano Freire. Em Botucatu, veio a luz, o José de Almeida Villas Bôas ( o único que assina Almeida ), nascido em 1888, na fazenda Sant'Anna, que os mineiros adquiriram logo que aqui chegaram.

José de Almeida Villas Bôas, que reside em Botucatu ( rua Dr. Costa Leite ), nos seus 82 anos de idade, conta coisas interessantes daquele tempo. A fazenda Sant'Anna era de propriedade dos irmãos Francisco, José Victoriano e Joaquim Villas Bôas. Com o tempo a sociedade foi dissolvida. Em 1896, Francisco Victoriano foi para Itatinga, onde adquiriu a fazenda Bocaina. O Almeida criou-se na vizinha São João de Itatinga. Lá passou a maior parte de sua vida. Prosperando comprou a fazenda Maravilha, ainda de sua propriedade.

José de Almeida Villas Bôas consorciou-se com da. Erasmia de Toledo, da tradicional família itatinguense, e já falecida. Do casamento nasceram os filhos: Maria Celestina; Profa. Maria do Carmo, casada com Pedro Gobetti; Profa. Maria de Lurdes, casada com Jayme Ferrari; Maria Lucinda; José Francisco, casado com da. Thereza Domingues; João Freire, casado com da. Maria de Lurdes Francisco; e Profa. Tereza, casada com Antonio Gonçalves. Muitos netos aumentam o clã dos Villas Bôas.

Viúvo, por morte de da. Maria Celestina, em segundas núpcias Francisco Victoriano casou-se com da. Anna da Silveira, havendo desse casamento o filho Dr. Joaquim Benedito Villas Bôas ( Quinzinho ), médico, que residiu em São Paulo. Dr. Quinzinho faleceu moço. E deixou um filho, também Joaquim e médico. Pediatra conceituado na Capital. Com bastante idade, o velho Francisco Victoriano faleceu em São Paulo, onde foi sepultado.

Almeida Villas Bôas conta que seus irmãos Victoriano e João Freire Villas Bôas, farmacêuticos diplomados pela tradicional Escola de Ouro Preto, MG, foram estabelecidos em Botucatu. Eram donos da Pharmacia Central, que funcionava no prédio onde está a Comipla, na rua Amando de Barros. Posteriormente a farmácia foi vendida ao Dr. Antonio Delmanto, na época farmacêutico. João Freire foi para o Rio de Janeiro. Lá teve farmácia e lá faleceu, em estado de solteiro.

Victoriano Freire ( o Vitu ), falecido há tempo, foi casado com da. Djanira Martins Villas Bôas, filha do Coronel Theófilo Martins, que foi dono da Fazenda Monte Selvagem. Dona Djanira faleceu há pouco tempo, em Guaratinguetá, em casa de sua filha Celeste, deixando outros filhos, entre eles Lêda, alta funcionária da Assembléia Legislativa de São Paulo.

VICTORIANO VILLAS BÔAS, o Vitóca, era irmão de Francisco, José Victoriano e Joaquim V. Villas Bôas. Fazendeiro, parece-me que foi dono da Fazenda Córrego Fundo e da atual Chácara do Serra. Casado com da. Maria Cândida Pereira, ambos falecidos, deixaram os filhos: Dr. Sebastião, advogado e Vereador em duas legislaturas; Baptistina; Profa. Maria Benedicta (Nica) , casada com o Prof. Benedicto Cintra Pereira, residentes em São Paulo. O Dr. Sebastião Villas Bôas, falecido, solteiro, tem uma rua com seu nome num dos bairros da cidade. O professor Benedicto Cintra Pereira, foi meu colega de turma (1919), na Escola Normal de Botucatu. Acaba de se aposentar como alto funcionário do Banco Comercial do Estado de São Paulo.

( Correio de Botucatu – 24/09/1970 )

### **32 - CORONEL JOSÉ VICTORIANO VILLAS BÔAS**

José Victoriano Villas Bôas e seu irmão, no ano de 1887, vieram para Botucatu, vindos de Itapira. José Victoriano que nasceu em Santa Rita do Sapucaí, Minas Gerais, em 1852. Já em

1888, em sociedade com seus irmãos Francisco e Joaquim Victoriano, era dono da Fazenda Sant'Anna, até agora em poder se seus herdeiros.

O moço mineiro, pela sua personalidade e formação, pela sua atuação na vida pública, valor positivo da sociedade, tornou-se figura de destaque em Botucatu. Seu nome, pelos relevantes serviços prestados à coletividade, figura numa rua central da cidade.

Foi lavrador a vida toda. Integrando-se na política, elegeu-se Vereador na Legislatura de 1905 a 1907. Mas o melhor da sua vida foi dado à assistência dos desvalidos da fortuna. Colaborador eficiente do Dr. Costa Leite, foi Presidente da Misericórdia Botucatuense por mais de vinte anos. Era daquele punhado de homens beneméritos, como Henrique Reis, Francisco Botti, Veiga Russo, Domingos Soares de Barros, Amando de Barros, Floriano Simões e outros, que sustentavam o Hospital. Por isso, seu retrato figura na galeria de benfeitores daquele nosocômio. Foi, também, um dos esteios da criação e manutenção do Asilo da Mendicidade, que ampara a velhice doente e pobre.

Católico praticante, integrou a Comissão que em 1904 foi organizada para a criação do Bispado de Botucatu. Aspiração concretizada em 1908, pela bula pontifícia de 7 de junho daquele ano, teve como primeiro Bispo Dom Lúcio Antunes de Souza, nomeado em 20 de outubro do mesmo ano.

O Coronel José Victoriano Villas Bôas era muito amigo do Padre Euclides Carneiro, Vigário e Cura da Sé. Em 1925, Padre Euclides se desentendeu com o Bispo Diocesano de então, Dom Carlos Duarte Costa. E este, removeu-o para uma paróquia distante. Padre Euclides (o fundador do Asilo de Mendicidade e apóstolo da pobreza), era idolatrado em Botucatu. E sua anunciada retirada causou tristeza na cidade. José Victoriano e outros vultos de projeção, organizaram comissões, movimentaram associações, imprensa, etc... para obter do Sr. BISPO, a reconsideração de seu ato. Nada. Então houve uma grande manifestação popular. Milhares de pessoas foram ao Palácio São José, pedir a permanência do Padre Euclides no Curato da Sé. O largo fronteiro à residência episcopal, ficou completamente lotado. Dr. Sylvio Galvão, em patético discurso, pediu “pelo amor de Deus que não removessem o Padre”. Dom Carlos Duarte Costa, durão e turrão, respondeu:- “ Não pode ser. Padre Euclides deve obediência. E vai para Piraju”.

Um silêncio profundo seguiu-se à decisão do Bispo. Nisto estruge tremenda vaia. Acachapante. Grande desacato ao prelado ( muito moço ), que tombou na antipatia do povo. Quase houve violência contra o ORDINÁRIO ( revisor, eu escrevi com maiúsculas ), que só não se concretizou porque o Coronel José Victoriano, o Dr. Sylvio Galvão, o Professor Celso Dias e outros cidadãos respeitáveis, a isso se opuseram. Dois tipos populares, o Dito Tango e o Pé Branco, deram bananas a sua Excelência. Foi um escândalo. Dom Carlos tantas fez, que acabou sendo desligado da Igreja Romana. Com o titulo de Bispo de Maura ( titular ), fundou a Igreja Católica Brasileira. Faleceu há alguns anos, octogenário. Padre Euclides já morreu, corporalmente. Mas seu nome vive no coração do povo. E o asilo se chama “Padre Euclides”.

O Cel. José Victoriano veio de Minas casado com sua prima da. Ana Celestina Villas Bôas. Faleceu em 1932, aos oitenta anos de idade, deixando os filhos: Dr. José Freire Villas Bôas, Leôncio, Francisco, Lucinda, Vitorinha e Iracema, todos falecidos; e mais Jandiro Villas Bôas, que é vivo e reside em Botucatu.

Leôncio Villas Bôas, farmacêutico e lavrador, foi casado com Nhazinha Morato, falecida, e deixou os filhos : Danton, funcionário do Banco do Brasil; Newton, Contador; Clauton, professores Milton e Dalton, falecidos. Leôncio, esportista, presidiu a A.A.Botucatuense por largos anos. Na Vila Rodrigues há uma rua com seu nome.

Dr. José Freire Villas Bôas, advogado e fazendeiro, falecido. Foi casado com Alice Pinheiro Machado Villas Bôas, recentemente falecida. São seus filhos: Professora Maria Miguel Villas Bôas e Professora Maria Lúcia Villas Bôas, esta casada com o Professor Dr. Ignácio de Loyola Vieira Novelli. O Dr. Juquinha, como era familiarmente conhecido, boníssima criatura, foi militante no Foro local, onde também, foi Oficial do Cartório de Registro de Hipotecas e Imóveis". No Bairro Alto há uma rua com o seu nome. O casal Professor Dr. Ignácio de Loyola Vieira Novelli e Professora Maria Lúcia Villas Bôas Novelli tiveram o filho Dr. José Luiz Villas Bôas Novelli.

Jandiro Villas Bôas, lavrador, reside em Botucatu. Casado com a Professora Dna. Carolina de Mello Villas Bôas, tem dois filhos: José Carlos Mello Villas Bôas e Antonio Carlos Villas Bôas, aquele funcionário da Secretaria da Fazenda, e este Lavrador. Jandiro, durante anos foi Secretario da Escola Normal de Botucatu. É o único filho, remanescente do casal José Victoriano-Siá Anica, esta falecida há muitos anos.

( Correio de Botucatu - 01/10/1970 )

### **33 - O CLÃ DOS VILLAS BÔAS**

(Continuação)

JOAQUIM VILLAS BÔAS, o Quinzote, era mineiro. De Santa Rita do Sapucaí, como seus irmãos. Foi casado com Maria Ignácia Celestina. Desse casamento nasceu um único filho, o José Ignácio Villas Bôas.

Quinzote chegando a Botucatu, associou-se aos irmãos Francisco e José Victoriano, e compraram a Fazenda Sant'Anna, até agora em poder dos herdeiros dos Villas Bôas. No fim da vida, Quinzote resolveu fazer uma viagem a Portugal. Para conhecer a terra dos seus ancestrais. Foi para o Minho, onde comprou uma Quinta. E lá faleceu e foi sepultado.

Quando o vigário da paróquia comunicou o acontecido à família que ficara no Brasil, José Ignácio resolveu doar a propriedade para a freguesia da localidade.

José Ignácio sempre foi lavrador. Muito estimado em Botucatu. Faleceu em São Paulo, não há muito tempo, aos 92 anos de idade. Do seu casamento com dona Eponina Nogueira Villas Bôas, deixou os filhos: Maria Aparecida, casada com o agrônomo Dr. Simões; Inácinha, casada com o Paulo Marcondes; Sônia, casada com o Sr. Canáli; Maria José, casada com Lázaro Villas Bôas; Benedito (Benê), casado com da. Hilda Mazzoni; José Ignácio Filho, casado com a professora Diva Mário.

ANTONIO VICTORIANO VILLAS BÔAS, mais conhecido por Totône, era o mais velho dos Villas Bôas que vieram para São Paulo. Integrou o grupo que foi para a cidade de Espírito Santo do Pinhal, onde faleceu. Uma das suas filhas, Maria Antonia Villas Bôas ( Mariquinha ), vivia em companhia de da. Lucinda Villas Bôas, aqui em Botucatu.

Totône, além da Fazenda de Pinhal, possuiu em Botucatu, a Fazenda São João, que acabou ficando para o falecido Lúcio Motta, hoje dos seus herdeiros. Totône foi dono, também, em São Manuel da grande fazenda Santa Maria, agora propriedade da família Melão.

## PAPANHÔ

Figura interessante, foi Antonio José Villas Bôas, mais conhecido por PAPANHÔ ( nome que os escravos lhe davam ). Foi o tronco inicial dos Villas Bôas botucatuenses. Era tio e sogro de Francisco, José Victoriano e Quinzote Villas Bôas. Faleceu em avançada idade. PapanhÔ foi casado duas vezes. Do seu 1º casamento, em Minas Gerais, nasceram as filhas Maria Celestina, Ana Celestina e Maria Ignácia Celestina, que se casaram com os irmãos Francisco, José Victoriano e Quinzote Villas Bôas, respectivamente. Foi pai, também, de Victoria, que se casou com Eduardo Peixoto, e Mariana que se casou com Mário Trench. Do casamento, em segundas núpcias, com da. Ana Ignácia Prestes ( gente de Itapetininga ), nasceram os filhos: João, Mário, Antonio, Ozório, Jayme e Arlinda Prestes Villas Bôas.

João Prestes, foi casado com da. Laura Meira, sendo ambos falecidos. João Prestes foi industrial e negociante. Durante alguns anos, foi presidente da A.A. Botucatuense. Deixou vários filhos, sendo que apenas uma filha reside em Botucatu, dona Lindomar Villas Bôas Pescatori.

Mário Prestes reside em São Paulo. É casado com da. Anita Gianoni, de família itatinguense. O Dr. Ozório Prestes Villas Bôas, cirurgião dentista, falecido, foi casado com da. Mercedes Gianoni, esta residente em São Paulo.

Jayme P. Villas Bôas, é meu vizinho. Foi meu colega na Escola Normal de Botucatu. Foi casado, em primeiras núpcias, com da. Jovira Castanho, de quem houve os filhos Jayme e Joira. Enviuvando, em segundas núpcias, casou-se com da. Irene Rocha Villas Bôas. Dona Arlinda Villas Bôas, filha do PapanhÔ, gente de Minas Gerais, casou-se com Agnello Villas Bôas, gente dos Villas Bôas paulistas, com os quais não tinha nenhum parentesco. Pelo casamento, dona Arlinda constituiu-se no traço de união entre Villas Bôas oriundos de Minas e de São Paulo.

Agnello Villas Bôas, advogado, foi discípulo do famoso Chico Padre. Também foi tabelião do 1º Ofício, da Comarca de Botucatu, e quando se mudou para São Paulo, Sebastião Pinto Conceição, meu pai, é que foi seu sucessor. Agnello e da. Arlinda, já são falecidos. Deixaram os seguintes filhos: Orlando, Leonardo, Cláudio( este falecido ) e Álvaro , os famosos sertanistas Irmãos Villas Bôas, que operam na Amazônia; Erasmo,falecido; Nelson, falecido; Lurdes,casada com Prof. Ibiapaba Trench; Acrísio, casado com a professora Inaiá Trench; e Terezinha.

Os “Irmãos Villas Bôas”, sertanistas e indianistas, famosos em todo mundo, são botucatuenses. Trabalham no Parque Indígena do Xingu. Já foram agraciados com medalha de ouro, pela rainha Elizabeth da Inglaterra, pelos serviços prestados à humanidade. Orlando, o mais velho, casou-se em dezembro último, com Marina, que chefiava o serviço de enfermagem no Xingú.

Dona Victoria Villas Bôas e Eduardo Peixoto, não deixaram filhos. Mariana, outra filha de Papanhò, e seu marido Mário Trench,já falecidos, deixaram os filhos: Professores Ibiapaba, Jurandyr, Inaiá, Gê, Andiára, Djanira, Iná e Nhandjara (Quico). Jurandyr, que foi Prefeito Municipal de Botucatu, casado com a Profa. Áurea Gouveia Trench e falecido há pouco tempo, deixou os filhos Martha, universitária, e Mário Trench Neto. A professora Gê Trench é casada com Sebastião de Oliveira, residente em Piracicaba.

( Correio de Botucatu – 08/10/1970 )

### **34 - DO LOPÃO AO MOSCOGLIATO**

Barbeiros do tempo de Dante? Quais foram? Na opinião dos historiadores botucatuenses, o português Lopes ( Lopão ), no fim do século passado, já tinha barbearia na rua Curuzu. Onde por muitos anos residiu a família Moscoqliato. O homem da tesoura e da navalha teve um fim trágico. Morreu atolado no brejo do ribeirão Lavapés, nas alturas do Angelo Longo. Suicídio? Acidente? Parece que o velho português estava com as faculdades mentais alteradas.

O barbeiro Lopes, foi sogro do alfaiate Vicente Leão Sobrinho. Vicente Leão conseguiu formar todos os filhos: Mário, engenheiro, Renato, Veterinário, Milton, Médico, e Maria Aparecida, Professora. Todos eles se diplomaram professores normalistas, pela Escola Normal de Botucatu. Depois é que alçaram vôo para as universidades. O Dr. Mário Lopes Leão, que em 1969 foi considerado o “Engenheiro do Ano”, é diretor da COSIPA, grande siderurgia paulista.

Com a morte do Lopes, surgiu um Fígaro italiano, o Malafarino. Ficou com o salão Lopes e com a sua viúva, pois com ela se casou. Malafarino acabou vendendo o salão para José Musetti, que continuou no mesmo prédio. Mas não durou muito no ponto.

Em 1905, o velho José Moscoqliato, para seu filho Vicentinho ( que contava 13 anos de idade ) comprou o salão de Musetti. Por duzentos e cinquenta mil réis ( duzentos e cinquenta

cruzeiros velhos ). E ali no 896 da rua Curuzu, durante 42 anos, Vicente Moscoliato ganhou o feijão nosso de cada dia e os etc... Lá o jovem Fígaro casou-se com dona Ida Varoli. Lá nasceram Mercedes, Elda, Maria Ana, Antonio Maria e Fausto, filhos que se projetaram em vários setores da vida botucatuense, como valores positivos que são.

Vicente Moscoliato, além de barbeiro era músico. E bom artista. Exímio flautista. Criou uma escola de música, de onde saíram os flautistas Dr. Alfredo de Zagottis, Abilinho de Almeida, Hermínio de Abreu, Antonio Tavares, Camillo Pedutti, Luiz Baptistão e outros. Não só flauta o homem ensinava. Era um conservatório mirim, onde se lecionava, e bem, violino, harmônica, violoncelo e outros instrumentos. Vicente se aposentou. Deixou o bairro. E hoje aos 78 anos de idade, é um cidadão largamente estimado, em plena atividade artística, um grande e autêntico valor botucatuense.

No principio do século Matheus Avalone, italiano, mantinha um modesto salão, onde, nas horas vagas, consertava guarda-chuvas. Era barbeiro das pessoas humildes e da soldadesca que havia na cidade. Naqueles tempos, Botucatu sediava uma companhia da Força Pública. O italiano Raymundo Odorico era o Corneteiro da tropa. Daí é que lhe veio o apelido de Corneta, pelo qual atendia e chegava a assinar certos papéis. Ao dar baixa da Força Pública, o Corneta casou-se com uma viúva rica. E acabou o resto da vida, sem fazer força ganhando uns cobres como reclamista.

Matheus Avallone, deixou grande descendência. Um de seus filhos, o Nicola, mudou-se para a jovem Bauru, onde montou um salão de barbeiro na rua Batista de Carvalho, a mais importante da cidade. Um neto de Matheus Avallone, o Nicolinha, foi o ex-Deputado Nicola Avallone Junior, cassado pela Revolução.

Notável elemento da época, foi o barbeiro Domingos Dorsa. Era um moço italiano, muito simpático. Bonito mesmo. Bem falante. Na rua principal, rua Riachuelo, montou um alinhado salão. Casa de primeira classe. Impôs-se de tal maneira, que Amando de Barros, o chefe local, fê-lo Vereador, na legislatura de 1908 a 1910. Domingos Dorsa, logo após transferiu-se para São Paulo, onde terminou seus dias. Deixou boa lembrança de sua insinuante pessoa. Diziam ( palavra que não afirma nem nega ), diziam as más línguas, que o homem deixou aqui alguns mocetões e bonitas moças, que tinham sangue tipo dorsa. . .

Outros barbeiros deste século, como José Nigro, Carlos Corvino, José Nicoletti, Benedito Soares e possivelmente outros, ainda serão focalizados nestas evocações. Mas antes disso, preciso dizer mais alguma coisa sobre Vicente Moscoliato, do tempo em que ele, Augusto Panizza (violão) meu tio Tóte Paes e outros músicos, eram chorões notáveis. Que faziam moçoilas suspirarem nas serenatas em noites enluaradas. Moscoliato era da Orquestra do Clube 24 de Maio, onde eram flautistas Pedro Avelino, Vicentinho Rocha e o menino Zagottis, meu pai Sebastião Pinto Conceição; violino era Alexandre Roubaud; piano Tônico Cunha; contrabaixo era Alcides Torres, e pistão o inigualável Lazinho Camargo. Havia também, a famosa orquestra do cinema Casino. Os azes Barbuy ( violino ), Amilcar Montebugnoli (

saxofone ), Paulino Carnitti ( clarinete ), Maestro André Rocha ( rabecão ), Bepe Dal Farra ( trombone ) Moscogliato. Todos sob o mando do Luiz Cardoso, o frade pianista. E o trio de flautas \_ Mascarenhas, Amorim e Moscogliato, - acompanhado ao piano pelo Prof. Aécio? Simplesmente formidável!

( Correio de Botucatu – 11/10/1970 )

### **35 - NIGRO, GALUCHO E OUTROS BAMBAS DA NAVALHA**

Hoje vou falar sobre mais alguns bambas da navalha. Não se trata de capoeiras, azes da navalha na carne e mestres no rabo de arraia. Trata-se dos velhos fígaros do passado e do começo do corrente século, na minha terra.

José Nigro era um jovem italiano, que chegou a Botucatu em 1890. Barbeiro. Montou seu salão, nos baixos do sobradão onde era o Hotel Arêas ( hoje Hotel Glória ). Logo se casou com dona Clementina Nigro, irmã do conhecido sapateiro Francisco Grecco e tia do nosso amigo José Nicoletti. José Nigro abafou, como se diz em gíria. Seu salão tornou-se um dos maiores da cidade. E do tempo de Domingos Dorsa. Este, deixando Botucatu, se estabeleceu em São Paulo, na rua 15 de Novembro, com uma camisaria.

Naqueles velhos tempos, alguns barbeiros eram auxiliares dos médicos. Faziam sangrias. Aplicavam ventosas secas ou sarjadas. E bichas também ( sanguessugas ). E mais ainda. Extraíam dentes e abriam abscessos dentários. Daí aquele ditado : “Dói o dente? Vá ao barbeiro”. E essa coisa toda, era feita sem anestesia, e sem assepsia. Nesse tempo os ensinamentos de Pasteur só eram conhecidos pelos Drs. Costa Leite e Vital Brazil, e mais uns poucos iniciados em higiene. Usavam boticão. E na falta deste, uma chave inglesa servia. Ou um torquês também.

José Nigro, morou uns tempos na Capital. Mas voltou para Botucatu, onde faleceu aos 87 anos de idade. Deixou viúva dona Clementina Nigro e os filhos: Gregório ( falecido ), Sílvio, Orivaldo, José, Detorina e Iolanda, sendo que estas últimas não residem em Botucatu.

José Nicoletti, a crônica viva de Botucatu é agora Fígaro aposentado. Nascido em 1894 na Itália ( Calábria ), chegou ao Brasil em 1899, sendo mais brasileiro do que eu. No ano 1902, já aprendia o ofício com o tio José Nigro, com o qual trabalhou longos anos. Quando José Nigro retirou-se para São Paulo, o moço Nicoletti estabeleceu-se por conta própria. Eu me lembro do seu salão nos baixos da casa de Adolfo Dinucci, onde era a Farmácia Cruz Vermelha ( de Domingos Cariola ). Depois é que ele se mudou para a rua Cesário Alvim, em sua casa própria, onde está o gabinete dentário do Dr. Zuccari.

José Nicoletti gostava de esportes. Nos velhos tempos do Sport Club Botucatuense, fundado pelo Dr. Jones, já era torcedor e comentarista esportivo. Quando em 1918, Floriano Nunes, Laércio e João Prestes Villas Bôas, Vicente Leão, Michel Nacfur e outros esportistas,

fundaram a Associação Atlética Botucatuense, Nicoletti estava sempre ao lado dos rapazes. E foi colecionando, anais, boletins, programas, etc; formando um respeitável arquivo, base formidável para se escrever a história dos esportes em Botucatu. Além disso o homem sabe a história da gente botucatuense. Aos 76 anos de idade, muito lúcido, o estimado e popular cidadão botucatuense, é uma das minhas fontes informativas, para as estórias do Velho Botucatu. Ele e o cérebro eletrônico de Turíbio Vaz de Almeida, funcionam direitinho.

Casado com dona Gina Franceschini (filha de César Franceschini), tem os filhos: José Seraphim Nicoletti, negociante e Ex-Juiz de Paz; Ivo Nicoletti e Enid Nicoletti. Todos residentes nesta cidade.

A família Corvino é uma das mais antigas de Botucatu. Eu me lembro do velho Corvino, casado com a doceira Cristina, a popular Fresca. Tenho lembranças dos filhos, Antonio, José Carlos, Bruna, Ninucha e Carmela Corvino. Com quase noventa anos de idade, Antonio Corvino, veterano motorista, anda por aí, esbanjando bom humor e vitalidade.

Carlos Corvino, Carlucci ( o popular Galucho ), foi barbeiro. Trabalhando sempre na baixada, perto das Indústrias Bacchi. Faleceu há quatro anos, aos 74 anos de idade. Galucho, como vulgarmente, era um número. Barbeiro, jogador de futebol, pescador, contador de histórias, não ligava muito para a profissão. Nos últimos tempos vivia mais no Porto Martins, onde era uma espécie de cônsul, um faz tudo para a caboclada, para os pirangueiros que o estimavam. Lá no Porto Martins, de longe percebiam a chegada do Galucho, antes de apontar na curva da estrada. Era o barulho da lataria do seu calhambeque que denunciava a chegada do homem. Suas estórias de pescador, eram notáveis. Certa vez ele me disse :- “Peguei ontem um dourado como nunca tinha visto. Pesava vinte e sete quilos. E na boca tinha um rosário de 17 anzóis, das linhas que ele tinha cortado”. Com o Galucho aprendeu o ofício o mocinho Benedito Soares, que em 1916, já trabalhava por conta própria no Salão Soares, pegado ao Hotel Santiago, na Avenida Floriano Peixoto. Benedito Soares, casou-se com uma irmã de Galucho. E o salão, por morte de Soares, ficou para Oswaldo Corvino, sobrinho e filho de criação do casal Soares. Hoje o referido salão não mais existe. Oswaldo Corvino, mudou a barbearia para a Vila Maria, montando o Salão Corvino.

Em 1910, eu me lembro, havia um barbeiro Antonio Scataglia, vulgo “Rápido”. O homem era uma coisa louca no ofício. Enquanto um rapazinho ensaboava o rosto de um freguês, ele raspava a cara de outro. Em cinco minutos ele aprontava o cidadão. E sempre falando:- Entra, senta, não demora. Num sábado, o Rápido fazia umas 50 barbas e uns dez cabelos. E uma báita féria.

( Correio de Botucatu – 22/10/1970 )

### 36 - UM MAJOR DE “ E O VENTO LEVOU “

Enquanto a abolição da escravidão, no Brasil, se fez pacificamente, em 1888 nos Estados Unidos da América do Norte a coisa foi sangrenta. Foi feita a ferro e fogo. O Norte dos States era abolicionista e o Sul era escravocrata. Houve então a Guerra da Secessão, que ensangüentou aquele país durante cinco anos ( 1860/1865 ).

A tremenda guerra teve início com o assassinato do Presidente A. Lincoln, por um fanático. Na luta entre nortistas ( iankees ) e sulistas ( confederados ) morreu gente a valer. E ao final, quando o General Robert Eduard Lee, Comandante dos Exércitos do Sul, pediu a paz, um ódio mortal ficou entre os combatentes da guerra civil. Muitas famílias sulistas, não se conformando com a situação, imigraram para o Brasil.

No Estado de São Paulo, os maiores números de imigrados se localizaram em Vila Americana e Santa Bárbara do Oeste. Em Botucatu, também se localizaram algumas famílias dos Confederados. Gente do Alabama e da Geórgia. Os Jones, Norris, Muller, Burton, Meriwether e outros, aqui fizeram parada. Em 1890, os americanos já andavam nestas paragens.

O Major Meriwether, que foi personagem real do filme “ E O Vento Levou”, foi fazendeiro em Botucatu. Aqui residiu durante muitos anos. Tomava parte ativa na vida política e social da cidadezinha. Ele residia na rua atualmente denominada Velho Cardoso, onde se situa a residência do Sr. Jayme Villas Bôas. O Major foi dono de uma serraria na beira do rio Capivara, lá p’ras bandas da fazenda Indiana.

O Major Meriwether faleceu na Capital do Estado. Deixou os seguintes filhos: Daniel, Roberto, José e Guilherme. Este, foi Juiz de Paz e Delegado de Polícia, mesmo não sendo brasileiro.

O jovem Daniel Meriwether, casou-se em Botucatu, com uma professora da Escola Americana, recém fundada. Era ela dona Luiza, uma portuguesa muito bonita, que na Escola era a única mestra que falava o nosso idioma. Desse casamento, resultaram vários filhos. No cemitério local, logo à entrada, há um túmulo rústico ( um monte de pedras, sobre o qual há um livro com a seguinte inscrição : To the memory of LEE ROBERT MILTON, beloved son of Daniel M.& Louise B. Meriwether. Born 19 th junho 1895 – Died 14 the november 1895 – Deixai vir a mim os pequeninos. Marcos, 10-14”) A tradução desse inglês é a seguinte: “ Em memória de Lee Milton, amado filho de Daniel M. e Louise B. Meriwether, nascido em 19 de junho de 1895 e falecido em 14 de novembro de 1895.” Como se vê, o anjinho recebera o nome Lee, em homenagem ao infeliz comandante das tropas do Sul.

Pela leitura do trecho acima, conclui-se que o Major e família eram protestantes. Meu tio João Bethém Moreira ( Nenê Moreira ), que foi Escrivão e Tabelião durante vários decênios, contava que o Major trabalhava como Agrimensor ( medindo terras nas fazendas que se abriam ). E, com a sua defectível Bíblia, dirigia cultos evangélicos da família e patrícios. O

nosso Turíbio Vaz de Almeida, contemporâneo dos fatos, diz que em 1893 já andava por aqui o Missionário LANDES ( Presbiteriano ) e que ele Turíbio, frequentava suas aulas dominicais.

Desse tempo, 1893, foi a criação da Escola Americana, onde apareciam as misses Nanie, Dascombes, Louise e mais tarde, a famosa Miss Brow. Esta, alcançou tamanha projeção no ensino público paulista, que seu nome é patrono de tradicional estabelecimento de ensino da Capital, o Grupo Escolar "Miss Brow".

Com a retirada das educadoras norte-americanas, assumiu a direção da Escola a Professora dona Alexandrina Braga, esposa do Reverendo Carvalho Braga, pai dos renomados educadores Erasmo Braga e irmãos. Posteriormente, o estabelecimento tomou o nome de Escola Botucatuense, que eu alcancei quando era dirigida pelo reverendo Coriolano de Assumpção.

A presença dos norte-americanos em Botucatu, contribuiu bastante para modificar a fisionomia da cidade. Na religião, no ensino, na produção, essa influência se notava, e, também, nos esportes, como contarei no próximo capítulo.

( Correio de Botucatu – 24/10/1970 )

### **37 - DOUTOR JONES E OUTROS AMERICANOS**

Como consequência da Guerra da Secessão, alguns americanos do Norte imigraram para Botucatu. Eram eles os Meriwether, Muller, Jones, Norris, Burton e outros.

O Dr. Leonardo Yancey Jones, o primeiro dentista formado que trabalhou em Botucatu, nasceu em Alabama (USA) em 1872. Em 1896 já estava na terra dos bons ares. Em 26 de novembro desse ano, casou-se com dona Júlia Norris, uma americana de Santa Bárbara do Oeste, onde nascera em 1878.

Nos primeiros anos de Brasil, Dr. Jones trabalhava com o auxílio de um intérprete, o que causava grande espanto à gente simples da terra, criando situações engraçadas.

O casal Jones era muito querido em Botucatu. Dona Júlia e Leonardo estavam sempre dispostos a colaborar em todos os setores da vida incipiente da cidadezinha. Mas o Dr. Jones teve um outro merecimento. Foi ele quem introduziu o futebol em Botucatu. Fundou o Esporte Clube Botucatuense (SCB), cujo campo era onde se situa a nossa imponente Catedral. O primeiro encontro intermunicipal de futebol, deu-se no dia 12 de outubro de 1905, quando o quadro local obteve retumbante vitória ao derrotar o clube de Avaré.

O casal Jones teve quatro filhos botucatuenses: Leonardo, engenheiro e fazendeiro, residente em Lucélia; Martha, residente em Barkleij, na Califórnia; Julieta e Dr. Cícero, residente em São Paulo. O Dr. Cícero foi um pioneiro do rádio no Brasil. O Dr. Jones faleceu em São Paulo,

em 11 de novembro de 1928, com 56 anos apenas. Sua viúva dona Júlia Norris Jones, faleceu na Capital, aos 27 de setembro de 1968, contando noventa anos de idade.

Outra família contemporânea dos Meriwether, era a dos Muller, agricultores, que foi se localizar no atual bairro dos Pimenta ( p'ras bandas do Faxinal ). Na beira do Rio Pardo, foi montada uma serraria, motivo pelo qual o lugar ainda é chamado Serra D'água. Esses confederados eram ricos. Trouxeram tudo que puderam: dinheiro, alguns escravos, máquinas, animais, etc. Causaram sucesso os perus negros que criavam soltos no campo.

Dois rapazes Muller – Frank e Tom – acabaram se casando com brasileiras. Afinal, todos se mudaram para a Capital, onde perderam o contato com Botucatu.

Um oficial do Exército Confederado, o Tenente Henry O. Burton, viveu longos anos em Botucatu. Devia ser rico. Morava no Hotel Paulista, o melhor da terra e que era propriedade do suíço Carlos Leopoldo Hirsch. Burton, solteirão, gostava de caçadas. Tinha bons animais e boas armas. Não trabalhava. E era grande bebedor de cerveja. Tinha um apelido engraçado, com o qual se tornou conhecido na cidade: Marcumbóde. O nosso amigo Turíbio Vaz de Almeida, que conheceu bem esse cidadão norte americano, não sabe explicar a origem e o significado dessa alcunha Marcumbóde. O Tenente Burton faleceu em Botucatu. No seu túmulo, muito simples ( apenas uma grade de ferro, cercado o chão desguarnecido), há uma placa de ferro com a seguinte inscrição : “ In memory of Henry O. Burton. Born – 16 th october 1845 at Guthbert, Georgia, U.S.A. – Died 28 th May 1899”. Nada mais. Nem uma palavra de amizade e saudade ao pobre Marcumbóde, morto no desterro e solidão.

Os americanos do norte passaram por Botucatu sem aqui deixar descendentes. O mesmo não se verificou em Santa Bárbara e em Vila Americana, principalmente nesta última cidade, onde grande foi sua projeção e influencia, a tal ponto que a cidade conserva o nome de AMERICANA. Não há muito tempo, focalizando a presença de imigrados norte americanos no Brasil, um jornal da Capital, disse que os mesmos residiam em Bauru, onde muitos morreram e em cujo cemitério foram sepultados. Deve ser engano de informantes. No fim do século passado Bauru ainda nem existia. No dia 2 de agosto, Bauru comemorou o seu 74º aniversário de fundação. Os americanos residiram foi em Botucatu mesmo, onde ainda residem testemunhas oculares do fato.

( Correio de Botucatu – 02/11/1970 )

### **38 - AMANDO DE BARROS**

A principal rua de Botucatu, chama-se Amando de Barros. Numa praça pública da cidade há um busto do referido cidadão. Bustos esse colocado por ocasião do primeiro Centenário de Botucatu. Ao lado da Catedral, situa-se a Casa das Meninas “Amando de Barros”. Na galeria de benfeitores da Misericórdia Botucatuense e no salão nobre do Instituto de

educação “Dr. Cardoso de Almeida”, figuram retratos do benquisto homem público. E o Pavilhão “Amando de Barros”, na Misericórdia, serve de clausura e capela das Irmãs da Consolata, missionárias que trabalham naquele nosocômio. Mas quem era esse cidadão, tão lembrado assim?

O Coronel Amando de Barros ( Coronel da Guarda Nacional ), nasceu em Piracicaba, aos 14 de setembro de 1860. Foram seus pais Joaquim do Amaral Barros e da Liduina Ribeiro. Fez eu curso primário ( única instrução que teve ), na antiga Vila Nova da Constituição. Aos 16 anos de idade, veio para Botucatu, sendo que em 1876, já era balconista da casa comercial de Chico Picão, que depois seria o Barão do Amaral.

Com o tempo, passou-se para a casa comercial de Antonio Ferreira da Silva Veiga Russo. Aos poucos foi-se impondo ao patrão, que acabou admitindo-o como sócio. Estava constituída a firma Russo & Barros. Em 1884 estabeleceu-se por conta própria. Surgiu a CASA AMANDO, que até agora existe, sob a direção dos sobrinhos Prof. Joaquim Amaral Amando de Barros e Antoninho Amando. Ao deixar o comércio, para se dedicar à política, o Cel. Amando de Barros, admitiu como seus sócios os irmãos Pedro e Joaquim, já falecidos, que extinguiram a loja de fazendas, conservando a secção de ferragens. Possuidor de grande fortuna, celibatário, o homem tornou-se um filantropo, amparo da pobreza e protetor de entidades assistenciais.

Ganhando idade, ingressou na política. Integrou o nascente Partido Republicano Paulista. Foi Vereador em várias legislaturas. Em 1890, após a Proclamação da Republica, foram extintas as Câmaras Municipais. E em seu lugar, criados os Conselhos de Intendentes, para administrar os municípios. Amando de Barros foi membro do primeiro Conselho de Intendentes de Botucatu. Estava confirmada sua influência no âmbito municipal. Daí para cima, foi uma sequência natural de ascensão.

Em 1910, foi eleito Deputado Estadual, pelo quinto distrito eleitoral, que congregava os municípios da média sorocabana. Foi re-eleito em várias legislaturas. Só deixou o cargo de Deputado quando adoeceu gravemente – ictus hemorrágico – doença que o prendeu ao leito por longos anos. Faleceu em São Paulo, em 13 de dezembro de 1920. Foi sepultado em Botucatu.

Amando de Barros, na sua simplicidade, foi uma figura ímpar. Moço pobre, com instrução primária, alçou-se a elevadas posições. Seu prestígio na política paulista, chegou a tal ponto, que, triunfalmente, lançou a candidatura do Senador Rubião Junior à governança do Estado. Botucatu, na época, era a Meca dos políticos paulistas, que vinham se entrevistar com o ponderado, prestigioso e estimado político botucatuense.

Na sua mocidade, Amando de Barros foi um rapaz divertido. Gostava de festas. De música e de bailes. Tocava clarinete na banda musical do maestro Bonifácio Rocha. Foi amador teatral. Contava meu falecido tio João Bethlem Moreira ( Nenê Moreira ), que Amando de Barros não era galã. Era um bom centro cômico. E sob a direção do médico Dr. Costa Leite ( ensaiador ), fazia sucesso em peças como a B. de PANDORA, O PODER DO OURO, ROSA DO

ADRO e outras, da época, quando os dramalhões arrancavam lágrimas do respeitável público e distinta platéia , como nas novelas de TV.

Botucatu progrediu muito, sob a influência de Amando de Barros. Politicamente, era a série do famoso 5º Distrito Eleitoral. Só depois da morte do chefe botucatuense, é que Ataliba Leonel assumiu a chefia da zona. A criação da Escola Normal, em 1911 ( uma das sete escolas normais existentes no Estado ), é fruto do seu trabalho. Na criação e instalação do Bispado, fez parte da grande comissão para tal fim escolhida. E outros benefícios canalizou para Botucatu. Foi o Chefe dos “gafanhotos”, facção amandista do PRP, enquanto os Cardosistas eram chamados “carrapatos”.

Ao falecer, na abertura de seu testamento, mostrou mais uma vez, seu espírito generoso e coração humanitário. Legou vultosa quantia para um ORFANATO, que seriamais tarde, a Casa das Meninas “Amando de Barros”. Deixou legados para a Catedral. Casas de Caridade e Obras Pias. Detalhe interessante, foi a doação de verbas para “enxovais de dez noivas reconhecidamente pobres”. Na Misericórdia Botucatuense, para tratamento de tuberculosos, construiu o pavilhão que tem seu nome, hoje destinado a outros fins, dada amudança de terapêutica da terrível peste branca, a tísica dos velhos tempos. E deixou verbas para os pobres por ele socorrido.

Amando de Barros, solteiro, não deixou descendentes. Seus irmãos já são falecidos. E aqui na terra, que amou e serviu como sua, residem os sobrinhos, dos quais o Prof. Joaquim Amaral Amando de Barros, foi Prefeito Municipal, o Dr. Amando de Barros Sobrinho, é advogado, e Antonio Amando de Barros é comerciante. Todos filhos do Capitão Pedro de Barros, que foi Vereador e tem o nome numa rua da Boa Vista. O “Jardim Dona Nicota” é uma homenagem à sua esposa dona Anna Monteiro de Barros, também falecida.

( Correio de Botucatu – 05/11/1970 )

### **39 - JOÃO MORATO, O MONARQUISTA**

João Morato da Conceição foi figura proeminente do velho Botucatu. Seu nome aparece em todos os acontecimentos político-sociais, que no fim do Império e princípio da República, se passaram na terra dos bons ares. Principalmente como monarquista, fazia sentir seu pensamento político. Aliás, isso era natural, dada sua origem na aristocracia ou patriciado rural do segundo império.

João Morato nasceu em Piracicaba, aos 12 de maio de 1851. Faleceu em Botucatu, aos 8 de março de 1914. Desde moço se radicou em Botucatu, onde constituiu numerosa família. De seu primeiro casamento, não deixou filhos. Em segundas núpcias, foi casado com dona Cândida Morato de Carvalho, deixando os filhos: João Morato Filho; Antonio; Ismael; Adelaide; Cândida, casada com Julio Nascimento; Maria casada com Accácio Pinheiro Machado (filho do Coronel

Brazil Gomes Pinheiro Machado e Gabriella Fausta Alvares Bueno e neto do Major Matheus); Carolina ( Nhazinha ), casada com Leôncio Villas Boas, Herminia, casada com João B. Leopardi; Idalina, casada com Newton Bitencourt; Áurea, casada com Luiz Chiaradia; e Sílvia, casada com Francisco Lapena. Desse povo todo, são vivos a professora Sílvia e os genros Lapena, Bitencourt e Luiz Chiaradia.

Estudando a árvore genealógica de João Morato Conceição, observa-se que ele descendia dos Morato do Canto, portugueses, que no Brasil Colônia se localizaram no litoral paulista, notadamente em Iguape. Depois, pelas gerações seguintes, foram os Morato se dispersando pelo Estado de São Paulo, vindo ter a Piracicaba e Botucatu.

Manoel Morato do Canto casou-se com Rita Bueno de Carvalho ( gente de Amador Bueno, o aclamado rei dos paulistas ).Uma filha do casal, Rita Morato de Carvalho, casou-se com o português Antonio José da Conceição. É desse casamento nasceram muitos filhos; entre eles Carolina Morato da Conceição, que veio a se casar com o seu tio Inocêncio Morato de Carvalho. Do casal Carolina – Inocêncio nasceram os filhos Adriana, Rita ( minha avó paterna ) Martinho e João Morato da Conceição. De tudo se conclui, que João Morato da Conceição era meu tio avô.

João Morato da Conceição foi pessoa importante. Fazendeiro forte. Chefe político. Monarquista. Do partido conservador. Vereador em várias legislaturas ( 1883 a 1888 ). Presidente da Câmara por duas vezes. Programada a República, deixou a política. E passou a exercer, unicamente o cargo de Fiscal do Consumo, federal, cargo no qual se aposentou.

João Thomaz de Almeida, nas suas saborosas crônicas sobre o Velho Botucatu, contava que João Morato e Amador Ribeiro ( o Amadorzinho da Farmácia ), viviam as turras na vereança local. E, às vezes, nas discussões, surgiam termos pouco parlamentares, palavrões, que deliciavam a assistência ávida de mexericos e politiquices . . .

Dos descendentes de João Morato, residem em Botucatu alguns netos, filhos de Leoncio Villas Bôas e Luiz Chiaradia. São eles: Engenheiro Ruy Morato Chiaradia; Advogado Antonio Celso Morato Chiaradia e a professora Maria Lúcia, casada como Dr. Jairo Gabriel; o Prof. Danton Villas Bôas, Sub-Gerente do Banco do Brasil e Clauton Villas Bôas. Newton Villas Boas, reside em Bauru. Há pouco tempo, em Ourinhos, num acidente ferroviário, faleceu o professor Dalton Morato Villas Bôas, pessoa altamente considerada naquela importante cidade da Sorocabana. Notável Educador ( 35 anos de magistério ), cidadão de escol, tem o seu nome na fachada do Ginásio estadual de Vila Odila, em Ourinhos, como reconhecimento do povo ourinhense aos relevantes serviços que prestou à infância e mocidade brasileira. Dalton Morato, diplomou-se pela Escola Normal de Botucatu, em 1934.

Martinho Morato, irmão de João Morato da Conceição, era farmacêutico. Diplomado pela famosa Escola de Ouro Preto (MG). Fabricava o “Elixir M.Morato”, as “Pílulas de Taiuá” e Xarope “ São João da Barra”, remédios que eram “porretes” para sífilis, boubá, gafieiras, bronquites, reumatismo e outras macacoas. Isso é o que afirmava um português muito sabido,

o Daniel Carlos Maria Jordão da Rocha Peixoto, concessionário da propaganda e venda desses preparados.

Daniel Carlos ( assinava D. Carlos, para dar-se ares de nobreza ), comprou a fórmula do Elixir M. Morato. E, propagandista emérito, inundou o Brasil com cartazes sobre milagres do específico anti-sifilítico. Ganhou dinheiro. Ficou rico. E Martinho Morato morreu pobre.

Nos cartazes de propaganda, D. Carlos aparecia de sobrecasaca preta, botas de montaria, sem chapéu, recebendo das mãos de um índio, na clareira da mata e à beira de um riacho, a erva maravilhosa. E a legenda do cartaz dizia: “AIMBIRÊ mostra o segredo da mata a D. Carlos”. O interessante em tudo isso, é que a mata era uma capoeirinha ali no Tanquinho e o índio, era nada mais nada menos, do que um caboclo malandro, o Inácio Bunda, fantasiado de bugre. . .

( Correio de Botucatu – 19/11/1970 )

#### **40 - MANEQUINHO MESTRE**

Manoel Theodoro de Aguiar, o Manéquinho Mestre, foi figura de destaque no Velho Botucatu. Fazendo indagações sobre sua pessoa, ouvi coisas assim:

- Foi um bom botucatuense, como qualquer outro dos tidos como tal.
- Era um cidadão notável pelos serviços que prestou , como educador e como funcionário de Justiça.
- Constituiu-se num líder católico.
- Foi o maior carola do mundo!

Mas, afinal, quem era o homem?

Manoel Theodoro de Aguiar, nasceu em Botucatu, aos 24 de outubro de 1847. E aqui faleceu aos 71 anos de idade, no dia 16 de janeiro de 1919. Foi casado em primeiras núpcias com Francisca (Tatata) do Amaral. Pelo falecimento desta, em segundas núpcias, consorciou-se com Antoninha, sua cunhada. Desses casamentos não houve filhos.

As esposas de Manoel Theodoro de Aguiar, eram irmãs de Francisco Egidio do Amaral, o Barão do Amaral, mais conhecido como Chico Picão. Esse título nobiliárquico não era da nobreza imperial. Chico Picão era do baronato papalino, título concedido pelo Vaticano. Diziam as más línguas, que o titulo custara duas mil arrobas de café. E o apelido Picão? Viera da amizade que o Barão tinha pelo Chico Pelêgo, em verdade Francisco Barbosa da Cunha e Mello, com o qual andava sempre junto.

Manoel Theodoro de Aguiar tinha dois irmãos. Um era Tobias de Aguiar, pai do Prof. Elói Tobias de Aguiar, que foi genro de Felipe dos Santos. O outro era Antonio de Aguiar, apelidado o “Sabugueiro”. É bom não confundir com um outro Sabugueiro – Antoninho – filho de Antonio Ignácio de Oliveira, que apareceu mais tarde, e foi sogro do Prof. Áureo Fernandes Leite.

Em 1878, Manoel Theodoro de Aguiar, já era professor de uma das cinco escolas existentes em Botucatu. As outras escolas eram regidas por dona Chiquinha Cananéia ( a primeira professora a lecionar na terra ), pelo professor Atanázio Ouriques de Carvalho e pelo casal Mariquinha Leme-Salvador Benedito Galvão. Desse tempo e função, é que veio a alcunha de Manéquinho Mestre, pelo qual era conhecido.

Com o cargo de professor, Manéquinho acumulava as funções de “aferidor de pesos e medidas do Município”, cargo que exerceu até 1890. Nessa data, Manéquinho Mestre demitiu-se do cargo de professor e deixou de ser o aferidor de pesos e medidas. Fora nomeado Contador, Partidor e Distribuidor, do Foro local, cargo que exerceu até sua morte. O cartório funcionava em sua residência, à rua Cesário Alvim, em frente à Farmácia Glória. Quando Manéquinho faleceu, foi substituído ( 1919 ), pelo Sr. Guilherme Machado, que era seu auxiliar juramentado. Guilherme Machado, reside ainda em Botucatu. Após quarenta anos, de efetivo exercício, mais ou menos, aposentou-se. E foi titular do cargo.

Manéquinho, além de personalidade, tinha cultura geral. Muito bem apessoado, dono de uma barba bem cuidada, trajava-se corretamente. Estava em tudo na vida local. Tomava parte em todas as iniciativas pró-Botucatu. Era o secretário perpétuo de reuniões e assembléias, políticas ou não, que se realizavam nos movimentos coletivos da terra.

Mas era na Igreja que Manoel Theodoro de Aguiar atuava decididamente. Católico praticante. Presidente da Irmandade do Santíssimo. Fabriqueiro da Matriz ( encarregado da Fábrica, isto é, de administrar os rendimentos da paróquia ). Tornou-se um líder de sua confissão religiosa. É por isso, que os boquirrotos o taxavam de o maior carola do mundo.

Mas o homem era admirado mesmo, quando dirigia a orquestra e o coro da Matriz. Além de regente, era o organista. Os outros músicos foram: Veiga Russo ( forte negociante ), no oficleide ; Bonifácio Rocha, violino; Salvador Benedito da Silva, ( o Salvador Seleiro ), no trombone. Como cantoras, apareciam Malvina Conceição (Dona), que se casou com Napoleão de Barros; Ana Rita e Antoninha, cunhadas de Manéquinho Mestre; e Sinhá, irmã de Agenor Nogueira. O coral botucatuense fazia sucesso.

Diziam os adversários de Manéquinho Mestre, que não podiam compreender, como ele, religioso e piedoso ao máximo, usasse e abusasse da palmatória em sua escola. Suas palmas toadas eram temidas. Mas esses faladores se esqueciam de que na época, a famigerada “Santa Luzia de cinco olhos”, fazia parte do equipamento pedagógico das escolas. . . E ainda diziam, que antigamente a escola era risonha e franca. . .

Há meio século, que Manéquinho Mestre partiu. Mas não foi esquecido. Muita gente se lembra dele, sempre alinhado, sempre religioso, servindo sua terra e sua gente. E, principalmente, praticando sua religião. Sem respeito humano.

( Correio de Botucatu – 29/11/1970 )

#### **41 - A TRIBU DOS PAES DE ALMEIDA**

Das mais numerosas é a família Paes de Almeida. É gente da velha cepa bandeirante. Seus ancestrais eram de velhas famílias que povoaram o planalto paulista. Os Paes de Almeida, de Botucatu, são da mesma estirpe daqueles de Araritaguaba, Araçariguama, Itu e Tatuí. Seus descendentes estão espalhados por esse Brasil afora. E apesar de sobrenomes dos mais diversos gentílicos – portugueses, italianos, espanhóis, sírios, suecos e alemães – são bons brasileiros como os Paes de Almeida dos velhos tempos.

Pesquisando as origens da minha gente, sangue de bugre e sangue português, remontei aos meus avoengo e cheguei à conclusão de que tinham ligações com os Paes Leme, Almeida Pompeu, Paes de Campos e outros ramos de antigos bandeirantes.

O tucháua Antonio Paes de Almeida Pompeu, meu bisavô, radicou-se em Tatuí, onde constituiu família. Deixou larga descendência, que se dispersou pela hinterlandia. Do seu matrimônio com da. Maria das Dôres de Assumpção, sua prima, deixou os filhos : Francisco, José, Pedro, Antonio, Feliciano, que assinavam Paes de Almeida, todos falecidos. Deixou, também, as filhas Marciana Maria das Dôres, Miquelina Maria de Jesus, Emília da Conceição, Ana Maria do Espírito Santo e Rita. Esta, a caçula, era a única que assinava Paes de Almeida. Todas são falecidas.

Nos velhos tempos, as mulheres costumavam ser batizadas com nomes de santos. E nem pelo casamento alteravam o sobrenome como hoje se faz, adotando o do marido. É o caso, por exemplo, de da. Mariana, mãe de Agenor Nogueira e avó do Deputado Bráz de Assis Nogueira. Ela era Nogueira, casada com um Nogueira, e seu nome oficial, em todos os atos públicos, até morrer, foi Mariana Honória de São José.

Meu bisavô Antonio Paes de Almeida Pompeu faleceu em avançada idade, lá em Tatuí, onde há muita gente sua. Pouco sei de sua vida. De sua filharada, aos poucos, irei contando alguma coisa. Será pouca coisa mesmo, pois o povo se dispersou pelo mundo.

FRANCISCO PAES, o tio Chico, o mais velho, eu o conheci em São Carlos do Pinhal. Tio Chico, aos oitenta anos ainda trabalhava. Era funcionário postal. Estafeta dos Correios. Faleceu em Barretos, nonagenário, deixando filhos, netos e bisnetos.

ANTONIO PAES, o Tônico, residiu longos anos em São Manuel, onde era dono de uma alfaiataria. Do seu casamento com a sobrinha Marica Paes Vieira, deixou muitos filhos. Nenhum reside em Botucatu.

FELICIANO PAES, casado com Gertrudes Maria de Jesus, faleceu em Barra Bonita. Assassinado. Deixou os filhos: José, Antonio e Pedro Paes Conceição, que foram ferroviários da Sorocabana e Noroeste, quando das fases de penetração daquelas ferrovias. Deixou, também, uma filha- Leopoldina – que foi casada com Francisco Trindade, Escrivão de Cartório em São Manuel.

MARCIANA MARIA, das Dôres ou de Almeida, foi casada com José Daniel, lavrador, sertanista. Nhô Juca Daniel, com os filhos, foi acompanhando a penetração da Sorocabana, no chamado ramal do Tibagy. Moraram em Cerqueira César, Xavantes, Paraguaçu, Presidente Wenceslau. O casal, falecido há tempo, deixou numerosa descendência. Um dos filhos, Laudelino Daniel ( o Láu ) era um aventureiro, no bom sentido da palavra. Láu foi empreiteiro de roças e formação de café. Trabalhou na construção de estradas de ferro, em zonas infestadas de bugres e de feras. Até garimpeiro ele foi. Uma sua filha, Odete Daniel Barbosa, reside em Botucatu, sendo a esposa do Reverendo Humberto Barbosa, Pastor da Igreja Presbiteriana e Professor de Inglês de colégios locais.

MIQUELINA MARIA DE JESUS foi casada com João da Silva Franco, “ O Papudo”, assim apelidado por causa do enorme bócio de que era portador. Faleceram em Cerqueira César, sem deixar filhos.

EMILIA MARIA foi casada com Felix Alves dos Santos. E enviuvou muito moça. Residiu em Botucatu, onde criou as filhas Francisca ( casada com Osório Paes ) e Maria Antonia ( casada com Joaquim Rodrigues de Moraes ). Entre seus numerosos netos figuram o Prof. Moacyr, Delegado do Ensino Elementar, Sebastião, Inspetor Escolar, Euclides, ferroviário aposentado, Alcides, Júlia, Cecília, Eugênia, Profa. Maria Emília Paes de Almeida, todos filhos de Ozório Paes de Almeida.

MARIA DO ESPÍRITO SANTO casou-se com Rafael Vieira da Silva. Foram os pais de Prudêncio Paes ( famoso pelas suas estripulias com a polícia ), Belmira Paes ( que se casou com o tio Pedro Paes ), Marica ( que se casou com o tio Antonio Paes ) e Ambrozina, que se casou com Luiz Afonso Taborda, gerando os irmãos Taborda, residentes em Botucatu.

RITA PAES foi casada com seu primo Antonio Telles da Silva. O casal viveu e faleceu em Tatuí, onde residem os filhos, netos e bisnetos, os Telles tão numerosos naquela cidade.

Dos irmãos Pedro e José Paes de Almeida, falarei em outros capítulos, contando o que fizeram aqueles pioneiros, que desde 1860 e poucos, povoaram a cidadezinha que começou com a capelinha de Sant’Anna de Botucatu.

( Correio de Botucatu – 03/12/1970 )

## 42 - O CAPITÃO PEDRO PAES

O Capitão Pedro Paes de Almeida nasceu em Tatuí (SP), aos 4 de dezembro de 1863. Foram seus pais Antonio Paes de Almeida Pompeu e Maria das Dôres de Assumpção. Nove filhos do velho Pompeuzinho foram seus irmãos.

Pedro Paes, muito moço, casou-se com Júlia Isaura de Almeida, filha de Manuel e Ana Pereira da Silva. Desse matrimônio nasceram os filhos: Alfredo, Ozório, Maria, Amélia, Adelaide, Waldomiro, todos falecidos, e mais Antonio Paes de Almeida, residente em Santo Anastácio. Ficando viúvo, em segundas núpcias, consorciou-se com sua sobrinha Belmira, filha da irmã Ana Maria do Espírito Santo e Rafael Vieira da Silva. Desse matrimônio nasceram Durvalino, Rafael, Maria Augusta, Waldemar, todos falecidos e Pedro Paes Filho, residente em São Paulo, Cícero, Paulo e a Professora Izabel Paes de Almeida, residentes em Botucatu.

Homem dos tempos duros, trabalhador intemerato, Pedro Paes foi tudo na vida. Venceu. Educou a filharada. Legou aos pósteros um nome honrado e respeitado. Em sua mocidade foi tropeiro, boiadeiro e administrador de fazendas de café. Ganhando dinheiro, em 1900, estabeleceu-se como negociante na Prata ( hoje Pratânia ), na época Distrito de Botucatu. Lá, foi Chefe político e Delegado de Polícia. Tornou-se fazendeiro.

Ficando viúvo, em 1906, transferiu-se para Botucatu. Permutou suas propriedades com Belarmino Furquim de Campos. Ficou com a fazenda de São Pedro, em Pardinho, e com o sobrado da rua Curuzu, atual n.940, até hoje em poder da família.

Pedro Paes, já Capitão da Guarda Nacional, foi residir na Capela, como era então chamado o Distrito de Espírito Santo do Rio Pardo, hoje município de Pardinho. Foi Chefe político e Delegado de Polícia até sua volta para Botucatu, o que ocorreu em 1909. Apesar de ter tirado duas sortes grandes na loteria, o fazendeiro estava empobrecido. E por isso aceitou o cargo de Fiscal Geral da Prefeitura, sendo também, Subdelegado de Polícia. Suas qualidades de homem enérgico, decidido e experiente, foram as credenciais que o levaram a exercer tais cargos.

Quando a Alta Sorocabana começou a atrair pioneiros, Pedro Paes e família foram para Assis, que estava nascendo. Em 1917, já administrava a fazenda do Coronel Francisco de Almeida Nobre, naquela zona. Em abril de 1921, na cidade do Óleo, aos 58 anos de idade, vítima de um colapso cardíaco, faleceu aquele homenzarrão, que era um lutador nato e a coragem personificada. Em largos traços, algo vou dizer sobre seus descendentes.

OZÓRIO, casado com sua prima Francisca Alves dos Santos ( ambos falecidos ) deixou os filhos: Moacir ( Delegado do Ensino Elementar ); Sebastião ( Inspetor Escolar ); Euclides, ferroviário aposentado; Alcides; Julia; Cecília; Eugênia e Emília, Professora primária. De um segundo matrimônio, Ozório deixou vários filhos.

ALFREDO, o Mimi, foi casado com Alice Ferrari ( tia do escritor Francisco Marins ), sendo ambos falecidos, deixando numerosa prole, mas nenhum descendente em Botucatu.

A Profa. MARIA PAES DE ALMEIDA, casada com Leopoldo Fernandes Silva, que foi Inspetor da navegação da E.F.Sorocabana ( ambos falecidos ), deixou os filhos: Prof. Homero, Diretor do Colégio Estadual de Pirapózinho; Profa. Célia, Catedrática do Instituto de Educação de Bauru; Cecy Fernandes Silva, Professora de Educação Física em São Paulo.

A Profa. Amélia Paes, já falecida, foi casada com o Prof. Rodrigo Pimenta, não tendo deixado filhos. A professora Adelaide Paes, formada na primeira turma da Escola Normal de Botucatu, em 1914, já falecida, foi casada com Jonas Landahl, sueco, que vive em São Paulo, onde é conhecido como abalizado conhecedor de Parapsicologia. Seus descendentes residem no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

PEDRO PAES FILHO, o Zuzú, aposentado como Escrivão de Policia, de classe especial, reside em São Paulo, em companhia de sua esposa Sofia Borim e de dois filhos.

CICERO PAES, residente em Rio Preto, é casado com a Professora Angélica Colino ( minha afilhada de formatura ). A Profa. Isabel Paes de Almeida, é Professora aposentada do ensino primário. É conceituada educadora e já colaborou em revistas da cidade, como hábil desenhista que é. MARIA AUGUSTA, Contadora, já falecida, foi casada com Joaquim de Souza, e dos seus filhos, apenas a filha Terezinha Paes de Souza reside em Botucatu, onde é Funcionária do Hospital de Psicopatas.

PAULO PAES DE ALMEIDA, ferroviário aposentado, casado com da. Elvira Castagnáro de Almeida, tem três filhos: Paulo Paes Filho, residente em São Paulo; Oswaldo, Oficial de Justiça do Fórum local; Pedro Eduardo, Aspirante a Oficial do Exército Nacional, diplomado este ano pela Academia Militar de Agulhas Negras; e Maria Elvira, casada com Adolfo Vieira Cardoso, residentes em Botucatu.

E para terminar, Tônico Paes, meu informante, reside em Santo Anastácio, na Alta Sorocabana. Casado com Rosa Maninelli, é pai das Professoras Maria Júlia e Dinorá Paes de Almeida.

( Correio de Botucatu – 10/12/1970 )

### **43 - CAPITÃO JOSÉ PAES DE ALMEIDA**

A rua que do ribeirão Lavapés ( em continuação à Siqueira Campos )vai até o fim do Bairro Alto, chama-se Capitão José Paes de Almeida. É homenagem a um dos pioneiros de Botucatu. Foi cidadão que relevantes serviços prestou ao município. Deixou enorme descendência – filhos, netos, bisnetos, trinnetos e tetranetos – que continua servindo e povoando a “Princesa da Serra”.

O Capitão José Paes de Almeida ( da Guarda Nacional ), meu avô materno, era filho de Antonio Paes de Almeida Pompeu. Nasceu em Tatuí, aos 27 de julho de 1850. Muito moço, casou-se com sua prima Ana da Silva Telles, transferindo-se logo para Botucatu ( 1868 ), onde nasceram todos os filhos.

A cidadezinha, poeirenta, bulhenta e mal afamada, não passava de um pequeno burgo. Seu primeiro serviço foi socar taipa, para construir casas e muros da cidade que o Alferes Franco, urbanista de corda e vara, começava a arruar. Ganhava então, quinhentos réis por dia.

Aos poucos, à medida que a cidade ia crescendo, José Paes ia prosperando. Foi feliz. Enriqueceu. E quando faleceu, aos 87 anos de idade, à filharada legou apreciável fortuna. Na época, foi o maior inventário da terra. Mas os herdeiros eram tantos, que a fortuna se diluiu e a turma teve de continuar no dureiro. . .

José Paes em sua mocidade foi tudo. Até Estafeta Postal. Era ele que conduzia as malas do correio, para Tatuí, ponto de estrada de ferro mais próximo. Com os dois cargueiros, fazia a viagem, ida e volta, em três dias. Como devia realizar dez viagens mensais, durante dezoito meses, não dormiu em casa, a não ser nos meses de trinta e um dias, quando então tinha um dia de folga. Estafetado, como diria Monteiro Lobato, não aguentou. Entrou no negócio de porcos, na compra, venda e abate. Ganhando crédito, virou boiadeiro. Com o tempo, tornou-se um dos maiores negociantes de gado. Praticamente, foi o iniciador do comércio de bovinos com Mato Grosso . E isto, quando a ponta dos trilhos da Sorocabana parava em Indiana. E os bois, aos milhares, começaram a povoar as invernadas da zona que tem Botucatu por centro. Agenor Nogueira, Agenor Teixeira e João Batista Martins, genros do Capitão Zé Paes, foram os continuadores da iniciativa. Hoje, os Winkler, Lourencinho Ferrari, Joaquim André e outros, estão no negócio.

Quando moço, tido e havido como homem de confiança e corajoso, José Paes, executava perigosa missão. Como não havia bancos na cidade e na zona, o dinheiro para pagamento das grandes casas atacadistas, era levado à Sorocaba, onde Araújo Costa e Cia, Soto Mayor, Martins Costa e outras poderosas firmas tinham seus escritórios. José Pais era o próprio encarregado de tal trabalho. Sempre correto, nunca teve um senão em sua missão. E isto, em matéria de crédito, lhe foi de grande valia, no futuro.

Na maturidade, o Capitão José Paes de Almeida, entrou na política. Foi um dos fundadores do Partido Republicano Paulista, de Botucatu. Fez parte do Diretório local do velho Jequitibá, partido que era uma forja de estadistas e celeiro de homens públicos. Homem enérgico, decidido, foi Delegado de Polícia por muitos anos, até que fosse estabelecida a polícia de carreira. Foi, também, Juiz de Paz, durante vários triênios, por eleição. Como Juiz de Paz, além de presidir casamentos ( única função na atualidade ), julgava processos até uma determinada alçada, exercendo, ainda uma espécie de justiça local. Contava José Paes, que tivera apenas vinte e poucos dias de escola! Por isso eram seus familiares ( genros tabeliães e escrivães ) que punham suas sentenças em estilo e ortografia convenientes . . .

Chefe de incontável prestígio na massa popular, pesava na política local. Em todas as legislaturas, tinha na Câmara Municipal, um representante da família. Houve tempo, em que três Paes de Almeida foram Vereadores da mesma edilidade, no mesmo ano. . .

Como político, meu avô tinha adversários. Que se transformaram em inimigos. E não podendo atingí-lo, porque o caboclo velho era invulnerável, inatacável, voltavam-se contra seus familiares. Meu pai Sebastião Pinto Conceição, foi uma das vítimas de alguns régulos do perrepismo local. Infelizmente, muitos reacionários e truculentos políticos da época, concorreram para solapar o velho PRP, criando com seus desmandos, ambiente favorável à Revolução de 1930. As coisas chegaram a tal ponto, que o 24 de outubro de 1930 ressoou como clarinada de alvorada, toque de liberdade. Infelizmente a resolução foi desvirtuada e surgiu 1932, como legítima reação dos Paulistas.

Em outubro de 1932,o Capitão José Paes de Almeida deixou de vez a política. Para assistir aos funerais da Democracia, pisoteada pela ditadura getulista. Em 1º de fevereiro de 1937, serenamente,entregou sua alma ao Criador, aquele que foi um continuador dos seus avoengo, num moderno bandeirantmo paulista. Foi um campeão de tempos duros, mas felizes. Da sua gente falarei no próximo capítulo.

( Correio de Botucatu – 19/12/1970 )

#### **44 - A GENTE DO CAPITÃO ZÉ PAES**

O Capitão José Paes de Almeida foi casado duas vezes. Do seu primeiro casamento com a prima Ana da Silva Telles, deixou os seguintes filhos: Virgília, Elisa, Amélia, Maria Rita, Ernestina, Malvina, Zulmira, Izolina, Benedita, Elvira e Ana, Antonio, Francisco e José. Tendo enviuvado, em segundas núpcias consorciou-se com Antonia Linda de Souza, falecida, da qual houve os filhos Lucídio e Manoel Paes de Almeida. Dessa filharada, estão vivos apenas três – Maria Rita, Ernestina e Manoel.

Virgília, casou-se com Euzébio Maria Barreiros, filho do Major Joaquim Maria. Do casal, há muito falecido, nasceram os filhos: José, Joaquim e Arnaldo, falecidos; Antonio, Benedita e Alzira. Totó Barreiros reside em São Paulo. Benedita ( Mulata), viúva de Paulo Liberato de Macedo, residente em Botucatu, é mãe de Noêmia, Paulo, Euzébio, Romeu, e Professoras Maria Aparecida e Neusa Liberato de Macedo. Alzira Barreiros, casou-se com Carlos Passoni, residente em Florianópolis, sendo que um de seus filhos, Carlos Passoni Junior., integra a Sub-Comissão Geral de Investigações do Estado de Santa Catarina.

Elisa, casou-se com o falecido João Bethém Moreira ( Nenê Moreira ), que foi Tabelião do Segundo Ofício da Comarca de Botucatu. Todos os descendentes residem em São Paulo.

Ernestina, ainda viva e em avançada idade, reside na Capital, onde moram todos os seus descendentes. É viúva de Amando Bethlem Moreira, o fundador da Vila Moreira desta cidade.

Amélia, minha mãe, foi casada com Sebastião Pinto Conceição, falecido em 1950. Dos meus pais falarei num dos próximos capítulos.

Malvina, casou-se com Agenor Teixeira de Mello, já falecido, que foi Pecuarista, Tabelião e Vereador em Botucatu. Deixou numerosa família. Seus filhos, netos e bisnetos estão dispersos por São Paulo e Paraná. Em Botucatu somente reside a filha Nair, casada com o Cirurgião Dentista Dr. Antonio Venâncio Martins.

Zulmira, e seu marido João Baptista Martins, faleceram em São Paulo, onde residem todos os seus descendentes.

Isolina, a popular dona Zola, foi casada com o falecido Agenor Nogueira. Este, fazendeiro e pecuarista, constituiu-se num dos autênticos valores botucatuenses, motivo pelo qual, seu nome figura numa das ruas da Vila São Lúcio. Agenor Nogueira, por duas vezes, foi Vereador à Câmara Municipal de Botucatu. Integrou Diretórios políticos locais. Era um dos esteios da Igreja Presbiteriana Independente. Foram seus filhos: José, Advogado em Santos; Agenor, Pecuarista e Fazendeiro, residente em São Paulo, onde também reside Daniel, o caçula; Deputado Federal Bráz de Assis Nogueira; e Professora Beatriz, casada com o Sr. Alfredo Marques do Valle, Fazendeiro e Vereador em Avaré. Um neto de Agenor ( bisneto do Capitão ), o Dr. José Nogueira Filho é Diplomata, Consul do Brasil na Suíça, e um outro, Coaracy Nogueira do Valle, é advogado na Capital.

Benedicta, foi casada com seu tio Octavio da Silva Telles, que era primo, cunhado e genro do Capitão José Paes (êta consanguidde braba!). Octávio faleceu em Botucatu e Benedicta em São Paulo, em casa de uma sua filha. O filho Jayme Telles, Funcionário dos Correios e Telégrafos, é o único que reside em Botucatu. No “Jardim Dona Nicota”, nesta cidade há uma rua com o nome de Octávio da Silva Telles.

Os filhos Ana, Antonio e José Paes Filho, faleceram sem deixar descendentes, solteiros. Francisco Paes, o “Tote”, ao falecer, deixou viúva dona Rita Taborda de Almeida (Nicota), também falecida, e os seguintes filhos : Ana, Dorothy, José Paes Neto, Moacyr, Nelson e Dr. Aristides, este Advogado em São Paulo.

Maria Rita, ainda viva, octogenária, reside em Botucatu. É viúva de José Dias de Castro ( Nenê Dias ), que foi Coletor Estadual da cidade. São seus filhos: Maria Dias Masselli, viúva de Alfredo Masselli; Cecília, viúva de João Godói; José Paes Dias e Ana Dias Potiens, casada com Amilcar Potiens. Dos netos de dona Maria Rita, o Dr. Alfredo Dias Masselli reside em Presidente Prudente, onde é Professor e Advogado; Enoch Masselli, é Professor, casado com a Professora Therezinha Serrão; Maria Rita Cassetari, é Professora, casada com Milton Cassetari, Fiscal de Rendas do Estado;; Antonio Carlos Potiens é ferroviário; o Professor Amilcar Romeu Pitiens é Inspetor do Ensino Profissional; o Professor Alceu Guilherme Potiens é Delegado do Ensino Elementar; Os Professores Amaury e Ademir Potiens, residem na Capital; Ana Maria é Professora e o Dr. Ademar Potiens, Fiscal de Rendas do Estado, advogado e ex-vereador, reside em São Paulo.

Do segundo casamento do Capitão José Paes, nasceram os filhos: Lucídio, falecido na Capital do Estado, e o Professor Manoel Paes de Almeida. Este, Jornalista, Professor, ex-Vereador, é funcionário da Assembléia Legislativa.

Ainda com referência aos bisnetos do Capitão José Paes, devo mencionar que José Armando, Professora Lourdes ( casada com o Prof. Vinicius Aloise ), e a senhora Helena Previato, filhos do finado Joaquim Barreiros, residem em Botucatu, e que os Almeida Pinto, também são netos do Capitão. Em homenagem a ele, dei ao meu filho caçula, o nome de José Paes de Almeida Nogueira Pinto.

( Correio de Botucatu – 24/12/1970 )

#### **45 - O MAJOR ANTONIO PINTO**

O Major Antonio Pinto Nunes era meu avô paterno. Farmacêutico e sitiante na Capela, atual município de Pardinho. Português de nascimento – de Traz os Montes ou do Além Tejo – era brasileiro de coração a não mais poder. Veio menino para o Brasil.

Os Pinto Nunes eram gente da velha cepa portuguesa. Deviam ter alguma projeção no reino, pois nas lutas entre Miguélistas e Pedristas ( 1831-1834 ), eles tomaram parte. E alguns deles, derrotados, foram enforcados pelos vitoriosos. Minha bisavó portuguesa, não gostava de falar do passado. E, por isso, pouca coisa sabemos. O que é certo, é que certo dia ela vendeu suas propriedades, arrebanhou os filhos, grandes e pequenos, e tocou-se para o Brasil. Para Piracicaba, onde acabou de criar a família e onde faleceu. Antoninho, conseguiu estudar. E ficou farmacêutico. Homem feito, casou-se com Rita Morato da Conceição, do patriciado paulista, gente dos Morato do Canto, da velha Piratininga.

Antonio Pinto Nunes, Major da Guarda Nacional, veio para Botucatu. Para gerenciar as fazendas de alguns piracicabanos, isto por volta de 1870. Acabou se estabelecendo com farmácia no antigo Espírito Santo do Rio Pardo, onde viveu quase meio século. Lá nasceram os filhos Antonio, Alfredo, Júlio, Sebastião, Cícero, Maria, Carolina, Ritinha, Elisa e Albertina Pinto Conceição, todos falecidos. A marcha do tempo é inexorável.

No final da vida, o Major Pinto Nunes ( que tem rua com seu nome, lá no Pardinho ),veio para Botucatu. E foi residir na chácara Santo Antonio, em Rubião Junior, chácara até agora em poder de seus netos, os Almeida Pinto. Meus avós faleceram em avançada idade, ele em 1917 e da. Rita em 1915. Da sua descendência é preciso dizer, que netos, bisnetos e trinnetos, em grande número, vivem em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Os filhos Antonio ( Nhonhô ), Maria, Ritinha e Elisa, faleceram em estado de solteiros.

CAROLINA, casou-se com o gaúcho Vicente Alves Teixeira, que vinha vender seus animais de cria, na feira de Sorocaba. Tia Carolina e Vicente Alves Teixeira, deixaram grande

descendência. Seus filhos e netos e bisnetos, residem no antigo Contestado e no Rio Grande do Sul.

ALBERTINA PINTO TRINDADE, por ter se casado com Laurindo, filho do Capitão Trindade, todos falecidos, deixou os filhos: Enéas, funcionário Municipal aposentado; Leonel, falecido, que foi casado com d. Aleida Garzezi; Plínio, alto funcionário dos Correios e Telégrafos, aposentado; Mário, professor da Escola Industrial de Sorocaba; Manoel, bancário em Marília; e Izaura, casada com Antonio De Léo, funcionário da Câmara Municipal de Botucatu.

O Capitão Alfredo Pinto Conceição, ( voluntário da Revolução de 1893 ), farmacêutico, já falecido, foi casado com d. Maria Elisa Camargo Conceição, que nonagenária, reside em Botucatu, e deixou os filhos: Edgard, farmacêutico; Maria Antonieta e Eponina, falecidos; César, Diretor da Anderson Clayton, na Capital; Vinício, bancário, e Alfredo Mário, Contador, residentes em Botucatu; Prof. Iná e Profa. Lygia Camargo Pardini, residentes em Botucatu. O Capitão Alfredo, foi dos primeiros farmacêuticos do Velho Botucatu.

CÍCERO PINTO, falecido, foi casado com d. Marieta Pereira de Moraes, de tradicional família itapetiningana e que reside no município de Pardinho. Deixou os filhos: Maria Eunice, Dulce, Sofia, Leontina, Rita, Anita, Maria José, Mauricio, Darcy, Aprígio e Hélio, todos residentes em Botucatu.

JULIO PINTO CONCEIÇÃO, foi casado com d. Eudóxia de Souza Conceição, falecida, deixando os filhos : Profa. Irene, Mercedes, Floriano, Antonio, Odilon, Júlio, João Batista, todos aqui residentes. De meu pai, Sebastião Pinto Conceição, falarei em outro capítulo, pois neste, o espaço está esgotado.

Meu avô, português do tempo de Luiz Pinto, Conde, Pinhão, Manoel Viana, Tavares, Ferreira e outros, foi Juiz de Paz perpétuo do Pardinho. Como farmacêutico, tinha pendores para a Clínica médica, realizando até pequenas intervenções cirúrgicas, dada a carência de médicos na região. Drs. Costa Leite e Vital Brazil, os únicos, eram insuficientes para atender ao vasto município de Botucatu e redondezas e daí a necessidade do Major entrar em campo com os seus conhecimentos médicos. Foi ele um grande colaborador do Dr. Vital Brazil, nas pesquisas para a descoberta do soro antiofídico.

Meu avô amava o Brasil, ao qual serviu magnificamente. Legou aos seus descendentes, uma tradição de probidade, lealdade à palavra empenhada e convicções filosóficas, que constituem o maior galardão da sua gente.

( Correio de Botucatu – 31/12/1970 )

#### **46 - SEBASTIÃO PINTO CONCEIÇÃO, MEU PAI**

O velho Sebastião Pinto Conceição, nasceu em Botucatu. Aos 30 de novembro de 1878. Foi colega de infância do amigo Turíblio Vaz de Almeida, que sempre conta coisas daquele passado distante, do qual é inigualável testemunha.

Filho do Major Antonio Pinto Nunes e da. Rita Morato da Conceição, teve como irmãos: Antonio, Alfredo, Julio, Cícero, Maria, Carolina, Ritinha, Elisa e Albertina, todos falecidos. Pelo lado materno, sua linhagem começava com uns Morato do Canto, portugueses, residentes no litoral paulista, em Iguape. Um deles, Manoel Morato do Canto, deslocou-se para Piracicaba. E acabou se casando com Rita Bueno de Carvalho ( gente de Amador Bueno, o ACLAMADO rei dos Paulistas ). Uma filha do casal, Rita Morato de Carvalho, casou-se com o português Antonio José da Conceição. E desse casamento nasceram muitos filhos, entre eles Carolina Morato da Conceição, que veio a se casar com seu tio Inocêncio Morato de Carvalho. Do casal Inocêncio e Carolina, nasceram João, Martinho, Adriana e Rita Morato da Conceição. Esta, veio a ser minha avó paterna , pois se casou com Antonio Pinto Nunes, de onde se originou Sebastião Pinto Conceição, meu pai, botucatuense dos bons.

Meu pai aprendeu a ler com professores particulares, que andavam pelas fazendas, alfabetizando filhos de fazendeiros e administradores. Depois, rapazote, veio para Botucatu. Foi aluno dos professores Japiassú e Azurára, educadores de renome. Em dez anos bem aproveitados, aprendeu muita coisa. Que lhe deu apreciável preparo para a vida prática. Aprendeu escrituração mercantil, aritmética e rudimentos de álgebra, francês o suficiente prá traduções, português, etc... Isso tudo, lhe serviu mais tarde, quando se tornou Serventuário da Justiça, em Botucatu.

Sucedendo a Agnelo Villas Bôas, por concurso, se tornou Tabelião e Escrivão do primeiro ofício, da Comarca de Botucatu. De 1919 a 1948 ( sucedido por seu filho Carlos de Almeida Pinto ), exerceu o notariado com exemplar correção e eficiência. Era do tempo de José da Rocha Torres, Rodolfo Barbosa, Jorge Ferraz, Francisco Dias Ferraz, Guilherme Machado, Dr. José Freire Villas Bôas e outros conceituados vultos do passado.

Meu pai era mesmo lavrador. Homem da gleba. Cafeicultor, Silvicultor. Foi o iniciador do plantio de eucaliptus, em larga escala, no município de Botucatu. Tornou-se um benemérito de Rubião Junior, pois da sua chácara “Santo Antonio do Capão Bonito”, para benefício do encantador subúrbio, fez doação de terras e serventias de caminhos e águas. Homem honesto, de conduta ilibada, serviçal e de bom coração, tornou-se estimadíssimo em Botucatu. Quando faleceu, em 23 de agosto de 1950, verdadeira multidão compareceu aos seus funerais. Verdadeira consagração ao cidadão boníssimo, cujo nome figura numa das ruas de Botucatu.

Do seu casamento com da. Amélia Paes de Almeida, filha do pioneiro capitão José Paes de Almeida, nasceram os filhos: Sebastião, Jayme, Carlos e Eunice de Almeida Pinto.

Dr. Jayme de Almeida Pinto, casado com da. Gabrielina Ferraz Pinto, é advogado, pecuarista e agricultor. Como político, foi Vereador, Deputado à Assembléia Legislativa e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura. São seus filhos: Vereador Plínio Ferraz Pinto, casado com da. Augusta Genoveva de Oliveira; Profa. Nilce, casada com o Engenheiro Naimo Aun, Superintendente da Sorocabana em Santos; Jayme Filho, casado com a

Profa. Suely Martin; Marina; Dra. Rosely, casada com o Dr. Roberto Sartori, médico e Profa. Maria Amélia, casada com o Sr. José Carlos Fiuza, Vice-Prefeito de Botucatu.

Dr. Carlos de Almeida Pinto, casado com da. Elvira do Amaral Santos, é tabelião e escrivão em São Paulo. São seus filhos: Dr. Carlos, Professor da Faculdade de Medicina da Virginia, nos States; Dr. José Gualter, casado com da. Nilce Luizeto, Delegado de Polícia substituto; Profa. Neusa, casada com o Sr. Atílio Fonseca; Rubens Roberto, funcionário da Assembléia Legislativa, casado com da. Carmencita Pinto; Ruy Pinto, casado com a Profa. Maria Alcinda Lunardi.

Da. Eunice Pinto, professora secundária aposentada, casou-se com o Dr. Antonio Chaves, Ministro do Tribunal de Alçada e Professor de Direito Civil, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. São seus filhos: Liana, licenciada em Psicologia, pela USP, e o Engenheiro Dr. Artur Pinto Chaves, do IPT.

O autor destas linhas é casado com a Professora dona Maria Leony Nogueira Pinto. São seus filhos: a doutoranda Ana Maria Nogueira Pinto; o Técnico em Eletrônica, Sebastião Filho, que trabalha na Comissão Nacional de Atividades Espaciais; Alcides, acadêmico de Direito, em São Paulo; José Roberto, José Paes e Maria Isolina, secundaristas; Profa. Maria Amélia, casada com o Dr. Osiri Esteves Pinto, médico.

( Correio de Botucatu – 07/01/1971)

#### **47 - O LEÃO VITÓRIO**

Nascido na região de Treviso, Itália, em 18 de maio de 1863, Leone Vitório chegou a Botucatu um pouco antes do que os trilhos da Sorocabana ( o primeiro trem que apitou na estação local, chegou a 20 de abril de 1889 ). Sendo entendido em trato de animais, encarregava-se dos bichos empregados na abertura da linha férrea, e tratava, também de animais doentes, fazendo medicina veterinária prática na região, onde ao tempo, a tração motor era desconhecida.

Aqui, o jovem italiano casou-se com da. Fiorina Forti, do numeroso clã dos Forti, radicados na zona urbana e nos sítios da região, de Toledo e do Guarantã. Continuando sua atividade de veterinário prático, sempre morou em casas de vastos quintais e como atrás dos animais vinham seus donos ( Botucatu era então um movimentado fim de linha e cidade entreposto), acabou alojando uns e outros, tornando-se hoteleiro. Eu me lembro, no começo do século, do Hotel “Leão Vitório”, na Avenida Floriano Peixoto, ali onde reside o Dr. Miguel Losso. Era um casarão, assobradado, ostentando um enorme lampião na quina da casa.

Notáveis eram os dotes culinários de dona Fiorina, cujos pratos ( e principalmente os molhos ) eram famosos na zona e na colônia italiana. A mesa de Vitório Leone, depois Vitório Leão, tinha sempre lugar para doze pessoas e, raramente ele admitia sentar-se sem a companhia de cinco ou seis amigos. Quando não os tinha, ia postar-se à porta ( há ainda quem se lembre de vê-lo debruçado sobre o muro do prédio da rua Cesário Alvim, ao lado da antiga

Delegacia de Rendas ), para recrutar comensais. E o Chianti Rufino, Marsala Florio e outros vinhos, corriam abundantemente.

Contava antigo carteiro, já desaparecido, saboroso episódio: - “Certo chefe político da zona, possuía belíssimo cavalo negro, com o qual ia pastorear seu rebanho político e dar um salzinho nos seus benquereres extraconjugais, lá p’ras bandas do afastado Lavapés. Às tantas, madrugada, cavalo e cavaleiro rolam por uma perambeira. O homem saiu do buracão, mas o cavalo não, parecendo que estava meio machucado. Pela manhã, mandaram chamar o Vitório. Este, chegou, viu e considerou a situação precária. O político não queria perder o cavalo, mas como tirá-lo? Era o que perguntava a pequena multidão de curiosos, onde se viam correligionários e adversários do manda-chuva. O que fazer seu Vitório?

A resposta foi incisiva:- “Mandem um garrafão de vinho branco”. E diante da estupefação geral, completou:- “Vinho italiano, si capisce!” Naqueles tempos havia fartura de produtos europeus – vinhos, queijos, salames italianos, portugueses, espanhóis, alemães.

Trouxeram o vinho. Vitório saltou para o valado. Abriu a boca do cavalo. E entornou-lhe largas talagadas, alternadas com as que também tragava. À meio garrafão, montou o bicho, esporeou-o e de um salto o bucéfalo pulou para fora do valo. E o nosso herói diagnosticou:- “Faltava coragem p’ro pulo. Mas este vinho dá coragem até p’ra defunto . . .” Si non é vero . . .

Vitório Leão também foi comerciante. Teve a primeira casa comercial de três portas, que a rua Curuzu conheceu. E isso foi motivo de orgulho para Vitório e para a cidade.

Naqueles tempos, havia um clube muito original, existente em Botucatu:- “I TRENTA TER CONTENTI”. Parecia inspiração maçônica, mas não era. Os “acadêmicos” eram escolhidos pela apreciação da poesia ( italiana, já se vê, que nenhuma outra lhes era familiar ou digna ), pela capacidade de apreciar vinhos, queijos e salames ( tudo importado ). As reuniões começavam ao cair da noite e terminavam com o dia claro. O clube funcionava, a princípio, nos fundos do prédio onde está a Padaria Esmeralda na Praça Coronel Moura, e depois, em uma casa muito curiosa existente no meio do jardim fronteiro ao Cine Avenida.

Frequentemente as discussões em torno dos méritos de Páscoli sobre Metastásio, ou de Ariosto sobre o D’Anunzio, conduziram a argumentos mais sólidos, resultando contusões e dissabores. Numa dessas quentes reuniões, o Vitório ficou colega de Camões, perdendo um olho . . . O clube terminou quando um pretendente à cadeira do sodalício, foi recusado pela terceira vez ( bola preta no frasco de Chianti esvaziado ) e invadiu orecinto a tiros.

Quem me contou estas coisas, que eu apenas passo adiante, disse que Túlio Téchchio foi a causa mortis do espiritual grêmio.

Diziam as más línguas, que findas as reuniões do clube, pela madrugada, um velho carroceiro era encarregado de entregar a domicilio, alguns consórcios adormecidos. . .

( Correio de Botucatu – 11/01/1971 )

## 48 - O LEÃO VITÓRIO

(Continuação)

Conversando com Hernâni Donato, o brilhante autor de “ACHÊGAS PARA A HISTÓRIA DE BOTUCATU”, sobre a atuação da colônia italiana na vida botucatuense, no fim do século passado e principio do corrente, dele ouvi o seguinte:- “É difícil admitir e entender o espírito gregário dessa gente, sem conhecer o que fosse a buliçosa Botucatu de então, seguramente a mais animada e próspera cidade do sul do Tietê. Havia aqui distintas e numerosas colônias de alemães, espanhóis, árabes, sírios e italianos. Até americanos e ingleses. Três Vice-Consulados, agências bancárias, indústria nascente, várias bandas musicais, grupos teatrais numerosos e rivais, imprensa movimentada, várias lojas maçônicas, redigindo atas em linguagens de outras terras. Vereadores italianos e portugueses não eram raros. Nesse ambiente, as colônias tendiam a exaltar a vida pátria, apesar da integração no ambiente brasileiro que sempre foi total”.

Vitório era um líder na sua colônia, animando grupos e talentos. Nessas atividades, deixava a administração do hotel à dedicada esposa e ao trabalho das filhas. Vivia cuidando das coisas de fora, sendo bastante estimado. As festas do XX de Setembro, comemorativas da Unificação Italiana ( com a tomada de Roma, em 1870 ), mereciam seu especial carinho. Estas festas foram muito bem descritas pelo saudoso José Pedretti Neto, em correspondência ao “Estado de São Paulo”. Os Varolli, avós e tios do jornalista, eram MAGNA PARS nessas comemorações.

Vitório Leão faleceu a 07/08/1927, deixando numerosa descendência, integrada na vida local. Apesar de muito ligado à cultura italiana, desenvolveu os valores brasileiros e abraçou o nome da família para os seus filhos. Deixaram de ser Leone e tornaram-se Leão.

O casal Vitório-Fiorina Leão teve 16 filhos, dos quais chegaram à idade adulta:- Vicente, Guarino, Duvilio, Marcelo, Alcides, Ciro, Lepanto, Adélia e Emília.

VICENTE LEÃO, casado com da. Ernestina Lopes, foi alfaiate toda a vida. Esportista, foi Diretor, por decênios, da A.A.Botucatuense. Era um grande amigo dos estudantes. Mas tão grande amigo dos estudantes. Mas tão grande amigo, mesmo, que recebeu o único título jamais concedido pela Escola Normal, de “normalista honorário.” Faleceu em São Paulo, deixando os filhos: Mário, Engenheiro, Presidente da COSIPA, considerado o Engenheiro do ano, em 1969; Renato, Médico Veterinário, alto funcionário da Secretária da Agricultura; Milton, Médico; e Maria Aparecida, Professora aposentada, casada como Prof. Salviano Nogueira, conhecido publicitário em São Paulo. Interessante é de notar, que todos os filhos de Vicente Leão, antes de partirem para os cursos universitários, se diplomaram pela Escola Normal de Botucatu.

GUERINO, ou Carlino Leão, comerciante, falecido, deixou uma filha a Professora Anita, ora residindo em Jacareí; Marcelo, ferroviário aposentado, casado com da.Rita Pilan, é

pai de numerosa prole: Diná, Ornélia, Irineu, Nelson, Marina, Glória e Alcides, todos residentes em Botucatu.

LEPANTO LEÃO, comerciante aposentado, residente em Botucatu, é casado com da. Tita Ribeiro, sendo pai das Professoras Tereza e Enedina, residentes em outras cidades.

DUVILIO LEÃO, comerciante aposentado, é casado com da. Luiza Ricci, sendo pai de da. Maria de Lourdes Leão Garcia.

ALCIDES LEÃO, funcionário aposentado da Empresa Teatral Peduti, reside em Tupã. Foi o voluntário número dois, de Botucatu, na Revolução de 1932. É pai de duas Professoras do ensino primário.

CIRO LEÃO, comerciante, meu velho companheiro de grupo escolar, é casado com da. Yolanda Padovan Leão. É pai da Professora Iêda e do Dr. Antonio Padovan Leão, advogado e funcionário da Secretaria da Fazenda.

EMÍLIA LEÃO é casada com Felício Jaqueta, e residem em Botucatu, sendo pais dos estimados moços Milton e João, e das Professoras Anita e Zilda Jaqueta ( esta última, minha afilhada de turma ).

ADÉLIA LEÃO, é casada com Antonio Donato, dos mais velhos moradores de Botucatu. É mãe de Helena, casada com Waldomiro Cury; Helio, professor, casado com da. Aparecida Tadei e Hernâni Donato, casado com da. Nely Martha Comi.

Como se vê, o historiador Hernâni Donato, é neto do Leão Vitório. Hernâni é um dos grandes valores botucatuenses: historiador, romancista, contista, grande estudioso das coisas botucatuenses. É um forte candidato às Academias de Letras do Brasil e de São Paulo. Sua bagagem literária é grande. E vários filmes, baseados nos seus livros, constituíram sucessos de cinema. É Diretor de Relações Públicas, da grande Editora Abril.

( Correio de Botucatu – 21/01/1971 )

#### **49 - MAJOR JOAQUIM MARIA, O LATIFUNDIÁRIO**

No fim do século passado, viveu em Botucatu, um autêntico latifundiário, o Major Joaquim Maria Barreiros. Era ele de Itapetininga. Descendia de velho tronco português, radicado de há muito na Província de São Paulo. Quando a onda verde dos cafezais, espalhou-se pela atual zona Sorocabana, o major Joaquim Maria Barreiros se transferiu de Itapetininga para Botucatu.

Suas fazendas cobriam léguas e mais léguas de chão paulista. Em Botucatu era dono das fazendas Estiva ( hoje Oito Pontas ), Janeiro e Paraíso ( no Pardinho ) e, também, da Fazenda Morro Azul, todas na região serrana. Era dono ainda, de uma campanha sem fim, que ia até

perto de Itapetininga. Autêntico latifundiário, pois. A Fazenda Morro Azul, foi a causa da morte de Luiz Augusto Tavares, que, na época, era Tabelião e Escrivão em Botucatu. E a Barreirada morreu pobre.

A coisa se passou assim: O Major Joaquim Maria, brabo, era um homem inválido. Doente, encarangado, semi-paralítico. Não podia se locomover. Quem cuidava dos seus negócios, era seu compadre e amigo, o escrivão Luiz Tavares. Os negócios corriam mal. O Major ia se empobrecendo. E começou a cismar, que, estava sendo traído e roubado pelo amigo e procurador, versão que era posta em dúvida por muitos contemporâneos. Certo dia, o Major e Luiz Tavares, foram a Itapetininga, para vender a Fazenda Morro Azul. A viagem, de trem, levava o dia todo. E quando o comboio ia se aproximando de Itapetininga, o Major, a tiros, matou Luiz Tavares. Foi um reboliço geral, parecendo até, uma cena de farweste, de filmes americanos. Quando o Chefe do Trem chegou, averiguou o ocorrido:- O que foi que aconteceu? – Matei um ladrão, um traidor, respondeu o Major. O Chefe então disse:- O senhor está preso. Aí o Major retrucou:- “Eu sou um homem preso pela natureza”.

O Major Joaquim Maria, foi julgado em Itapetininga, sua terra, onde era pessoa influente. Foi absolvido. Mas morreu logo, lá na “Atenas do Sul”. Deixou numerosa família, empobrecida, que se espalhou pelo Estado de São Paulo. Em Botucatu, alguns netos e bisnetos, em pequeno número, aqui residem. Tenho lembrança dos filhos, já falecidos : Euzébio, Lauro, João, José, Alfredo, Jonas, Amador, Nhá Lica, Sinhára, Idalina, Amália, e uma filha que se casou com o português Alberto Ramalho, que foi morar em Portugal, e lá faleceram.

Euzébio Barreiros casou-se com Virgília, filha do Capitão José Paes de Almeida. Deixaram os filhos: José e Arnaldo, solteiros, e Joaquim todos falecidos; Antonio ( Totó ), residente em São Paulo; Benedita, viúva de Paulo Liberato de Macedo, residente em Botucatu; Alzira, casada com Carlos Passoni, residentes em Florianópolis, Santa Catarina. Joaquim Barreiros deixou filhos e netos.

Lauro Barreiros, o nhonhô Lauro, era um músico notável. Regente de orquestra. Por motivos familiares, mudou-se para Piraju, onde faleceu. Lá, se tornou amigo do Deputado Ataliba Leonel, o famoso General Perrepista. Um filho de nhonhô Lauro, o Quinzinho Barreiros, tornou-se político de prestígio, e parece-me, que até foi Prefeito de Piraju.

João, o Zico Barreiros, era fazendeiro no Pardinho. Por questões de terras, foi assassinado por um vizinho. Manuelito, filho de Zico, vingou a morte do pai, matando ( poucas horas após o crime ), o seu assassino. Manuelito Barreiros era brigador, corajoso. Mudou-se para o Paraná. Por questões de terras, envolveu-se num conflito, onde matou e morreu. Era Barreiros no duro.

De Alfredo e Jonas, só sei que eram lavradores. E, como tal, viviam de teimosos, em dificuldades, apesar de lutadores.

José Barreiros, outro filho, durante muitos anos, residiu em Pederneiras. Foi jornalista e político naquela cidade.

Das filhas, Nhá LICA ( seria Eulália?), foi casada com o Major Manuel Fernandes Cardoso. Este, foi Vereador e Prefeito Municipal, além de fazendeiro ( dono do “Segredo”). Um filho, Humberto Cardoso, faleceu em deixar descendentes.

Sinhára Barreiros, foi casada com João Paraizo, que era Escrivão de Paz na Prata, tendo deixado filhos e netos.

Amália Barreiros e seu marido Joaquim Lucas (velho dentista botucatuense já mencionado nestas crônicas ), mudaram-se de Botucatu para São Paulo, onde faleceram. Nada sei sobre sua gente.

Amador Barreiros, o Dôca, já falecido, deixou muitos filhos. Um deles é Paulo Barreiros, conhecido artista do violão, aplaudido nos meios radiofônicos da Capital. O outro, é Antonio Barreiros, funcionário da Câmara Municipal de Botucatu. Uma filha, Orminda, é casada com o Sr. Luiz Bruno.

( Correio de Botucatu – 24/01/1971 )

## 50 - NHÔ QUIM FERREIRO

Homem bom era Joaquim Custódio de Brito. Ou melhor, era o Nhô Quim Ferreiro. Pouca gente o conhecia pelo nome próprio. Mas, pelo apelido, advindo de sua profissão, era homem dos mais conhecidos do velho Botucatu. Natural de Piracicaba, onde nasceu em 1836. Chegou a Botucatu por volta de 1860. Isto aqui, era uma vilinha, que ele viu crescer, progredir, civilizar-se. Sua morte ocorreu em 1920, quando contava 84 anos de idade.

Joaquim Custódio de Brito, casou-se na cidade de Rio Claro, muito moço, com Francisca Maria de Jesus. E logo botou-se p’ra Botucatu, que era afamada como lugar novo. Onde o dinheiro corria fácil. E todo mundo enriquecia. Nhô Quim Ferreiro ( alguns até falavam em Quim Ferreira ), montou sua tenda e começou a trabalhar. Criando a filharada que foi aparecendo, e que ao fim da vida, era a seguinte: Marcelina, Maria e Antonio que faleceram solteiros; Gertrudes, a Tudica, que foi casada com Caetano Conceição Cunha, em primeiras núpcias, e com Gustavo Maloper, em segundas núpcias; Israel, Boanerges, José, João e Virginia, falecidos; e Ana Rita, residente em Botucatu.

Nhô Quim Ferreiro, era tipo de homem padrão. Pela sua honestidade, retidão de costumes, coragem e qualidades de amigo leal e devotado. Naqueles tempos duros, de violências e aventureirismo, Nhô Quim Ferreiro se impôs como cidadão de real valor, digno do respeito e consideração do povo. Contava-se que, naquele tempo, não havia bancos ou casas bancárias na zona. Era ele que guardava o dinheiro que cometas ou negociantes fortes, deviam enviar a Sorocaba, ou São Paulo, para as casas atacadistas. Meu avô, o Capitão José Paes de Almeida, conforme já escrevi, era o próprio que levava o dinheiro. Dessa relação de trabalho, de vizinhanças e de confiança, surgiu grande amizade entre os dois, o que levou Nhô Quim

Ferreiro a se tornar compadre de José Paes. Até dinheiro em ouro, em libras esterlinas o humilde ferreiro guardava para o milionário Felipe dos Santos. Foi ,também, Inspetor de quarteirão.

O sogro de Nhô Quim Ferreiro, foi Pedro Ribeiro Homem. Era violeiro afamado. Considerado o maior do Estado de São Paulo. Tocava para gente importante. Certa vez, no palácio do Governo de São Paulo, tocou para o Imperador Dom Pedro II ouvir. Foi um sucesso. No fim da noitada, nas cartolas dos figurões, para o caboclo violeiro, foram contados mais de cem mil réis, uma grande quantia na época. Essa bossa para a música, revelou-se mais tarde nos filhos Israel, João e José Brito, que foram músicos, sendo que Israel foi seresteiro afamado, entre os normalistas de 1914-1920.

Nhô Quim Ferreiro residiu sempre na rua Curuzu, no prédio onde funcionou, depois, o Banco Francês e Italiano, o Banco do Botti. Joaquim Custódio de Brito, foi um nome em Botucatu.

Sua filha Tudica, depois de ficar viúva de Caetano Conceição Cunha ( família tradicional ), de quem teve o filho Alberto, casou-se com Gustavo Malopeu,que depois se mudou para Bauru. Deixou os filhos: Benedito, Lahire e Peluche.

Israel de Brito, que foi Ferroviário, ao falecer, deixou os filhos, Eugênia, Professora, e Francisco José, este, Diretor de Ginásio Estadual em Marília.

Boanerges, faleceu em Santa Cruz do Rio Pardo, onde residia, deixando oito filhos. José de Brito e João de Brito, ao falecerem, deixaram, respectivamente, nove e seis filhos, quase todos residentes em Botucatu. José, alfaiate, foi casado com Marietina, e João, ferroviário, deixou viúva da. Sinhára.

Virginia de Brito, casou-se com José Inocência Moreira, ambos falecidos. José Moreira, foi figura,muito conhecida em Botucatu e depois na média Sorocabana. Lavrador e fazendeiro, militou na política, em Botucatu e Bernardino de Campos. Chefe de numerosa família, pesava nas decisões da política local. Foram seus filhos: Ademar, Farmacêutico, Flavio, Paulo, Jarbas, falecidos; João e José, cirurgiões dentistas; Leônidas, fazendeiro; Cerina, casada com o Sr. José (Géca) Pires de Campos; Euthymia, falecida, que foi casada com Atilio Venditto e Ana Rita, residente nesta cidade.

Ana Rita de Brito Casalenuovo, reside em Botucatu. Aos noventa anos de idade, numa lucidez impressionante, conta coisas da sua gente e do Velho Botucatu, que fazem a delicia dos ouvintes. Foi casada em primeiras núpcias com Rosário Casalenuovo. Em segundas núpcias, consorciou-se com o cunhado Bernardo Casalenuovo, isto quando morava em Salto Grande, em 1915. São seus filhos: Hernando, Contador, falecido; José, Bancário; Jayme, Contador; e Rosário, Contador, residente em Presidente Bernardes.

( Correio de Botucatu – 31/01/1971 )

## 51 - PLANTADORES DE CARVALHOS

Terminei a primeira série destes artigos. Cinquenta capítulos. Parece que agradaram. E, por isso, como há muita coisa a contar, neste 1971, se o Plínio Paganini concordar, pretendo escrever outros artigos. Um livro, possivelmente resultará destas evocações, onde focalizo “Plantadores de Carvalhos”, como muito bem frisou um botucatuense ilustre, elevada expressão do magistério paulista, na carta que, agradecendo, abaixo transcrevo:

“Prezado Dr. Tião,

Você emérito rastreador das coisas e fatos que fizeram a grandeza da nossa terra, mergulha agora nas raízes de incontáveis personalidades que ilustram os tempos de dante, aprecia os vetustos e nobres troncos e se espalha em notícias sobre as ramadas vcejantes. Em se tratando da minha gente não poderia ter me ofertado melhor presente de Natal.

Veja bem que o cerne da Nação está na cepa desses varões ilustres, que forjaram o que hoje desfrutamos - condições de conforto e de lazer. Mas eles, por vezes comendo o pão que o diabo amassou, na sua condição de humildade ou de grandeza, legaram-nos um caráter adamantino exortado pelas virtudes do amor à família e à Pátria. Foram desbravadores e construtores. Plantaram robustos carvalhos que ainda são o sustentáculo da nação, na hora incerta dos desvarios e desacertos de uma mocidade já sem a liderança de chefes de família daquele calibre e daquela estatura. Foram eles apenas seres humanos e nesta condição, tiveram fraquezas e virtudes.

Sou o que sou e cheguei onde cheguei, porque recebi a herança dessa gente, o seu caráter forte, o seu espírito empreendedor, a sua lúcida visão do meio, das gentes e das coisas.

Parabéns, Dr. Tião: Ao já vasto acervo de contribuições folclóricas, históricas e geográficas da nossa terra, agora você traz à lume, pela sua prestigiada coluna, “as sombras que vivem”.

Agora que o ano descamba para seus dias finais, como o sol “in occiatuo”, melancólicos como todos os finais mas trazendo a sempre renovada esperança de alegrias, paz, trabalho fecundo e mil outras coisas, envio-lhe os meus votos de felicidades a você e aos seus.”

O Sr. Jandyro Villas Bôas, pertencente ao clã dos Villas Bôas, me distinguiu com a seguinte missiva:-

Distinto amigo Dr. Sebastião,

Li nas edições de 1º e 8 de outubro último, do “Correio de Botucatu” interessantes reportagens que o prezado amigo fez dos meus antepassados. São fatos reais, de certa forma já esquecidos e que, recordados, agradam sobremaneira os descendentes.

Por essa razão, sinto-me no dever indeclinável de vir à sua presença, a fim de agradecer-lhe tão oportuna lembrança, que faz bem aos velhos e ilustra a geração mais recente.

Aceite, pois, bondoso Amigo, o meu abraço de agradecimento e os votos sinceros de uma longa e profícua existência para mantê-lo firme nesse notável posto de ARTICULISTA DA RECORDAÇÃO. CORDIALMENTE, Jandyro Villas Boas.

LUIZ CHIARADIA, em amável carta, que muito grato, abaixo transcrevo, assim me joga umas flores :

“ Prezado Dr. Sebastião de Almeida Pinto,

Foi com grande satisfação que lemos mais uma das suas interessantíssimas crônicas sobre personagens do passado da nossa já Velha Botucatu.

Obra meritória essa de lembrá-los a nós, que os conhecemos, e revelá-los aos nossos moços de hoje, esses vultos que deixaram traços indeléveis da sua trajetória pela nossa cidade.

Desta vez, porém, a nossa satisfação é redobrada: a crônica se refere ao nosso parente, o circunspecto João Morato, o sisudo ancião e seus inúmeros descendentes.

Queremos, por meio desta, patentear-lhe, caro Dr. Tião, a nossa gratidão pelo valioso trabalho que, além de nos lembrar muitos fatos e nomes queridos, revelou-nos detalhes desconhecidos para nós. A estes agradecimentos se associam todos os atuais descendentes de João Morato, que, graças a Deus, ainda estão ao nosso lado. Um abraço de seu amigo”.

NOTA DO AUTOR: No último capítulo, tratando dos descendentes de Nhô Quim Ferreiro, cometi uma omissão. Deixei de mencionar um filho de José Inocêncio Moreira. É ele o Sr. Antonio Moreira, Prefeito Municipal de Bernardino de Campos.

( Correio de Botucatu, 11/02/1971 )

## 52 - NHÔ QUIM FRANCISCO

Joaquim Francisco de Barros, ou melhor, Nhô Quim Francisco, era um patriarca. Cidadão dos antigos. Paulista dos bons. Botucatuense de coração. Daqueles, para quem um fio de barba valia um documento.

Nascido em Tietê, aos 13 de setembro de 1846, residiu algum tempo em Piracicaba. Lá na “noiva da colina”, casou-se com a piracicabana Leopoldina de Almeida Rocha, da qual houve os filhos Francisco, Eva e Ezequiel, todos falecidos.

Enviuvando, Nhô Quim Francisco resolveu procurar zonas novas. E veio para as terras virgens da margem esquerda do rio Tietê. Em 03/11/1873 depois de quatro dias de viagem, a

cavalo e de navegação, singrando os rios Piracicaba e Tietê, com a família, chegou à fazenda do Sobrado”, de propriedade do tio Antonio Soares de Barros. Turíbio Vaz de Almeida conta que aquilo lá era um latifúndio de milhares de alqueires. Onde havia onças, lobos, jacarés e mais bichos brabos. Era um vasto sertão a desbravar. Em maio de 1878, mais ou menos, transferiu-se para Botucatu aquele que seria o chefe de grande família botucatuense.

Aqui foi lavrador toda a vida. Trabalhou até o fim de seus longos dias. Faleceu aos 19 de abril de 1931. Com 88 anos de idade. Cercado da estima e respeito dos seus concidadãos. E venerado pela sua enorme família, que, na sua maior parte, ainda reside na terra dos bons ares e das boas escolas.

Logo após ter se estabelecido em Botucatu, Joaquim Francisco de Barros, em segundas núpcias, casou-se com da. Maria Vieira Rodrigues, gente dos Vieira e Rodrigues, de Ibiúna e Campo Largo. Dona Maria que faleceu com oitenta e oito anos e meio, em 19/05/1955, foi mãe de Honorata, Aurélio, Maurícia, João, Elisa, Amélia, Emigdio, Francisca, Isabel, Paulo, Maria, Cornélia e Joaquim. Ao todo, 16 filhos, 80 netos e inúmeros bisnetos, constituíam a descendência de Nhô Quim Francisco, por ocasião de sua morte.

O venerando patriarca, lavrador, sempre foi um homem da gleba. Quando aqui chegou, em 1870, foi para a Capela do Divino Espírito Santo do Rio Pardo, onde comprou a fazenda Bela Vista. Essa propriedade conhecida pelo nome de “Fazenda do Banco”, em 1894 foi vendida a Cândido Bernardes Villas Bôas, o popular Candinho, pai dos Drs. João, Candido, José, Dr. Osório, Antonio Villas Bôas e outros filhos.

Nhô Quim veio prá cidade, onde ficou a família, para educação dos filhos. Ele foi p’ro “Montalvão”, uma fazenda às margens do Rio Pardo. Essa fazenda foi adquirida de Carlos Alberto de Araújo e ainda está na posse da família Barros. Todas essas aquisições de fazendas, o velho lutador conseguiu realizar com o auxílio de seu tio Domingos Soares de Barros, um dos maiores beneméritos de Botucatu. Construiu, também uma grande residência, ali na rua general Telles, onde está a mansão do Dr. Olivio Stersa.

Como “homem bom” que era, foi político. Do Partido Republicano Paulista. Amandista. Exerceu alguns cargos públicos. Foi Sub-Delegado de Polícia; Oficial do Registro Civil; Oficial da Guarda Nacional. Apesar de largamente estimado e Chefe de numerosa família, parece-me que não disputou cargos eletivos.

Espírito arejado, apesar das poucas letras, colaborou com o Dr. Vital Brazil na campanha contra o ofidismo. Ele e mais alguns outros fazendeiros, receberam instruções, pessoalmente, do Dr. Vital sobre a aplicação do soro antiofídico. Gostava de contar que curara muitas pessoas ofendidas por serpentes venenosas.

Em 1908, o velho fazendeiro transportou com seus carretões, as pesadas turbinas e os transformadores para a usina Hidroelétrica do Rio Pardo, pioneira no fornecimento de luz

elétrica da Zona Sorocabana. A título de cooperação, nada cobrou pelo oneroso e difícil transporte.

Esse homem que eu tive a honra e o prazer de homenagear ( quando fui Vereador ), conseguindo que seu nome fosse dado a uma das ruas de Botucatu ( ali no Bairro Alto ), cidade a que bem serviu e amou.

Da sua gente a numerosa estirpe dos Francisco, tratarei no próximo capítulo. Para tanto, vou-me valer dos preciosos subsídios fornecidos pela minha colega de magistério, a Professora Elisa de Barros, já aposentada.

( Correio de Botucatu, 17/02/1971 )

### **53 - O CLÃ DE NHÔ QUIM FRANCISCO**

Hoje é dia de focalizar, na linhagem de Joaquim Francisco de Barros, as gerações que chegaram até nossos dias. É o clã dos Francisco. Começa no primeiro casamento de Nhô Francisco, com da. Leopoldina de Almeida Rocha. Nasceram os filhos: Chiquinho Francisco, Eva e Ezequiel, todos falecidos. Dos netos e bisnetos desse ramo, residem em Botucatu a neta Antoninha ( filha de Chiquinho ), que é viúva de Geraldo Mariano Barbosa ( o Gê Barbeiro ) e suas filhas Cleuza Barbosa Fioravanti e Neuza Barbosa de Macedo.

Do segundo matrimônio com da. Maria Vieira Rodrigues, nasceram: Honorata, Aurélio, João, Emigdio e Paulo, todos falecidos; Maurícia, Elisa, Amélia, Francisca, Izabel, Maria, Cornélia, e Joaquim Francisco de Barros Filho. A maior parte desse povo reside em Botucatu.

A Professora Honorata de Barros foi casada com Astrogildo de Arruda (falecido), que foi lente da Escola Normal de Botucatu, conceituado professor de Biologia Educacional. Deixaram os filhos : Dr. Joy, médico psiquiatra, falecido; professoras Ady, Jay, Zeny e Honory, residentes na Capital. Dois netos, filhos de Joy, residem em Botucatu.

Aurélio Francisco, falecido, foi casado com dona Sebastiana de Barros, residente no Paraná, com as filhas professoras.

Maurícia de Barros, viúva de Genésio Pires de Arruda Melo, reside em Botucatu, com os filhos, sendo que a professora Odete de Barros Melo e o Dr. Orlando de Barros Melo, advogado, residem na Capital.

João Francisco, falecido, foi casado com da. Julita Pires de Campos. Desse matrimônio deixou os filhos: Dr. Rubens, advogado; Prof. Romeu, Inspetor Escolar; Dr. João Francisco Filho, advogado; Professoras Helena, Dulce e Cinira, residentes em Botucatu, e Carlos Pires de Barros, bancário.

A professora Elisa de Barros, aposentada, é veterana do professorado botucatuense. Diplomou-se pela nossa Escola Normal em, 30 de novembro de 1914.

Da. Amélia de Barros Alcantara, viúva de Mario Fortes Alcantara, reside em São Paulo. São seus filhos: Prof. Dimas, alto funcionário do Banco do Brasil; Scilas; Professoras Cyrene, Leny e Ely, residentes em São Paulo.

Emigdio de Barros, Professor,faleceu como Inspetor Escolar aposentado. Do seu casamento com da.Cecília Amorim Rodrigues de Barros, deixou os filhos: Sílvio, Henrique, Joaquim, bancários em São Paulo; Cecílinha, Professora; Dr. Paulo de Barros, médico psiquiatra, e Emidio, residente em Botucatu.

A Professora Francisca de Barros, foi minha colega de turma na Escola Normal de Botucatu. Diplomada em 29/11/1929. É religiosa. Freira de uma Ordem, onde tem o nome de Irmã Aurora de São Francisco.

A Professora Izabel de Barros é viúva de Hugo Pentagna, de tradicional família do Rio de Janeiro. Seu filho, Dr. Braz Benício Pentagna, é médico, clinicando em São Paulo.

Da. Maria de Barros é funcionária pública. Casada com o Dr. Bertolino Pereira da Silva, residem em Botucatu.

A Doutora Cornélia de Barros, viúva do Prof. Octavio de Mello Franco, reside em Botucatu, onde é cirurgiã dentista,fazendo parte do Serviço Dentário Escolar.

Paulo Francisco de Barros, lavrador, é falecido. Morreu siderado por um raio, em sua propriedade agrícola. Deixou viúva da. Genoveva de Souza Barros e os filhos: Eunice Benato, residente em São Manuel; Helly de Souza Barros, Professora; Vera de Souza Barros, Professora Secundária; e Joaquim Francisco de Souza Barros, Professor do Ensino Industrial, em Catanduva.

Joaquim Francisco Filho, o popular Barrinho, funcionário público aposentado, é casado com da. Luiza Santos. Residem em Botucatu.

Nesta relação, talvez tenham escapado nomes. O clã é muito grande. Por exemplo, entre bisnetos e trinets, não me foi possível conseguir o nome de todos. Tenho lembranças de Dorothy e Wilma Pereira, filha do falecido Professor Avelino Pereira ( meu colega de turma na Escola Normal, em 1919 ); Professora Odete de Souza Castanheira, cadeira prêmio de sua turma; Professoras Dirce e Diva Moraes Barros.

Quando NHô Quim Francisco faleceu,em 19 de abril de 1931 deixou 16 filhos e oitenta netos, assim distribuídos: Filhos de Chiquinho Francisco 2 , de Eva, 17; de Ezequiel, 14; de Honorata 5; de Amélio, 7; de Mauricia, 11; de João, 7; de Amélia, 5; de Emigdio,6; de Izabel, 2; de Paulo, 4 netos. Quanto a bisnetos e trinets, devem constituir legião.

( Correio de Botucatu – 25/02/1971 )

## 54 - DONA IZABEL FRANCO DE ARRUDA

Há dias, amável leitor, comentando esta série de artigos, frisou a influência de Piracicaba, na formação de Botucatu. Hoje, confirmando a observação do conterrâneo, vou focalizar mais gente da antiga Vila Nova da Constituição, influenciando na vida botucatuense. Trata-se de dona Izabel Franco de Arruda (NOTA DOS REVISORES: TIA TRISAVÓ PELO LADO MATERNO DE PAULO PINHEIRO MACHADO CIACCIA).

A bela praça ajardinada em frente à Misericórdia Botucatuense, chama-se “IZABEL DE ARRUDA”. O Pavilhão, de mulheres da Casa Santa ( mas não é Santa Casa), tem o nome de “Izabel de Arruda”. São homenagens à boníssima criatura, que tanto serviu Botucatu. Eu a conheci, já no fim da sua preciosa existência. E, por isso, posso subscrever o que dela disse o Almanaque de Botucatu – anos de 1919/1922 – ( publicação do jornalista Augusto de Magalhães ), que assim a retratou:

### D. IZABEL FRANCO DE ARRUDA

“Natural da Villa da Constituição, hoje Piracicaba. Nasceu aos 19 de novembro de 1835. Mudou-se para a cidade de Botucatu aos 24 de maio de 1875, sendo portanto, residente dos mais antigos do lugar. Dona Izabel Franco de Arruda, conta, atualmente, 21 netos e 35 bisnetos. Apresentamos abaixo, a árvore genealógica dessa ilustre família :-

Pelo lado paterno, dona Izabel é filha de Antonio Franco do Amaral, neta do Capitão Francisco Franco da Rocha, bisneta de João Franco da Rocha, tataraneta do Capitão Bartholomeu da Rocha Pimentel, cujos ascendentes são: Pedro da Rocha Pimentel, João Ferreira Pimentel, João Ferreira Pimentel de Távora e Vicente da Rocha Pimentel, todos de provada nobreza. Pelo lado materno: sua mãe é dona Francisca de Arruda Penteado, filha de José de Camargo Penteado, neta de José de Camargo Paes, bisneta de Thomaz Lopes de Camargo, tataraneta do Capitão-Mor Antonio Correia de Lemos, cujos ascendentes foram: o Capitão Fernandes de Camargo e Fernando de Camargo –o tigre.

Dona Izabel Franco de Arruda foi casada em primeiras e únicas núpcias com o Coronel Rodrigo Dias Ferraz Aranha, de cujo consórcio houve sete filhos:- Rodrigo Dias de Souza Aranha, Olympio Franco de Souza Aranha, Carolina e Corina, já falecidas ; Coronel João Rodrigo de Souza Aranha, casado com dona Amélia de Barros Aranha; Maria Izabel de Souza Castro, casada com Joaquim Benedicto de Castro, e dona Francisca de Souza Aranha Caldeira, casada que foi com o Coronel Caetano da Cunha Caldeira.

Dona Izabel de Arruda, virtuosíssima senhora, tem o seu nome ligado indelevelmente a muitas obras que lhe põem a descoberto a grandeza do coração.

Nesta página, nada mais fazemos que cumprir uma justiça às pessoas que mais se tenham destacado, demonstrado impulsoras dos progressos de nossa terra, em cujo número colocamos a ex. sra. d. Izabel Franco de Arruda”.

Isso foi o que escreveu o jornalista maranhense, que então andava por aqui. O que ele não particularizou, mas eu vou dizer, foi que a virtuosa dama paulista fez doação de vultosa quantia ( hum milhão de cruzeiros novos, na moeda atual ), possibilitando a construção da Misericórdia Botucatuense, o primeiro hospital da zona. Com esse donativo, e mais o que doaram os beneméritos Domingos Soares de Barros e Veiga Russo ( sem esquecer os benfeitores menores ), o inolvidável Dr. Costa Leite, em 1901, pode inaugurar o magnífico hospital que tantos benefícios presta ao povo de Botucatu. Além disso, dona Izabel era o amparo da pobreza e das instituições pias da caridade. Seu retrato e o do filho João Rodrigo e nora dona Amélia, estão na galeria de benfeitores da Misericórdia.

Dona Izabel Franco de Arruda ( era irmã de Justina Franco do Amaral, casada com o Tenente José Rodrigues César), em avançada idade, faleceu na Capital. Está sepultada em Botucatu, no jazigo da família, logo à entrada do cemitério. Seus descendentes não mais residem em Botucatu. Deles, tenho lembranças de Clodoaldo Caldeira e Dr. João Barros de Souza Aranha ( médico legista na Capital ) que foram renomados esportistas do passado. O Coronel João Rodrigo, foi dono da Fazenda Boa Esperança, atualmente propriedade do Prof. Joaquim Amaral Barros. João Rodrigo foi Vereador à Câmara Municipal de Botucatu, nas legislaturas de 1902/1904; e 1905/1907. Caetano da Cunha Caldeira, ao seu tempo, foi o político de maior prestígio em Botucatu. Dele voltarei a falar.

( Correio de Botucatu – 04/03/1971 )

## **55 - CORONEL CAETANO DA CUNHA CALDEIRA**

Figura das mais importantes do velho Botucatu, foi o Coronel Caetano da Cunha Caldeira. Homem de rara envergadura. Lutador. Dono de grande prestígio eleitoral. Dos Cardoso, era o maior trunfo no jogo político da época. Seus feitos, sua atuação, durante largos anos polarizaram a vida da comunidade local.

Natural de Piracicaba. Era filho do casal Maria e Agostinho da Cunha Caldeira. Este, foi político ( Vereador de 1880/1882 ). Faleceu aos 10 de junho de 1893, estando sepultado na necrópole local. Um outro da família, Tenente João Baptista da Cunha Caldeira ( casado com Maria Delphina Gomes Pinheiro Machado, filha do Capitão José Gomes Pinheiro e Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos), foi Vereador em várias legislaturas – 1869 a 1870; 1882 a 1885 – tendo presidido a Câmara Municipal várias vezes.

Caetano da Cunha Caldeira teve vida movimentada. Muito ativa. No começo, foi “cometa”. Percorria as cidades sertanejas, com sua comitiva bem aparelhada, representando

firmas atacadistas de São Paulo. Depois, estabeleceu-se com casa comissária – representações, vendas e consignações, etc... casou-se então, com dona Francisca de Souza Aranha, filha do casal Coronel Rodrigo Dias Ferraz Aranha e Izabel Franco de Arruda. Entrementes, gerenciava as grandes fazendas de café “Monte Selvagem” e “Morro Vermelho”. O homem prosperou. Com o tempo, tornou-se fazendeiro. Foi dono da fazenda “Matão”, que acabou vendendo a Evaristo de Arruda Campos. Teve uma propriedade agrícola em Itatinga, que vendeu. Ficou só com a fazenda da Prata, ainda hoje na posse de seus herdeiros. Dando azos ao seu temperamento dinâmico e à bossa comercial, andou negociando com tropas soltas. Tornou-se largamente relacionado e conhecido na zona.

Como não podia deixar de ser, meteu-se em política. Era o braço direito dos Cardoso. Republicano, logo após o 15 de novembro de 1889, começou a dar cartas no município. Por ato do Governo Republicano, todos os prefeitos e vereadores, tiveram seus mandatos cassados. E, para substituí-los na direção das comunas, criaram-se os Conselhos de Intendentes, onde o moço político figurou, isto em princípio de 1890. Depois, a coisa ferveu.

Em abril de 1891, o Governador de São Paulo, Dr. Américo Braziliense foi deposto. E em seu lugar, assumiu a governança do Estado, o Dr. Cerqueira César ( sogro de Júlio Mesquita , Diretor do jornal “O Estado de São Paulo”). O Conselho de Intendentes de Botucatu, foi destituído. Os conselheiros Alberto Pereira, Alberto de Araújo, Reverendo João Ribeiro de Carvalho Braga, Dr. Guilherme Von Giesler e Brazil Gomes Pinheiro Machado, foram substituídos. Só se salvaram Caetano Caldeira e Dr. Rafael Ferraz de Sampaio, que passaram a fazer parte do novo Conselho. Este, não pode ser empossado. Não havia em Botucatu, autoridade que legalmente pudesse lhe dar posse. E, por isso, foi o Juiz de Direito de São Manuel que empossou Caetano Caldeira e companheiros nos mandatos recebidos. ( Vide Hernâni Donato, em ACHÊGAS PARA A HISTÓRIA DE BOTUCATU, pg.91 ). Em 1892, Caldeira foi Intendente Municipal ( Prefeito ) e Vereador de 1893 a 1895. Era o Chefe, de fato. Que mandava em Botucatu. Apoiado pelo Deputado Federal e Secretário de Estado, o Dr. José Cardoso de Almeida ( Juca Cardoso ).

Em 1902, o Governo da República criou a Guarda Nacional. A respeito, Hernâni Donato em seu apreciado livro, já mencionado, assim se expressa: - “ O pródigo 1902, foi o ano áureo da guarda nacional botucatuense. A 6 de março, foi criada uma brigada de Infantaria com sede na cidade. Caetano da Cunha Caldeira, nomeado seu Comandante empenhou-se com tanta fúria, que logo em abril pode estruturar este numeroso Estado Maior :- 19 Alferes, 11 Tenentes, 7 Capitães, 1 Major e 2 Tenente Coronéis.

No mês seguinte, a 5, Cunha Caldeira organizou de vez o Batalhão de Infantaria da Comarca, o 109 BTL, dando-lhe por Comandante, o Tenente Coronel Matheus Gomes Pinheiro Machado. Em compensação, a 27 de novembro, o mesmo Cunha Caldeira era proclamado

Chefe Supremo da Guarda Nacional Botucatuense”. Passara a ser o Coronel Caetano da Cunha Caldeira.

O Coronel Caetano, era de uma habilidade política excepcional. Conta Turíbio Vaz de Almeida, que com ele privou de perto, que numa eleição dura, pleiteada ao extremo, ele conseguiu dar a vitória aos Cardosistas, quando conseguiu com habilidade e diplomacia, os votos do fazendeiro Francisco Antunes, para sua facção. Enquanto o Major Góes, nos seus costumeiros rompantes, dizia que a vitória fora sua, fruto do seu prestígio, o Coronel, sorrindo, só dizia:- “ foi minha habilidade,foi meu trabalhinho diplomático, que deu a vitória, virando o Chico.”

O Coronel Caetano Caldeira, em 1908 ou 1909, desgostoso com os irmãos Nenê e Custodinho Cardoso, que torpedearam sua pretensão de ser o Diretor-Gerente da Companhia Paulista de Força e Luz, recém-fundada ( nomearam o Engenheiro Manfredo Costa ), retirou-se para São Paulo. Na Capital, para desagrává-lo e prestigiá-lo, o Dr. Juca Cardoso, nomeou-o Diretor do Instituto Correccional de Menores. Depois, como aquela burocracia não lhe agradava, o Coronel Caetano deixou o serviço público. Foi nomeado Diretor da Companhia Paulista de Comércio e Navegação, da qual Dr. Juca Cardoso era um dos chefes.

O Coronel Caetano da Cunha Caldeira faleceu na Capital. Deixou os filhos: Caetano, Clodoaldo e Maria, vivos, sendo que Sebastião, Silvio e Corina, falecidos. Clodoaldo Caldeira, esportista de renome no passado, futebolista internacional, fiscal do consumo aposentado, reside na Prata, na fazenda dos Caldeira.

( Correio de Botucatu – 11/03/1971 )

## **56 - A FAMILIA FERRARI**

Há quase um século, a família Ferrari vive em Botucatu. E, como os demais membros da laboriosa colônia italiana, sempre emprestou sua preciosa colaboração para o engrandecimento do Brasil. O velho LUIZ FERRARI, italiano de Massa Carrara ( Toscana ), era um hábil escarpelino, isto é, um artista em cantaria. Era Chefe de numerosa família, que, com o tempo, resolveu imigrar para o Brasil. Seus filhos, Elias, Estevão, João, Benjamin, Camila, Tereza e o Padre Paschoal Ferrari, por volta de 1880, já andavam pelo Estado de São Paulo, localizando-se em Botucatu, Itapeva e outras localidades. O velho Luiz, permaneceu na Itália, onde faleceu.

ELIAS FERRARI já veio casado com dona Maria Domenica de Torlai. Chegaram em 1894, com os filhos ( italianos ) Luiz, Emílio, Maria e Aurélio. Essa gente se multiplicou a valer.

O jovem Luiz Ferrari, o mais velho dos peninsulares, logo se casou com Assunta Pavã ( ainda viva, residente em São Paulo ). Desse casamento nasceram os filhos: Prof. Elias João Ferrari, Delegado do Ensino Elementar Paulista; Prof. Alcides Evaristo, Inspetor Escolar,

residente em Tupã; Professoras Helena e Norma Elécta, do ensino secundário e normal, residentes em São Paulo; Profa. Leonilda, falecida; e Tereza, residente na Capital.

Emilio Ferrari, aqui em Botucatu, se casou com Ernesta Musetti. Ambos falecidos, deixaram os filhos: Pascoal, Júlio, Orlando e Paulo Ferrari, todos falecidos; Anibal, Elias José, Professor da Escola Industrial de Botucatu; Jayme, Licenciado em Farmácia; Carmem, viúva do Pitone; Diva, casada com Mário Piccinin; Luiza, casada com o Prof. René Pires de Campos e Marina, todos residentes em Botucatu. Emilio Ferrari foi industrial e comerciante. Montou uma fábrica de cerveja de baixa fermentação e de refrigerantes, uma afamada gasosa, que tinha muita saída entre as crianças. José Pedretti Neto ( tão prematuramente falecido ), nas suas, primorosas crônicas sobre o velho Botucatu, contava o seguinte: “Naqueles velhos tempos, os enterros de anjinhos, crianças maiores e mocinhas, eram festivos. O cortejo fúnebre ia ao cemitério, cantando músicas alegres. E depois do sepultamento do corpo os acompanhantes se dirigiam às fabricas de bebidas ( de Aleixo Varolli e Emilio Ferrari ), onde tomavam sodas, gasosas e comiam bolachas e confeitos. Os maiores, entravam no vinho, pinga e cerveja, espiritualizando-se convenientemente. . .

Aurélio Ferrari casou-se com da. Arpállice Pilan. Foi negociante na Vila dos Lavradores. Enriqueceu. Empobreceu. E faleceu há já bastante tempo, deixando os filhos: Maria, falecida, que foi casada com Genarino Delmanto; Ítalo, falecido; Leonor, casada com Oscar Nascimento; Clara, casada com Benedito de Castro, Chefe do Depósito da E.F.Sorocabana; Da. Arpállice reside em Assis com seus familiares.

Maria Ferrari, a única filha do velho Elias, casou-se em Botucatu, com Garibaldi Bonetti, Contador, Encarregado da Contabilidade de firmas italianas. Era do tempo de Humberto Brandi, Alfredo Nardini, e outros guarda-livros conhecidos. Garibaldi Bonetti faleceu em 1917, como negociante na Avenida Dom Lúcio. Sua esposa, a popular Maria Bonetti, faleceu em 01/03/1959, aos 79 anos de idade, deixando o casal os seguintes filhos: Miguel, tipógrafo, falecido; Luiz Miguel, meu informante e antigo companheiro de serenatas, quase cego, mas ainda bom no violão e nas canções, companheiro do Gastão Dal Farra; Humberto, funcionário do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, sendo além disso exímio desenhista ( Humberto é pai do Capitão José Bonetti, Diretor Esportivo do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, e colaborador de João Saldanha, na preparação da seleção brasileira, que ganhou a taça “Jules Rimet”, no México); Ida, casada com João Toledo, falecido; Irma, casada com João Moreira de Godoy; Inês, casada com Eduardo de Oliveira; e Anita Garibaldina, Professora, viúva de Brunoro Fabrizzi. A Professora Anita Garibaldina Bonetti, é mãe do Engenheiro Dr. Antonio Bruno Fabrizzi e das Professoras do ensino secundário, Maria José e Wilma Aparecida Fabrizzi. O Capitão José Bonetti, é Oficial do Exército Nacional, tendo comandado a guarda do Palácio do Catete ( Guanabara ) e foi Sub-Comandante da Policia Especial, responsável pela segurança dos Chefes de Estado.

BENJAMIN FERRARI, falecido na Itália, foi casado na família Bolognini. Deixou dois filhos, Luiz e Paschoal, que residem em Santa Maria da Serra.

CAMILA FERRARI foi casada com o Sr. Santini, matrimônio realizado na Itália, sendo que em Botucatu residiram os filhos João, Roque e Emília Santini, todos falecidos. Os Srs. Manoel Fernandes Santini e seu irmão Luiz e da. Etelvina Lunardi, são netos da falecida Camila, como o era, também o Mário Santini, já falecido, que era filho de Roque Santini.

TEREZA FERRARI, outra filha do velho Luiz Ferrari, sempre morou em Massa Carrara, e dela o Luiz Bonetti nada pode me informar.

( Correio de Botucatu –18/03/1971 )

## 57 - A FAMILIA FERRARI

(Continuação)

No capítulo anterior, falando algo sobre a família Ferrari, focalizei a gente de Elias, Emílio, Aurélio e Benjamin Ferrari e mais as irmãs Camila e Tereza. Hoje vou cuidar dos irmãos João e Estevão Ferrari.

JOÃO FERRARI era professor na Itália. Mas acompanhou os irmãos que vinham tentar fortuna no Brasil. De início, localizou-se na velha Faxina, hoje cidade de Itapeva. Lá já se achava, como vigário, seu irmão Padre Paschoal Ferrari. Abandonando o ensino, João tornou-se negociante. Casou-se com moça de tradicional família local. E desse matrimônio nasceram os filhos: Fortunata, que se casou com Luiz Cardoso, filho do Coronel Antonio Cardoso do Amaral ( Nenê Cardoso, que foi Deputado Estadual pelo 5º Distrito Eleitoral de São Paulo ); José, que foi empresário cinematográfico em Faxina; Luiz, Tabelião em Itararé; Emílio, Septímio e Octávio. Com a criação da Escola Normal de Botucatu, em 1911, João Ferrari mudou-se para Botucatu, onde seu filho Octávio foi meu contemporâneo de Curso Normal. Este rapaz, distinguiu-se tanto no magistério secundário e normal do Estado, que foi Catedrático de Geografia e Diretor de Colégios Oficiais. Faleceu prematuramente. Seu nome está na fachada do Instituto de Educação “Prof. Octávio Ferrari”, da cidade de Itapeva. Outro descendente de João Ferrari, que está se projetando na vida, é o Dr. Septímio Ferrari Filho, que é presidente da Sub-Secção da Ordem dos Advogados, em Itapetininga. Eu tenho lembrança do velho João Ferrari, quando, como bom mestre de cerimônias, auxiliava nas grandes festas da Catedral de Botucatu, onde o irmão, já Monsenhor, oficiava os cultos.

Dona Fortunata e seu marido Luiz Cardoso, são falecidos. Luiz Cardoso era um grande musicista. E sua filha, a professora Luíza, herdou a bossa musical. É a Chefe do Serviço de Cantos Corais Infantis, do ensino primário em São Paulo.

ESTEVAM FERRARI, era negociante nos seus primeiros tempos de Botucatu. Aqui se casou com dona Alcinda Cardoso de Almeida, irmã de Antonio Joaquim Cardoso de Almeida, o “Velho Cardoso”. Desse casamento nasceu Alcides de Almeida Ferrari, falecido há pouco na Capital. Em segunda núpcias, por morte de dona Alcinda, Estevam Ferrari consorciou-se com da. Paulina

Fonseca, viúva de Manoel Fonseca Lima, conhecido por Manéco Leme, que foi homem de grande fortuna. Desse casamento nasceram os filhos Améride da Fonseca Ferrari ( Tico ) e Anita Ferrari Unger, que se casou com Oscar Unger. Todos falecidos.

Alcides de Almeida Ferrari, o Dr. Alcides que os botucatuenses tanto queriam e admiravam, foi um dos mais notáveis expoentes da Velha Botucatu. Na minha modesta opinião, foi tão grande como seu primo Dr. José Cardoso de Almeida ( o Juca Cardoso ).

Em 1895, quando se criou o grupo escolar “Dr. Cardoso de Almeida”, pela ordem alfabética, Alcides foi o aluno número um. Diplomado, foi para São Paulo onde fez curso de humanidades, matriculando-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco . Muito inteligente, fez brilhante curso. Formou-se, Bacharel em Direito, no ano de 1909. E logo se pos a advogar em Botucatu. Bom orador. Espirituoso. Um camaradão. Tornou-se logo, figura popular. Meteu-se em política. E foi eleito Vereador.

Em 1914 foi nomeado Promotor Público da Comarca de Botucatu, cargo que exerceu com correção durante largos anos. Quando, numa reforma judiciária, foi estabelecido concurso para ingresso na magistratura, Alcides Ferrari se inscreveu na primeira turma. E foi aprovado. Foi nomeado Juiz de Direito substituto. Findo o estágio probatório, foi nomeado Juiz de Itaporanga, primeira entrância. Por merecimento foi sendo promovido para Capivari ( 2ª Entrância ), Itapetininga ( 3ª Entrância ) e, finalmente São Paulo, Entrância Especial.

Atingira o máximo na primeira instância. Suas sentenças e despachos, sua correção e honestidade na judicatura, sua personalidade marcante, levaram-no ao Tribunal de Justiça. Desembargador, durante muitos anos. Brilhando nas Câmaras Criminais e Cíveis. Atingiu o ponto máximo da carreira: Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Ilustrou e honrou a magistratura. E somente se aposentou, compulsoriamente, quando atingiu a idade limite.

O Dr. Alcides de Almeida Ferrari foi casado com da. Laura Conceição Ferrari, filha dos falecidos Dr. Antonio Augusto Conceição e da. Laura Correia Conceição. Desse matrimônio nasceram os filhos: Alcinda, Lurdes, Léa, Stela, Norma, Laura e Luiz Geraldo da Conceição Ferrari. Este, é advogado na Capital, onde goza de renome como causídico e líder da classe, pois é Presidente do Instituto de Advogados de São Paulo. Dr. Alcides, faleceu aos 81 anos de idade e hoje, seu nome é patrono do Fórum local: Fórum Dr. Alcides de Almeida Ferrari. Isto, por determinação do Tribunal de Justiça de São Paulo.

( Correio de Botucatu- 25/03/1971 )

## 58 - MONSENHOR FERRARI

(Continuação)

Nestas crônicas sobre a família Ferrari, um capítulo especial cabe ao Monsenhor Paschoal Ferrari, que, durante trinta e três anos e meio foi Vigário de Botucatu. Depois, no fim da vida, foi Vigário Geral da Diocese de Botucatu. Aos 03 de abril de 1853, Paschoal Ferrari, filho do SCARPELINO Luiz Ferrari, nasceu na Itália, em Corfino, província de Massa Carrara. Estudou no Seminário Menor de Castel Nuovo. Fez seus estudos teológicos superiores no Seminário Maior de Massa-Carrara, onde sacerdote se ordenou em 1879. E já em 1880 chegava ao Brasil. Veio para São Paulo, para onde se dirigia o grosso da imigração italiana. Durante algum tempo, serviu como Coadjutor da Paróquia de Sorocaba. Depois, foi Vigário de Faxina ( hoje Itapeva ) e Bom Sucesso ( atual Paranapanema ). Em 15 de maio de 1886, o padre Paschoal Ferrari assumiu a Paróquia de Botucatu, cidade onde terminou seus dias, em 21 de abril de 1922, aos 69 anos de vida. Foi Vigário da Paróquia até 28/12/1919, e depois, até sua morte, Vigário Geral da Diocese de Botucatu.

Desse longo pastorado, muitos frutos resultaram. Do meu saudoso amigo, Padre Salústio Rodrigues Machado, primeiro padre ordenado em Botucatu, ouvi as melhores referências sobre Monsenhor Ferrari: “ Era um sacerdote exemplar. Trabalhador. Amigo do progresso. Aos seus esforços se deve em grande parte, a criação da Diocese de Botucatu, da qual foi Vigário Geral.”

Para se avaliar a importância do cargo de Vigário Geral, basta se avaliar o tamanho da Diocese de Botucatu. Seu território era imenso. Compreendia toda a enorme área situada entre a margem esquerda do rio Tietê e o litoral. Da enorme Diocese criada em 1908, foram desmembrados os Bispados de Lins, Bauru, Sorocaba, Marília, Presidente Prudente, Assis e Itapeva. Era impossível ao grande Bispo Dom Lúcio Antunes de Souza, visitar sua imensa Diocese, hoje ARQUIDIOCESE. Por isso delegava seus poderes ao Monsenhor Ferrari, que se desincumbia, a contento, de sua delicada missão.

A falta de sacerdotes sempre foi um problema para o Episcopado Nacional no passado. Os padres brasileiros eram poucos. E por isso, a Igreja se socorria de padres italianos, portugueses e espanhóis, principalmente italianos, do clero secular. E isto, sem falar nos padres e frades regulares, como capuchinhos, dominicanos, etc. . . Tenho lembrança dos seguintes padres italianos, que na época trabalhavam com Dom Lúcio: Chirinéia, em Itatinga, Cônego Trombi, em Fartura; Ronsini, em Aparecida; Julianeli, em São Pedro do Turvo; Casesse, em Apiaí; Caetano Jovino, em Porangaba; Ciardela, em Conchas; Pieroni, em Laranjal; Bartolomei, em Anhembi; Amadeu, em Angatuba; e ainda Blotta, Gíóia, etc. . .

Grande foi a atuação de Monsenhor Ferrari na vida botucatuense. Justiça lhe foi feita, quando deram seu nome a uma rua central de Botucatu. Trinta e três anos de sacerdócio, num só lugar, é algo de notável, constituindo um fato digno de estudos e maiores referências. O primeiro vigário de Botucatu, foi o Padre Joaquim Gonçalves Pacheco, em 1850. Pouco parou.

Em seguida vieram os padres Jesuino Prestes, Modesto Teixeira, Salvador Rodrigues, Bento Ferreira, Antonio Lourenço Cardoso, Francisco Miranda, Bernardo Cardoso, Paschoal Blotta, João Lopes Rodrigues. Este foi o Vigário que antecedeu ao Padre Ferrari, em 1886. Não esquentavam lugar os reverendíssimos vigários. . .

Paschoal Ferrari, Padre ou Monsenhor, era um sacerdote tolerante. Vivia muito bem com os protestantes da terra. E se dava cordialmente, com os italianos anticlericais, garibaldinos vermelhos, que festejavam ruidosamente o XX de Setembro, data que assinala a tomada da Porta Pia, em Roma, e conseqüentemente derrota do Papa, que em 1870, perdia o poder temporal sobre os italianos.

O escritor Francisco Ferrari Marins, na saga do café, escreveu uma trilogia: Clarão na Serra, Grotão do Café Amarelo e A Porteira Bateu. Nos seus livros, o apreciado romancista, apresenta o Padre Ferrari como uma interessante figura em época, mostrando o aspecto muito humano e às vezes materiais do boníssimo Vigário, que pastoreava muito bem seu irrequieto rebanho.

Interessante é de se notar, que o escritor Marins, pertence a uma família Ferrari, que não tem parentesco com a do Monsenhor Paschoal.

( Correio de Botucatu -01/04/1971 )

### **59 - ADOLFO DINUCCI, CIDADÃO AD-HONOREM**

Figura interessante do Velho e do Atual Botucatu, que se fez presente e atuante, até há pouco tempo, foi Adolfo Dinucci. O conhecido arquiteto e construtor, destacou-se na Colônia Italiana já nos tempos de Botti, Sartori, Bertocchi, Varolli, Lunardi, Bacchi e outros velhos peninsulares, que boa recordação deixaram. Dinucci tornou-se figura popular. Para isso concorreu seu linguajar característico. Era um misto de português e italiano, que se misturavam pitorescamente. Entrementes, como bom italiano que era, umas bestêmiás. . . Em avançada idade, conservava o espírito de moço. Amigo da boa mesa, apreciando um bom vinho, bem humorado, era um “amigão”, como dizia o Desembargador e ilustre botucatuense, o Dr. Alcides de Almeida Ferrari, que vinha frequentemente de São Paulo para visitá-lo. Trabalhador infatigável, era de um dinamismo impressionante. Ainda aos noventa anos de idade, dando largas ao seu temperamento folgazão, Dinucci tomava parte nas folias carnavalescas.

Dinucci era italiano, de Lucca. Filho de Camillo e Palmira Dinucci. Nasceu aos 30 dias de março de 1870. Com outros irmãos, muito moço e solteiro, imigrou para o Brasil. Vindo para São Paulo, localizou-se em Botucatu, em 1890, mais ou menos. Os outros parentes, se dispersaram por outras cidades, alguns do Jaú, outros em Araraquara. Adolfo sempre residiu em Botucatu. E, por mais de sessenta anos, no prédio da rua Amando, esquina da Moraes Barros, onde até agora reside dona Luciana, sua viúva.

Em Botucatu, logo associou-se ao patrício Adolfo Pardini. Constituíram a firma Dinucci & Pardini, conhecida em todo o Estado de São Paulo, pelas suas dinâmicas atuações no setor da construção. Realizaram obras públicas e particulares. Construíram os maiores edifícios da cidade: Cadeia e Fórum, Grupos Escolares, Escola Normal, a Igreja de Lourdes, a Igreja Presbiteriana, os cinemas Casino, Paratodos e Vitória, rede de águas e esgotos, estação de tratamento de água, etc. Os prédios dos cines Paratodos e Vitória, pertencem à família Dinucci.

Tamanha foi sua atuação aqui na terra, que a Câmara e Prefeitura Municipal de Botucatu, em 16 de dezembro de 1964, em sessão magna, lhe conferiram o Diploma de Cidadão Botucatuense. Justo prêmio e honra ao mérito, àquele que, logo mais, aos 22 de dezembro de 1967, entregaria a alma ao Criador. Tombou o lutador, aos 97 anos. Faleceu em São Paulo, após delicada intervenção cirúrgica. Foi sepultado em Botucatu.

Além de arquiteto e construtor, Dinucci meteu-se na lavoura, pecuária e indústria. Comprou fazendas, montou serraria, entrou numa usina de açúcar, ficou pecuarista e leiteiro, sendo acionista de várias empresas. Amealhou enorme fortuna, talvez a maior da cidade, na opinião do Rafael J. Rafael, seu vizinho, que só o chamava de “Milione”. . .

Dinucci, se não era um mão aberta, não deixava, porém, de auxiliar as instituições assistenciais. Na Misericórdia Botucatuense, para a qual fez valiosas doações, tem seu retrato na galeria de benfeitores. Amparou o Asilo da Mendicidade. Tem seu nome numa das ruas da cidade. Na Sociedade Italiana de Beneficência era sócio destacado. E nas instituições locais, quando preciso, seu auxílio não faltava. Bom cidadão, não foi Comendador e nem Cav. Uff. Mas foi, AD-HONOREM, cidadão botucatuense, título de que se vangloriava e orgulhava.

Adolfo Dinucci, em primeiras núpcias, foi casado com da. Maria Spinosa, espanhola ( falecida muito moça ), da qual houve os filhos Palmira e Maria Dinucci. Dona Palmira, falecida há pouco tempo, era viúva de Francisco Venditto. Deixou dois filhos: o Dr. Adolfo Dinucci Venditto, cirurgião dentista, casado com a Professora Maria da Glória Guimarães Venditto; e a filha Maria Jacomina, Professora, casada com o Sr. Túlio Werner Soares; Dona Maria Dinucci, professora, é casada com o médico Dr. Humberto Gianella ( do Colégio Internacional de Cirurgias ), havendo o casal numerosa descendência : os filhos Rubens, Renato, Oswaldo, Humberto, José Fernando, Cláudio, Maria Lúcia e Maria Elizabeth, e diversos netos.

Em segundas núpcias, em 21 de maio de 1910, casou-se com da. Luciana Fernandes, espanhola, até agora residente em Botucatu. Aos 82 anos, dona Luciana, muito lúcida, conta coisas interessantes do casal Dinucci na terra botucatuense e nas suas viagens pela Europa. Da. Luciana viu a pequenina Botucatu crescer, civilizar-se e tornar-se nesta Princesa da Serra, que Trajano Pupo tão bem canta e exalta. Do seu casamento, da. Luciana houve os filhos Camilo e Yole, residentes aqui.

O Dr. Camilo Fernandes Dinucci, Engenheiro Civil, casado com a Professora Leontina Teixeira de Carvalho, é um dos autênticos valores botucatuenses. Continuador e ampliador das atividades paternas. Está se constituindo num dos beneméritos da cidade, pelo apoio que dá às

obras assistenciais e empreendimentos que visam o progresso local. Há pouco, pela Câmara Junior de Botucatu, foi justamente homenageado pela atuação em prol da sua terra natal. A professora Yole Dinucci é casada com o Industrial Jayme Fernandes Martins, havendo o casal os filhos, Jayme, universitário, e as Professoras Ana Maria e Sílvia.

Testemunha que sou, em mais de meio século, dos fatos e coisas que ocorrem nestes rincões, deixo aqui, palavras de amizade e respeito para aquele bom italiano, que, se tornou melhor Botucatuense : - ADOLFO DINUCCI!

( Correio de Botucatu – 04/04/1971 )

### **60 - ADOLFO PARDINI**

Nos velhos tempos, a Colônia Italiana de Botucatu, era numerosa. Além de outros já mencionados, tenho lembrança dos Pighinelli, Balarim, Franceschini, Varolli, Avalone, Michelucci, Torelli, Aversa, Laperuta, Pardini e outros mais, que aos poucos irei evocando. Adolfo Pardini, que faleceu relativamente moço, será hoje o focalizado.

Adolfo Pardini era italiano. Natural de Sant’Anna, Província de Lucca. Filho de Frediano e Gesualda Pardini. Nasceu em 09 de novembro de 1869. Na terra natal, desde mocinho, já trabalhava na construção civil.

Veio para o Brasil em 1890. Localizou-se em Poços de Caldas, Minas Gerais, onde residiu algum tempo, ainda solteiro. Na conhecida estância balneária do sul de Minas, conheceu o patrício Adolfo Dinucci ( também de Lucca ), que havia imigrado para o Brasil, havia pouco, em companhia do irmão Torello Dinucci. Adolfo Pardini resolveu então se transferir para São Paulo, Capital, passando a trabalhar com os irmãos Dinucci. Enquanto Adolfo Pardini trabalhava na construção da Escola Normal “Caetano de Campos”, Adolfo Dinucci construía a Escola “Ramos de Azevedo”. Isso em 1897.

Em 8 de setembro de 1898, os dois Adolfo chegaram a Botucatu. Aqui se estabeleceram, aqui trabalharam o resto da vida, aqui faleceram e foram sepultados. Em 1898, pois, foi constituída a conhecida firma Dinucci & Pardini, que se tornou famosa no ramo de construções de edifícios públicos. Operaram não só em Botucatu, como em várias zonas do estado de São Paulo. Adolfo Dinucci era o técnico, o projetista, o relações públicas. Adolfo Pardini, excelente mestre de obras, era o administrador, o homem encarregado das construções. Espírito calmo, falando grosso mas baixo, Pardini era o moderador entre as exaltações do Dinucci e outros amigos de discussões. . .

Da firma Dinucci & Pardini, foi contador durante largos anos, o Sr. Manoel Fernandes Santini, o popular BIMBO, que, com a dissolução da firma, passou para a Prefeitura Municipal de Botucatu, onde se aposentou como Tesoureiro. Funcionário da firma também foi o Chiquito Venditto, que acabou se casando com dona Palmyra, filha de Dinucci.

Solteirão, sócio do boêmio FANFULLA CLUBE, que funcionava na venda do José Bolognini, Adolfo Pardini, já bem de vida, resolveu tomar estado, como se dizia. Retornou à Itália. E lá na terra natal, em 1906, casou-se com da. Maria Pardini, rumando em seguida para o Brasil, para Botucatu.

Aqui nasceram os filhos: Américo, casado com a Professora Erminda Varolli Pinotti; Dr. Romeu, médico veterinário, residente em Bauru e casado com a da. Amélia Serra; Hernâni, Diretor do SAAE ( Serviço Autônomo de Águas e Esgotos ), casado com a Professora Lygia de Camargo Pinto Pardini; Professor Homero, Inspetor Escolar aposentado, casado com a Professora Ednéia de Almeida Gil Pardini, residentes em Jundiaí; Professora Rosina, casada com o Sr. Henrique Vettori, residentes em São Paulo; Dr. Adolfo, médico, casado com a Professora Lúcia Zanotto Pardini; Siliana, Contadora, Gerente da Agência do Banco Brasul, na Avenida Angélica em São Paulo. Nesta agência só trabalhavam mulheres.

As famílias Pardini e Dinucci, sempre moraram juntas. Quando Adolfo Dinucci ficou viúvo, do seu primeiro casamento, foi dona Maria Pardini que criou as meninas Palmyra e Maria, que eram pequeninas. Depois, quando Dinucci, em segundas núpcias, se casou com dona Luciana Fernandes, as famílias continuaram unidas, constituindo o mesmo lar.

Adolfo Pardini, em 1910, foi Presidente da Sociedade Italiana de Beneficência , na época uma verdadeira potencia entre os peninsulares, e, por isso mesmo, um foco de agitações, como revelavam as crônicas da época, como bem podem contar Pedro Chiaradia e Adeodato Faconti. . . Pardini, moderado era uma espécie de bombeiro, para refrescar os ânimos. . .

Totó, o velho Adolfo Pardini, faleceu em 20 de setembro de 1922. Um acidente vascular liquidou-o em pouco tempo. Deixando os filhos pequeninos. Siliana, nasceu uns poucos meses após a morte do pai. Em memória de Adolfo Pardini, um dos que ajudaram a construir Botucatu, na Vila dos Lavradores ( Jardim Paraíso ), há uma rua com seu nome.

( Correio de Botucatu – 22/04/1971 )

## **61 - OS AGUIAR, GENTE DE ARARITAGUARA**

Há dias, estive batendo um papo com o Sr. Valêncio Aguiar e Silva. Caboclo bom. Velho cidadão botucatuense. Residente na Avenida Sant'Anna, alí por perto do Palácio da Saúde. Rodeado por sua enorme família, muito lúcido, aos noventa e um anos de idade, vivo placidamente o seu fim de século. Conta coisas interessantes do Velho Botucatu. Contemporâneo de Turíbio Vaz de Almeida, é testemunha de uma época que se findou, e a qual pertenceu meu pai Sebastião Pinto Conceição, seu companheiro de Escola.

Os Aguiar e Silva vieram de Porto Feliz. Gente da velha Ararituaba, do tempo das Monções. Descendiam de velhos troncos bandeirantes. Salvador Aguiar e Silva e sua esposa dona Zulmira, com os filhos então existentes, chegaram a Botucatu em 1878. Viajaram vários

dias, em tropas de cargueiro. E, foram para a fazenda do Coronel Rodrigo Dias Ferraz Aranha, marido da benemérita dona Izabel Franco de Arruda. Aqui, o casal Aguiar teve mais filhos, dos quais sobrevivem Valêncio, Maria ( Lilica ) e o caçula Joaquim. Um outro filho de Salvador, o Antonio Aguiar, faleceu não há muito tempo, aos 84 anos de idade, deixando os seguintes filhos, todos residentes em Botucatu : José, Antonio, Paulo, Benedito, Helena e Maria, esta, viúva de Luiz Francisco . Sua viúva, dona Maria Amaral ( 84 anos ), vive em nossa cidade, em companhia de muitos netos e bisnetos.

O velho Salvador Aguiar, formou lavouras de café para o Coronel Rodrigo Dias Ferraz Aranha. Ganhou dinheiro. E tornou-se fazendeiro. Comprou uma parte da Fazenda Limoeiro, em Pardinho. Era vizinho de Antonio de Barros, fazendeiro forte, dono de muitos escravos. Com a abolição, os escravos libertos debandaram. E muitos foram trabalhar com Salvador Aguiar, enquanto o fazendeiro Barros se empobrecia.

Com o correr do tempo, Salvador Aguiar também empobreceu. E veio terminar seus dias num sítio do Faxinal, onde era pessoa de influência. Para o seu tempo, Salvador Aguiar era um homem de certo preparo. Conversava bem. Lia e escrevia. Fazia as quatro operações. E era dotado de muito senso. Tornou-se um Chefe no seu bairro, grande amigo de Nhô Faé ( Coronel Raphael Augusto de Moura Campos ). Mas nunca quis disputar eleições. Ao falecer deixou grande descendência.

O Sr. Valêncio Aguiar e Silva sempre foi lavrador. Casado com dona Benedita Soares Leite, gente dos Moisés ( conhecidos como Musas ) viveu no seu sítio no Rio Pardo. Homem bom, trabalhador, honesto, paulista dos antigos. Do seu casamento com da. Benedita, nasceram os filhos : Maria, casada com José Antunes Filho, cujo pai foi meu padrinho de crisma; Zulmira, casada com José Ferreira de Camargo, residentes em Piraju; Virgínia, casada com Oswaldo Ramanzini, comerciante em Botucatu; Moysés, casado com Olívia Meneses, ambos falecidos; Joaquim, casado com Julieta Dualibi, residentes em São Paulo; Ana casada com Francisco Amancio da Cruz ( o popular Zico ), residentes em Botucatu; Izabel, Telefonista, minha informante, do Centro Telefônico local; Lurdes, viúva de João Tozoni; José, casado com Albina Murback, residentes no Paraná; Salvador, casado com Izaura Amancio, residentes em Botucatu; Antonio e Tereza, residentes em Botucatu.

Esses filhos se multiplicaram a valer, à velha maneira paulista. E hoje, Valêncio Aguiar e Silva, é um verdadeiro patriarca, com 12 filhos, 58 netos, 48 bisnetos e alguns trinets se aproximando . . . Os descendentes de Valêncio Aguiar, trabalham nos mais variados setores de atividades.

Dos seus netos, tenho lembranças das Professoras Maria Clara Antunes, Olinda e Maria de Lurdes Ramanzini, que foram minhas alunas na Escola Normal de Botucatu. Nireu e Mariza Antunes, são Contadores, assim como Lourival Ramanzini. Os irmãos Ramanzini – Alexandre, economista, Oswaldo, acadêmico de Direito e Haroldo, universitário – são netos, pelo lado paterno, do velho Alexandre Ramanzini, sapateiro italiano falecido há tempos. O velho Mastro

Escarpáro, contemporâneo de Grandino, Chico Greco, Emilio Musetti, Laperuta, Pereira Ignácio, Rafael Madarena e Tortorella, que calçaram os velhos botucatuenses, o velho Ramanzini deixou grande descendência, e muitos dos seus netos e bisnetos residem ainda na terra dos bons ares.

Falando da abolição da escravatura, Valêncio conta que com a Lei Áurea, houve uma degradingolada nas fazendas. Os pretos, desorientados e atordoados com a liberdade, abandonavam tudo, deixando os velhos senhores na mão, como se diz hoje. Mas os pobres libertos, não sabiam aproveitar a liberdade. E acabavam voltando para as fazendas que tinham abandonado. Para trabalharem de graça, mesmo, ou mediante um irrisório salário. E o que salvou a lavoura paulista, foi a imigração dirigida. Uma italianada boa, louca para trabalhar, foi carregada para São Paulo. E o braço livre, fez São Paulo crescer, ao contrário do que aconteceu em outras províncias do Brasil.

( Correio de Botucatu – 29/04/1971 )

## 62 - A FAMÍLIA VAROLLI

No último quartel do século passado, era intensa a imigração italiana para o Brasil. Venezianos, calabreses, toscanos, napolitanos, sicilianos, milaneses e outros que tais, começaram a povoar o estado de São Paulo. Aqui, no Velho Botucatu, além dos muitos já mencionados, aportaram os Mazzoni, Garzezi, Longo, Jacóia, Fioravante, Dromani, Vicentini, Butignóli, Gramuglia e outros. No Pardinho, a velha Capela, o número de italianos ( da Baixa Itália, principalmente ), era tão grande, que a vila foi chamada Calábria.

Giuseppe Varolli era um italiano de Pontremolli ( Massa-Carrara ). Alfaiate. Ele e os filhos. Casado com dona Anunciadina Varolli. Era pai de Pio, David, Aleixo, Emídio, Maria e Xisto Varolli. Dessa prole, não muito numerosa para a época, resultou enorme descendência. Gente que influenciou e continua a influir na vida botucatuense e paulista. Em vários ramos – indústria, comércio, profissões liberais, magistério, funcionalismo público, políticos, etc... os descendentes dos Varolli, verdadeira legião, constituem valores positivos, como será devidamente focalizado.

Giuseppe Varolli, depois de longos anos em Botucatu, faleceu aos 16 de outubro de 1888. Em estado de viuvez, pois perdera a esposa ainda na Itália. Foi sepultado no cemitério que havia onde está o Fórum local. Como se vê, o velho italiano, era mesmo do tempo de Dante.

Dos filhos, o de nome David, viveu na França. Era Comandante da Marinha Mercante Francesa. O velho lobo do mar está sepultado em Marselha ( França ). Da família não se teve mais notícias após seu falecimento, há muito tempo.

Outro filho, o PIO, alfaiate, viera casado da Itália. Trabalhava com os irmãos na alfaiataria do velho “Sarto”. Ela ficava na atual rua Amando de Barros. Num prédio velho, já

demolido. Onde se localizou depois, a “Farmácia Pires” onde hoje se constrói o edifício do Banco Bradesco. Pio tinha uma filha casada com um irmão do Padre Ronsini, o famoso vigário da Capela da Aparecida, em São Manuel. Por essa razão, ao falecer, Pio foi sepultado no cemitério da vizinha e conhecida Aparecida de São Manuel. Seus descendentes, filhos e netos, residem em São Manuel e São Paulo.

EMÍDIO VAROLLI, também conhecido como Emílio, tornou-se lavrador. Em Itatinga. Eu o conheci, já no fim da vida. Era casado com uma senhora austríaca dona Catarina, da qual teve os seguintes filhos: Maria , Jacob, Anunciadina, Hermina, Adelaide, Rosalina, Angelina, David, Alexandre e José, estes dois últimos falecidos.

Dona Maria Varolli Aversa ( por ter se casado com Domingos Aversa ), ficou viúva muito moça. Na pandemia gripal de 1918, a famigerada gripe espanhola, Botucatu, varrida pela doença, teve grande número de mortos. Domingos Aversa, foi das primeiras vitimas fatais. Sua viúva criou os filhos: Antonio ( Nico), casado com dona Isolina Cintra ( Zula ); Angelina, casada com Thomaz Sartori; Ida, viúva de Álvaro Monteiro; Olympia, casada com o Dr. Carlos Guilherme de Campos, Médico residentes no Rio de Janeiro, onde Olympia é Professora do Colégio Pedro II. O Dr. Carlos de Campos é Professor de Física, do colégio padrão do Brasil. Os netos de Maria Aversa, são: Dr. Roberto Sartori, médico e Dr. José Guilherme Sartori, Advogado; Dr. José Carlos Monteiro, Cirurgião Dentista e Dr. Luiz Álvaro Monteiro, Médico; Sérgio e Antonio Carlos Aversa, Contadores. Emídio Varolli e esposa, estão sepultados em Botucatu, onde também foram inumados o genro Cícero Buchignani ( casado com Herminia ), e os filhos José e Alexandre. A filha Anunciadina, residente em Assis, foi casada com o falecido Antonio Gonçalves - TONIJO, conhecido futebolista do passado. As filhas Adelaide ( casada com Waldemar Carvalho Costa ) e Angelina ( casada com Dálvio Pampuleo ) residem no Rio de Janeiro, onde, também é morador o David Varolli. Jacob reside em Botucatu. E Rosalina, casada com Cláudio Bismara, reside em Sorocaba.

No Rio de Janeiro, há netos e bisnetos do velho Emídio, assim como em Sorocaba e outros lugares. Não é possível mencioná-los, sob pena de omissões e erros.

Dona Maria Aversa, muito lúcida, aos oitenta e dois anos de idade, tem 10 bisnetos. Ela conta coisas terríveis do que foi a gripe espanhola. A cidade foi arrasada. Morreu gente demais. Levy de Almeida, o jornalista, a família Pinheiro da Silva e outras foram dizimadas. A Santa Casa, foi insuficiente para abrigar os doentes. E, por isso, a Escola Normal, foi transformada em hospital de emergência.

( Correio de Botucatu – 06/05/1971 )

## 63 - A FAMILIA VAROLLI

(Continuação)

Maria, a única filha de José Varolli, foi casada com seu patrício José Pedretti, ambos falecidos em avançada idade. Deixaram os filhos: Nello, Amélia, Anunciadina e Fiameta, esta casada com o farmacêutico Francisco Locchi, de Conchas, sendo ambos falecidos. Um filho do casal Locchi, o Wilson, reside no Rio de Janeiro.

Nello Pedretti, falecido em 22 de fevereiro de 1946, ao seu tempo, foi figura marcante em Botucatu. Dono da premiada “Tipografia Comercial”, fazia todos os serviços do ramo. Imprimia jornais. E com isso, meteu-se no jornalismo. Era do “Correio de Botucatu”. E nos jornais italianos, punha a ferver a laboriosa e grande colônia. Fez a primeira grande guerra. Depois, foi representante comercial, até morrer. Faleceu no pós-operatório de uma intervenção cirúrgica, conservando-se sempre, um humorista irreverente. Casado com a prima Maria Varolli ( filha de Xisto ), já falecida, deixou os filhos: Profa. Albina, casada com Dácio Toledo Castanho, residentes em Bernardino de Campos; Cláudio César, Contador, residente em São Paulo; Professora Maria Amélia, do ensino secundário e normal; e professor José Pedretti Neto, falecido.

O Professor José Pedretti Neto, apesar de moço, foi uma das grandes expressões do ensino normal paulista. Diplomado pela Escola Normal de Botucatu, especializou-se em Pedagogia. Por concurso, tornou-se Catedrático do Instituto de Educação “Dr. Cardoso de Almeida”, do qual, em comissão, foi Diretor por largos anos. Jornalista, poeta inspirado, contista, deixou um sem número de magníficos trabalhos literários e didáticos. Dedicava um amor sem par, a sua terra natal e a sua Escola Normal, que nunca cessou de exaltar e cantar em prosa e verso. Do seu casamento com a Professora Laurentina Perez, deixou os filhos: José Pedretti Junior e Elizabeth, secundaristas; Luiz José, acadêmico de Direito da USP, e bolsista do American Field, com estada de um ano na América do Norte. Uma rua da cidade, tem o nome do ilustre botucatuense. E um ginásio oficial, tem como patrono o notável educador, meu grande colaborador em várias iniciativas pró Botucatu.

Dona Amélia Pedretti, já falecida, casou-se com Antonio Tílio, antigo militante da imprensa Botucatuense. Sua irmã Anunciadina, consorciou-se com Augusto Panizza. São vivos e residem em São Paulo.

XISTO VAROLLI, era o caçula dos irmãos. Quando deixou Pontremolli, na Itália, com o pai e irmãos, já estava casado com Anunciadina Urióli. Vieram para Botucatu. E aqui se estabeleceram com alfaiataria ( sócio de Aleixo e Pio ). Depois, deixando a alfaiataria, cada irmão seguiu rumo diverso. Xisto Varolli foi dirigir a casa comercial do sogro. Era um armazém, situado na rua Curuzu, onde João Venditto teve o Empório São José (que comprou do falecido Herminio Aversa ). Na casa da rua Curuzu nasceram todos os filhos do casal Varolli.

Em 1910, Xisto Varolli foi ser hoteleiro. Eu me lembro dele, sucedendo ao meu tio Júlio Pinto Conceição na direção do “Hotel Capão Bonito”. E como hoteleiro, o boníssimo Xisto continuou até 1932, quando faleceu aos 72 anos de idade. Já então era viúvo de dona Anunciadina, que falecera em o ano anterior. A filharada de Xisto era a seguinte: Maria, casada com Nelo Pedretti, ambos falecidos; Ida, casada com Vicente Moscoliato; Irma, casada com João Venditto, Juiz de Paz em exercício; Haydée, viúva de José Tortorella; Lôle, falecida, que foi casada com Jacó Tair; Irene e Olga; Ferruccio, o único varão, já falecido, que foi casado com dona Imaculada Moscoliato, deixando os seguintes filhos: Odila, casada com o farmacêutico Eugênio Lacerda; Edith, casada com José Arias, Yole, casada com Manoel Batista; Terezinha, casada com o Prof. Oswaldo Vieira, sargento da Polícia Militar; Professora Lêda e Anunciadina, a popular Didi, funcionária do INPS, sendo que José Cesar e Xisto, são os herdeiros masculinos.

Dos netos e bisnetos de Xisto Varolli, tenho lembrança de Maria Angela Venditto, casada com Oscarlino Tancler; Dr. Antonio Tillio Filho; Professor Atilio Tillio; Mário Tillio e as Professoras Adelaide Alberto, Wilma Sibar, Maria Ignês Martin. Dos Moscoliato, os Professores Antonio Maria (casado com a Profa. Norma Canellas Pinheiro Machado) , Fausto, Mercedes, Elda e Maria Ana, são residentes em Botucatu. Elda Moscoliato é brilhante cronista, sendo assídua colaboradora dos jornais locais e funcionária dos Correios e Telégrafos, onde também trabalha sua irmã Mercedes. Fausto é funcionário do INPS e Antonio Maria é alto funcionário da E.C.Telégrafos, em Botucatu. O Dr. Tillio Junior, causídico, jornalista, já foi Presidente da Ordem dos Advogados, sub-seção de Botucatu. Maria Ana Moscoliato é funcionária da Fazenda do Estado.

( Correio de Botucatu – 18/05/1971 )

## **64 - A FAMILIA VAROLLI**

(Continuação)

Quando Giuseppe Varolli, em 1860, mais ou menos, chegou a Botucatu, montou uma alfaiataria, na qual trabalhava com os filhos Pio, Aleixo e Xisto. Ao fim de algum tempo, Aleixo deixou o ofício e tornou-se industrial. Montou uma fábrica de bebidas. A iniciativa frutificou. Surgiu uma grande indústria. Que funcionava em enorme prédio próprio, na rua Curuzu. Ali onde estão o Instituto de Cegos, a Oficina Lopes e várias residências. O terreno ia até a rua do Sapo ( Rangel Pestana ).Aleixo enriqueceu. E tornou-se um líder da colônia italiana. Influía, igualmente, na política local. Foi Chefe Hermista, durante a campanha civilista, na qual Rui Barbosa postulava sua eleição à Presidência da República. Aleixo Varolli, Manuel Nunes, Candido Bernardes Villas Bôas, Francisco Pinheiro da Silva, Jorge Pinheiro Machado e outros, integravam o Diretório Hermista, que se batia pela eleição do Marechal Hermes da Fonseca ( foi eleito ) Presidente da República, isto em 1910.

Aleixo Varolli, na cidade de Itu, casou-se com dona Francisca Grôcco, viúva de um Sr. Poggi, do qual houve dois filhos: Conchetta e Angelo Poggi. Os filhos deste último, foram meus colegas no grupo escolar “Dr. Cardoso de Almeida”.

Em 1914, Aleixo Varolli foi passar uma temporada na Itália. Havia adquirido uma fazenda em Parma, perto de Pontremolli, terra de onde havia encaminhado para o Brasil os patrícios Botti, Bertocchi, Buzarcca, Mori e outros pontremolensis conhecidos.

Em 1914, estourou a primeira grande guerra mundial, que durou até 1919, e na qual a Itália estava envolvida. Aleixo Varolli ficou retido por lá, com dificuldades para voltar. Da Chiquinha foi visitá-lo, em 1916. E além de café, levou ingredientes para uma feijoada. Em pleno inverno ( com neve de metro nas ruas ) Aleixo ofereceu uma feijoada completa aos amigos. Depois de pesada refeição, em alegre almoço, os convidados se retiraram. O anfitrião sem agasalhos acompanhou-os até o próximo ponto de condução. Foi uma grave imprudência. Aleixo apanhou uma broncopneumonia ( naquele tempo não havia antibióticos ) e faleceu, aos 63 anos de idade. Foi sepultado por lá, longe do Brasil, que amava como sua segunda pátria e berço de suas filhas. Dona Chiquinha mais tarde regressou ao Brasil. Faleceu aqui em Botucatu, onde está sepultada, aos 93 anos de idade.

Aleixo Varolli deixou as filhas: Albina Botti, Leonilda Faconti e Maria Delmanto, todas falecidas, sendo a última a pouco tempo.

A filha Albina casou-se com Francisco Botti, negociante, excelente pessoa. Um grande coração. Um benemérito, que tem o seu retrato ( e o da esposa também ), na galeria de benfeitores da Misericórdia Botucatuense. Era Cav.UFF. da Coroa Italiana. Foi Gerente do primeiro banco que funcionou em Botucatu – o Banco Francês e Italiano para a América do Sul. Botti e dona Albina, falecidos em São Paulo, deixaram os filhos: Mário, banqueiro, falecido; Carlos, engenheiro, tragicamente morto em desastre de aviação, quando pilotava um monomotor de sua propriedade; Júlio, Afonso e Anita, casada com Renato Petroso, pioneiro da aviação civil.

Dona Mariquinha Varolli, foi casada com Pedro Delmanto, sendo ambos falecidos, com mais de noventa anos de idade. Pedro Delmanto, homem ativo, fez muitos investimentos: teve sapataria, montou uma fábrica de calçados e um curtume hoje dos Losi. Foi fazendeiro. Mas o seu maior investimento foi na instrução dos filhos. Formou-os todos, dando-lhes títulos universitários.

O Dr. Aleixo Delmanto, médico, formado pela Universidade de PARMA ( Itália ), é bom clínico e ótimo radiologista, acatado nos meios científicos da Capital, como excelente profissional. Além disso é apreciado beletrista, eloqüente orador, dono de vasta cultura humanista. Seu filho Rubens é médico e a filha Glória é professora.

O Dr. Antonio é médico. Conceituado cirurgião. É membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões ( capítulo de São Paulo ) e da Academia de Medicina de São Paulo. É também, membro do Conselho Superior da Faculdade de Ciências Médicas de Botucatu, como representante da Comunidade. Foi Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Botucatu, sendo inegável seu prestígio político. Fundador e sustentáculo do Albergue Noturno, demonstra seu espírito humanitário. Durante largos anos esteve à frente da Misericórdia Botucatuense, da qual foi médico e Diretor Clínico. Seus filhos, Armando, universitário, Fióquina ( professora ) e Dr. Décio, cirurgião-dentista, residem na Capital.

O Dr. Orlando Delmanto, que era médico oftalmologista, faleceu moço. Deixou bom nome em Santo André, onde há pouco recebeu homenagem póstuma da Municipalidade.

Os Drs. Dante e Belvar Delmanto, são advogados na Capital. Dante Delmanto, criminalista de fama, um dos grandes no Brasil, foi Deputado Estadual e como esportista, presidiu o Esporte Clube Palestra Itália, hoje S.E. Palmeiras. Seu filho Celso Delmanto, também advoga na Capital.

As Professoras Wanda e Peggy Delmanto residem em São Paulo. Dona Wanda é casada com o Dr. Antonio Guimarães, Delegado de Polícia na Capital.

( Correio de Botucatu – 04/06/1971 )

## **65 - A FAMÍLIA VAROLLI**

(Conclusão)

Focalizando a Família Varolli nestes últimos capítulos, para terminar, hoje, vou falar sobre o casal Leonilda Varolli e Adeodato Faconti.

Como já foi dito, dona Leonilda Varolli era filha de Aleixo Varolli. Moça de rara formosura e aprimorada educação, em viagem pela Europa, a passeio, conheceu o moço Adeodato Faconti, que era de Pontremolli, terra de Aleixo Varolli. E com ele, em 1908, veio a se casar, em Botucatu. Desse casamento nasceram os filhos: Oberdã, jornalista em Santos; Raul Tigrani, eletro-técnico, residente em Santos; Antonio, representante comercial, residente em Londrina ( Paraná ); Eduardo, eletro-técnico, residente em Botucatu, e a Professora Mirian Ana Prófuga Faconti, viúva do médico Dr. Grazielo de Noronha, residente com os filhos na cidade de Avaré. Dona Leonilda faleceu há tempo e o Sr. Faconti reside em Botucatu, em companhia do filho Eduardo.

Adeodato Faconti, nascido em Pontremoli ( Massa-Carrara ) aos 28 de fevereiro de 1877, fez seus estudos clássicos naquela cidade italiana. Tornou-se senhor de grande cultura. E dedicou-se ao jornalismo, tanto na Itália como na América do Norte, onde residiu com o irmão Batista, na cidade de Nova York, de 1905 a 1907. Veio, depois para o Brasil, e em Botucatu,

casou-se com dona Leonilda. Sem deixar suas atividades literárias, foi industrial e fazendeiro. Era um dos líderes da Colônia Italiana, onde, pela sua combatividade, pela palavra falada ou escrita, exercia intensas atividades. Integrado plenamente na coletividade brasileira, e porque as leis de então o permitiam, militou intensamente na política local. Era do PRP, da facção Cardosista. Foi Vereador à Câmara Municipal local, de 1923 a 1928. Depois da Revolução de 1930, afastou-se das atividades políticas. Mas, seu trabalho literário continuou, projetando o nome de Botucatu intelectual lá fora, como se verá pela relação de sua bagagem literária abaixo publicada.

Em 1965, num aplaudido gesto da Câmara Municipal e da Prefeitura Municipal de Botucatu, o Sr. Adeodato Faconti recebeu o título de “Cidadão Botucatuense”. Honra ao Mérito, foi o ato dos poderes públicos locais, considerando-o Botucatuense “AD HONOREM”, pelos relevantes serviços prestados à cidade e ao povo, em sessenta anos de dedicação e trabalhos, em prol do berço de seus filhos.

Adeodato Faconti, aos 94 anos de idade, continua em plena e pujante produção intelectual. Agoa mesmo, lançou à luz da publicidade um interessante trabalho, - “O Último Passeio de Jesus Cristo Sobre a Terra” escrito em janeiro de 1971.

Sua bagagem literária, compreende duas fases: na Itália, até 1905, e no Brasil, de 1908, até agora. São obras em italiano e em português. Compreende romances, ensaios e memórias. Dramaturgo, produziu belas peças teatrais. Como exemplo, posso citar o drama “Sangue Brasileiro”, que depois de representado em Botucatu, foi levado à cena no Teatro Sant’Anna, em São Paulo, com grande sucesso.

#### OBRAS DE ADEODATO FACONTI

“Os Proletários” – ensaio, Florença, 1899

“Roma Neroniana” – páginas históricas – Florença – 1899

“Antes de Maciovic” – episódio épico polonês – Florença – 1902.

“Mirta Flavien” – romance, com prefácio de Henrique Sienkiewtiz, autor do “Quo Vadis” – Florença – 1905

“Aurora de Paz” – alegoria histórica, peça em um ato.

“O Capelão da Camisa Vermelha” ou um ensaio do Hino de Garibaldi, peça em dois atos.

“O Leproso” – drama em cinco atos.

“Sangue Brasileiro” – drama em dois atos.

“O Sino de XX de Setembro” – comédia espírita, em dois atos.

“Miséria e Honestidade” – comédia em um ato.

“O Soldado Desconhecido” peça em um ato.

“Os Mardocheos” – comédia satírica em cinco atos.

“Amor e Morte” – drama em um ato.

“A Marcha dos Mortos em Botucatu” ( narração macabra )

“Os Italianos no Brasil” – memórias de outros tempos –

Trilogia : Anita Ribeiro Garibaldi, A Retirada da laguna e o Contrabandista.

Comemoração da Festa do XX de Setembro, feita pelos italianos e brasileiros mortos, no cemitério de Botucatu.

“Remexendo os Meus Rascunhos” – 1965 – memórias.

Neste último trabalho há uma dedicatória, que vale a pena transcrever : - “Ao Dr. Dante Delmanto, jurisperito insigne que, desde o inicio de sua carreira às lisonjeiras ofertas de uma política desonesta, preferiu, para atenuar o rigor da justiça, intervir com o recurso de sua inteligência e com o fascínio de sua palavra fecunda, em favor das vítimas das humanas paixões, a fim de não lhes esvaecer a esperança de poder ressurgir numa vida nova no meio do consórcio civil.

( Correio de Botucatu –10/06/1971 )

## **66 - OS IRMÃOS ZANOTTO**

Figuras muito conhecidas no velho Botucatu, eram os Zanottos. Seis irmãos. Quatro homens e duas mulheres. Italianos. Que, por volta de 1890, já estavam no Brasil. E no estado de São Paulo escolheram Botucatu. Trabalhando nas lavouras de café, buscavam um lugar ao sol. Vencidos os primeiros tempos, de durezas sem conta, amealhadas as primeiras economias, vieram para a cidade. Já no princípio do século, encontramos os irmãos Ricardo, Guilherme, Guido e Hermenegildo Zanotto, estabelecidos no comércio. E depois, na indústria. Prosperando. Enriquecendo. Tornando-se pessoas de destaque na colônia italiana e na sociedade botucatuense. Com o tempo, se tornaram cidadãos botucatuenses de fato, pela naturalização obtida. Hoje, todos falecidos, pode-se dizer que deixaram boa lembrança de homens trabalhadores, lutadores, progressistas e de visão, cidadãos estimados.

RICARDO ZANOTTO, eu o conheci na vila dos Lavradores, como forte negociante. Sua grande casa comercial ficava na rua Major Matheus. Depois, por muitos anos, foi gerente da agência do Banco Ítalo- Brasileiro, do qual foi um dos fundadores. Faleceu em Botucatu, deixando muitos filhos e netos.

GUILHERME ZANOTTO, foi negociante. Primeiro, na Venda Seca, ali na estrada da fazenda Lageado, pouco além da Boa Vista. Depois veio para a cidade. Estabeleceu-se na rua Amando de Barros, em prédio próprio que construiu, no atual número 342. Seus filhos – Victório, Roberto (Fininho) e Ângelo, foram meus colegas de grupo escolar. Alguns descendentes do velho Guglielmo residem em Botucatu.

HERMENEGILDO ZANOTTO, o popular Gildo, era mais conhecido em Ourinhos e norte do Paraná. Quando Ourinhos começou a se projetar como notável centro comercial, já o Gildo estava lá. Estabelecido com grande casa atacadista. Gerente da Agência local do Banco Francês e Italiano. Esportista entusiasta. Presidente de associações de classe e de assistência social. Constituiu-se numa das alavancas do progresso ourinhense. Por isso, em sinal de gratidão, na cidade há uma rua com seu nome. Dizem que o boníssimo Gildo morreu pobre.

GUIDO ZANOTTO, foi o que mais conheci. Velho companheiro de meu pai, nas duras lides agrícolas em Vitoriana. Na escola normal de Botucatu, fui professor de alguns de seus filhos. Quando Guido Zanotto requereu sua naturalização, há muitos anos passados, meu pai, o velho Sebastião Pinto Conceição, foi uma das testemunhas que afirmaram ter o requerente Guido, todos os requisitos para ser um ótimo cidadão brasileiro.

Quando Guido Zanotto, faleceu, em Botucatu, aos 14 de junho de 1969 (aos 89 anos de idade), o vereador Dr. Antonio Gabriel Marão, apresentou um requerimento de pêsames, que foi unanimemente aprovado. A justificativa desse requerimento, abaixo transcrita, diz bem quem foi o homenageado falecido em 14-06-1969:

“Nasceu ele, em 1880, na Itália. Veio para o Brasil com oito anos de idade. A família fixou-se logo em Botucatu. Primeiramente na fazenda Vitoca. Depois, na fazenda de Manéco Conceição, (Conde de Serra Negra) em Vitoriana. Depois, passou a residir na cidade de Botucatu, no antigo bairro da Estação (Vila dos Lavradores).

De sociedade com seu irmão mais velho, Ricardo, montou um armazém de secos e molhados. Desfeita a sociedade, em 1911, instalou-se com máquina de beneficiar arroz e café, na rua Galvão Severino. Foi nesse ramo que constituiu seu patrimônio. Foi membro da Associação Comercial e Tesoureiro da Comissão de Obras da Igreja Coração de Jesus. Foi vice-presidente da Casa Pia São Vicente de Paulo e do Asilo Padre Euclides. Foi membro da Sociedade Italiana de Beneficência. Integraram ele e seu irmão Ricardo, o grupo de fundadores do Banco Ítalo- Brasileiro.

Sua dedicada esposa, dona Ida Beluzzo, de saudosa memória, faleceu em 1962. O feliz casal teve nove filhos: Virgílio, fazendeiro em Penápolis, casado com da. Nati Bittencourt; Prof. Joviano Ângelo, casado com da. Diva Dutra; Maria Cristina, casada com o Sr. Ítalo Trevisan; Pedro, fazendeiro, casado com da. Anecy Cruz; Prof. Deolindo, casado com da. Sofia Toledo; Profa. Maria, casada com o Prof. Aécio de Souza Salvador; Profa. Ana Lúcia, casada com o Dr. Adolfo Pardini Filho; Guido, comerciante casado com a Profa. Neyde Sanchez; Alice, casada com o Sr. Catão B. Pedroso. Deixou, ainda, 27 netos e seis bisnetos.

Guido Zanotto foi um homem bom. Estimado por todos. Probo, Honesto, Trabalhador. Criou e educou numerosa família. Digna e honrada. Aliás, tudo o que fez e tudo o que conseguiu, deixou na terra que ele tanto amava; BOTUCATU“.

Recebeu do Governo Italiano, em 14-9-1915, um diploma de Honra ao Mérito e Medalha de Ouro, pelos trabalhos em prol da cafeicultura.

(CORREIO DE BOTUCATU, 17/06/1971)

## **67 - O PREFEITO TONICO DE BARROS**

Entre as figuras de destaque do velho Botucatu, é de se destacar a do Coronel Antonio de Carvalho Barros. Era de Capivary ( SP ). Foi casado com dona Liduína Campos de Barros, que, segundo informes de seu neto Afonso, era de Piracicaba. Em 1860, mais ou menos, com alguns filhos, Antonio de Carvalho Barros estabeleceu-se em Botucatu. Veio na crista da onda verde dos cafezais, que se espriavam pelo altiplano paulista. Foi fazendeiro forte. Dono de muitos escravos. Diziam, que como senhor de escravos, era dos duros.

Pioneiro, homem corajoso, formou lavouras de café, desbravando a mata virgem. Foi dono da Fazenda Monte Selvagem ( hoje do Chiquitinho Luizetto ). Era fazenda de quatrocentos mil pés de café. Além disso, foi dono de Fazendas no Pardinho, como conta Valêncio de Aguiar. Tinha uma boa chácara, ali ao lado da Misericórdia. E possuía prédios residenciais. Como se vê, era homem de grandes haveres.

O Coronel Antonio de Carvalho Barros devia ter feito política, como pessoa importante que era, dando bases para os filhos, que, mais tarde, aparecem na história política de Botucatu. Mas, ao que consta, nunca foi Vereador ou Juiz de Paz. O Coronel ( da Guarda Nacional ), sempre aparecia à frente dos notáveis empreendimentos que beneficiavam a cidade. No meu arquivo, tenho uma fotografia histórica, em que ele aparece ao lado dos Coronéis José Victoriano Villas Boas, Antonio Cardoso do Amaral ( Nêne Cardoso ), Domingão de Lima, Raphael Augusto de Moura Campos, Amando de Barros, e mais o Padre Ferrari, Vigário de Botucatu. Constituíam eles a comissão criada em 03/07/1904, para a instalação do Bispado de Botucatu. Sua atuação no município devia ter sido eficiente, pois há uma rua do bairro da Boa Vista, com o nome de Coronel Antonio de Carvalho Barros.

Ao falecer em 1925, nonagenário, e já viúvo, deixou os filhos: Napoleão, Antonio José, Estevam, José Elias, João, Lúcio, Elisa (casada com Arthur Chagas ). Nanhã ( casada com Felício Fagundes ) e Izabel ( casada com o Major Freire ). Todos os filhos já são falecidos. Dos descendentes do velho patriarca, com exceção de Antonio José, não há muito o que contar. Ou faleceram, ou se mudaram para outras terras. Aqui em Botucatu, atualmente, só residem os netos ( filhos de João de Barros ), Sebastião, ferroviário aposentado, e Afonso, funcionário da Delegacia do Ensino Básico.

Napoleão de Barros foi Oficial de Registro de Títulos e Hipotecas, Cartório que é hoje do Dr. Dalton Ferraz. Estevam, Lúcio e João de Barros, foram fazendeiros. De Lúcio de Barros, que era perdulário, contam, que acendia charutos com notas de quinhentos mil réis, um dinheirão para a época. O tenente Coronel da Guarda Nacional Antonio José de Carvalho foi o

#### PREFEITO TONICO DE BARROS

Botucatuense, como o pai foi fazendeiro. Em política era do famoso PRP, da ala amandista. Foi Vereador em várias legislaturas: de 1902 a 1916. Foi Prefeito Municipal por duas vezes. A primeira, de 1908 a 1910. E a segunda, de 1914 a 1916. Para a época, foi bom Intendente. E mereceu ter seu nome na placa que diz: Rua Prefeito Tonico de Barros.

Homem probo, trabalhador, fez administração criteriosa, senão brilhante, pelo menos honesta. Pos em ordem os negócios da Municipalidade, cujo crédito solidificou. Cuidou da cidade, melhorando o serviço de águas. Construiu o jardim fronteiro à Catedral, inaugurado em 1916. Lavrador, conservou as estradas da zona rural.

Retirando-se da vida política, Tonico de Barros mudou-se para São Paulo, onde veio a falecer. Deixou viúva dona Maria José Conceição (Nhazinha), de tradicional família paulista, a dos Conceição Cunha. Seu sogro Bráz Bernardo da Cunha, tem muitos descendentes em Botucatu. O casal não deixou filhos.

Nhazinha de Barros se tornou benemérita da Misericórdia Botucatuense. Quando faleceu, legou todos os bens que possuía à nossa Santa Casa. Tal gesto de filantropia, permitiu a construção da bela maternidade “Nhazinha de Barros”, sanando grave lacuna que havia na assistência hospitalar botucatuense. Nhazinha e Tonico de Barros estão com os seus retratos na Galeria de Benfeitores da Misericórdia Botucatuense, o hospital que o inolvidável e humanitário Dr. Costa Leite, imaginou, planejou, construiu e dirigiu a contar de 1895. Foi o primeiro hospital da sertaneja zona Sorocabana.

Conversando com o Sr. Afonso de Carvalho Barros, contou-me ele, que um outro neto do velho Barros, o funcionário postal João do Prado Barros, faleceu há pouco tempo nesta cidade. Também falou que o Dr. Geraldo da Cunha Barros, um dos filhos vivos de Napoleão de Barros, é advogado em Atibaia, onde é pessoa de prestígio e que o Prof. Artur Chagas Junior foi Delegado do Ensino em Jundiá.

( Correio de Botucatu – 24/06/1971 )

#### **68 - O CLÃ DOS PINHEIRO MACHADO**

Os Pinheiro Machado, formadores de tradicionais famílias botucatuenses, constituem um verdadeiro clã. Aliás, a família é tão grande, tão numerosa, tão ramificada, que vamos encontrar seus membros nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e outras

unidades da Federação. Pelas conversas que tive com dona Nini (Anna Angélica Pinheiro Machado, filha de Adolpho e neta do Major Matheus; dona Olinda Pinheiro Machado, filha de Leopoldina e neta do Capitão Manéco; Prof. Jorge Pinheiro Machado, filho de Gontran, neto de Adolpho e bisneto do Major Matheus; com o falecido Dr. Damião Pinheiro Machado, filho do Major Cosme e neto do Dr. Antonio casado com Maria Manoela de Oliveira Ayres, e outros membros da família, fiquei sabendo que dois ramos principais devem ser mencionados: o de São Paulo e o do Rio Grande do Sul, este se originando do tronco paulista.

No Rio Grande do Sul, os Pinheiro Machado são muito numerosos e influentes. Há mesmo municípios com os nomes de “Pinheiro Machado” e “Venâncio Ayres”. O Dr. Venâncio Ayres, era de Itapetininga e ligado à família Pinheiro Machado (era irmão de Maria Manoela de Oliveira Ayres, casada com o Dr. Antonio, este filho do Capitão José Gomes Pinheiro e Anna Florisbella) . Desta, a maior expressão foi o General Pinheiro Machado (filho do Dr. Antonio e Maria Manoela, e neto do Capitão José Gomes Pinheiro e Anna Florisbella), gaúcho, Senador da República, Chefe do Partido Republicano Brasileiro e homem forte, que fazia e desfazia candidaturas presidenciais. O Senador Pinheiro Machado, ao seu tempo, foi o dono da política nacional. Em 1915, foi assassinado por um opositor fanático, o pernambucano Manso de Paiva Coimbra. Este, atocaiando o Senador, na porta do Hotel dos Estrangeiros ( no Largo do Machado, Rio de Janeiro ), matou-o com uma punhalada.

Manso de Paiva, cumpriu 30 anos de cadeia. E, parece-me, ainda vive. Tenho a impressão de que a “Rua Pinheiro Machado”, em Botucatu, é uma homenagem ao famoso político.

No Rio de Janeiro, os Drs. Dulphe e Antonio Pinheiro Machado, foram figuras de projeção na antiga Capital Federal. Ainda agora, pelo Estado da Guanabara, acaba de ser eleito Senador Federal, o jornalista Danton Pinheiro Jobim, que, pelo lado materno é dos Pinheiro Machado de Botucatu. Um outro Pinheiro Jobim, o Dr. José, é diplomata, acreditado junto ao Vaticano.

Nestas evocações, vou me limitar ao ramo paulista. De preferência, focalizarei as famílias botucatuenses. E não são poucas. Por isso, muitos equívocos e omissões poderão surgir. Os informantes, da família, eles mesmos, sentem dificuldades para estabelecer a filiação da Pinheirada. Vou começar, hoje, pelo

#### CAPITÃO JOSÉ GOMES PINHEIRO VELLOZO, FUNDADOR DE BOTUCATU

É ele que dá nome ao Grupo Escolar “José Gomes Pinheiro”. Na história botucatuense, aparece como doador de 120 alqueires de terras para o Patrimônio da Capella de Nossa Senhora Sant’Anna para Criação da Freguesia de Sant’Anna de Botucatu. Isto em 23/12/1843, quando andava em litígio com os Costas. Na terra doada, deveria ser construída uma capela, cujo orago seria Sant’Anna, delicada homenagem à senhora dona Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos, esposa do Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo.

O Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo, nasceu em 09/10/1784 na Ilha do Bom Jesus de Paquetá, Província do Rio de Janeiro. Moço, se transferiu para São Paulo, onde se casou, dando origem à família Pinheiro Machado. Na Província de São Paulo, exerceu intensas atividades. Foi político influente. Deputado Provincial. Oficial das Milícias, Capitão das Ordenanças do Imperador. Em 1842, ao lado do Regente Padre Feijó, foi um dos Chefes da revolução jugulada pelo Duque de Caxias. Esteve então, refugiado no sertão de Botucatu, onde possuía esse latifúndio que é a Fazenda Monte Alegre. O Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo, tinha como zonas de influencia Sorocaba, Itapetininga, Botucatu e adjacências.

Pelo lado paterno, José Gomes, vinha de velha linhagem lusitana, Damião Cosme Albornóz e lado materno Joaquina Roza Gomes Pinheiro Vellozo. Como foi dito foi casado com dona Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcelos, gente dos Castanho, Taques, Bicudo, Quadros, Arruda, Botelho e Mendonça, estirpe de bandeirantes de Itu, Parnaíba, São Paulo ( da velha Piratininga ).

O casal Anna Florisbella-José Gomes deixou 10 filhos: Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado, casado com Maria Manoela de Oliveira Ayres; Leopoldina Carolina Gomes Pinheiro Machado, casada com o Alferes Hygino José da Cunha Caldeira; Anna Florisbella Gomes Pinheiro Machado, casada com o Capitão Tito Correa de Mello; Major Joaquim Gomes Pinheiro Machado, casado com Bárbara Antunes Ribas; Maria Delphina Gomes Pinheiro Machado, casada com o tenente João Baptista da Cunha Caldeira; Major Jorge Gomes Pinheiro Machado, casado com Francisca Brandina de Oliveira Machado; Capitão Manuel Gomes Pinheiro Machado (Capitão Manéco), casado com Sophia Gomes Pinheiro Machado (sua sobrinha); Major Matheus Gomes Pinheiro Machado, casado com Joaquina Roza da Cunha Caldeira; Joaquina Roza Gomes Pinheiro Machado, casada com o Senador Dr. Bernardo Augusto Rodrigues da Silva e o rábula José Gomes Pinheiro Machado, casado com Messias de Paula Machado. Essa filharada, bíblicamente cresceu e se multiplicou. Deu um povão, conforme se verá nos capítulos seguintes. O Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo, fundador de Botucatu, faleceu em 08/03/1848.

Francisco Ferrari Marins, o festejado escritor botucatuense, no seu romance “Clarão na Serra”, escreveu páginas antológicas, descrevendo a odisséia do Capitão José Gomes Pinheiro, quando derrotado, fugindo, caçado pelos soldados governistas, procurava galgar a serra de Botucatu, buscando os sertões do Monte Alegre. Vale a pena ler o estouro da boiada, que salvou o fugitivo.

( Correio de Botucatu – 01/07/1971 )

## **69 - O MEMORIAL DE MATHEUS GOMES PINHEIRO MACHADO**

Estes apontamentos foram escritos do próprio punho do Major Matheus Gomes Pinheiro Machado, do qual procurei guardar a própria ortografia.

“ Fui nascido na cidade de Sorocaba no dia 22 de Julho de 1817 e fui baptizado na mesma Cidade a 3 de Agosto do mesmo anno, forão meos Padrinhos o Exmo. Bispo D. Matheus de Abreo Pereira e minha Avó D. Antonia Caetano Machado de Vasconcellos, apresentou a Procuração por parte do Exmo Bispo D. Matheus o Corel. Antonio Francisco de Aguiar e foi o Sacerdote baptizante o Vigario Collado Antonio Ferreira Prestes.

Sou filho legitimo do Capm. Joze Gomes Pinhro. Vellozo e D. Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos.

Sou Netto pelaparte Paterna de Damião Cosme Albornóz e D. Joaquina Roza Gomes Pinhro. Vellozo que rezidião na Ilha de Paquetá na Província de Rio de Janeiro.

Pela parte Materna sou Netto de Maximiniano de Gois Siqueira e D. Antonia Caetana Machado de Vasconcellos.

Meo Avo Maximiniano de Gois Siqueira foi filho de outro Maximiniano de Gois Siqueira filho de Lourenço Castanho Taques e D. Maria de Araujo, D. Maria de Arruda foi filha de Sebastião de Arruda Botelho (português) e D. Izabel de Quadros, filha de Bartholomeo de Quadros (portugues) e D. Izabel Bicudo de Mendonça.

Minha Avo D. Antonia Caetana foi filha do Sargento-Mor Francisco José Machado de Vasconcellos, de Guaratinguetá, e Anna Pinto da Silva Sáes, natural da cidade de Santos, rezidião na Capital de São Paulo , e meu avô Maximiniano e toda sua família rezidião na Villa de Parnaiba, meu avô Maximiniano foi filho de D. Maria de Arruda Botelho.

No dia 26 do mes de abril de 1846 Cazei-mecom D. Joaquina Roza da Cunha Caldeira, filha legitima de D. Anna Joaquina da Cunha Caldeira e Bento Joze de Moraes, na Igreja de N.Senhora dos Remédios em São Paulo, deo nos bençãos matrimoniaes o Reverendo Padre Mestre Fidelles Alves de Sigmaringa e forão testemunhas do acto os meos manos Dr. Antonio Gomes Pinhro. Machado e Jorge Gomes Pinhro. Machado; forão Padrinhos de Baptismo de minha Mulher Jacinto Elleodoro de Vasconcellos e D. Antonia Caetana Machado de Vasconcellos e sacerdote baptizante o Reverendo Pedro Joaquim Sigarra.

De nosso casamento tivemos os filhos seguintes:

1) MALVINA ROZELINDA PINHRO. MACHADO naceo a 30 dias do mes de Janeiro de 1847 na Cidade de Itapetininga e foi baptizada na Matris da mesma Cidade pelo Reverendo Vigario Collado Padre Francisco Medeiros, forão Padrinhos meo Páe o Capitão Joze Gomes Pinhro. Vellozo e minha mãin D. Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos.

2) AUGUSTO 1º - Nasceo aos 25 dias do mes de Abril de 1848 na Cidade de São Paulo e foi baptizado na Sé da mesma Cidade, forão Padrinhos Jacinto Elleodoro de Vasconcellos e sua mulher D. Maria das Dores Pinto, apresentarão Procuração por parte da Madrinha D. Maria Leandra Machado e por parte do Padrinho João Maria Tolledo Dantas,este menino faleceo a 17

de Fevereiro de 1850 proveniente de cer acometido de violentissimas Camaras de sangue que apenas durou quatro dias, foi sepultado na Capella do Santissimo Sacramento.

3) ADOLFO 1º - Nasceo a 3 de Abril de 1850 na Cidade de S. Paulo e foi baptizado na Sé da mesma Cidade digo na Igreja de Santa Ephigenia forão Padrinhos meos Manos Dr. Antonio Gomes Pinhro. Machado e D. Leopoldina Carolina Pinhro. Machado; este menino depois de longa e penosa enfermidade na qual foi tratado pelo Dr. Otoni faleceo aos 1º dia do mes Julho de 1852, foi sepultado na Igreja da Sé de São Paulo.

4) GABRIELLA AUGUSTA PINHRO. MACHADO nasceo na Cidade de São Paulo aos 13 dias do mes de Abril de 1852 foi baptizada em Oratório particular, forão Padrinhos os meus primos João Maria de Tolledo Dantas e sua mana D. Maria Gabriella de Tolledo Dantas, foi baptizada pelo Conego Dom Joaquim do Monte Carmello- o acento é em Sta. Ephigenia. Cazou-se com Amador Pinhro. de Mello, filho de minha mana Anninha a 4 de Junho de 1870 e do Capm. Tito Correa de Mello.

5) BRAZIL GOMES PINHRO. MACHADO nasceo na Cidade de Itapetininga e foi baptizado na Matris da mesma Cidade a 2 do mês de Julho de 1854, digo nasceo no dia 2 de Julho foi Padrinho meu Mano Joaquim Gomes Pinhro. Machado e Nossa Senhora das Dores. Cazou-se na Cidade de Tiete com D. Gabriella Fausta Alvares Bueno, nacida a 26 de Agosto de 1861, filha legitima de Matheus Alvares Bueno e D. Gabriella Fausta de Goes Bueno.

6) AUGUSTO GOMES PINHRO. MACHADO 2º - nasceo em Botucatu no dia 9 de Setembro de 1856 e foi baptizado na Matris da mesma Cidade no dia 27 de Julho de 1860 e forão Padrinhos meos manos Joaquim digo cunhado e mana Alferes Igino da Cunha Caldeira e D. Leopoldina Carolina Pinhro. Machado.

7) ADOLFO GOMES PINHRO. MACHADO 2º - nasceo a 6 de Janeiro de 1858 em Botucatu e foi baptizado na Matris da mesma Cidade no dia 27 de Julho de 1860 e forão Padrinhos meu cunhado o Tenente João Baptista da Cunha Caldeira e minha mana D. Maria Delphina Gomes Pinhro. Machado. Cazou-se nesta Cidade no dia 04 de Setembro de 1880 com D. Jozefina Alvares Bueno nascida na Cidade de Tiete no dia 5 de Setembro de 1859, filha legitima de Matheus Alvares Bueno e D. Gabriella Fausta de Goes Bueno.

8) EUGENIA CRISTINA PINHRO. MACHADO nasceo em Botucatu a 10 do mes de Fevereiro de 1859 e foi baptizada na Matris da mesma Cidade a 27 de Julho de 1860, forão Padrinhos meu mano Jorge Gomes Pinhro. Machado e minha mãe D. Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos. Cazou-se com Lindolfo Cunha Caldeira.

9) Joze nasceo no mes de Julho de 1869 foi baptizado e logo faleceu.

10) ANNA ANGELICA PINHRO. MACHADO nasceo a 16 de Maio de 1861 em Botucatu e foi baptizada em Pia particular em Botucatu a 4 de Junho de 1870 forão Padrinhos o reverendo Dom Joaquim do Monte Carmello e D. Maria das Dores de Vasconcellos Machado. Cazou-se

com Amador Bueno da Ribeira filho de Matheus Alvares Bueno e D. Gabriella Fausta de Goes Bueno a 23 de Junho de 1880.

11) BENEDICTA PINHRO. MACHADO nasceo a 28 de Janeiro de 1863 em Botucatu e foi baptizada em pia particular a 4 de Junho de 1870, forão Padrinhos o meu cunhado Capm. Tito Correa de Mello e Nossa Senhora Santa Anna. Faleceo a 20 de Setembro de 1873 tendo a idade de 10 anos, 7 meses e 20 dias.

12) MATHEUS GOMES PINHRO. MACHADO, nasceo em Botucatu a 11 do mes de Abril de 1865 e foi baptizado em Pia particular no dia 4 de Junho de 1870, forão Padrinhos Lucio Manoel dos Santos Capello e Dona Maria Victorina da Rocha, ambos residentes em São Paulo.

Meo pai cendo acometido de huma hidropezia, em viagem de Itapetininga para Sorocaba, com o fim de medicar-se, faleceo na Villa de Campo-largo e ahi foi sepultado.

Minha main, tendo hido para S. Paulo com o fim de tratar-se de huma enfermidade, faleceo em S.Paulo em caza de seo Primo o Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, Rua Alegre Parochia de Sta. Ephigênia e foi sepultada em huma carneira da Câmara Municipal da Cidade de S. Paulo.

(a) Matheus Gomes Pinheiro Machado

NOTA: Estes apontamentos foram escritos do próprio punho do Major Matheus Gomes Pinheiro Machado, do qual procurei guardar a própria ortografia.

( Correio de Botucatu – 04/07/1971 )

## 70 - O MAJOR MATHEUS

A rua, que do pontilhão da Sorocabana para cima, vai até aos altos da Vilados Lavradores, chama-se “Major Matheus”. Foi justa homenagem ao Major Matheus Gomes Pinheiro Machado, autor do Memorial publicado em o último capítulo. O Major Matheus foi “Comandante do Esquadrão de Cavalaria N.13, da Guarda nacional da Villa de Botucatu”, no ano de 1864. Sempre residiu em sua propriedade agrícola, situada no antigo Bairro da Estação, onde hoje está a Vila Pinheiro Machado, loteada em terrenos dos seus herdeiros. Muito estimado e conceituado, deixou grande descendência, traduzida em filhos, netos, bisnetos, trinets, tetranets ( ou tataranets), pentanets e sextonets. Hoje, vou focalizar dois dos seus filhos, o Coronel Matheus Gomes Pinheiro Machado (Filho) , o popular Nhô Zico e Augusto Gomes Pinheiro Machado, o Nhô Zinho.

O coronel Matheus Gomes Pinheiro Machado (Filho) , o popular Nhô Zico, nasceu em Botucatu aos 11 de abril de 1865. Faleceu em 23 de junho de 1927, estando sepultado em Botucatu. Lavrador, fazendeiro de café e pecuarista, exerceu cargos eletivos, tais como Vereadore Juiz de Paz. Exerceu, também, cargos públicos, estaduais e municipais. Casado com

dona Anna Joaquina Franco do Amaral Pinheiro Machado (Nhá Quina), de tradicional família botucatuense (Neta do Tenente José Rodrigues César e Justina Franco do Amaral, esta irmã de Izabel Franco de Arruda) , deixou numerosa descendência. Foram seus filhos: Raul, Paulo, Izabel (Bezica), Josephina (Nina), Orlando, Osvaldo, , Alcinda, Izaura (Tita) e Júlia (Julinha).

O Dr. Raul Gomes Pinheiro Machado, Engenheiro Agrônomo, já falecido, trabalhou algum tempo em Botucatu. Depois ingressou no funcionalismo federal. No Ministério da Agricultura, teve destacada atuação. No Rio de Janeiro e Santos, eu o encontrei chefiando os serviços de Defesa Sanitária Vegetal. Do seu casamento com Gessy Ferraz Nogueira deixou um casal de filhos residentes na Capital. O filho, Dr. Tácito Pinheiro Machado, Bacharel em Direito pela tradicional Escola do Largo de São Francisco, seguiu a carreira de Delegado. O Dr. Paulo Gomes Pinheiro Machado, reside em São Paulo. Bacharel em Direito pela tradicional Escola do Largo São Francisco, advogou algum tempo em Botucatu e Agudos. Por concurso, ingressou na Magistratura Paulista. Foi Juiz de Direito em várias comarcas do interior. Promovido, na Capital, foi Juiz de entrância especial, deixando bom nome como Magistrado. Foi a seguir, para o Tribunal de Justiça. E como Desembargador, sempre exerceu suas espinhosas funções com eficiência e probidade. Presidiu o Tribunal Regional Eleitoral. Aposentou-se há pouco tempo o ilustre e colendo magistrado. Grande expressão da Justiça Paulista, o Dr. Paulo como Alcides Ferrari, se constituíram em motivos de orgulho para os botucatuenses.

Osvaldo Gomes Pinheiro Machado é funcionário público aposentado, residindo na Capital. Na Revolução de 1932, como voluntário, combateu no setor Norte, onde numerosos botucatuenses eram soldados da Legalidade. Seu irmão Orlando Gomes Pinheiro Machado, é pecuarista. Reside em Botucatu. Na Revolução Constitucionalista foi meu companheiro no Setor Sul, onde servimos no Batalhão Universitário “Fernão Salles”. Bom soldado. Bom camarada. Era um dos nove botucatuenses que naquela unidade serviram São Paulo com honra e dignidade.

Das filhas de Nhô Zico Matheus, apenas a Professora Josephina Pinheiro Machado Ciaccia (Nina, casada com o meu bom amigo Paulo Ciaccia, colaborador nestas evocações, (NOTA DOS REVISORES: E PAIS DE PAULO PINHEIRO MACHADO CIACCIA, QUE AGORA COM OLAVO PINHEIRO GODOY, REVISAM A MAJESTOSA OBRA DO DR. SEBASTIÃO ALMEIDA PINTO, TEMPO DE DANTE, GENTE DE HOJE), e seu irmão Orlando Pinheiro Machado, residem em Botucatu. A Professora Izabel ( Bezica, casada com o meu colega de farmácia, Hugo Bertoni, já falecido ), faleceu muito moça, estando sepultada em Botucatu. As Professoras Alcinda e Izaura (Tita), e mais a Júlia (Julinha), residem em São Paulo.

O velho Major Matheus Gomes Pinheiro Machado, que faleceu em 06 de outubro de 1887, foi sepultado em Botucatu. Um dos seus filhos, Augusto Gomes Pinheiro Machado ( o segundo do mesmo nome, pois o primeiro faleceu criança), era conhecido como Nhô Zinho Matheus. Por causa desse apelido familiar, surgiram confusões com o Nhô Zico, que era o Major Matheus. Nos velhos tempos foi Vereador e Intendente Municipal. Eu me lembro de Nhô Zinho Matheus, já de idade, como funcionário municipal, tesoureiro. Ao falecerem, ele e a

esposa, da. Benedicta Castro de Arruda, deixaram um único filho, o Nenê ( Manuel Augusto Pinheiro Machado ), que foi meu colega de escola e companheiro de futebol, nos primórdios da Associação Atlética Botucatuense. Nenê foi casado com a minha colega de preparatórios, a dona Tereza Maria Luiza Canellas Pinheiro Machado, da qual houve as filhas Márcia e Norma, Professoras, e Jarbas Pinheiro Machado. A Profa. Norma Canellas Pinheiro Machado é casada com o Professor Antonio Maria Moscoliato, sendo ambos funcionários da Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos em Botucatu. E a Profa. Márcia Canellas Pinheiro Machado é casada com o Prof. Mauro Nery. Nenê Pinheiro Machado faleceu muito moço. Teve um fim trágico. Numa caçada, nos campos dos Agudos, foi picado por uma cascavel. Não deu nem tempo para socorros.

( Correio de Botucatu – 15/07/1971 )

### **71 - BRAZIL GOMES PINHEIRO MACHADO**

No Memorial de Matheus Gomes Pinheiro Machado, na parte referente aos filhos que houve do seu casamento com da. Joaquina Roza da Cunha Caldeira, está escrito : “ No 5 – Brazil Gomes Pinheiro Machado. Nasceu na Cidade de Itapetininga e foi batizado na Matris da mesma cidade a 2 do mes de Julho de 1854 digo nasceu no dia 2 de Julho, foi Padrinho meu mano Joaquim Gomes Pinheiro Machado e Nossa Senhora das Dores. Casou-se na Cidade de Tietê com D. Gabriella Fausta Alvarez Bueno, nascida a 26 de Agosto de 1861, filha legitima de Matheus Alvarez Bueno e D. Gabriella Fausta de Goes Bueno”. Matheus Alvarez Bueno está sepultado em Botucatu.

Tendo Matheus Gomes Pinheiro Machado transferido sua residência para Botucatu, acompanhado pela filha, a clã dos Pinheiro entrou a se multiplicar. Do casal Brazil Gomes, nasceram os filhos:

- 1) - Accacio ( o tio Mimi ), foi casado com da. Maria Morato Pinheiro Machado. Ambos são falecidos e não deixaram filhos. Accacio que faleceu aos 91 anos de idade, há pouco tempo, era figura muito estimada em Botucatu, tendo sido genro de João Morato da Conceição.

- 2) – Brazil Gomes Filho, falecido, foi casado com da. Lizeika Pereira de Moraes, de família itapetiningana. Ela e quatro filhos residem em São Paulo.

- 3) – Izaura Pinheiro Machado Nogueira, foi casada com Lindolpho Nogueira, já falecido. Tiveram cinco filhos, sendo que um deles é o Coronel Lauro Pinheiro Machado Nogueira, servindo no segundo Exército, em São Paulo. Será, em breve, o primeiro General botucatuense.

- 4) – Malvina Pinheiro Machado de Oliveira, foi casada com Annibal de Oliveira, sendo ambos falecidos. Tiveram três filhas: Carmem, Clarice e Cinira. Esta última é viúva de Adão Astolfi e Clarice faleceu há pouco tempo deixando viúvo o Sr. Romeu de Lima, funcionário do IECA. D. Cinira de Oliveira Astolfi é Professora-Inspetora do IECA. Annibal de Oliveira era filho de

Antonio Ignácio de Oliveira, padrinho de casamento de minha mãe, e que em tempos passados, foi Intendente Municipal de Botucatu.

5)- Alice Pinheiro Villas Bôas, casou-se com o Dr. José Freire Villas Bôas, sendo ambos falecidos. Deixaram, as filhas Maria Miguel e Maria Lúcia, Professoras. Maria Lúcia é casada com o Prof. Ignácio de Loyola Vieira Novelli, Advogado e Oficial do Registro de Hipotecas desta Comarca. O Dr. José Freire, o boníssimo Dr. Juquinha, já foi focalizado nestes capítulos, quando tratei da família Villas Bôas, pois era filho do Coronel José Victoriano Villas Bôas. Bisneto do Coronel Brazil Gomes Pinheiro Machado é o Engenheiro Dr. José Luiz Novelli.

6) Zenita Pinheiro Machado de Almeida, foi casada com Ernesto Pereira de Almeida, ambos falecidos. Tiveram dois filhos: Lúcia e Gabriel, que aqui não residem.

7) Octávio Pinheiro Machado, faleceu solteiro. Incansável viajante, percorreu quase o Brasil todo. Em minhas andanças, lá em Diamantina, tive notícias da sua estada naquele norte de Minas Gerais.

8) – Leontina Pinheiro Machado Sansalone, foi casada com o falecido Cosme Sansalone. Residiam em São Manuel, onde estão os filhos Professora Maria Helena, José Brasil e Antonio Roberto.

9) - Erasmo Pinheiro Machado, residente em Assis, é viúvo de dona Elvira Rizzo Pinheiro Machado. O casal não teve filhos.

10) - Profa. Eunice Pinheiro Machado Padovan, é casada com o Sr. Atilio Padovan, sendo residentes em São Manuel; o casal tem três filhas: Professoras Maria do Carmo, Maria Ely e Maria Heloisa.

Brazil Gomes Pinheiro Machado foi grande fazendeiro. Por herança, possui partes das fazendas “Velha”, “Serraria” e “Campos Eliseos”, que eram verdadeiros latifúndios. Pertencente a uma tradicional e numerosa família, tinha, fatalmente, que militar na política. Seu prestígio pessoal era grande. Muito estimado e considerado, graças aos seus dotes pessoais, trato lhano e cavalheiresco. Elegia-se com facilidades. Foi Vereador de 1883 a 1886. Com o advento da República, fez parte dos Conselhos de Intendentes, que substituíram as edilidades. Nessa condição foi Intendente ( Prefeito ) de Botucatu no ano de 1892. Faleceu aos 16 de julho de 1913, aos 57 anos de idade, estando sepultado no cemitério local.

Errata: No último capítulo, foi omitido o nome do Dr. Paulo Pinheiro Machado, no trecho que deve ser assim lido: “ Dr. Paulo Pinheiro Machado, reside em São Paulo. Bacharel em Direito. . .”

( Correio de Botucatu – 22/07/1971 )

## 72 - O CAPITÃO MANÉCO

Figura tradicional do velho Botucatu, foi Manuel Gomes Pinheiro Machado, o Capitão Manéco, filho do Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo. Nasceu em Sorocaba em 1835 e faleceu em Botucatu em 1895, estando sepultado na necrópole local. Fazendeiro, político, Vereador várias vezes. Casado com sua sobrinha Sophia Gomes Pinheiro Machado, deixou grande descendência. Dos seus filhos, muitos descendentes residem em Botucatu. Dona Sophia, era irmã dos: Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado, Deputado Federal pelo Rio de Janeiro; Dr. Ângelo Gomes Pinheiro Machado, fazendeiro em Borebi, Convencional de Itu e Deputado Federal pelo Estado de São Paulo; General José Gomes Pinheiro Machado, Senador pelo Rio Grande do Sul, Chefe do Partido Republicano Brasileiro, assassinado em 1915, no Rio de Janeiro, no decorrer de violenta campanha eleitoral. O Senador Pinheiro Machado, que dominou a política nacional por largos anos, não deixou filhos.

Da gente do Capitão Manéco, vou falar hoje sobre Jorge Gomes Pinheiro Machado, o Coronel Jorginho, genro e sobrinho do Capitão Manéco. Jorge Gomes Pinheiro Machado ( Coronel da Guarda Nacional ) nasceu em Lençóis Paulista, em 1866. Seus pais foram o Major Jorge Gomes Pinheiro Machado ( este, filho do Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo ) e Francisca Brandina de Oliveira Machado . O moço Jorginho, casou-se com a prima-irmã dona Maria Manuela, a popular dona Maricóta. Esta, filha do Capitão Manéco, nascida na fazenda Monte Alegre, hoje da Cooperativa dos Belgas, herdou o temperamento político dos Alvarengas.

O Coronel Jorginho, que acabou herdando aquele latifúndio, foi fazendeiro e político. Chefiou, como já contei, o Diretório Hermista, em Botucatu, contra a candidatura Ruy Barbosa. Foi Vereador de 1917 a 1919. Gostava do esporte. Presidiu o Esporte Clube Paulista, grêmio futebolístico que tinha campo no Bairro Alto. Com a morte do presidente, o Esporte Clube Paulista morreu.

O Coronel Jorginho faleceu em 06/04/1925. Sua viúva faleceu em 26/01/1952, em avançada idade. O casal deixou os seguintes filhos: Sophia, Francisca, Maria Alice, Jorge e Manoel Deodoro, falecidos; a Professora Anna Florisbella ( Bélinha ) e Ruth Pinheiro Biazon, residem em Botucatu. Ainda tiveram Alice e Joaquim falecidos prematuramente.

A filha Sophia, casou-se com Gontran Pinheiro Machado ( falecido em 1962 ) que era funcionário da fazenda Estadual. Desse casamento nasceram os filhos: Adolfo, Jorge, Gerson, Darcílio e Alice. Ainda tiveram Ulisses, Oraida e Maria Josephina que faleceram prematuramente.

O Professor Adolfo Pinheiro Machado ( “sobrinho”, pois seu pai Gontran era irmão de Adolfo Pinheiro Machado, conhecido como Minote ) , foi Professor da Escola Normal de Botucatu, por concurso, e depois Diretor do Instituto de Educação “Dr. Cardoso de Almeida”. Promovido a Inspetor de Ensino Secundário e Normal, transferiu-se para São Paulo, onde se tornou o homem forte da Secretaria da Educação, encarregado de resolver todos os casos

graves e as dificuldades da Secretaria. Aposentou-se não há muito, depois de ter prestado ótimos serviços ao Estado. Também foi ( graças ao seu alto gabarito profissional ) Secretário Geral do Conselho Estadual de Educação. Do seu consórcio com a profa. Luiza Enedina Faro, nasceu o filho Dr. Régis, médico na Capital.

O Prof. Jorge Pinheiro Machado, era Professor de Matemática, no Ensino Médio e no Ensino Profissional, por concurso. Depois, assumiu a Direção da Escola Industrial de Botucatu ( hoje Colégio Técnico ), cargo em que ainda permanece, exercendo atuação notável pela eficiência e disciplina do educandário. Não quis ser Inspetor do Ensino Técnico. Casado com a Professora Dirce Leite de Campos, é pai das professoras Vera Lúcia e Célia Maria Pinheiro Machado.

Darcílio Pinheiro Machado, jornalista e funcionário público, faleceu há pouco tempo. Casado com dona Helena Tortorella, deixou o filho Gontran, aluno da Faculdade de Filosofia de Botucatu. O Prof. Gerson Pinheiro Machado, é Inspetor do Ensino Técnico Profissional na região de Lins. É casado com dona Judith Garcez Carvalho, de Lins. A professora Alice Pinheiro Machado, funcionária da Fazenda Estadual, é viúva de José Vicente de Paulo Oliveira, que foi funcionário da Polícia de São Paulo.

O jornalista Manoel Deodoro Pinheiro Machado, dirigiu o “Correio de Botucatu” ( do qual era proprietário ), por largos anos. Foi Prefeito e Vereador à Câmara Municipal de Botucatu. Faleceu relativamente moço. Seu irmão, Jorge, o Gito, casou-se em Piracicaba, onde sempre residiu e faleceu. Dona Maria Alice, casou-se com Diogo César Sampaio, sendo ambos falecidos. Um filho do casal, o Wandick, é alto funcionário do INPS, residindo na Capital.

Dona Francisca ( Chiquita ) foi casada com Paulo da Silva Coelho, que é Tabelião em São Paulo. Ela faleceu muito moça e deixou as filhas Cleuza e Chiquita, Professoras. A caçula do Coronel Jorginho é dona Ruth, casada com José Biazon, ferroviário, sendo residentes em Botucatu.

Todos esses professores focalizados nestas evocações da família Pinheiro Machado, foram meus alunos na velha Escola Normal de Botucatu, hoje Instituto de Educação “Dr. Cardoso de Almeida” ou no Instituto Santa Marcelina.

Manecão Pinheiro Machado, conhecido promotor de corridas de cavalos e os seus irmãos Paulino, José e Sophia Corina-Sinhá ( filhos do Capitão Manéco ) ou são falecidos ou não mais residem em Botucatu. Uma filha de Manecão, dona Maria Joaquina Pinheiro Machado, casou-se com Manuel Reis. Desse casamento nasceram seis filhas ( trinetas de José Gomes Pinheiro, sendo que uma delas, Zulmira Reis é enfermeira da Misericórdia Botucatuense ).

( Correio de Botucatu – 25/07/1971 )

Este capítulo, vai por conta de dona Anna Angélica Pinheiro Machado (Nini), filha de Adolpho Gomes Pinheiro Machado e Josephina Alvares Bueno Pinheiro Machado e neta do Major Matheus Gomes Pinheiro Machado e Joaquina Roza da Cunha Caldeira, que, numa deliciosa palestra, há dias, me contou coisas sobre a sua gente; esse povão que veio de Adolpho ( naquele tempo era com PH ) Pinheiro Machado, seu pai, tão prematuramente falecido, em 1895, com apenas 37 anos de idade. Sua última filha, nasceu seis meses após seu falecimento.

Filho do casal Matheus Gomes Pinheiro Machado e Joaquina Roza da Cunha Caldeira, nasceu em Botucatu. Muito moço, casou-se com Josephina Alvarez Bueno Pinheiro Machado. A moça era filha do casal Gabriela Fausta de Goes Bueno e Matheus Alvares Bueno. Gente de Itu e São Paulo. Da velha cepa bandeirante. Aparentada com Amador Bueno o “Aclamado”. Desse casamento nasceram os filhos: Luiz(Lulu), Adolfo(Minote), Gontran,Josephina (Moça), Adolfina, Aída, Gabriela(Bellinha), Anna Angélica (Nini), e João Batista e Matheus que faleceram crianças. . A família sempre residiu no prédio número 933 ( atual ) da rua Dr. Cardoso de Almeida, desta cidade.

Luiz Pinheiro Machado ( Lulu ),o mais velho dos filhos, era Tenente da Guarda Nacional. Foi casado em primeiras núpcias com dona Adelaide Morato César, de tradicional família botucatuense. Desse casamento, nasceu a filha Nisia, que na família era chamada Genni. Enviuvando, o Tenente Lulu, em segundas núpcias, consorciou-se com dona Augusta da Silva, também já falecida. Dona Augusta era chamada Augusta Barbuda, porque era filha do velho Maneco Barbudo. Luiz Pinheiro Machado faleceu há pouco tempo, relativamente moço.

Dona Nisia Pinheiro Machado, hoje, é Professora aposentada. Do seu casamento com José de Campos Aranha, já falecido, nasceram os filhos Reynaldo, Professores José Antonio, Maria Adelaide, Marinisia e Nilsa Maria Pinheiro Aranha. O Prof. José Antonio é Vereador à Câmara Municipal ( re-eleito ) e alto funcionário da Caixa Econômica do Estado de São Paulo, de cuja Delegacia em Botucatu, foi titular por algum tempo. Membro da Câmara Junior, é elemento positivo em nossa terra.

A Professora Josephina Pinheiro Machado (Moça), falecida há pouco tempo, diplomou-se na primeira turma da Escola Normal de Botucatu, em 1914. Foi casada com o Dr. Domingos José da Costa, um Advogado português, já falecido, que trabalhou aqui na Comarca. Não houve filhos desse matrimônio.

Adolpho Pinheiro Machado, o conhecido Minóte, faleceu há pouco tempo. Deixou viúva dona Olinda Ribeiro Pinheiro Machado, que era sua prima, e foi minha colega no Grupo Escolar “Dr. Cardoso de Almeida”. O casal teve os seguintes filhos: Prof. Adolpho Pinheiro Machado Filho (Duda), Orientador Pedagógico do Ensino Normal; Luiz Pinheiro Machado Sobrinho ( o popular “Charuto” dos tempos de futebol ), alto funcionário da Secretaria da Fazenda; Profas. Maria José (Zezé) e Maria Olinda, do ensino primário; Maria Aparecida, casada como médico Dr. Farjala Zacharias, residentes em São Paulo.

Dona Anna Angélica ( Nini, para os familiares ) reside em Botucatu. A Professora Gabriela Pinheiro Machado (Bellinha) é casada com o Sr. Carlos Chiarelli e residem na Capital.

## JUCA RIBEIRO

O Capitão José Ribeiro Sobrinho, o popular e benquisto Juca Ribeiro, eu o conheci como Coletor Federal. Grande apreciador de brigas de galos, era muito amigo do Capitão Zé-Paes, meu avô, galista conhecido em São Paulo e Rio de Janeiro, pelos seus valentes brigadores. Eu sempre pensei que Juca Ribeiro era gaúcho. Mas ele era paulista mesmo. De Rio Claro. Faleceu moço. Genro do Capitão Manuel Gomes Pinheiro Machado (Capitão Manéco), deixou viúva a Sra. Leopoldina Pinheiro Machado (Pudica), também já falecida, e os seguintes filhos, os Pinheiro Ribeiro : Manoel, funcionário público aposentado, José Pinheiro Ribeiro (Juquinha) , funcionário da Secretaria da Fazenda, em São Paulo; Antonio Pinheiro Ribeiro (Pinheirão) residente em Santos; Ângelo Pinheiro Ribeiro (Pinheirinho), funcionário público em São Paulo; Olinda Ribeiro Pinheiro Machado, viúva do Adolfo Pinheiro Machado (Minote); Profa. Sofia Ribeiro Padovan, casada com Alfredo Padovan; Maria de Lourdes Pinheiro Ribeiro, viúva do Dr. Pedro Pinheiro Jobim e Leopoldina Pinheiro Ribeiro (Ina).

Dona Sofia Ribeiro Padovan, minha colega de turma na Escola Normal de Botucatu ( turma de 1919 ), do seu casamento com Alfredo Padovan, tem os seguintes filhos: Dr. Alfredo Helio, médico oculista; José Célio, bancário; e Carlos Eduardo, negociante; todos residentes em Botucatu.

Dr. Pedro Pinheiro Jobim, acima mencionado, era filho do Dr. Francisco Antenor Jobim, casado com dona Joaquina Pinheiro Machado (Quita). Dr. Francisco Antenor Jobim foi Juiz de Direito em Tatuí, Piracicaba e São Paulo. Foram filhos do Dr. Francisco Antenor Jobim e Quita: Francisco; Jarbas; Maria de Lurdes; Maria da Glória; Maria Conceição; Professoras Maria Rita e Maria Sofia que estudaram em Botucatu e já são falecidas; Senador Danton; Cônsul José; Pedro, Médico Veterinário . Manoel Pinheiro Ribeiro tem dois filhos: Celso José Maria Ribeiro e Cesar José Maria Ribeiro, engenheiros. José Pinheiro Ribeiro (Juquinha) casado com Anita Santini são pais de Terezinha; José Benedito; Dr. Benedito José, Advogado; Prof. Álvaro, alto funcionário do SESI, na Capital e Martha.

( Correio de Botucatu -29/07/1971 )

## 74 - OS PINHEIRO CALDEIRA

Maria Delphina, uma das filhas do Capitão José Gomes Pinheiro, casou-se com o Tenente João Baptista da Cunha Caldeira, que foi o primeiro Coletor da cidade ( estadual ou municipal?). João Baptista da Cunha Caldeira, no fim do século passado mudou-se para Bofete, onde se tornou o patriarca, chefe da enorme família Pinheiro Caldeira. A “Caldeirada” tornou-

se dona de várias propriedades agrícolas na serra do Galdino, na serra dos Órgãos e adjacências.

O casal Maria Delphina-Cunha Caldeira deixou os seguintes filhos: Major Benedicto, Adélia, Profa. Garibaldina, Raul, Leopoldo, Osmany, Lindolpho, Leopoldina, Honorina (Lola), Henriqueta. Todos são falecidos. E dos seus descendentes, poucos aqui residem.

ADÉLIA foi casada com o fazendeiro Joaquim Ferreira da Silva (Ferreira Gordo), dono da Fazenda Morro Vermelho e outras propriedades agrícolas. Tenho lembrança de dois filhos do casal: Flamínio e Carlos Ferreira, que se projetaram na vida pública, no tempo do velho PRP. Flamínio, jornalista, foi Diretor do “Correio Paulistano” e Deputado Estadual. Carlos Ferreira foi Fazendeiro e Tabelião em Piraju, no tempo de Ataliba Leonel, que era Senador e Chefe perrepeista, membro da poderosa Comissão Diretora do velho partido.

Profa. GARIBALDINA Pinheiro Machado, ótima educadora, foi das primeiras professoras do grupo escolar “Dr. Cardoso de Almeida”, inaugurado em 1895. O primeiro Diretor desse grupo, foi o Prof. Benedito Maria Tolosa, que deixou renome no magistério paulista. Tolosa, casado com dona Garibaldina, deixou vários filhos. Dois deles se tornaram Professores da Faculdade de Medicina de São Paulo. Benedito Pinheiro Machado Tolosa, era Professor de Ginecologia e Obstetrícia. Adherbal Tolosa foi Catedrático de Neurologia. O casal Profa. Garibaldina e Prof. Tolosa ainda tiveram os seguintes filhos: Helena, Dr. Anibal, Dr. Álvaro e Dr. João Batista.

HENRIQUETA, RAUL e LEOPOLDO CALDEIRA, sempre residiram no Bofete, onde eram fazendeiros. O caçula da família, Osmany Pinheiro Machado Caldeira, funcionário postal, durante muitos anos foi Carteiro em Lins e Botucatu. Durante algum tempo residiu numa pensão que mantinha, na rua Amando de Barros, ali onde está o sobradão da Casa Carvalho.

BENEDICTO CALDEIRA, o mais velho dos irmãos, era o pai do nosso amigo Professor Benedito Caldeira casado com a Profa. Alice Pratt Caldeira, que há pouco se aposentou no cargo de Delegado de Ensino, após mais de cinquenta anos de efetivo exercício no magistério primário. Por essa razão, o Professor Benedito Caldeira ganhou o prêmio concedido pelo Governo do Estado de São Paulo àqueles que por mais de meio século exercem funções públicas. O Professor Caldeira, dono de notável cultura geral e especializada, goza de ótimo conceito no professorado paulista.

A respeito do Fazendeiro Ferreira Gordo, há um detalhe trágico na sua vida, que pode ser assim resumido:

“ No fim do Império ( 1880, mais ou menos ), foi assassinado o Dr. Gonçalves da Rocha, Juiz de Direito de Botucatu. O Dr. Rocha foi morto à traição. Dentro de sua própria residência. Estava na sala de jantar, lendo um jornal, quando recebeu um tiro disparado da rua. Crime bárbaro. Perpetrado à luz do dia. No coração da cidade. Dr. Rocha residia na rua do Riachuelo (

atual Amando de Barros ), num prédio térreo em frente à Casa Carlos. O assassino, desconhecido, fugiu. Nunca foi apanhado.

Crime misterioso. Havia um zum-zum de que era de natureza política. E havia gente grossa metida na encrenca. Mas parece que havia temor em serem apontados os mandantes. E falavam, apontavam um, Ferreira Gordo como o mandante. A coisa chegou a tal ponto, que um dia Lúcio Ferreira Gordo foi preso como o autor intelectual do assassinio do Dr. Gonçalves Rocha, que era um dos grandes da Loja Maçônica local. Lúcio Ferreira Gordo foi preso na fazenda dos Dias, para os lados do Rio Novo de Avaré. Quem chefiou a escolta que o capturou, foi o Delegado Amador Bueno Pinheiro de Mello, filho do Capitão Tito Correa de Mello, com quem era aparentado.

Ferreira Gordo tinha má fama e isso pesou no seu julgamento. Diziam que era cruel senhor de escravos. E homem de maus bofes. Apesar de negar tudo quanto lhe era imputado, foi julgado e condenado. Prisão perpetua. Que foi cumprir em Fernando de Noronha, o longínquo presídio federal, para os condenados a grandes penas.

Ferreira Gordo, algemado, como era do costume, por duas vezes voltou a Botucatu, para responder Júri, pois apelara das sentenças condenatórias. Sempre condenado. Afinal, depois de muitos anos de cárcere, foi indultado pelo Presidente da Republica. Mas pouco sobreviveu. Atacado de beribéri, velho, pobre, alquebrado, faleceu o antigo potentado, cujo processo crime está arquivado no Fórum local.

O Dr. Gonçalves da Rocha está sepultado em Botucatu. Solteirão, sem familiares aqui na terra, seu túmulo foi construído pelos maçons botucatuenses, entre os quais era figura destacada”.

( Correio de Botucatu – 01/08/1971 )

## **75 - AINDA O CLÃ PINHEIRO MACHADO**

Mais gente da família Pinheiro Machado, verdadeiro clã, vou hoje focalizar. Inicialmente cuidarei dos

### **PINHEIRO DE MELLO**

Anna Florisbella Gomes Pinheiro Machado (que tinha o mesmo nome da mãe Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos), uma das filhas do Capitão José Gomes Pinheiro, casou-se com o Capitão Tito Correa de Mello, que foi Deputado à Assembléia Provincial de São Paulo, no fim do segundo império. Este discutido chefe político botucatuense, deixou vários filhos. Do casamento de Tito com dona Anna Florisbella, um filho , o Amador Bueno Pinheiro de Mello, veio a se casar com a prima-irmã Gabriela Augusta Pinheiro Machado, filha do Major Matheus Gomes Pinheiro Machado e Joaquina Roza da Cunha Caldeira. Desse

casamento entre primos-irmãos, como era costume então, nasceram vários filhos. Deles tenho lembrança de Samuel Pinheiro de Mello ( ou Samuel Pinheiro Machado ), o popular Nhô Bello, que morreu solteiro, como Fiscal Municipal. Outros filhos do casal Delegado Amador Bueno Pinheiro de Mello e Gabriella Augusta Pinheiro Machado são: Eliza, Tito (Quéste), Ester Maria e Matheus. Anna Florisbella e o Capitão Tito ainda tiveram os seguintes filhos: Coronel Gustavo, Benedicto (Nhô Dito), Fortunato, Brasilisa, Izabel, Francisco e Capitão João Baptista. Os filhos do Capitão Tito deixaram Botucatu e, parece-me nenhum descendente deles, aqui reside.

Em segunda núpcias, o Capitão Tito Correa de Mello casou-se com Constância Braga, de Sorocaba.

## OS PINHEIRO CINTRA

Tenho em meu arquivo, uma velha fotografia, tirada em 1870. Nela aparecem os botucatuenses José Rodrigues César, Domingos Soares de Barros e Bernardo Augusto Rodrigues da Silva, que foram convencionais de Itu, em 1873. São, pois, republicanos históricos.

O Dr. Bernardo Augusto Rodrigues da Silva chegou a ser Senador do Império. Homem importante, sem dúvida nenhuma. Cidadão de escol. Profundamente religioso, era presbiteriano convicto. Dono de notável cultura, constituiu-se numa personalidade ímpar dos velhos tempos. Está sepultado no cemitério local.

Dr. Bernardo foi casado com dona Joaquina Roza Gomes Pinheiro Machado (filha do Capitão José Gomes Pinheiro e Anna Florisbella), e desse matrimônio nasceu o Dr. Leonce Augusto Pinheiro da Silva, que era magistrado. Foi Juiz de Direito em várias comarcas do estado de São Paulo. Faleceu em Sarapuí ( cuja Comarca foi extinta ), ali por perto de Itapetininga. Dr. Leonce foi casado com Anna Genoveva Amaral Vieira ( dona Nicota ), de tradicional família itapetiningana. Duas filhas do casal, Sinharinha e Nini, praticamente são botucatuenses. Nini ( Anna Pinheiro da Silva ), aqui reside com a família do Professor Raymundo Marcolino da Luz Cintra. Dona Sinharinha ( Leopoldina Pinheiro Cintra ), já falecida, foi casada com o Prof. Raymundo Marcolino da Luz Cintra, doutor em filosofia, lente aposentado do Instituto de Educação “Dr. Cardoso de Almeida” e jornalista ainda em atividades.

O Professor Raymundo Marcolino da Luz Cintra, ituano de nascimento, é Cidadão Honorário de Botucatu. E merecida honraria que lhe foi concedida, pelos relevantes serviços prestados à cidade dos bons ares e das boas escolas. Do casal Sinharinha-Raymundo Cintra nasceram os filhos: Tarcizio, Médico Psiquiatra, residente em Taubaté, onde é Professor da Faculdade de Medicina; Rivaldo, Advogado, residente na Capital; Raymundo Penhaforte Cintra, Advogado, Ex-Vereador e Ex-Diretor Regional dos Correios e Telégrafos da Regional de Botucatu; Lygia Maria, Professora, casada com Manoel Esteves dos Santos, residentes em São Paulo; Delilah, Professora, funcionária dos Correios e telégrafos, casada com João Rodrigues Nepomuceno, residentes em Botucatu.

DR. DAMIÃO PINHEIRO MACHADO

Dr. José Damião Pinheiro Machado, era do ramo gaúcho dos Pinheiro Machado. Nasceu em São Luiz das Missões (RGS), aos 16 de maio de 1899. Bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, foi criado e educado pelo Senador Pinheiro Machado. Formado, o moço Damião rumou para os pagos, onde foi advogar. Idealista, não se conformando com o estado de coisas criado pelo Partido republicano ( o velho PRP ), tomou parte ativa nos movimentos do ciclo revolucionário que foi de 1922 a 1930. Fez parte da Coluna Prestes. Mas não acompanhou Luiz Carlos Prestes, quando este se transformou no chefe do comunismo brasileiro. Com a tomada do poder por Getulio Vargas, o Dr. Damião veio para Botucatu, onde advogou até falecer. Aqui foi Vereador e político de prestígio popular. Nunca quis ser funcionário público, mesmo de alta categoria. Uma rua da cidade tem o seu nome. E a banda musical botucatuense se denomina “Corporação Musical Dr. Damião Pinheiro Machado”. Casado com dona Zulma Brandi Pinheiro Machado, de Lençóis Paulista, deixou uma filha, a Advogada Maria Terezinha, casada com o Dr. Arthur Coogan, Procurador da Justiça em São Paulo.

Dr. Damião faleceu em Botucatu, em 1º de agosto de 1948. Está sepultado na necrópole local, no jazigo da família. No seu epitáfio está escrito: “Idealista, lutou e sofreu, por uma Pátria melhor. No Fórum, foi um exemplo de cultura, eloquência e honradez. No lar, constituiu a alegria de sua esposa e o orgulho de sua família”. Seu retrato, figura na galeria de Vereadores do Legislativo botucatuense, onde era figura de destaque. Por largos anos, foi companheiro de escritório de advocacia e de lutas políticas, do meu mano Dr. Jayme Almeida Pinto.

( Correio de Botucatu – 05/08/1971 )

## **76 - “MASTRO” BATTISTON E MAESTRO ANDRÉ ROCHA**

Giuseppe Valentino Battiston ( que abrasileirou seu nome para José Batistão ), nasceu em Vazzola, Itália, em 5 de maio de 1871. Era filho de Battiston Luigi e Spinazzé Chiara. Veio para o Brasil em 1893. Fixou residência em São Paulo. Por contrato, veio trabalhar na Vila do Bofete, para instalar máquina de café na fazenda do Dr. Eugênio de Camargo, em cujas terras, esse adiantado agricultor fazia prospecção de petróleo.

Terminada sua tarefa, o jovem italiano transferiu-se para Botucatu, então o fim da Estrada de Ferro Sorocabana. Aqui se radicou. E logo se casou ( 1887 ), com dona Ursulina, filha de Ginezzi e Catarina Guazzeli. Pouco antes de suas bodas de ouro, em 31 de maio de 1946, dona Ursulina faleceu. José Batistão faleceu mais tarde, em 27 de abril de 1963, contando pois 92 anos de idade. Em Botucatu, Batistão trabalhou na construção do grupo escolar “Dr. Cardoso de Almeida”. Como um verdadeiro “mastro”, montou fábrica de carroça, na rua General Telles. Instalou as máquinas da serraria Sant’Anna, da firma Moraes & Margoni, gerindo-a tecnicamente, até se aposentar, quando a serraria era do Deputado Nenê Cardoso.

Homem bom, simples, vivendo para o trabalho e para a família, José Batistão era muito estimado e relacionado não só na Colônia Italiana, como na sociedade botucatuense. Deixou família que é valor positivo na vida local, com filhos se projetando na vida paulista.

Do casal Ursulina e José Batistão, nasceram os filhos: Garda, viúva de Vicente da Rocha Torres; Carolina; Elisa, casada com Dionísio Dias Batista; Catarina, viúva de Constantino Delmanto; Dalva, casada com Luiz Reed, residentes em São Paulo; Maria de Lourdes, casada com o Dr. Antonio Domene, Advogado, residentes em São Paulo; Dirce, casada com o Dr. Elias Saliba, Cirurgião Dentista em Botucatu; Luiz, casado com a Profa. Helena Baddo Batistão; Genésio, casado com Rosa Ribeiro, residentes em Santos; José, casado com Julieta Rodrigues do Lago, residentes em São Paulo; Jairo, casado com Rosa Mansur, residentes em Caçapava (SP); Carlos, casado com a Profa. Tereza Lacorte, residentes em Botucatu; Dario, já falecido, que foi casado com Iolanda Fraile, que reside em Botucatu. O velho Batistão, ao falecer deixou 13 filhos, muitos netos e bisnetos, constituindo-se num patriarca, respeitado e estimado na cidade que ajudou a construir e viu crescer e civilizar-se.

Seu filho Luiz Batistão, um dos bons valores botucatuenses, é alto funcionário do Ministério da Fazenda, como Delegado Seccional do Imposto Sobre a Renda, em Botucatu. Idealista, lutador, venceu na vida, graças aos seus esforços e espírito combativo. Companheiro do Padre Euclides e Dr. Silvio Galvão, na "A Cruzada Brasileira", leal companheiro de lutas políticas na democratização e renovação partidária para o "Bem de Botucatu", Diretor da Misericórdia Botucatuense e braço forte na Vila dos Meninos da Sagrada Família, Luiz Batistão é um cidadão prestante e bom.

Carlos Batistão, Contador, é alto funcionário do Ministério da Fazenda. Seu cunhado, o Dr. Antonio Domene, Foi Delegado do Imposto Sobre a Renda em Taubaté. Jairo Batistão, fêz parte da Força Expedicionária Brasileira, na segunda grande guerra mundial. Nos campos de batalha na Itália, onde a FEB cobriu-se de glórias, o jovem Jairo ganhou os galões de Tenente do Exército Nacional.

Dona Garda Batistão, foi casada com Vicente da Rocha Torres, o popular Vicentinho, que foi Gerente dos Cinemas botucatuenses, hoje de propriedade da Empresa Peduti. Vicente da Rocha Torres muito folgazão, temperamento boêmio, pertencia a uma família de músicos. Deles menção especial merece o maestro André Rocha, seu tio.

André Rocha tem seu nome numa das ruas de Botucatu. Não foi político e nem Capitão de indústria. Não foi milionário e nem grande filantropo. Foi simplesmente um artista. Um músico notável. Verdaderamente um maestro. Conhecia a divina arte como poucos. E dentro de sua simplicidade e modéstia, era admirado pelo povo de Botucatu. Que o diga o Vicente Moscoliato, seu companheiro na Orquestra do velho Casino, onde tocavam verdadeiros professores de música, sob a regência do notável pianista Luiz Cardoso.

André Rocha não era botucatuense nato. Mas o era de coração. Nasceu em Araritaguaba, hoje Porto Feliz. Moço, veio para Botucatu, acompanhando sua irmã dona

Mariquinha Rocha (a popular Nhá Luca), viúva de Francisco Torres. Do casal Torres, conheci os filhos: Tenente José da Rocha Torres, o popular Zelão, Tabelião em Botucatu; Alcides, Tabelião em Agudos; Vicente, empresário cinematográfico; Lurdina, que foi casada com o Deputado Antonio Cardoso do Amaral ( Nenê Cardoso ). Todos são falecidos. A jovem teatróloga Leilah Assumpção ( seu nome real é Maria de Lourdes Torres de Almeida Assumpção ), filha do Professor Salvador Assumpção, é sobrinha neta do maestro André Rocha. Leilah, confirma que o talento artístico se transmite hereditariamente.

O maestro André Rocha, vicentino convicto, espírito profundamente religioso, faleceu há tempos. Está sepultado em Botucatu.

( Correio de Botucatu – 12/08/1971)

### **77 - ROCHA LIMA, O HOMEM DOS SETE MARES**

Corria o ano de 1864. Em Lisboa, naquele belo “jardim à beira mar plantado”, no dia 19 de julho, nascia um garoto – José da Rocha Lima – que deveria ser um homem dos sete mares. Campeão de aventuras marítimas, que viria acabar seus dias na mui leal cidade de Sant’Anna de Botucatu. Era filho de Antonio Vitorino de Lima e de Maria Bárbara de Azevedo. Ao perder a mãe, já mocinho, não suportou a madrasta, quando do novo casamento do pai. Fugiu de casa. E engajou-se na tripulação de um navio baleeiro, que estava de partida para longínquas paragens.

O moço lusitano cortou os mares. Percorreu o mundo. Viveu fantásticas aventuras, que contava de maneira atraente. Como era gostoso ouvi-lo descrever a pesca de uma baleia. “Quando avistavam um cetáceo, com mais de vinte metros e pesando umas duzentas toneladas, o barco se aproximava do bichão. Desciam um bote com três homens e mais o arpoador. Este, atirava o arpão. Atingido o alvo, ferida a baleia, o cabo de aço que prendia o arpão, começava a desenrolar dentro do bote, com uma velocidade fantástica. Fruto da disparada do animal. Quando ele parava, cansado, o bote se aproximava. E um dos homens fincava uma bandeira no dorso da baleia. Essa bandeira era o sinal para que o navio viesse e baldeasse, por meio do guindaste, a baleia para o convés. Depois, era o preparo do óleo, que, apurado, era guardado em barris. E o mais interessante, os homens baleeiros, não tinham ordenado. Recebiam a paga, em barris, que vendiam no primeiro porto, da maneira que melhor lhes conviesse.” Nessas viagens, Rocha Lima aprendeu a falar fluentemente o castelhano e o inglês, línguas usadas internacionalmente, para dar informações e receber ordens.

Sulcando os mares, no roteiro do navio, Rocha Lima esteve na Patagônia e viu seus pingüins; apreciou as estátuas gigantescas dos “homens cachorros”, na ilha de Páscoa; rodeou as Galápagos, vencendo as ondas encapeladas do Pacífico. Esteve na Nova Zelândia, na Austrália e nas ilhas dos mares do Sul. Partindo do Peru e do Chile, fez um roteiro parecido com

o de Charles Darwin em “Uma Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo”. E os anos corriam. E o moço amalhava conhecimentos.

Mas tudo cansa. Saturado de ver continuamente mar e céu, resolveu ficar no Brasil. Desembarca no Rio de Janeiro. E vai procurar um tio, que ele sabia ser rico, estabelecido com charutaria, na Avenida Rio Branco. Esperava boa acolhida, amparo e orientação, na vida que ia encetar, pois só entendia de baleias e caça de ursos. . . A recepção foi a pior possível: “Não o conheço. Nunca tive parente com tal nome. É melhor ir andando”.

Embora triste com o procedimento do tio, não se deu por vencido. Empregou-se como aprendiz de marceneiro, numa fábrica de móveis, próxima. Dava para comer. Aprendeu o ofício. Aperfeiçoou-se na Escola de Artes e Ofícios. E se tornou um mestre na profissão. Nesse tempo, a febre amarela grassava no Rio de Janeiro, matando gente a valer. O moço português acompanhou o enterro de muitos patrícios mais desafortunados. E isso levou-o a mudar de terra.

Dirigiu-se para São Paulo. Em Santos, estabeleceu-se por conta própria. E na terra dos Andradas conheceu uma patrícia. Bonita, moça, da ilha da Madeira. Era Escolástica Deodata de Lima, com a qual se casou. E que foi sua dedicada companheira até ele falecer, em 1930, aqui em Botucatu. Dona Escolástica, que nascera em 01/01/1870, faleceu em Botucatu em 21/06/1939.

Em Santos nasceu o primeiro filho, o Alberto. Depois a família transferiu-se para diversas outras localidades: Itapira, Pirambóia, Anhembi e Botucatu. Em Itapira nasceram os filhos Adelino e Etelvina. O rapaz foi ferroviário e mais tarde funcionário das Indústrias Matarazzo. Adelino, casado com Maria Antonieta Carneiro, filha do jornalista Avelino Carneiro, faleceu em 15/08/1966, na Capital.

A filha Etelvina, casou-se como Dentista Isaias de Freitas, ora residentes em Avaré. O casal teve vários filhos, muito bem encaminhados na vida. Idalina Rocha Lima, outra filha, nasceu em Botucatu, em 1900, quando o velho Rocha Lima tinha uma casa de móveis na rua Amando de Barros, onde está a “A Favorecedora”, e a marcenaria onde está a Casa Jacques. Dona Idalina, do seu casamento com o Capitão Antonio Filletti ( residem na Capital ) tem vários filhos, que estão bem situados na vida.

O caçula da família, é Sebastião da Rocha Lima, o estimado “Lico”, casado com a professora Evan Rodrigues Alves Rocha Lima, aposentada. Residem em Botucatu, ele funcionário aposentado da Estrada de Ferro Sorocabana. Sebastião Rocha Lima, jornalista, apreciado cultor das letras, filólogo, é um dos baluartes do Centro Cultural de Botucatu, entidade que sobrevive graças aos seus esforços e aos do Dr. Arnaldo Moreira Reis e outros beneméritos da instituição. Sebastião da Rocha Lima é o tipo perfeito do autodidata. Crescido no âmbito acanhado de Pirambóia, onde era balconista no armazém do pai, em São Paulo, trabalhando e estudando, conseguiu ser o que é: um nome na cultura botucatuense.

## 78 - ALBERTO ROCHA LIMA

Em nosso último capítulo, ao evocar a figura de José Rocha Lima, eu disse que em Santos, nascera seu primogênito, ALBERTO ROCHA LIMA, isto em 1890. Desde pequeno, o futuro advogado demonstrou inteligência viva e amor aos estudos. Na cidade praiana ele fez o curso primário. Também aprendeu línguas – Latim, Francês e Inglês.

Por dificuldades financeiras, transferiu-se a família para diversas localidades paulistas. E isto, prejudicou a formação intelectual do rapaz, que foi obrigado a exercer vários misteres, a fim de colaborar na manutenção da família. Em Anhembi, por exemplo, Alberto Rocha Lima exerceu a profissão de barbeiro. Esse mesmo ofício, exerceu-o quando a família veio para Botucatu. Aqui, a boa estrela do rapaz começava brilhar.

Francisco Pinto de Gouveia e Almeida, o famoso Chico Padre, era um rábula advogado provisionado, que dominava o foro local. Chico Padre admitiu Alberto como seu auxiliar. E como tinha bonita letra (não havia máquinas de escrever), passou a fazer todas as petições e arrazoados do famoso rábula, cuja letra era pior que a dos médicos.

Alberto Rocha Lima foi progredindo no aprendizado do Direito. Mais tarde, era ele quem no júri popular defendia os réus, clientes de Chico Padre. Este causídico não tinha dotes oratórios, ao contrário do auxiliar que era bom orador. Tão notórios foram seus conhecimentos jurídicos (tornou-se advogado provisionado também), que em certa ocasião, substituiu o Promotor Público, o Dr. Alcides Ferrari. Além de Advogado, Alberto Rocha Lima, era jornalista. Colaborou assiduamente no “Correio de Botucatu”, jornal dos irmãos Almeida. Colaborava em muitas revistas e jornais do Brasil, principalmente na revista “O MALHO”, a maior e melhor do Rio de Janeiro, no princípio do século.

Alberto Rocha Lima, gostava das artes. Foi amador teatral. Escreveu, dirigiu e representou peças no antigo Teatro Santa Cruz ( o queimado Espéria ). Poeta inspirado, era também bom músico. Tocava bem piano, violão e flauta, mas por influência, talvez, do sangue lusitano, era melhor guitarrista.

Artista plástico, com sucesso expôs seus desenhos e pinturas ( a óleo e aquarela ). Dono de grande cultura, escreveu ensaios filosóficos e livros de poesia, alguns publicados e outros inéditos.

Em 1914 ou 1915, Alberto Rocha Lima deixou Botucatu. A convite do Diretor da Estrada de Ferro Sorocabana, Engenheiro José Pacheco de Góes Artigas, foi para São Paulo, exercer as funções de Secretário da Estrada de Ferro Sorocabana, cargo que exerceu por largos decênios, até sua aposentadoria. Em São Paulo, estudou na Escola de Farmácia e Odontologia da USP, formando-se em Odontologia. Pouco tempo foi dentista.

Alberto Rocha Lima, casou-se em Botucatu com dona Hermínia de Góes Pacheco ( Moça Góes para os familiares ), filha do Major Góes, latifundiário, fazendeiro forte, político influente. Este Major Góes era famoso pelos seus rompantes gauchescos, pelo seu cavalo Zaino ( que tinha até A,B,C, nos fandangos da caboclada ) e pelo empenho com que enfrentava as lutas políticas. Os filhos do Major Góes – Belão, Silvino, Júlio, Paulo e Nhôzinho – todos falecidos, morreram pobres e não deixaram descendentes em Botucatu.

Do casal Hermínia-Alberto, nascidos em Botucatu, estão vivos os filhos Stela ( Professora de Educação Física ) e Mário, Médico Cardiologista, ambos residentes na Capital. Alberto e dona Hermínia são falecidos, sendo que o ilustre cidadão faleceu em março do corrente ano.

Na revista “Nossa Estrada”, sob o titulo “Reminiscências de um Ferroviário”, Heitor de Souza, velho ferroviário, escreveu: “Tivemos a gratíssima felicidade de encontrar em Alambari, ali instalados com armazém de secos e molhados, fazendas e armarinhos, a distintíssima família Rocha Lima. Foi para nós um consolo e uma certeza da tranqüilidade. Como que se nos abriu o céu e se nos apresentaram os anjos. José da Rocha Lima era um excelente português, de educação e cultura, coração magnânimo ao extremo, sensato, ponderado, de um falar calmo e convincente, seus conceitos, opiniões e conselhos, sempre baseados nos mais puros sentimentos de justiça e de direito. Sua mui prezada esposa, dona Escolástica, como o próprio nome indica, era de fato, uma verdadeira escola de bondade. Naquela criatura maravilhosa encontrei, por minha felicidade, uma segunda mãe. Carinhosa e solícita em toda a plenitude, era o exemplo de todas as virtudes – esposa ideal, mãe extremosa, trabalhadora incansável – lutava com toda a perseverança para a felicidade dos filhos, sem se descuidar dos que careciam de auxílio.”

( Correio de Botucatu – 25/08/1971 )

## **79 - OS IRMÃOS ZACHARIAS**

Da coletividade sírio-libanesa em Botucatu, dos velhos tempos, desejo falar hoje dos Irmãos Zacharias. Gabriel e Daniel. Não eram Irmãos Coragem. Mas eram homens de coragem, lutadores, de fibra, que viveram no Velho Botucatu por mais de meio século. Enfrentando dificuldades sem conta – barreiras dos idiomas, usos e costumes os mais diversos, o clima, o ambiente por vezes hostil - venceram largamente. E se tornaram bons botucatuenses. Que com seus numerosos descendentes, colaboraram eficientemente para o desenvolvimento de Botucatu, o progresso de São Paulo e o engrandecimento do Brasil.

Nasceu em Hamat no Libano, em 05/10/1879. Era filho de Jacob Ragi Zacharias e dona Salime Zacharias. Veio para o Brasil em 1894, fixando residência na cidade mineira de Benfica . Em 1902 regressou ao Libano. Lá, em 1903, casou-se com a patrícia Martha Tanil. Em 1905, voltou novamente ao Brasil.

## GABRIEL RAGI ZACHARIAS

Desta vez para o Estado de São Paulo. Foi residir em Tietê. Depois, morou em Conchas, Laranjal Paulista, e, finalmente, em Botucatu, onde viveu e faleceu aos 9 de outubro de 1970, com 91 anos de idade. Dorme o sono dos justos na necrópole local.

Do seu casamento com a falecida dona Salime (NOTA DOS REVISORES: ERRATA – TRATA-SE DE MARTHA TAUIL ZACHARIAS), deixou os seguintes filhos: Nicolau, falecido em 1926, em plena mocidade e vigor; Carmela, falecida em 1969, deixando viúvo o Sr. Neil Cury; Profa. Diuen; Profa. Nair; Profa. Sálua, casada com Jorge Felipe; Profa. Laila, casada com o ex-Vereador Horif Jorge; Jacob; e Neila, casada com Ibrahim Rage Zacharias, estes últimos residentes em Belo Horizonte (MG).

Dos muitos netos de Gabriel Ragi Zacharias, tenho lembrança dos seguintes: Dr. Nassim Cury, médico; Prof. Gilberto Jorge, sociólogo; Profa. Martha Jorge, licenciada em Faculdade de Filosofia e Orientadora Educacional do SENAC; Profas. Samira Felipe César e Limazza Cury Bastos.

O velho Gabriel Zacharias era homem do comércio. Dono de apreciável cultura, era profundo conhecedor da civilização árabe e da história brasileira.

## DANIEL ZACHARIAS

Este irmão mais moço do meu amigo Gabriel, também Libanês, nascido em 27/12/1880, da cidade de Hamat, veio para o Brasil aos 33 anos de idade. Em 1915, já se achava em Botucatu, onde se radicou definitivamente. E aqui, criou numerosa família. Casado com Dona Jamila Raphael Zacharias, que foi sua companheira dedicada e extremosa, deixou-a com os três primeiros filhos na terra natal, enquanto no novo mundo buscava a região mais propícia para se estabelecer. Algum tempo depois, dona Jamile reuniu-se ao esposo, em Botucatu. E, unidos, trabalharam, quer como vendedores ambulantes e mascates, quer como negociantes estabelecidos com loja da “Cruz Vermelha”.

Daniel Zacharias foi sempre um homem simples e bom. Amável. Educado. Não deixou bens materiais. Mas legou aos seus, um exemplo de padrão e trabalho, coragem e probidade. Sua preocupação máxima era educar os filhos. E teve a felicidade de ver a filharada bem encaminhada. Gostava de discutir política internacional, sua distração predileta, onde mostrada sua erudição no assunto. Apreciava a filosofia do grande pensador e poeta árabe Kalil Gibran.

Grande lutador foi Daniel. Em meio às durezas da vida, nunca foi um derrotista. E nem um fatalista à moda oriental. Enfrentava as dificuldades e não se abatia com os revezes.

Do seu casamento com dona Jamile ( sua viúva reside em Botucatu ), deixou os filhos: Caucab, que foi casada com Jorge Cury Mezerani, ambos falecidos; Massuca, casada com o economista Raimundo Barone, de São Paulo; Elias Daniel, casado com Maria Mariotto, residente em Chavantes; Gladis, casada com o comerciante Paulo Delamano, de Botucatu; Dr.

Feiz, advogado, Delegado de Policia, casado com a Profa. Diba Daher; Fauze, representante comercial, casado com d. Maria de Lurdes Pinto; Dr. Erasmo, advogado, alto funcionário da Caixa Econômica Estadual, casado com a Profa. Creuza Zorzella, do Ensino Secundário e Normal; Thereza, casada com o Prof. Olavo Gonzaga; e os falecidos Daniel, farmacêutico e Jacob Daniel Zacharias, representante comercial.

Um dos filhos do velho Daniel, é o Dr. Nahime, um dos expoentes da intelectualidade botucatuense. O Dr. Nahime Zacharias, advogado, professor do Ensino Médio e Superior, jornalista, Diretor das Faculdades de Ciências Econômicas e Administrativas de Botucatu, Vice-Presidente da 25ª Subsecção da Ordem dos Advogados, sediada nesta cidade, líder do laicato católico, é casado com a Dra. Maria José Del Papa Zacharias segunda Promotora Pública da Comarca de Botucatu. Netos e bisnetos do velho libanês, povoam Botucatu, alguns já em posição de destaque, outros estudando, outros trabalhando. Não menciono seus nomes para não incorrer em omissões. Na Vila dos Lavradores, há uma rua com o nome de Daniel Zacharias, justa homenagem a um botucatuense de coração.

( Correio de Botucatu – 28/08/1971 )

## **80 - O COMPADRE SERRA**

Corria o último quartel do século XIX. Uma italianada boa, estava povoando Botucatu. Além dos mencionados em capítulos anteriores, aqui já estavam os Delevedove, Losi, Forte, Bechelli, Torelli, Serra e outros. Sem esquecer a madama Terezinha, conhecida e hábil comerciante, até agora lembrada pelos velhos botucatuenses.

Hoje vou falar da família de Antonio Serra. Gente que eu bem conheci, pois éramos do mesmo bairro. O velho Antonio Serra sempre residiu no fim da rua do Riachuelo, hoje Amando de Barros. Era a rua do Comércio. E sua casa ficava ( foi demolida ), em frente à sede do Tiro de Guerra local. Eu me lembro do velho Serra com um açougue de carne de porco. Em frente ao açougue de carne de vaca, do meu avô Capitão Zé Paes, onde o José Tenore era o magarefe. Tenho lembrança da velha Angela Serra. Em casa a chamava de “cabreira”, porque tinha um pequeno rebanho de caprinos e abastecia a vizinhança de leite de cabra. Leite tirado na hora. Puro. Quentinho. E que era a salvação da criançada criada na mamadeira.

O estimado casal Serra, falecido há uns vinte e cinco anos, deixou os filhos: Antonio, João e Catarina, já falecidos, e mais o popular Rafael Serra, fazendeiro em Botucatu. Antonio, o ANDÓ, cocheiro e depois motorista de praça, foi casado com dona Izabel Montes Torres, irmã do conhecido Raul Torres, artista radiofônico, há pouco falecido. Andó e Izabel, já falecidos, deixaram o filho Antenor, o “Serrinha”, artista de rádio na Capital. João Serra, motorista profissional, foi casado com uma filha do velho Torelli. O casal, falecido, deixou um filho, o Serrinha, que atua na Rádio local. A filha Catarina, foi casada com Vicente Urso, motorista profissional. Ambos são falecidos. Deixaram filhos e netos, residentes em Botucatu.

Rafael Serra, dos filhos, é o único que não foi motorizado. No princípio da vida, foi Cocheiro de trole. Fazia viagens para o Pardinho e Ribeirão Grande. Para Itatinga e Prata e outros lugares onde o trem não chegava. E como não havia automóveis, as viagens eram realizadas a cavalo ou de trole. Com o tempo, Rafael se meteu no negócio de compra e venda de suínos. E prosperou. Fez fortuna.

Rafael Serra, o popular compadre Serra, como dizia o Pedutão, ficou fazendeiro. E figura popular e estimada em Botucatu. Faz parte do “Senadinho”, que se reúne na Casa Royal. Nas noites de bom tempo, sob o comando do R.J.Rafael e a presença dos Drs. Raphael Augusto de Moura Campos, Jayme de Almeida Pinto, Martins, Prof. Prado, Chiquitinho Luizetto, o Banqueiro Antoninho Alves, o Tico Passos e outros ( sem esquecer o saudoso Dr. João Araújo ), os colendos discutem magnos problemas econômicos e sociais, apresentando soluções que infelizmente, até agora não foram acolhidas pelos poderes públicos.

Quem vê o Serra fumaceando um cigarrão de palha, falando pausadamente, contando causos da sua vida de lutador, pensa que ele é caboclo do Rio Pardo. Mas ele é italiano de nascimento. Com oito anos de idade veio para o Brasil. E hoje, nos oitenta, bem vividos, é mais brasileiro que eu. Gosta de lembrar que foi companheiro de noitadas boêmias do Dr. Alcides, do Levy de Almeida, do Vicente Rocha, do Tóte Paes e João Martins, do Silvino Góes e outros, todos já falecidos.

Contava compadre Serra: “ Nos velhos tempos, a coisa era dureza. Era como diziam: Escreveu não leu, o pau comeu”. Em dia de touradas, quando a cidade se enchia de forasteiros, um fim de fuзо na comadre Nicota ou na Tereza Mulata, acabava em bochincho. Às vezes com defunto. Nas carreiras na raia atrás do cemitério, ou no Alambary, havia cada sururu! E gente subia p’ra chácara do padre. Nas serenatas, o último gole era no João Meia Noite, num boteco que havia por perto da velha caixa d’água. Também eram notáveis as festas da Sociedade Italiana. No XX de Setembro, quando a verborragia latina subia ao máximo, o Serra fazia discursos, em francês, que eram vivamente aplaudidos pelos amantes de saladas ítalo-franco-brasileiras... E as ceatas do restaurante TRENTO e TRIESTE, do Franchino Alói, lá na baixada?

Rafael Serra é casado com d.Tereza Bitonti Serra. De família avareense. São suas filhas: Carmelina; Amélia, casada com o Dr. Romeu Pardini, residentes em Bauru; Clara, casada com o Sr. Oswaldo Costa. Dona Clara é professora de música do IECA e Diretora do Ginásio Estadual de Anhembi. Rafael Serra, como diz o caboclo, é prata velha. E das boas.

( Correio de Botucatu -01/09/1971 )

## **81 - COSTA LEITE, O MAIOR**

A antiga rua da Misericórdia, chama-se rua Dr. Costa Leite. Na ajardinada praça dona Izabel Franco de Arruda, há um busto do Dr. Costa Leite. O Pavilhão de homens da Misericórdia

Botucatuense chama-se “Dr. Costa Leite”. E este nome encima o prédio do grupo escolar noturno, mantido pela municipalidade. Quem era este cidadão tão homenageado?

No “Almanaque de Botucatu”, editado em 1920 pelo jornalista Augusto de Magalhães, às paginas 178 e 179, está escrito: “ Dr. Antonio José da Costa Leite. Um dos vultos mais proeminentes de Botucatu. Há mais de trinta annos que reside nesta cidade. É o médico da pobreza, o bemfeitor, o humanitario que não se cança de levar aos que soffrem o balsamo que suaviza.

Quantos dos casebres ou dos leitos hospitalares, lhe não corôam sentidamente, com bençams, a transparencia de seu coração piedoso!

O dr. Costa Leite tem o nome preso à Misericordia Botucatuense. Foi elle quem se manifestou primeiro por essa fundação de caridade, entregando-se de corpo e alma para que ella ganhasse vulto e erguesse dos alicerces, como braços estendidos à multidão dos desherdados. Não se pontuam nisso os feitos de todos os matizes por elle disseminados. Os que fez, ahí estão. . . Dr. Costa Leite é natural da Bahia, por cuja Faculdade de Medicina se formou no tempo do Imperio. Fez seu curso com raro brilhantismo, assignalado com muitas distincções.

O povo botucatuense rende-lhe a maior estima que é dado a um profissional desta natureza alcançar. E é-lhe justa e merecedora!”.

Isso foi escrito em 1920. Agora, em 1971, posso dizer mais coisas sobre o médico e homem, que, sendo um agnóstico, praticava o BEM pelo BEM, sem esperar recompensas do mundo ou do céu.

Nasceu na cidade de Salvador, em 19/04/1860. Formado em Medicina, transferiu-se para o Estado de São Paulo. Em 1886, o jovem baiano começou a clinicar na pequenina Botucatu. Durante mais de sessenta anos, exerceu o seu abençoado mister. Faleceu em 15/06/1953, aos noventa e três anos de idade, sendo sepultado na necrópole local. Dorme o sono eterno na cidade que tanto amou e bem serviu.

Sempre ouvi falar e depois constatei pessoalmente, que da medicina o Dr. Costa Leite fez um sacerdócio. Foi um justo, de mão aberta. Pai da pobreza. Por isso, morreu pobre. Dizia ele, lá na Misericórdia ( que fundara e servira dedicadamente ), que ele era o indigente número um daquela casa de solidariedade humana. O único bem imóvel que possuiu, a casa de morada, foi-lhe dada pelo povo, por subscrição popular.

Curando, lenindo, amparando financeiramente até, os desprotegidos da fortuna, Costa Leite se tornou figura lendária na vasta zona, onde ele foi, por muitos anos, o único médico a fazer clinica médica-cirúrgica. Naqueles velhos tempos, naquela rudeza do sertão que começava a ser devastado, para melhor servir e cuidar dos sofredores, grandes e pequenos, principalmente os mais humildes, fundou a Misericórdia Botucatuense, o primeiro hospital da

zona. Foi em 1893 que Costa Leite lançou os fundamentos daquela, que não sendo Santa Casa é uma Casa Santa. Em 08 de dezembro de 1901, o Hospital foi inaugurado graças ao apoio decidido que recebeu de dona Isabel Franco de Arruda, Antonio Ferreira da Silva Veiga Russo, Domingos Soares de Barros, Floriano Simões e outros bons colaboradores, numa demonstração de ecumenismo.

Dr. Costa Leite foi cidadão emérito. Em vida ainda, recebeu a medalha “Honra ao Mérito”, somente concedida aos grandes benfeitores da Humanidade. E fez jus à distinção.

Quando moço, espírito sociável, dirigia grupos de Amadores teatrais, animava os esportes, era Diretor de sociedades recreativas. Maçom graduado, foi venerável da Loja “Guia do Futuro”. Pouco militou em política. E esta só lhe trouxe aborrecimentos e dissabores. Mas, firme no seu apostolado ele sempre ficou acima das mesquinhas do mundo.

Do seu casamento com dona Cândida Costa Leite, baiana como ele, nasceram os filhos: Dr. Aníbal, Cirurgião-Dentista; Dr. Orlando, advogado; Ubaldino, Lydio, Izaura ( Santa ), que foi casada com Carlos César; Elvira (Iaiá), que foi casada com Carlos Veiga Russo. Todos são falecidos. Nenhum descendente do Dr. Costa Leite reside em Botucatu. Um dos seus netos, Carlos Leite César, é o Presidente da Bolsa do Café, em Santos.

( Correio de Botucatu – 11/09/1971 )

## **82 - VITAL BRAZIL EM BOTUCATU**

Em 1865, em Campanha, Minas Gerais, nascia um garoto que no futuro seria um dos beneméritos da humanidade. Seu nome: Vital Brazil Mineiro da Campanha. Tinha um irmão, chamado Oscar Americano do Brazil. E o pai não tinha nem um desses sobrenomes. Formado em Medicina pela Faculdade Nacional do Rio de Janeiro, o jovem Dr. Vital Brazil, veio tentar a vida no Estado de São Paulo. E, em 1895 estava em Botucatu. Na cidadezinha, boca de sertão, já encontrou o Dr. Costa Leite, baiano, pioneiro da zona sertaneja. Ambos atendiam a vasta região, totalmente desprovida de recursos médicos.

Em Botucatu o médico mineiro iniciou pesquisas sobre o ofidismo. Conhecendo os trabalhos de Calmette sobre a cobra naja, da Índia, verificou que o soro do sábio francês era ineficaz para o veneno das cobras brasileiras. Vital Brazil partiu, pois, para a descoberta de um soro específico. Que salvasse os picados pelas cascavéis, urutus, jararacas, coatiaras, e outras que viviam nos campos, matas e lavouras, ocasionando elevada mortalidade.

Enquanto mourejava na dura clínica do sertão, o moço cientista, continuava nas suas pesquisas. Meu avô Antonio Pinto Nunes, farmacêutico na Capela do Divino Espírito Santo do Rio Pardo, era um dos fornecedores de cobras para seus estudos. E a vizinhança vivia em pânico com a presença de tantas cobras no quintal do Dr. Vital. . . Para terminar suas experiências, em 1897, o Dr. Vital Brazil transferiu-se para São Paulo. Foi trabalhar no Instituto do Butantã,

recém-fundado. E lá, conseguiu fabricar o soro maravilhoso. Hoje, discípulos e continuadores de Vital Brazil dirigem institutos de anti-venenos em vários países. São técnicos capazes, que demonstram a obra sem similar realizada pelo Brasil e não encontrada nos mais ricos e civilizados países do mundo.

Em Botucatu, o Dr. Vital Brazil formou ao lado do inolvidável Costa Leite, quando da construção da Misericórdia local. Foi secretário da novel instituição. Muitas atas da Diretoria, foram por ele assinadas e redigidas. Não pode, no entanto, assistir à inauguração do Hospital, em 1901. Já residia, há anos, na Capital, onde realizava suas pesquisas. Mais tarde, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Em Niterói, fundou o Instituto Anti-Veneno que tem o seu nome e que abastece o nosso continental país (com o Butantã, também) salvando milhares de vidas, de vítimas das serpentes.

Dr. Vital Brazil era profundamente religioso. Protestante. Crente, refutava as idéias materialistas que muitos médicos costumavam defender. Lia constantemente a Bíblia. E nas suas andanças pelas fazendas e vilarejos, não deixava o Livro dos Livros. Um episódio curioso de sua vida de médico, me foi relatado há pouco tempo: “A família Souza Nogueira, evangélica, morava numa propriedade agrícola um bocado distante da cidade. Certo dia, a dona da casa, entrou em trabalhos de parto. E a coisa complicou. Resolveram chamar o médico da família, que era o Dr. Vital Brazil. Mandaram um próprio buscá-lo. E até que ele recebesse o recado, preparasse o cavalo e iniciasse a viagem, decorreu largo tempo. Ao chegar à fazenda, o moço médico, percebeu que algo de grave deveria ter ocorrido. Ambiente de tristeza. Choros. Sinal de morte. Apeando-se, foi logo indagando sobre o que ocorrera. Queria saber se a parturiente estava morta. Então responderam : “Doutor, a mãe está viva, mas a criança morreu”. O Doutor Vital Brazil, muito calmo, perguntou: Onde está o natimorto? Mostraram-lhe o anjinho, que estava sendo preparado para o enterro. O Dr. Vital aproximou-se. Examinou atentamente o feto. E largou a bomba: “Esta criança não morreu, está viva”. E, imediatamente, começou a fazer as manobras de reanimação, fazendo o bebê respirar, para alegria dos circunstantes. E depois, foi cuidar da parturiente, que, sã e salva, chorava de alegria”

O bebê ressuscitado, é o hoje o cidadão Brazil de Souza Nogueira, de setenta e cinco anos, Diácono da igreja Presbiteriana Independente de Botucatu. Forte, rijo e lúcido, ele está aí para contar o interessante caso, que lhe valeu o nome de Brazil, em homenagem ao mineiro de Campanha. . .

O Dr. Vital Brazil falecido não há muito tempo, deixou filhos botucatuenses. Um seu filho, o Dr. Vital Brazil Filho, meu Professor na Faculdade de Medicina, faleceu prematuramente. Foi vitimado por insidiosa moléstia adquirida no decorrer de suas experiências sobre imunologia. Naquele tempo, há uns trinta e tantos anos, não havia os recursos que a medicina atual oferece para combater as moléstias infecciosas.

Uma rua botucatuense, tem o nome do Dr. Vital Brazil. É justa homenagem ao cientista, ao médico, ao homem que tanto lutou pelo bem dos seus semelhantes.

### 83 - SEU PIRES DA FARMÁCIA

Há pouco tempo, tive em mãos o boletim PINHEIROS TERAPÊUTICO, de agosto de 1953, publicação científica, que se edita na Capital. Augusto Esteves, genro do grande Vital Brazil, no artigo “Os Grandes Vultos da Farmácia no Brasil”, focalizou a personalidade de José Arnaud Paulino Pires. Nesse magnífico trabalho, o articulista traça a biografia e analisa a personalidade daquele que foi o “Seu” Pires da Farmácia em Botucatu.

Eu conheci bem a Farmácia Pires e o seu conceituado proprietário. A Farmácia Pires, ficava ali onde está o prédio novo do Bradesco. Seu dono era o farmacêutico José Arnaud Paulino Pires, Major da Guarda Nacional ( não gostava que o chamassem pela patente ). Formou-se em 1888, pela tradicional e renomada Escola de Farmácia de Ouro Preto, MG, isto depois de ter abandonado o curso de medicina que fazia na Faculdade Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro, por não gostar de anatomia. . .

Formado ( conta Augusto Esteves ), “o moço farmacêutico, cheio de sonhos e esperanças, rumo para Botucatu, onde chega a 30/06/1890. Botucatu, era na ocasião, a terra prometida, por ser ponta dos trilhos da então Companhia União Sorocabana e Ituana, cidade movimentada, distribuidora de tudo quanto o sertão necessitava. Era uma pequena Capital. Nessa terra, escolhida para o berço de seus filhos, e seu leito para o repouso eterno, inicia a vida profissional, assumindo a responsabilidade da Farmácia de Martinho Morato, recentemente falecido. Posteriormente adquire-a, dando-lhe o nome de Farmácia Pires, local em que trabalhou cerca de quatro décadas, atendendo fregueses e amigos, nos momentos de aflição, e serviu a médicos de nomeada, dentre eles os doutores Miguel Zacharias de Alvarenga, Costa Leite e Vital Brazil”.

Farmacêuticos daqueles velhos tempos, quando a terrinha iniciava a marcha progressiva para o que é hoje, eram os Srs. José Rossi, Alfredo Pinto Conceição, Cantídio Vianna e Amadorzinho da Ribeira. Em 1898, funcionava a firma Pires & Alfredo Pinto, dissolvida depois, e da qual o meu tio Alfredo Pinto Conceição era um dos sócios. Nesse tempo, o depois Comendador Mario Guástini, que foi jornalista e político na Capital, lavava vidros numa das farmácias locais. O homem progrediu e chegou a ser Vereador em São Paulo e Diretor do JORNAL DO COMÉRCIO, extinto em 1930.

“Seu” Pires, de estatura mediana, sempre bem posto, usava cavanhaque, o que realçava a figura, já de natural austera. Era o farmacêutico clássico. Inspirava confiança e respeito. Enérgico e delicado, atendia com honestidade e probidade sem par, a todos que o procuravam, não distinguindo condições sociais. Tinha muitas amizades, sendo largamente

relacionado em todas as camadas do povo. Se fosse político teria muito prestígio. Mas não o seduziam os partidos. Só lhe interessava o trabalho profissional. Entretanto, quando solicitado, assumia encargos.

“Homem de elevado senso moral, manteve-se reto no proceder. Foi Delegado de Polícia em 1901 e 1902. Prestou serviços à Misericórdia Botucatuense, durante muitos anos. Foi um dos fundadores do Clube 24 de Maio e seu primeiro Presidente, dirigindo, também, associações culturais e recreativas. Como um dos fundadores da Sociedade de Assistência aos Morféticos, por longos anos, exerceu os cargos de tesoureiro e administrador.”

José Arnaud Paulino Pires nasceu aos 12 de agosto de 1864, na fazenda Bom Jardim, município de Valença, Estado do Rio de Janeiro. Era filho do Coronel José Paulino Pires e de dona Felisbina de Avellar Pires, gente do patriciado da velha província fluminense. Na terra natal, consorciou-se com dona Adelaide Paulina da Silva Pires, que foi extremosa companheira e dedicada esposa, falecida em 1944, sete anos após a morte do marido, que faleceu em 01 de outubro de 1937. Ambos estão sepultados em Botucatu.

O casal José Arnaud e Adelaide Pires, deixou os seguintes filhos: Eliezer, Farmacêutico na Capital, que foi casado com a Professora Maria José de Arruda Campos, há pouco falecida; Clóvis, Farmacêutico, Inspetor de Farmácia, aposentado, casado com a Professora Luiza de Campos Avellar Pires, residentes em Botucatu; Hugo, Professor secundário, aposentado, casado com dona Celina Miranda da Costa, residentes em São Paulo; Armando, Bancário, falecido; João Batista, Bancário, aposentado, residente em Botucatu; Maria Ignácia, Professora aposentada, casada com o Sr. Benedito de Mello Mendes, residentes em Botucatu.

Netos e bisnetos de “Seu” Pires, numerosos, estão se destacando em vários setores de atividades. Entre eles, tenho lembranças do Advogado Clóvis Pires Filho, Professor Raphael de Campos Avellar Pires, Professores Cidinha Mendes, Sebastião Mendes, Aparecida e Lourdes de Avellar Pires; Professoras Cacilda e Terezinha Pires; Hugo, Fausto e Norma da Costa Pires; e Nelson de Campos Pires. Este último, Licenciado pela Faculdade de Filosofia da USP, foi bolsista na França e é Psicólogo da Universidade de São Paulo.

No dia 01 de outubro de 1937, José Arnaud faleceu em Avaré, onde ultimamente residia. Seu corpo foi transportado para Botucatu. Nesse dia, a Câmara Municipal de Botucatu demonstrou seu apreço, a um “Herói Ignorado”, prestando-lhe significativas homenagens. “Seu” Pires, mereceu-as.

( Correio de Botucatu – 18/09/1971 )

## **84 - O LUSITANO VEIGA RUSSO**

No último quartel do século passado, grande era o número de portugueses em Botucatu. Negociantes, dominando o comércio botucatuense, eram Francisco Barbosa da

Cunha e Melo, Antonio Ferreira da Silva Veiga Russo, Antonio Joaquim Cardoso de Almeida ( o Velho Cardoso ), Daniel Carlos Maria, Jordão da Rocha Peixoto e Quintéla, Alberto Ramalho, Manéco e Dominginho Boava, Mariano Tacha, Manoel Gonçalves Cascudinho, Manoel Veiga, Pinto Manco, Luiz Pinho de Carvalho, Joaquim Bastos da Villa do Conde, Joaquim das Neves Pinhão, Rodrigo Cunha, Jerônimo de Carvalho ( Vice-Cônsul ) e outros. Fazendeiros eram José Joaquim Barbosa de Carvalho, João Martins da Costa, Manoel Coelho, José da Cruz, Vilela e outros. Chico Padre, Advogado, e Antonio Pinto Nunes que era meu avô ( Farmacêutico na Capela do Espírito Santo do Rio Pardo ), completavam a colônia.

Desse povo todo, algumas pessoas já foram focalizadas nestas evocações. Hoje, chegou a vez do Russo, grande negociante e homem de projeção na vida local. Naquele Velho Botucatu, Antonio Ferreira da Silva Veiga Russo aparece com frequência, como figura de vulto, nos acontecimentos mais importantes da cidade. Devia ter sido um dos grandes de Botucatu, pois seu nome figura numa das ruas da cidade, lá na Boa Vista. Seu retrato está na galeria de beneméritos da Misericórdia Botucatuense. E foi sócio benfeitor da antiga Caridade Portuguesa.

Antonio Ferreira da Silva Veiga Russo, nasceu em Portugal, aos 03/06/1844. Muito moço, o “pé de chumbo” veio para o Brasil, para São Paulo ( 1864 ). Localizou-se em Botucatu, cidade próspera, boca de sertão. Como o lugar progredia francamente, estabeleceu-se com casa comercial. Foi feliz. Prosperou. Tornou-se muito rico. Tido e havia como dono da maior fortuna da terra. Sua residência era naquele sobradão, onde reside José Augusto Rodrigues, na rua Cardoso de Almeida.

Contavam os antigos, que a Casa Russo, sob a gerência de Francisco Braz da Cunha ( cunhado de Russo ), tinha de tudo: era armazém, loja, com banca de toucinho, vendendo no atacado e no varejo, desde anzol até fazendas finas, desde fumo até máquinas e ferramentas. Em 1880, Veiga Russo associou-se ao jovem Amando de Barros, constituindo a firma Russo & Amando, que negociou até 1884, quando houve o distrato social. A firma dissolveu-se e cada sócio passou a agir independentemente. Começou então, a carreira ascendente de Amando de Barros, que se tornou um dos maiorais do interior de São Paulo. Após a morte do seu fundador, a Casa Russo cessou suas atividades, que eram dirigidas pelo filho Alberto da Silva Veiga, o “Russinho”.

Turíbio Vaz de Almeida, que foi contemporâneo de Veiga Russo, conta que o homem, apesar de asoberbado pelos trabalhos comerciais, gostava de artes e tinha atividades sociais. Morador da cidade, tinha paixão pela roça, sendo que no fim de sua vida, passava a maior parte do tempo em sua propriedade agrícola. Como todos os moços da época, fazia parte das corporações musicais. Tocava na banda musical do Luiz Arantes de Campos ou do Pedro Músico, não sei bem o certo. Na igreja Matriz, cujo coro e orquestra eram dirigidos por Manéquinho Mestre ( Manoel Theodoro de Aguiar ), tocava oficlíde. Fazia parte da Diretoria dos clubes locais.

Quando em 1895, o grande médico Dr. Costa Leite cogitou da fundação de um hospital ( que seria o primeiro da zona ), Veiga Russo, sogro de uma filha de Costa Leite, fez a doação de uma chácara para a localização do futuro hospital. Essa valiosa contribuição, foi complementada, depois, por Domingos Soares de Barros, constituindo o valioso imóvel lá do alto da cidade.

Tenho a impressão de que Veiga Russo, apesar de sua importância econômica, nunca foi um político. Nas lutas partidárias devia apoiar seus amigos e parentes. Mas nunca disputou cargos eletivos ou executivos, como faziam os portugueses que militavam na política.

Antonio Ferreira da Silva Veiga Russo, foi casado com Maria Rita Conceição, filha de Braz da Cunha, que faleceu muito moço, deixando vários filhos. Carlos, um deles, foi casado com Elvira Costa Leite, que faleceu muito moça, deixando um casal de filhos, dos quais sobrevive a Professora Maria Rita Costa Leite Veiga, residente em São Paulo. Outro, Alberto da Silva Veiga, o popular “Russinho”, já falecido, deixou vários filhos e netos, que residem em Botucatu. A filha Maria Elisa ( Lilica ), casada com José Elias de Carvalho Barros ( ambos falecidos ) deixou filhos e netos residentes em São Paulo. Elvira, foi casada com Brazilio de Alvarenga, falecidos ambos e não deixaram descendentes em Botucatu. Veiga Russo faleceu em 05/07/1904.

Antes de seu casamento, o moço lusitano houvera um filho natural (1866) um rapaz inteligente, artista, que estudou em São Paulo. Foi Américo da Silva Veiga, o primeiro professor botucatuense, diplomado pela Escola Normal “Caetano de Campos”, da Capital. Américo Veiga foi meu professor no grupo escolar “Dr. Cardoso de Almeida”, nos anos de 1910 e 1911. Notável professor. Dono de bela cultura. Gostava muito de música. Fundou e dirigiu uma banda musical, composta de rapazinhos e que fez sucesso na época. Américo Veiga, solteirão, faleceu relativamente moço, em 28/07/1917. Seu nome está perpetuado no Horto Américo Veiga, da Prefeitura Municipal.

( Correio de Botucatu – 02/10/1971)

## **85 - A TRIBU DO LEVY**

Não é da tribo bíblica que eu vou cuidar. Vou focalizar a tribo de Levy de Almeida, família que durante alguns decênios brilhou em Botucatu, pela inteligência e atuação de seus membros.

João Thomaz de Almeida, o velho, nasceu em Tatuí em 11/01/1853. Muito moço, chegou à Botucatu. E foi o primeiro fotógrafo botucatuense. Aqui criou a filharada, que houve do casamento com Maria Virgínia Thomaz de Almeida. João Thomaz faleceu em 04/06/1906. Dona Maria Virgínia, com 89 anos de idade, faleceu aos 09/12/1942. Ambos estão sepultados em Botucatu.

Gamaliel, Levy, João Thomaz Filho, Achilles, Genesio, Eurico, Pedro, Heitor, Lídia, Ester, Maria e Iracema, foram os filhos do casal João Thomaz e Virginia. Os filhos homens, são todos falecidos, e nenhum de seus descendentes residem em Botucatu. Esta tribu do Levy Thomaz de Almeida, era composta por homens de grande inteligência, combativos. Muitos deles se destacaram no jornalismo, no magistério superior, nas letras, tanto na capital como do interior. Falar nos Irmãos Almeida, é falar no “Correio de Botucatu”, do qual aliás foram proprietários e diretores de 1902 a 1930, mais ou menos.

Alberto Rocha Lima, brilhante beletrista patricio, falando dos Irmãos Almeida, numa conferência realizada no Centro Cultural de Botucatu, se expressou, como se vê nos excertos que abaixo transcrevemos:

“Com que prazer voltaria ao passado! Aqueles dias felizes do “Correio de Botucatu”, em que, ao redor de seus prelos, eu recordaria dos Irmãos Almeida, o calor de sua amizade e entusiasmo. Éramos então, um grupo de moços. O Gamaliel de Almeida, era o mais velho. Cujas penas fulgurantes e vivas, emprestava ao jornal um cunho de seriedade, não raro pontilhado de fino humorismo. Era, por isso, o J.Velho, cujos magníficos artigos, dariam para dezenas de livros. Os outros eram o Eurico Levy e o João Thomaz Filho, tão cheios de encanto e alegria. Dentro da redação imperava a alegria e a vida, na sua exuberância”.

“Mais tarde chegou o Levy, que parecia a alegria e a saúde personificadas. Dentro das oficinas parecia haver, por vezes, clarões fulgurantes de sol! Elas se incendiavam de beleza e de arte. Aquilo não era mais um jornal, era um centro de ensinamentos e de arte, iluminado pela alegria de viver e de sentir!”.

Levy sempre se impôs no meio botucatuense. Nas festas do 24 de Maio ou do Gabinete Recreativo, as danças e os saraus perdiam a graça, enquanto não aparecia, lá dentro, a figura expressiva, cintilante e incomparavelmente comunicativa do Levy. NOTA DOS REVISORES: “NO TOPO DA ESCADA, DEPOIS DE LONGA EXPECTAÇÃO, OUVIA-SE UM GRITO EM TODAS AS GARGANTAS, COMO SE FOSSE O PRÓPRIO SOL QUE IRROMPESSSE DENTRO DAQUELE TÚNEL DE QUE NOS FALA PLATÃO, EM “A REPÚBLICA”: LEVY!”. Todos o rodeavam. Ele falava com todos, irradiando de entusiasmo. As almas se incendiavam. A orquestra, sob o encanto da flauta dos Vicente Rocha ou Moscolgiato, rompia logo em catadupa de harmonia. E o baile somente terminava, com saudade, nas lindas madrugadas de Botucatu”.

“Era assim o Levy, daquele bom tempo! E como ele escrevia bem! Como eram primorosas e cheias de verve e aticismo as notas e artigos! Como era imenso o seu coração e formoso o seu espírito! Tão grandes, que, em realidade, não poderiam caber neste mundo, tão cheio de misérias, de egoísmo e de ingratidão! E foi por isso, talvez, que a morte o levou, em plena mocidade”. NOTA DOS REVISORES: “E É POR ISSO, TAMBÉM, QUE TODOS HOJE CHORAMOS O SEU PRMATURO DESAPARECIMENTO, COM AS MESMAS LÁGRIMAS QUE FORAM DERRAMADAS NA OCASIÃO DE SUA MORTE - POR QUE A AMIZADE É UMA COISA ETERNA. OS IMPÉRIOS SE DESMORONAM, EM QUE PESE À AMBIÇÃO DOS HOMENS; SÃO COISAS

MATERIAIS, PERECÍVEIS; MAS AS BEZAS E ESPLENDORES DO ESPÍRITO NÃO MORREM NUNCA; E EM MEIO DOS ESCOMBROS DA MATÉRIA, NINGUÉM AINDA PODE MATAR O BEM, A AMIZADE, O AMIGO, A ARTE E A PRÓPRIA GLÓRIA”.

Faleceu, vítima da pandemia gripal de 1918, “gripe espanhola”, o tribuno do povo!

E o irmão, o Achilles de Almeida? Jornalista, Poeta, Professor. Advogado. Que perdulário de talento! Era um dos esbanjadores de poesia e inteligência, nas reuniões do “Correio de Botucatu”, do “Pirilampo” do Nello Pedretti, da esfuziante “A Verruma”. Achilles, muito moço, faleceu em Sorocaba, onde exercia, brilhantemente, o magistério e a advocacia. Matou-o o coração, seu grande coração de moço e de poeta.

E os outros irmãos, o Genésio e o Pedro que assinavam Almeida Moura? Genésio, Advogado, Professor Universitário, foi Secretário de Estado do Governo de São Paulo. Pedro, Advogado, e Professor de Alemão na Capital, ambos falecidos. Eram muito conceituados nos meios universitários. Genésio e Pedro receberam do escritor Emil Ludwig, alemão, o seguinte elogio: “ Falavam o alemão melhor do que os filhos da velha Germânia, porque era a língua de Goethe, pura e cristalina sem as falhas dialetais que hoje mareiam a língua do autor de “FAUSTO”.

João Thomaz de Almeida Filho, o consagrado historiador botucatuense, como Levy, têm seu nome em ruas de Botucatu. Eurico e Heitor, eram gráficos, exímios profissionais, inteligentes e operosos. Eurico, amador teatral, poeta repentista, escrevia regularmente e era notável humorista.

Aí estão os homens da tribo de Levy de Almeida. Faleceram mas não morreram na lembrança dos botucatuenses. Seus nomes estão ligados à Botucatu, pela família, pela cultura e pelo amor que devotaram à linda cidade das serranias, no dizer de Alberto da Rocha Lima, o beletrista..

( Correio de Botucatu – 06/10/1971 )

## **86 - OS PRIMOS DO MARECHAL DE FERRO**

Floriano Peixoto, o Marechal de Ferro, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, tinha parentes em Botucatu. Eram eles Manoel de Marins Peixoto e seus descendentes. Gente da velha cepa lusitana, que implantou raízes nestes Brasís imensos.

Manoel de Marins Peixoto era tropeiro. Trazia tropas do Rio Grande do Sul para vender na feira de Sorocaba. Também pegava carregamentos no porto de Santos – sal, arroz, charque, roupas, ferragens – e no lombo de burro, distribuía pelo sertão afora, abastecendo os núcleos sertanejos que iam se formando. Já em 1860, Manoel de Marins Peixoto andava por aqui. Viera da terra, Tatuí, já casado, muito moço. Gostou da zona. E fincou o pé no pequeno Botucatu,

que era então um lugarejo em expansão. A cidadezinha só contava com o largo da Capela de Sant'Anna ( hoje Praça Coronel Moura ), a rua do Curuzu, que era então a rua do Comércio, e mais algumas casas espalhadas pela vizinhança.

Do seu casamento com Gertrudes Antunes de Oliveira, houve Manoel de Marins Peixoto os filhos, botucatuenses, Augusto e Silvério, este falecido sem deixar descendentes. Um fato curioso assinalou a chegada do tropeiro em Botucatu. Um seu irmão, voluntário a muque, fez a guerra do Paraguai. Tomou parte na célebre Retirada da Laguna, integrando a famosa coluna que realizou verdadeira epopéia, em meio de combates e doenças. O relato deste homérico feito militar, é lido nas escolas militares da Alemanha e do Japão, como exemplo de heroísmo, estoicismo e bravura, numa guerra mortífera, que se travava em condições adversas para o Brasil.

Manoel de Marins apesar de tropeiro, gostava de lavouras. Por isso foi Administrador de Fazendas, entre elas a grande propriedade agrícola de Bráz de Assis Nogueira. O pioneiro Manoel de Marins Peixoto ( que os descendentes reduziram simplesmente a MARINS ), andou por certo por outras paragens,deixando a marca do seu nome, de homem lutador e honesto. É assim que se pode explicar o nome de “Rua Manoel de Marins Peixoto” na cidade de Boa Esperança do Sul, a não ser que houvesse um homônimo por lá. Faleceu em Botucatu aos 82 anos de idade.

AUGUSTO DE MARINS PEIXOTO nasceu em 1867. Casou-se com Amélia Pereira de Souza. Desse casamento nasceram os filhos: Benedito, Joaquim, Lázaro, Ernestina, João ( falecido ), Augusto, Agenor e Alice. Foi negociante e homem de importância no Velho Botucatu. Tido e havido como homem bom, era possuidor de apreciável cultura para a época. Autodidata por excelência, tinha bom português, traduzia o francês e como praticante da escrituração mercantil, revelava bons conhecimentos de matemática. Era dono de inteligência elevada, dom que legou aos seus descendentes, pois a inteligência se transmite hereditariamente.

Augusto de Marins Peixoto, por certo militou em política. Mas nunca disputou cargos eletivos ou executivos. Gostava de lavouras. No fim da vida, tornou-se lavrador, sendo dono de um sítio na Prata ( hoje Pratânia ), e da fazenda Aterrado. Era cafeicultor e pecuarista, atividades seguida pelos filhos. Faleceu aos 82 anos de idade. Ele e a esposa foram sepultados na velha Prata, onde, na época vivia o negociante Francisco Ferrari, o popular Chico Italiano, um veneto bem humorado, trabalhador e decidido. Veio para o Brasil como imigrante. Na Prata, depois de pagar sua quota de sacrifício na lavoura cafeeira, tornou-se negociante. Prosperou. Enriqueceu. E criou a filharada – cinco mulheres. As moças, bem educadas e bonitas, foram se casando com os filhos dos fazendeiros da terra. Assim, Alice casou-se com Alfredo Paes de Almeida ( o Mimi ); Izabel foi casada com Joaquim Marins; Maria é casada com Lázinho Marins; Amábile é esposa de Waldomiro Godoy; e Marcelina consorciou-se com Nicanor Godoy, sendo ambos falecidos.

Benedito Marins, residente em Avaré, casado com Constância Garcia Pereira, é comerciante, sendo seus filhos: Mauro, Comerciante; Zeni, Oficial do Registro Civil de Avaré; Alberto, Professor Secundário; Irineu, Securitário; Hélio, Contador; e Jurandy, Professor Secundário.

Lázaro Marins, lavrador e pecuarista, residente em Botucatu, é pai da Professora Secundária Marilena Marins, casada com Roque Roberto Pires de Carvalho, residentes em São Paulo. Ernestina Marins é casada com José ( Juquita Alves Machado ); Augusto é casado com Noêmia de Assumpção Ferreira; Agenor, casado com Geny Gonçalves; Alice, casada com Juvenal Floriano de Toledo.

Joaquim Marins, comerciante em Botucatu, é viúvo de dona Izabel Ferrari. Seus filhos são: Francisco, Advogado e escritor; Padre José Marins; Profa. Amélia, casada com Nésio Alfredo, residentes em São Manuel; Profa. Maria Aparecida, casada com Zilo Butignoli, residentes em Botucatu.

O Dr. Francisco Ferrari Marins, casado com dona Elvira Bandeira de Mello, é membro da Academia Paulista de Letras. Com uma bagagem de várias dezenas de livros, publicados em português, espanhol e inglês, campeão da literatura infanto-juvenil, é considerado um dos expoentes da “intelligentaia” brasileira. O Padre José Marins é figura exponencial do clero nacional. Faz parte do CELAM e como secretário adjunto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil desenvolve intenso trabalho de renovação cristã, estando no momento na Colômbia, depois de ter estado na América Central. Tem bagagem literária publicada sobre assuntos sociais e religiosos.

( O Correio de Botucatu – 16/10/1971 )

## **87 - O CLÃ DOS SOUZA NOGUEIRA**

Quando comecei a escrever estas evocações sobre o Velho Botucatu, um botucatuense dos bons me disse: “Você precisa escrever sobre a família Souza Nogueira. Gente boa. Tem uma história interessante, pelo amor à terra, pela disposição para o trabalho, pelo desejo de prosperar, rodeada de amigos, pelo cumprimento do dever, elementos básicos para a vida de uma comunidade. É a maior família evangélica de Botucatu, pois a maioria de sua gente é crente, protestante”. Concordei em gênero, número e grau. E aqui estou hoje, iniciando uns capítulos sobre essa boa gente, que há mais de cem anos está aqui no planalto. Vou começar pelo casal

JOAQUIM DE SOUZA NOGUEIRA

ERRATA - NOTA DOS REVISORES - TRATA-SE DE JOAQUIM DE SOUZA PINTO. OU SEJA, JOAQUIM DE SOUZA NOGUEIRA, ACIMA, ERA FILHO DE JOAQUIM DE SOUZA PINTO.

Eram mineiros. Joaquim de Souza Pinto e sua esposa Rita Cândida Noronha Nogueira do Ó, deixando as Gerais, se localizaram em São Paulo. Inicialmente em São José do Rio Pardo, onde viviam alguns parentes. Depois, num arranco de bandeirismo, o casal procurou o sertão paulista. Em 1870, provavelmente, Joaquim e Rita já estavam em Botucatu. O lugar era de muito futuro. A vida era difícil nestas plagas. O centro mais próximo era Sorocaba. O resto era sertão bruto, com a bugrada solta, em meio às feras.

Joaquim de Souza Pinto trouxe todos os seus bens, apreciáveis, e muita disposição para prosperar. Comprou terras. Derrubou a mata. E começou lavouras. Fazendo cafeicultura e criação. Explorando imensas glebas. Quatro filhos Joaquim de Souza Pinto trouxe de Minas: – 1) Maria Genoveva (NOTA DOS REVISORES- Maria Genoveva era filha de Joaquim de Souza Pinto em seu primeiro casamento com Leonor Nogueira, esta irmã de Francisco de Assis Nogueira (o pioneiro e casado com Anna Theodora Teixeira) e também irmã de Maria Honória, esta mãe de Rita Cândida Noronha Nogueira do Ó), 2) João, 3) José (Zéca) e 4) Joaquim. Todos se multiplicaram. E formou-se um verdadeiro clã. Naquele tempo já andava por aqui, o Capitão Francisco de Assis Nogueira casado com Delfina Cândida Ribeiro Nogueira, ele filho de Francisco de Assis Nogueira e Anna Theodora Teixeira, sendo o Capitão Francisco homem rico e poderoso, que exerceu um grande papel no desenvolvimento da Média Sorocabana. Doou terras para a Fundação de Assis. As famílias se entrecruzaram. E formou-se o clã.

Estudando-se a vida de Joaquim de Souza Pinto vê-se que deixou grande descendência, em várias gerações. A filha Maria Genoveva casou-se com Braz de Assis Nogueira (filho de Francisco de Assis Nogueira e Anna Theodora Teixeira) e desse casamento nasceram Antonio Braz de Assis (Souza) Nogueira e Maria Amália Nogueira. Maria Amália foi casada com Joaquim Rodrigues César Neto, deixando os filhos Aquilino, Eduardo, Josefina, Júlia, Júnia, Maria e José. Antonio Braz de Assis (Souza) Nogueira, casado com Maria Cristina Nogueira, foram pais de Isolina Cândida, Amazília (esposa do Reverendo Francisco Lotufo), Licínia, Petronilha, Arnulfo e Astolfo.

O filho João de Souza Nogueira, foi casado com Laura Ribeiro, sendo ambos falecidos, sem deixar filhos. Joaquim de Souza Nogueira (NOTA DOS REVISORES: NO ARTIGO, APARECE COMO JOAQUIM DE SOUZA NOGUEIRA SOBRINHO, MAS TRATA-SE DE JOAQUIM DE SOUZA NOGUEIRA), foi casado com Ana Theodora de Andrade. Deixaram os 9 Filhos: Antonio, casado com Ana Margarida Machado Nogueira; Rita, casada com Teotônio Bravo; Francisco, casado com Guiomar Nogueira; Maria, casada com João de Souza Nogueira; Genoveva, casada com Eduardo Pacheco; Olímpia, casada com José Trench; Hermelino, casado com Otávia Bravo (em primeiras núpcias), e depois, por viuvez, em segundas núpcias, com Laudelina Bravo; Paulo Nogueira, casado com América Nogueira; e Brasil, casado com Zulmira Bravo. Quase todos são falecidos. Sei que Brasil Nogueira e dona Zulmira Bravo Nogueira, residem em Botucatu.

ZECA DE SOUZA

José de Souza Nogueira “seu Zéca”, filho de Joaquim de Souza Nogueira ( ERRATA - NOTA DOS REVISORES - ZECA DE SOUZA ERA FILHO DE JOAQUIM DE SOUZA PINTO E RITA CÂNDIDA NORONHA NOGUEIRA DO O’), foi um verdadeiro patriarca. Que descendência!!! Foi casado três vezes. Em primeiras núpcias com Gertrudes Pires de Araújo Campos; em segundas núpcias, com Maria de Lima; enviuvando, pela segunda vez, consorciou-se com Ana Andreoli, também já falecida, e da qual não houve filhos. Dos seus dois primeiros matrimônios, teve a filharada:- Olímpia, casada com Virgílio Maynardes; Rita, casada com Miguel Negrão; Joaquim Sobrinho, casado com Brandina Alves Nogueira; Malvina, casada com Diógenes Gonçalves da Rocha, ( pai de João de Souza Rocha ); Maria, casada com Albino D’Avila; João de Souza, casado com Maria de Souza Nogueira; José, casado com Mari Galvão; Adelaide, casada com Agenor Nogueira; América, casada com Paulo de Souza, todos falecidos. Um único filho, Esdras de Souza Nogueira, casado com Maria Luiza Antunes, é vivo e reside em Botucatu, com a família.

Virgílio Maynardes ( ou Maynard ), o Virgílio Paranista dos velhos tempos, fitoero famoso. Tem seu nome no Ginásio Estadual de São Miguel Arcanjo (SP). Deixou uma única filha, Professora Altina, que foi casada com Mário de Araújo, e o casal já falecido, deixou filhos ilustres, portadores de títulos universitários, Diretores e Professores de escolas normais e ginásios. Entre eles, destaco o Professor Dr. Alceu Maynard de Araújo, advogado, Professor Universitário, membro da Academia Paulista de Letras, escritor consagrado, considerado um dos folcloristas do Brasil, antigo aluno da Escola Normal de Botucatu. Seus irmãos – Dr. Levy, Virgílio, Diva, Mário, Rubens e Coriolano Professores, continuam a tradição da família, que é uma forja de educadores. Todos eles, botucatuenses natos ou de coração, não mais residem em Botucatu.

( Correio de Botucatu- 20/10/1971 )

## **88 - ZECA DE SOUZA**

(Continuação)

José de Souza Nogueira, “seu” Zéca, era fazendeiro forte. Sua primeira fazenda no município de Botucatu, foi a “Aracatu”, que ele formou. Mais tarde comprou a “Pinheiros”, onde viveu, lutou, criou a filharada, e finalmente faleceu, em avançada idade, após dias de alegrias e tristezas, sempre com ânimo varonil. Homem caridoso, cuidava dos desamparados; criou muita criança órfã, deu abrigo aos desamparados e ajudou aos necessitados.

JOÃO DE SOUZA NOGUEIRA, filho de Zéca, fazendeiro, pecuarista; meu velho conhecido, foi casado com Maria de Souza Nogueira. Ambos faleceram em avançada idade e deixaram larga descendência; como se vê abaixo. Filhos:- Iracema, Professora, casada com Euclides Zuliam; Zulmira, Professora; Eulina, Professora; Ercias José, Professor, casado com a Professora Luiza Passos; Joaquim de Souza Neto, casado com Luiza Móres; Moyses, Professor, casado com a Professora Wanda Helena Toppar; Nair, Professora, casada com Virgilio Maciel; Flávio,

Professor e Advogado, casado com Dalva Pilan. Todos os filhos nasceram na fazenda “Pinheiros”, de sua propriedade.

O Professor Ercias José Nogueira reside em Santos, onde é figura de projeção no magistério. Foi Secretário da Educação, da Prefeitura de Santos, onde dirige atualmente o Departamento de Educação.

Moysés Nogueira é Inspetor Escolar em Marília. O Dr. Flávio Nogueira, recentemente falecido em trágico acidente de automóvel, advogava em Sorocaba; onde também dirigia o Ginásio Industrial Sorocabano. Joaquim de Souza Neto, é o único que não é professor nesta família de educadores. Joaquim é lavrador. Reside na fazenda “Pinheiros”, e tem uma filha, Nair, que é Professora no Grupo escolar “Dr. Costa Leite” desta cidade.

“Seu” Zéca era tio-avô do Dr. Ranimiro Lotufo, famoso pediatra em Botucatu e bisavô do famoso escritor Alceu Maynard de Araújo da Academia Paulista de Letras e bisavô da Professora Odette Castanheira de Souza; tinha o filho, Joaquim de Souza Nogueira Sobrinho, também fazendeiro e chefe de numerosa família, falecido, nonagenário. Foi casado com Brandina Alves Pedroso Nogueira – irmã de João Alves Jesuino Pedroso que era pai do Dr. Geraldo Alves Pedroso, médico e Professor da UNESP em São Paulo; pai da Dra. Vanda—médica; já falecida, da qual houve os seguintes filhos: Filomeno, veterano motorista de praça em Botucatu, casado com Jovita Nogueira; Júlia, falecida, que foi casada com Samuel de Oliveira; Olímpia, casada com Acácio Castanheira ( neto de Joaquim Francisco de Barros e sobrinho—neto de Domingos Soares de Barros ) de cujo casamento houve o filho Milton e a Professora Odette de Souza Castanheira, esposa do Jornalista Nelson de Souza, residentes em Rubião Junior; Genoveva, viúva de Paulo Francisco de Barros, que era filho do patriarca Joaquim Francisco de Barros; Agenor, solteiro.

José de Souza Nogueira Filho, casado com Maria Galvão, falecidos, deixaram os filhos:- Jovita, casada com seu primo Filomeno de Souza; Nestor, casado com Ester Toledo, residentes no Paraná; Argentina, viúva de Lázaro de Campos; Izaltina, casada com Francisco Antunes, residentes em Avaré; Erlim, falecido; Celso de Souza; Iraci, casada com Ernesto Cassineli, residentes em Botucatu; Odila, viúva de João Moressi, sendo comerciante, continuando com o armazém deixado pelo esposo. Dona Odila é mãe de Élide (casada) e dos estudantes José Roberto, José Carlos, Ione e Ení; Celso de Souza, é lavrador, residente no Paraná. Erlim, faleceu muito moço, e sua viúva também já é falecida, sendo que seus filhos residem na Capital, com exceção do caçula, o Hermelindo, que vive em Botucatu, em companhia da tia Argentina, viúva de Lázaro de Campos.

Reportando-me ao falecido Zéca de Souza, é de se notar, que sua filha Rita, em primeiras núpcias foi casada com Lourenço Maynardes, e em segunda, foi casada com Miguel Negrão. Os filhos do casal foram: Antonio, Julieta, Leonor, João, Izabel, Izálida, Maria e Luiz Negrão. Netos e bisnetos do casal, em grande número, estão dispersos pelo estado de São Paulo, onde muita

gente com o sobrenome Negrão, Bertotti, Fazzio, Tognozzi, é na verdade gente da velha cepa Souza Nogueira.

Das filhas de Zéca de Souza, resta falar de Adelaide, Maria e América Nogueira. Maria foi casada com Francisco Albino D'Avila, fazendeiro em Porangaba, ambos falecidos. Deixaram o filho Saul, lavrador, que vive nas suas terras da fazenda "Pinheiros", na parte que recebeu por herança. América, foi casada com Paulo Nogueira, seu primo, ambos falecidos, deixando grande descendência. Paulo Nogueira, formado pelo Mackenzie em Ciências Econômicas, sempre se dedicou à lavoura, não se valendo do diploma como meio de vida. Adelaide Nogueira, a caçula do primeiro casamento do seu Zéca, foi casada com Agenor Nogueira, e faleceu muito moça, sem deixar filhos. Em segundas núpcias, Agenor Nogueira casou-se com Izolina Paes, filha do Capitão José Paes de Almeida.

Para finalizar estas notas sobre a família de Zéca de Souza, resta dizer algo sobre o filho Esdras. Este, agricultor, pecuarista, residente nesta cidade, é casado com Maria Antunes Nogueira, de cujo matrimônio houve os filhos: Jayme, Cyro, Hilda, Jayro, Helena, Professora Alice, José, Darcí, Marí, Esdras Junior e Maria, esta Contadora. Hilda é viúva de Osmar Bassolli.

Pelo visto, na família de agricultores, que semeavam para alimentar as bocas dos botucatuenses, surgiram muitos semeadores de livros, livros a mãos cheias, como dizia o poeta, mandando o povo pensar.

( Correio de Botucatu -27/10/1971 )

### **89 - FRANCISCO DE ASSIS NOGUEIRA**

O pioneiro Francisco de Assis Nogueira, em 1850, já andava por aqui. Mineiro, como os outros Souza Nogueira, com alguns fazendeiros do tempo, doou terras para a formação do patrimônio da Freguesia de Sant'Anna de Botucatu em 1876, complementando a doação inicial feita por José Gomes Pinheiro em 23/12/1843.

Francisco de Assis Nogueira era bandeirante. Por índole e formação. Potentado, respeitado, chefe de prestígio na zona que povoava, num rompante de bandeirantismo, de sertanista nato que era, deixou Botucatu quando a mesma já era cidade e comarca. Ganhou os sertões da Alta Sorocabana. Posseu terras. Fundou povoações. Expulsou os índios. E fundou a cidade de Assis, cujo nome relembra seu fundador.( ERRATA - NOTA DOS REVISORES-ASSIS FOI FUNDADA PELO CAPITÃO FRANCISCO DE ASSIS NOGUEIRA, CASADO COM DELFINA CÂNDIDA RIBEIRO NOGUEIRA, ELE FILHO DE FRANCISCO DE ASSIS NOGUEIRA, O PIONEIRO, CASADO COM ANNA THEODORA TEIXEIRA).

Francisco de Assis Nogueira foi casado com Anna Theodora Teixeira. Desse casamento nasceram os filhos Francisco, Custódio, Bráz, Ana Margarida e outros menos conhecidos. Menção especial merece BRAZ DE ASSIS NOGUEIRA, que foi figura de destaque no velho Botucatu. Possuía fazenda para os lados do Pardinho. Lavrador e pecuarista. Pessoa importante e de prestígio, tinha de ser político. Foi Vereador em várias legislaturas, de 1861 a 1866. Tem seu nome numa das ruas da cidade. Braz de Assis consorciou-se com sua prima, a Maria Genoveva. Desse matrimônio nasceram os filhos Antonio Braz e Maria Amália, esta casada na família César, como já foi dito.

Antonio Braz de Assis (Souza) Nogueira, que foi Vereador no tempo de Dante, casado com uma Maria Cristina Nogueira,, deixou os filhos Isolina, Amazília, Licínia, Petronilha, Arnulfo, Astolfo e Maria Amália. Amazília se tornou esposa do Reverendo Francisco Lotufo, que, por largos decênios, foi Pastor da Igreja Presbiteriana de Botucatu, tendo se constituído num dos maiores valores do protestantismo no Brasil, além de grande cidadão botucatuense, de origem italiana. No bairro do Tanquinho há uma rua com o nome do prestante cidadão. A descendência do Reverendo Lotufo, além de numerosa é composta por filhos médicos, advogados, engenheiros e professores, sendo que o médico Dr. Ranimiro Lotufo reside em Botucatu.

MARIA AMÁLIA NOGUEIRA CESAR, deixou os filhos Aquilino Nogueira César, Eduardo, Josefina, Júlia, Júnia, Maria e José, e cujos descendentes andam por aqui, continuando os casamentos consangüíneos, como era prática habitual. Uma filha, Josefina, casou-se com Alfredo Machado (Sidô), que eu conheci como Administrador do Mercado Municipal, tendo o casal muitos filhos, dos quais, residem em Botucatu, a funcionária aposentada dona Iracema, e o Armando, ferroviário aposentado.

Aquilino Nogueira César, casado com a prima Isolina Cândida ( filha de Antonio Bráz de Assis (Souza) Nogueira ), ambos falecidos, deixou os filhos : Profa Ernestina, Prof. Aquilino Filho; Amazilinha e Dinorá, falecidas; Maria Amália, Cássia, Isolina e Profa. Hébe da Cunha César.

Outro filho de Francisco de Assis Nogueira, o Custódio, fazendeiro, foi casado com da Mariana Honória de São José ( que faleceu octogenária ) proprietária da Chácara “Dona Mariana”, na estrada velha de Itatinga. Desse casamento nasceram os filhos Sinhá, Benedito, Júlio e Agenor Nogueira, todos falecidos. Júlio Nogueira foi casado com a falecida Da. Catarina, deixando muitos filhos, dos quais residem em Botucatu a Profa. Conceição e o ferroviário Custódio Nogueira Neto, casado com a Profa. Ruth Cardoso Nogueira.

AGENOR NOGUEIRA, foi cidadão de destaque em Botucatu. Lavrador e pecuarista. Político, Vereador em várias legislaturas, integrou diretórios de partidos locais. Tem seu nome numa das ruas da Vila São Lúcio. Foi casado em primeiras núpcias, com sua prima Adelaide Nogueira, da qual não teve filhos. Enviuvando muito moço, em segundas núpcias, casou-se com Da. Isolina ( a popular dona Zola ), filha do Capitão José Paes de Almeida, também já falecida. Desse casamento nasceram os filhos: Dr. José, Advogado; Daniel; Bráz de Assis Nogueira,

Deputado Federal; Agenor ( mano Nogueira ),pecuarista; e a Profa. Beatriz, casada como Prof. Alfredo Marques do Valle, Presidente da Câmara Municipal de Avaré.

O patriarca Francisco de Assis Nogueira casado com Anna Theodora Teixeira, sertanista, foi sogro de Francisco Thomaz de Andrade, pois este casou com sua filha Anna Margarida, que era homem de grandes posses, sendo fazendeiro forte, dono de apreciável cultura para sua época. Sua filha Anna Theodora de Andrade casou-se com Joaquim de Souza Nogueira, que era o filho caçula de Joaquim de Souza Pinto e Rita Cândida Noronha Nogueira do O' ( os que abriram essas evocações ). O jovem casal Joaquim de Souza Nogueira e Anna Theodora de Andrade, foi morar na “Fazenda das Pedras”, no município de Avaré, de sua propriedade. Seu “Quim”, como era chamado o moço Nogueira, homem bom, calmo e hospitaleiro era bem um paulista dos antigos. Na sua enorme residência, o ano todo, recebia a clientela, amigos e viajantes. Havia alegria. E a casa cheia de gente, lembrava a “casa-grande” de que falam os escritores do passado.

Dos filhos de “Seu Quim”, tenho lembranças de Antonio, Rita, Maria, Francisco, Genoveva, Olímpia, Paulo, todos falecidos, e mais Hermelindo e Brasil, que residem em Botucatu. Antonio de Souza, o Antonião, era um gigante de dois metros e cinco, que o povo chamava de Antonio Menino. Fui Professor na Escola Normal desta cidade, de um dos seus filhos, o Pedro, hoje Catedrático do Instituto de Educação de Itapeva.

( Correio de Botucatu – 30/10/1971)

## **90 - AINDA O CLã DOS SOUZA NOGUEIRA**

Escrever sobre a família Souza Nogueira ainda que bem assessorado pela Professora Zulmira de Souza Nogueira (NOTA DOS REVISORES: FILHA DE JOÃO DE SOUZA NOGUEIRA E MARIA DE SOUZA NOGUEIRA, QUE ERAM PRIMOS-IRMÃOS, E NETA DE JOSÉ DE SOUZA NOGUEIRA - ZÉCA) , constitui difícil tarefa. A família é muito grande. Os nomes familiares são mais ou menos os mesmos, numa repetição de Joaquim, José, Genoveva, Olímpia, Antonio, Maria, Hermelindo, Rita, Ana e outros, tudo por causa dos casamentos consangüíneos, como então era de uso. Omissões, enganos e erros surgirão fatalmente nestes alinhavados, e, para eles, solicito desde já as devidas desculpas.

Continuando a tratar dos descendentes de Joaquim de Souza Nogueira, ( seu Quim ), há que se notar que a filha Rita de Souza Nogueira foi casada com Antonio Rodrigues da Costa (Lima) Bravo, citado Teotônio ou mais propriamente Totonio, conforme documento por ele assinado de próprio punho,, sendo ambos falecidos. Deixaram a filha Maria de Souza Bravo, casada com José Ferreira Grillo, que tiveram 7 filhos e são residentes na Alta Sorocabana. : OS REVISORES, AO FINAL DESTE CAPÍTULO, APRESENTARÃO UM DEPOIMENTO DE JOQUIM DOS SANTOS NETO, UM DOS TETRANETOS DE JOAQUIIM DE SOUZA NOGUEIRA CASADO COM ANNA THEODORA DE ANDRADE, ESTA NETA DO PIONEIRO FRANCISCO DE ASSIS NOGUEIRA, ESTE

AMIGO DO CAPITÃO JOSÉ GOMES PINHEIRO, FUNDADOR DE BOTUCATU, SENDO QUE O CAPITÃO VENDEU DUAS FAZENDAS A FRANCISCO EM 01/12/1846: CAPÃO BONITO E DAS PEDRAS, CONFORME DESCRITO NO LIVRO AS PRIMEIRAS FAZENDAS DA REGIÃO DE BOTUCATU, NO [www.historiadebotucatu.com.br](http://www.historiadebotucatu.com.br) . JOAQUIM DOS SANTOS NETO É ABNEGADO ESTUDIOSO DA FAMÍLIA NOGUEIRA, E POSSUI UM SITE GENEALÓGICO DA GRANDE FAMÍLIA NOGUEIRA. Outro filho, Francisco, foi casado com Guiomar Nogueira. Ambos são falecidos e deixaram entre outros, a filha Zélia, casada com Olavo Nogueira, residentes em o Paraná.

Genoveva , casada com Eduardo Pacheco ( ambos falecidos ) deixaram vários filhos, dos quais só a Zaíra é viva, casada, residente na Capital. E dos seus netos, dispersos pelo Estado de São Paulo, somente residem em Botucatu, a filha de Silas Pacheco e um filho menor. Olímpia Nogueira foi casada com o Fazendeiro José Trench, de Avaré, sendo ambos falecidos. Deixaram os filhos Raquel e Gisalda, Professoras; Gení, casada com Moacyr Silveira, Inspetor do Ensino Secundário e Normal; Helena, Adelaide, Eduardo, Joaquim, Nelson e Uaraci, todos residentes fora de Botucatu. A Professora Raquel é casada com Francisco Rodrigues Alves, da família Roiz Alves de Botucatu.

Hermelindo Nogueira foi casado com Otávia Bravo Nogueira, em primeiras núpcias. Enviuvando, casou-se com Laudelina Bravo Nogueira. Do primeiro matrimônio nasceram: Joaquim (falecido), Diógenes, Laudelina, Lisete, Luíza e Brazil, casados, residentes em Botucatu. Laudelina é viúva de Plínio Mendes, há pouco falecido. Os filhos Zulmira ( professora ), Izabel, Jurandí, Hermelindo Junior, Irecê e Ianê, são do segundo matrimônio.

Do casal Paulo e América Nogueira, falecidos, houve grande descendência. Tenho notícias de que os filhos José e Wladimir, são ferroviários, Joaquim, Orlando, Nelson e Ocirema, aqui residem com suas famílias; Nisa é casada com Geraldo de Barros, residentes em Ourinhos, Genoveva e Yolanda, também casadas, residem em Botucatu.

Brasil Souza Nogueira é casado com da. Zulmira Bravo. É fazendeiro. E dele já cuidei em capítulos anteriores. Tem uma filharada:- Levy, Advogado e Comerciante em Junqueirópolis; Ana Professora, casada com João Faria de Moraes; Sillas, Advogado e Professor Secundário, residente em Itapira; Gerson, Engenheiro da COSIPA em Santos; Ivone, Professora, casada com o Prof. Aparecido Leme Colacino, de Campinas; Isaac, residente em São Paulo; Silvio e Arlete, residentes em Botucatu, estudantes. Uma irmã de Anna Theodora de Andrade, dona Cândida de Andrade Franco, casada na família de Manéco Dionísio ( homem influente em Avaré, onde há um Grupo Escolar com seu nome ), deixou filhos, entre os quais Américo e Josino. Este, ferroviário aposentado, com 85 anos de idade, faleceu nesta cidade, no dia 06 de setembro do corrente ano.

NOTA DOS REVISORES: JOAQUIM DE SOUZA NOGUEIRA, CASADO COM ANNA THEODORA DE ANDRADE, TIVERAM AINDA MAIS 2 FILHOS TOTALIZANDO 9, QUE SÃO: ANTONIO, CASADO COM ANA MARGARIDA MACHADO NOGUEIRA E MARIA, CASADA COM JOÃO DE SOUZA NOGUEIRA. COMO ESTE JOÃO DE SOUZA NOGUEIRA ERA FILHO DE JOSÉ DE SOUZA NOGUEIRA

(ZÉCA), E ESTE IRMÃO DE JOAQUIM DE SOUZA NOGUEIRA, O CASAL MARIA E JOÃO ERAM PRIMOS-IRMÃOS.

O meu amigo João de Souza Rocha, cresceu na casa de Zéca de Souza. Casou-se com Zelina de Mello Nogueira e reside em Botucatu, onde também reside seu filho Hermelino Rocha, Fazendeiro em Itatinga e que é casado com Angelina Interdonato Rocha, progenitores de João Álvaro e Hermelino Junior, lavradores e pecuaristas.

Mas não só com seus familiares se casavam os Souza Nogueira. Eles se casaram, também fora do clã. E até com descendentes de europeus, principalmente italianos. Fora dos nomes já focalizados, cito outros exemplos: O meu amigo e colega Dr. Virgínio José Lunardi, é casado com a Profa. Virna Nogueira Maciel, bisneta de Zéca de Souza ( filha de Nair Nogueira Negrão e Virgílio Maciel): Dos filhos de Rita de Souza Negrão), Izabel casou-se com João Bertotti; Isálda consorciou-se com Tomáz Fazzio; Maria matrimoniou-se com Alberto Tognozzi.

Dos filhos de Genoveva e Paulo Francisco – Vera, Eunice, Ely e Joaquim – dona Eunice é casada com Waldemar Benato, enquanto Ely é esposa do Prof. Naor Amaral Silveira e Vera é a senhora Emídio de Barros Filho.

O Professor Dr. Flávio Souza Nogueira foi casado com da. Dalva Pilan; dona Odília Nogueira é viúva de João Moréssi; Joaquim de Souza Nogueira é casado com da. Luiza Moréssi Nogueira; Irací, filha de José de Souza Filho, e portanto do clã Nogueira, é esposa de Ernesto Cassinelli, gente dos Cassinelli, velhos moradores de Rubião Junior.

Como se vê, nessas 5ª e 6ª gerações dos Souza Nogueira, os casamentos fora do clã (exogamia) são numerosos. E assim vão se gerando uns tipos de novos brasileiros, tão bons quanto o foram seus avoengo das velhas estirpes mineira e paulista.

NOTA DOS REVISORES - DEPOIMENTO DE JOAQUIM DOS SANTOS NETO, ABNEGADO ESTUDIOSO DA GRANDE FAMÍLIA NOGUEIRA:

Caro Primo Paulinho            12 de outubro de 2011

Estou impressionado com a sua disposição e a do Olavo em transcrever estes 100 artigos.

As notas retificadoras ficaram ótimas e pequenos erros são irrelevantes diante das dificuldades encontradas pelo autor.

Para não perder o costume, aproveito para fazerr um “breve” resumo histórico de minha descendência, pois a minha família materna é difícilima de entender devido aos sucessivos casamentos consanguíneos:

1) Joaquim de Souza Pinto casado com Leonor Nogueira, irmã do pioneiro Francisco de Assis Nogueira, enviuvou e se casou com Rita Cândida de Noronha (Nogueira do O’), sobrinha de Francisco de Assis Nogueira.

Observações:

a) Joaquim de Souza Pinto era filho de Ignácio José de Souza Ribeiro e de Genoveva Maria Ribeiro;

b) Joaquim e Rita Cândida provavelmente se casaram em Caconde-SP, onde nasceram todos os seus filhos;

c) A antiga Caconde era uma extensa região que hoje abrange vários municípios paulistas - Casa Branca, São José do Rio Pardo, São João da Boa Vista-SP, Mococa, etc;

d) Rita Cândida era filha do Capitão Felix José de Noronha (Negreiros), natural de Barbacena-MG, um dos fundadores da cidade de Camanducaia-MG.

2) Dentre os filhos de Joaquim e Rita Cândida, minha descendência é de Joaquim de Souza Nogueira casado com Anna Theodora de Andrade - ela filha de Francisco Thomaz de Andrade e de Anna Margarida Nogueira (esta filha do pioneiro Francisco de Assis Nogueira, sobrinha de Leonor e prima de Rita Cândida).

Observações:

a) Além de Anna Theodora de Andrade ser neta do pioneiro Francisco de Assis Nogueira, era casada com um de seus sobrinhos em segundo grau.;

b) O pioneiro Francisco de Assis Nogueira pode ser considerado um dos fundadores de São José do Rio Pardo-SP, pois a cidade foi edificada em sua fazenda Pião do Rio Pardo, e era pai de Francisco de Assis Nogueira Filho, fundador da cidade de Assis-SP, que passou a assinar simplesmente Francisco de Assis Nogueira após a morte do primeiro.

3) Dentre os filhos de Joaquim e Anna Theodora, minha descendência é de Rita de Souza Nogueira casada com Antonio Rodrigues da Costa (Lima) Bravo - este é o citado Teotônio ou mais propriamente Totonio, conforme documento por ele assinado de próprio punho.

Observação: Em 1920 Antonio Bravo foi Vice Presidente do Diretório do Partido Republicano de São João de Itatinga-SP.

4) A filha única de Rita e Antonio Bravo (Totonio) era minha avózinha Maria de Souza Bravo casada com José Ferreira Grillo - citados no artigo número 90.

5) Meus avós tiveram 7 filhos e dentre eles minha Mãe Ottilia de Souza Grillo, que após o casamento passou a assinar Ottilia Grillo dos Santos.

Os Bravo de Botucatu seriam descendentes de portugueses e de suíços:

6) João Rodrigues da Costa Bravo casado com Anna Maria Hubber - provável filha de Johann Kaspar Stutz, nascido no Cantão de Lucerna-Suíça, casado com Clara Hubber (ele filho de de Kaspar Stutz e Constance Kronenberg).

Observações:

a) Johann Kaspar Stutz e Clara Hubber desembarcaram no Rio de Janeiro na primeira corrente migratória organizada de alemães e suíços a desembarcarem em solo brasileiro, e se instalaram na região de Nova Friburgo-RJ.

b) Algumas famílias de suíços se tornam, ao longo dos anos, proprietários de terras e alguns até prósperos aristocratas rurais, como os Monnerat, Wermelinger, Lutterbach, Heggendorf, Tardin, Thurler, Stutz.

7) Dentre os filhos de João e Anna Maria Hubber, minha descendência é de Antonio Rodrigues da Costa Bravo casado com Laudelina Matildes de Souza Lima.

Observação: O avô materno de Laudelina Matildes de Souza Lima era o Capitão Antonio Gonçalves de Lima, que foi Comandante Militar da extensa região de Nova Friburgo, e era provavelmente aparentado do Duque de Caxias, pois o representou como testemunha em casamento realizado em Santa Maria Madalena-RJ no ano de 1861.

8) Dentre os filhos de Antonio Rodrigues e Laudelina Matildes, meu bisavô Antonio Rodrigues da Costa (Lima) Bravo casado com Rita de Souza Nogueira - vide item 3 retro citado.

Abraços,

Joaquim dos Santos Neto

Mogi das Cruzes-SP

( Correio de Botucatu – 03/11/1971 )

## 91 - EMÍLIO GARCIA Y GARCIA

Pela vez primeira, nestes escritos, vou focalizar a colônia espanhola do Velho Botucatu. Não eram mui numerosos os espanhóis, mas eram atuantes. No começo do século, já aqui estavam os Soler, Ferram, Deáro, Blasco, Fernandes, Amat, Delgado, Salgueiro, Garcia, Lopes, Gonçalves e outros. Um deles, entretanto, se destacava pelos seus empreendimentos e atuação à frente dos patrícios. Era ele Emílio Garcia ou Emílio Garcia y Garcia, um espanhol pequenino, dinâmico e maneiroso, fugindo aos moldes comuns com que representam os castelhanos. Sua vida, no Brasil, bem pode ser avaliada pelo documento abaixo transcrito. É uma moção de pêsames, pelo falecimento de dona Ana de Toledo Garcia, esposa de Emílio Garcia , cuja vida correu paralela a do esposo. Aprovada unanimemente pela Câmara Municipal de Botucatu, está assim redigido o requerimento de autoria do edil Dr. Antonio Gabriel Marão: -  
“Requeremos, após ouvido o Colendo Plenário, seja considerado em Ata dos nossos trabalhos, um voto de profundo pesar pelo falecimento de d. Ana de Toledo Garcia, ocorrido dia 26

último, em nossa cidade ( progenitora de nosso combativo e estimado colega, Vereador Progresso Garcia.)

D. Ana de Toledo Garcia, a virtuosa senhora que acaba de desaparecer aos 94 anos de idade, era viúva do benquisto e saudoso Emílio Garcia y Garcia. Eram seus pais Antonio Toledo e Ana Joaquina Serrano, naturais da Espanha. Deixou cinco filhos: Eliseu, Josefa, Progresso, Palmira e Emílio, além de outros falecidos. Veio para o Brasil, como imigrante, há 65 anos passados. Veio com o marido e dois filhos. E escolheram para morar em Botucatu, aliás sempre moraram em Botucatu. Só em Botucatu. Seu marido, o sempre saudoso Emílio, foi um homem . Um homem na verdadeira acepção da palavra. De caráter. De atitudes firmes e corajosas. Montou ele, em 1907, a PRIMEIRA ESCOLA PARTICULAR de Botucatu. Lecionava em espanhol.

Emílio e Ana, durante o dia, trabalhavam na lavoura. À Noite, ele vinha a cavalo, a fim de lecionar. Terminado o prazo para trabalharem no campo, mudaram-se para Botucatu ( trabalhavam numa fazenda nas vizinhanças, então de propriedade de Vitóca Villas Bôas. Em Botucatu, montaram um moinho de fubá, próximo à fazenda Lajeado e que funcionou até 1912. Nesse mesmo ano montou um cinema. Ali no inicio da Avenida Sant'Anna. Funcionou durante um ano. O cinema, estava no começo, era como um circo, coberto de pano. Havia intervalo entre as partes, para molhar constantemente, o pano onde se projetava o filme.

Em 1910 montaram um Hotel e cinco anos depois o vendiam à família de Franchino Aloisi. Durante 13 anos, de 1913 a 1926, foi Agente Consular da Espanha, para a toda vasta região da Sorocabana. Em 1926, Emílio, Ana e os filhos Progresso, Palmira e Emilinho, estiveram na Espanha. Foram para ficar. Todavia, não mais se acostumaram na bela e histórica Espanha. O Brasil os chamava. E retornaram a Botucatu.

Emílio foi por muito tempo, viajante da SINGER. Foi comerciante e industrial ( fábrica de calçados ), enfim, foi um lutador. E sempre naquela linha coerente de conduta. De atitudes claras e definidas. Faleceu em 1937. No dia de São Pedro. Apesar de falecido há tanto tempo, ainda é lembrado e citado pelo muito que fez por Botucatu. Em verdade, participou leal e ativamente, de todas as boas iniciativas botucatuenses. Emílio nasceu na Espanha, aos 15 de dezembro de 1875. Seus pais Alonso Garcia Martins e Josefa Garcia, também eram espanhóis. A pranteada dona Ana deixou além de outros parentes, cinco filhos, 19 netos e 35 bisnetos.

Requeremos outrossim, que ao Sr. Prefeito Municipal se officie a fim de que S.Excia. dê o nome de Emílio Garcia a uma das ruas de nossa cidade, pelo muito que essa família fez e vem fazendo por Botucatu”.

Dos filhos de Emílio Garcia – Eliseu, Progresso, Emílio, Josefa e Palmira Garcia só reside em Botucatu o Sr. Progresso Garcia. É político atuante. Vereador em muitas legislaturas, desde o reinicio das atividades eleitorais após o “Estado Novo”, tem, como se diz, cadeira cativa na edilidade local. Eleito Vice-Prefeito, ocupou a Chefia do Executivo botucatuense por diversas vezes. Goza de prestígio popular. Sua esposa, Professora Carmen Barbosa Garcia, do magistério estadual, por largos anos, foi Diretora do Curso Primário do Instituto de Educação de Botucatu.

## 92 - O VELHO MIGUEL RIBEIRO

Eu era menino e já ouvia falar no velho Miguel Ribeiro. Lembro-me bem. Era um homem enxuto. Cabeça branca e barba rala. Estatura meã. Falava mansamente. E tinha uma grande disposição para o trabalho. Muito estimado e popular na cidade. Era pau para toda obra.

Sua atuação era notável no lidar com os mortos. Um dos seus trabalhos era conduzir para a última morada, num carrinho puxado por velho burro, os indigentes falecidos na Misericórdia. Acompanhava quase todos os enterros, fossem ou não de seus conhecidos os corpos a enterrar. Auxiliava os coveiros na hora de baixar os corpos à sepultura. Bastava ouvir os dobres fúnebres do sino na matriz, o velho Miguel Ribeiro, onde quer que estivesse, largava tudo que estava fazendo e se mandava para o campo santo. Para executar sua piedosa tarefa, já uma tradição da cidade. Nessa ocasião, era fatal o discurso do João Andreólli. Este, um pintor italiano, não deixava por menos. Ninguém podia ser sepultado, sem primeiro ele pronunciar a oração fúnebre. João Andreólli não precisava conhecer a VÍTIMA. Para qualquer um, lá vinham as considerações filosóficas sobre a vida e a morte, e um panegírico sobre o finado, às vezes um pobre diabo desconhecido. O que o homem queria era falar e ser ouvido. . .

Ainda no cemitério, Miguel Ribeiro realizava outra tarefa. Corria os renques túmulos e dos mais enfeitados, ia retirando muitas flores, para cobrir humildes sepulturas, sepulturas rasas, as tumbas da vala comum. Era assim, o bondoso ancião. Piedosamente, puxava os terços nas novenas ou rezava nos velórios do bairro. Era ele ainda, que dava banho nos defuntos, vestindo-os para a derradeira viagem.

Miguel Ribeiro, quebrador de galhos da pobreza, fabricava os caixões mortuários para os sem recursos. E isto sem cobrar um vintém. Era ele, quem dava um jeitinho, para realizar casamentos de mocinhas que davam um mau passo, tramando os pauzinhos com os interessados. . . Com suas boas amizades, ajudava os amigos nos apuros.

Tinha fama de curandeiro. Trabalhava com orações e mezinhas. Preparava garrafadas que eram porretes para sífilis e doenças venéreas ( em ambos os sexos ), reumatismo, certas fraquezas masculinas, e outras macacoas. Era comum encontrá-lo nos campos e matas, buscando raízes, frutos e flores das plantas medicinais que bem conhecia. Com isso, gratuitamente, aliviava padecimentos e dava esperanças aos fracassados. . . .

E de que vivia o homem? Do seu trabalho braçal. Das suas habilidades como seleiro. Exímio fabricante de laços, era um artista nos trabalhos de couro. Trançador afamado, fazia coisas com couro de anta, de boi e outros animais.

Miguel Ribeiro era de Minas Gerais. Atraído pela fama e progresso da zona de Botucatu, já casado, aportou a estas paragens, mais ou menos em 1868. Aqui viveu a maior parte de sua

vida. Criou a família na escola da honestidade e do trabalho. Trabalhador braçal, socava taipa e fazia casas. De enxadão e picareta, abriu quilômetros de valos. Estes, serviam de divisas de sítios e fazendas, pois na época era desconhecido o arame farpado. Lá pras bandas da USELPA, nas terras que foram de Bráz de Assis, ainda se encontram vestígios desses valados. Por vezes, o bom mineiro tropeava ou carreava, em carros de bois, sal e ferragens, gêneros alimentícios e fazendas, etc..., para abastecer o sertão. Eram gozadas as histórias que contava, de suas andanças pelo mundo.

Miguel Ribeiro, enviuvando, octogenário, foi residir em Itatinga, com familiares, vindo a falecer em 1920. Do seu casamento com Cherubina de Almeida Campos, deixou os filhos:- Manoel, falecido em Sorocaba aos noventa e tantos anos; Joaquim, solteirão, que no fim da existência se casou com Carolina Perna Grossa, uma gaúcha de espavento, que fizera furor no Velho Botucatu; José; Lídia, casada com José Paulo Mariano; Ana Ribeiro, que em segundas núpcias se casou com o popular fogueteiro João Homem; e Orquíisia, casada em segundas núpcias com o lusitano Alípio Ramos, morador do Velho Botucatu. Todos os filhos são falecidos. José Ribeiro foi casado com d. Benedita Cotrim Ribeiro, também falecida. Deixaram numerosa e ilustre descendência. Dez filhos. Todos formados. São eles: Dr. Nelson, Professor e Advogado; Prof. Olavo; Prof. Rafael; Dr. Trajano, Professor e Advogado; Prof. Afonso Celso; Profas. Nair Ribeiro Dágola; Maria Aparecida R. Calsolari; Amélia Ribeiro Galvão; Nilsen Ribeiro Fragoso e Cecília Ribeiro Delamano. Dona Benedita Cotrim Ribeiro, por seus dotes de esposa e mãe, foi considerada há tempos, a “MÃE DO ANO”.

D. Orquíisia, dos seus dois matrimônios, houve as filhas – Albina, viúva do Dr. Joaquim O. Cesar; Teresa, casada com o Sr. Geraldo Monteiro; e Professora Anita Martins Ramos.

Dos filhos de João Homem ( seu Nico, popular despachante ), Cherubina, Rosa, Remígio e Pedro – o último, Pedrinho Homem, foi meu companheiro no Batalhão “Fernão Salles”, na Revolução de 1932.

Netos, bisnetos, trinets e tataranets do velho Miguel Ribeiro, povoam o solo paulista, que ele, na sua humildade, soube tão bem servir.

( Correio de Botucatu – 10/11/1971 )

### **93 - UM NAUFRÁGIO E UM SONHO SALVADOR**

Paschoal Jaqueta, filho de Felício Jaqueta e Antonia Valente, nasceu a 30 de março de 1869 em Sessano, Provincia de Campo Basso, na Itália. Seu nome foi-lhe dado por ter sido batizado num domingo de Páscoa. Casou-se em Nápoles, com Carolina Lalli. Desse casamento tiveram os filhos Felício e João ( italianos ), Angelina, Jordina e Laurindo Ezidoro, os três últimos brasileiros.

Em 1895, atraído pelas facilidades que a América proporcionava, deixou sua terra natal e rumou para o Brasil. Deixou seus parentes e seus bens. Deixou a esposa com os filhos João e Felício, e com muito peito enfrentou o desconhecido. A família viria depois, como faziam os corajosos imigrantes peninsulares.

Inicialmente foi parar em Poços de Caldas (MG), onde residiam alguns parentes e PAISANOS. Estabelecido, mandou buscar a família. A esposa e os dois filhos, tomaram um vapor para a longa viagem que seria assinalada por um triste episódio. Houve um naufrágio do “Bastimento”, que foi assim descrito por um dos familiares do velho Paschoal:

“ A viagem decorria normalmente. Mas, dona Carolina ( que trazia os filhos Felício e João, e mais uma sobrinha ), tinha tido um sonho esquisito, onde havia um naufrágio. Estava apreensiva. Sonhara com o pai falecido há muito tempo, e este lhe recomendara que não largasse um instante sequer as crianças, pois algo de grave iria acontecer. Às tantas, quando o navio ia atravessar o Estreito de Gibraltar um choque tremendo foi sentido. A sireia de bordo começou a tocar alarme. O barco batendo num penedo, espatifara-se e fazia água por todos os lados. Gritos, correrias, pânico, terror, constituíam um quadro impressionante. Passageiros e tripulantes foram arremessados ao mar e procuravam desesperadamente agarrar-se às tabuas, pedaços de madeiras e botes que flutuavam. Dona Carolina e os dois filhos que não se desgarraram, conseguiram agarrar-se à umas tábuas e ficaram boiando à espera de um possível salvamento. A sobrinha, desobedecendo às ordens da tia corria desabaladamente pelo convés, e com muitas dezenas de náufragos foi tragada pelas ondas. A maioria dos passageiros desapareceu.

Carolina Jaqueta e os dois filhos e mais uns poucos passageiros, após dez horas de sofrimento e agonia, foram recolhidos por barcos salva-vidas. E foram levados para uma aldeia africana, onde os negros antropófagos constituíam um iminente perigo para os náufragos, principalmente as crianças. Queriam à toda força comprar e devorar as mesmas. Que agonia! Durante dois dias e uma noite durou esta odisséia, até que houvesse o devido salvamento. Depois, outros barcos conduziram “os salvos” para seus destinos.

Em Poços de Caldas, muito alegre, Paschoal Jaqueta preparava-se para ir à Santos, quando recebeu a triste notícia do naufrágio, onde se julgava que todos de bordo tinham perecido. O homem, ante o impacto tremendo, ficou arrasado, desesperado. Chorou e nem sabia o que fazer para o futuro. Passado uns poucos dias, veio uma notícia de que alguns náufragos iriam chegar a Santos. Paschoal Jaqueta esperançoso, mas com uma dúvida atroz no coração, não via a hora do desembarque dos passageiros do barco que se aproximava. E quando em meio dos que desembarcavam, reconheceu Carolina e os filhos, chorou de emoção, de felicidade. Chegavam sem bagagem nenhuma. Tudo se perdera, menos a vida e a coragem e esperança de melhores dias”.

De Poços de Caldas o casal veio para Botucatu. Numa extrema pobreza. Aqui chegando, os Jaqueta se hospedaram com conhecidos. Gente que estava no Brasil há alguns anos e

morava nas proximidades da estação recém-inaugurada, ali onde está a Vila Jaú e o Albergue Noturno, onde havia várias olarias. O primeiro serviço de Paschoal foi trabalhar na limpeza do prédio do Grupo escolar “Dr. Cardoso de Almeida”, que ia ser inaugurado naquele 1895. Depois de trabalhar algum tempo na olaria de Dinucci & Antonelli, o corajoso imigrante passou a trabalhar no curtume de um tal Ramacciotti, que acabou sendo vendido à Virginio Lunardi & Irmão, onde se aposentou após 46 anos de trabalho. Viúvo de dona Carolina, falecida nesta cidade em 31 de julho de 1948, Paschoal Jaqueta faleceu no dia 12 de dezembro de 1952. Deixou os filhos e netos bem encaminhados na vida, como foi o caso de Milton Jaqueta, falecido há pouco e que era um próspero homem de empresa.

Felicio Jaqueta, o filho mais velho, casado com Emilia Leão, aposentado, é pai da Professora Zilda Carolina, casada com Natalino Foglia, de que houve os filhos Marilene, Maria Maura e Márcia Cristina. João Jaqueta, futebolista da velha guarda, o homem que tinha um canhão nos pés, já é falecido. Casado com Maria Conceição Casal, deixou os filhos Joamar e José Carlos. Angelina Jaqueta faleceu nesta cidade em 5 de maio de 1919, e a irmã Jordina, é casada com Antonio Burzaca de quem houve a filha Marineuza.

Laurindo Ezidoro Jaqueta, botucatuense, é um dos valores positivos de Botucatu. Foi comerciante. Presentemente é Oficial do Registro Civil da Vila dos Lavradores, exercendo cumulativamente o cargo de Oficial do Registro Civil de Pardinho. Esportista. Rotariano dos bons, líder do laicato católico. Político prestigioso. Foi Vereador por três legislaturas consecutivas. Por três vezes foi Presidente da Câmara Municipal local. Também foi Vice-Presidente, com exercício da Presidência no segundo semestre de 1968. Foi agraciado com a medalha e comenda Vital Brazil. Sempre residiu na Vila dos Lavradores, onde exerce todas suas atividades. Casado com uma filha do falecido Amadeo Santi ( político nos tempos do PRP, quando foi sub-Prefeito e autoridade policial ), o casal Laurindo e Anita Santi Jaqueta tem os seguintes filhos: Heddy Lauro, sub-Contador do Banco do Estado em Bauru, casado com Maria de Lourdes Gomes Jaqueta; José Maria, quintoanista de Engenharia e Maria Salete, acadêmica de Engenharia. Como Vereador foi secretário na gestão da Presidência do Dr. Sebastião de Almeida Pinto, e de quem diz ter sido aluno em matéria de legislação, conforme amistosamente me afirmou. E isto muito me honra.

( Correio de Botucatu – 17/11/1971 )

## **94 - DE BANDEIRANTES E TROPEIROS VENHO . . .**

Para completar as evocações sobre a família Souza Nogueira, falo hoje sobre o Prof. Dr. Alceu Maynard Araújo, bisneto de José de Souza Nogueira, o velho “seu” Zéca.

O General João de Castro Araújo, foi casado com Inocência de Castro Araújo, em São Gabriel, no Rio Grande do Sul. Tiveram vários filhos e um deles, Teotônio José de Araújo, o mais velho, dedicou-se ao tropeirismo. Vinha da Estância, lá dos pagos, para a feira dos mueres em

Sorocaba. Um dia, Teotônio fixou-se em Sorocaba, casando-se com Blandina Maria de Oliveira Araújo, filha do Major Manoel Claudiano Madureira de Oliveira, Barão de Mogi-Mirim. E o gaúcho foi eleito, pelo Partido Liberal, Vereador e Presidente da Câmara de Sorocaba, de 1869 a 1872.

Do tropeiro político, descendia Firmino José de Araújo, farmacêutico e “cirurgião de palácio”, que se casou com Maria Alcida Lobo, filha do maestro ituano Manuel Alvares Lobo. O casal foi morar em Piraju. Dentre os filhos desse casal, um, o Mário Washington, foi pai de Alceu Maynard Araújo. Mário, quando estudante da Escola Normal de Itapetininga, casou-se com sua colega Altina, filha de um tropeiro paranaense, Virgílio Maynard, descendente de ingleses, cujo tronco é Thomaz Maynard, natural de Plymouth, condado de Devon. Virgílio nasceu em Castro, no Paraná.

A Professora Altina ( que tem seu nome num grupo escolar de Tatuí ), mãe de Alceu Maynard de Araújo, é botucatuense, sendo filha de Olímpia de Souza Nogueira, e neta de José de Souza Nogueira. Esses Nogueiras, originários de Thomé Rodrigues Nogueira do O’, nobre da casa de Aragão, bandeirante fundador de Baependy em Minas Gerais , ( quando integrante da setecentista Capitania de São Paulo ), vieram para Botucatu, por volta de 1850/60. É por isso que o escritor Alceu Maynard Araújo colocou em seu “ex-libris” “De bandeirantes e tropeiros venho. . .” Com tais ancestrais, teria que demonstrar entranhado amor à Terra e ao Povo Brasileiro. Em seus vinte e dois livros publicados, essa é a tônica dominante, o culto das coisas e da gente do Brasil.

Alceu Maynard de Araújo , nasceu em Piracicaba, aos 21 de dezembro de 1913. Coursou o grupo escolar e a Escola Normal de Botucatu. Diplomou-se Professor de Educação Física pela Escola Superior de Educação Física de São Paulo. Bacharelou-se em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde fez o pós-graduado em Antropologia. É Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela tradicional faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, a escola do largo de São Francisco.

Durante 14 anos foi Professor de Educação Física na A.C.M. e vários colégios da Capital. Fundador dos Clubes de Menores Operários do Departamento de Cultura, da Prefeitura de São Paulo, trabalhou nos Parques Infantis e dirigiu o Centro Educacional e Recreativo do Ibirapuera. De 1946 para cá, lecionou História Social e Economia do Brasil, Direito Romano, na Faculdade de Direito do Mackenzie e foi Diretor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Aposentado da Universidade de São Paulo, foi Diretor Geral do Departamento Estadual de Administração, o DEA.

Atualmente leciona “Cultura Brasileira” nas Faculdades Metropolitanas Unidas e Antropologia Tropical na faculdade de Filosofia e Letras de São José dos Campos, cidade onde foi Diretor da Faculdade de Serviço Social, da Fundação Valparaibana de Ensino. É Professor na Faculdade de Educação “Campos Salles”, na Lapa, S.P.

Titular da Cadeira N.30, da Academia Paulista de Letras, é correspondente das Academias de Letras do Maranhão, Amazonas e Rio Grande do Norte. Sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, é correspondente dos congêneres de Alagoas, Bahia, Pará, Ceará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Minas Gerais, Sergipe, Santos e Sorocaba.

Sua bagagem literária é vasta. Publicou mais de 50 livros dentre os quais citamos: Livros de Versos, Lendas Amazônicas ( documentário fotográfico ), vários livros sobre folclore ( danças e ritos populares, instrumentos musicais e implementos, melodias paulistas, ritos mágicos e religiosos ), estudos sobre populações do Rio São Francisco, obras sobre literatura de cordel e outros aspectos nordestinos, e um sem número de ensaios, discursos, aulas e conferencias, que seria longo e difícil enumerar. Vários dos seus livros fazem parte da COLEÇÃO BRASILIANA.

Campeão do escotismo, esportista de escol, homem da imprensa, rádio e televisão, Alceu é um dínamo. Atualmente é o Grande Secretário de Relações de Cultura do Grande Oriente de São Paulo. Além disso nomeado pelo atual Governador de São Paulo é o Presidente da Comissão de Folclore e Artesanato do Conselho Estadual de Cultura. Lendo-se o curriculum vitae de Alceu Maynard Araújo, verifica-se que os dados acima, constituem uma pálida amostra da personalidade do ilustre botucatuense de coração, que de bandeirantes e tropeiro veio . . .

NOTA DOS REVSORES: Após o seu falecimento, Alceu Maynard Araújo, teve o seu nome perpetuado numa das Avenidas importantes de São Paulo, e era primo e muito amigo da Professora Odette de Souza Castanheira, de Botucatu, casada com o Jornalista Nelson de Souza.

( Correio de Botucatu – 24/11/1971 )

## **95 - ALEMÃES EM BOTUCATU**

Quando aluna na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Botucatu, a Professora Maria Amélia N. Esteves Pinto realizou uma pesquisa sobre as influencias raciais na formação da população botucatuense.

Pesquisando, desde os tempos do Velho Botucatu até o primeiro centenário de Botucatu, a Professora encontrou, mais ou menos, setenta famílias alemãs ou suíço-alemãs, formando ao lado de italianos, franceses, espanhóis, portugueses, sírios e japoneses, todos, num constante processo de impressionante miscigenação. Num absoluto, desdém pelos preconceitos raciais, tão ao gosto de Hitler e seus sequazes, esses teutônicos ou teuto-brasileiros, foram se cruzando com brancos e pretos, judeus com nacionais ou estrangeiros colaborando decisivamente para a constituição do povo brasileiro ( não raça ).

Não tenho a mão o trabalho da Professora Maria Amélia, aliás minha filha. Mas isso, não impede, que de memória, possa citar aqui algumas dezenas de famílias germânicas, que viveram ou vivem em Botucatu. Eí-las:- Bauer, Bruder, Baer, Bokerman, Brumel, Diehl, Doering, Eberhardt, Eichenberger, Engler, Mercheman, Fischer, Gloor, Gross, Hirsh, Herk, Grohmann,

Hankel, Heimbürg, Hansem, Juricici, Eeller, Klein, Kron, Kleffens, Stein, Knuppel, Lieberman, Mayer, Murbach, Méier, Mericoffer, Muller, Petry, Plens, Ponick, Rauer, Schimid, Sauer, Sardemberg, Seuner, Hoffman, Schulihoff, Schoembeck, Sardemberg, Sclossareck, Schilliter, Ming, Troppmaier, Wagner, Witzel, Winckler, Witzler, Zuiker, Zimerman, Zumerkon, Zartz e outros.

Até dois nobres, Von Gieseler e Von Atzinger, e mais o HERR Dr. Professor Knuppel, andaram por aqui nos velhos tempos.

Muitos botucatuenses da atualidade descendem desse povo e são engenheiros, médicos, professores, dentistas, padres, comerciantes, industriais, lavradores, todos muito bons brasileiros.

Há casos, por exemplo, em que pessoas que atendem por nomes exclusivamente brasileiros ou italianos, lá no recessivo, possuem um sobrenome alemão, como se verifica com os Pupo, Dr. Monteferrante, Spirandeli Mori, os Bacchi, e outros que tais. Conheço uns mulatinhos que tem nomes iguais aos daqueles indivíduos arianos, que Hitler, dizia pertencerem a uma raça superior, de dólico-louros. . .

Dois nomes do Velho Botucatu, dois alemães de alto gabarito merecem menção especial. São eles: o Professor Constantino Knuppel e o Dr. Guilherme Von Gieseler. O primeiro, um grande educador, que, nem sei mesmo porque, veio parar nestes sertões. O segundo, um homem de larga visão, Engenheiro, dinâmico, que colaborou decisivamente para o progresso local.

O Dr. Guilherme Von Gieseler, muito antes da proclamação da República, já era elemento atuante nestas paragens. Comerciante, industrial, era homem progressista. Integrou-se totalmente na sociedade local, fomentando o progresso da terra futura. Na rua Curuzu, montou uma fábrica de cerveja e refrigerantes. Ao lado, construiu sua bela residência, que tinha um pitoresco e bem cuidado jardim, onde a sociedade botucatuense se reunia para suas festas litero-dançante-recreativas. Em 1895, oficialmente, o primeiro clube botucatuense, A DEMOCRACIA, funcionava na residência do Dr. Von Gieseler, e o seu grande animador era o médico Dr. Costa Leite.

Nos velhos tempos, dominava a valsa. No tocante às valsistas, ouvimos em nossa meninice, referências às senhoritas Adélia, Olga e Selma Von Gieseler, como excelentes damas. A fráuleim Selma, alta, loura, elegante e bonita, era considerada a rainha da valsa. Diziam que quando ela dançava com seu par predileto, todo mundo parava para apreciá-los no rodopiar das valsas vienenses, a coqueluche da época.

Dr. Von Gieseler, apesar de estrangeiro ( como era permitido no tempo ), foi Vereador várias vezes. Em 1890 com a República foram extintas as Câmaras municipais. Em seu lugar foram criados os Conselhos de Intendentes, nomeados pelo Governo do Estado. Aclamado pelo povo, o Dr. Von Gieseler e mais Alberto da Silva Pereira, Alberto de Araújo,

Reverendo João Ribeiro Carvalho Braga e Brazil Gomes Pinheiro Machado, constituíram o Conselho que, em 1891 e 1892, governou Botucatu.

O professor Constantino Knuppel, grande Professor na Alemanha, onde foi mestre de Bismark, o Chanceler do Reich, quando exilado no Brasil, veio ter a Botucatu. Veio pelas mãos de Domingos Soares de Barros. Aqui dirigiu o famoso Colégio Knuppel, cuja fama ultrapassava os limites do Estado. Para o ensino de humanidades, era o maior e melhor da época. Por divergências filosóficas e religiosas (Knuppel era materialista e Domingos Soares de Barros protestante convicto), o grande mestre alemão deixou a direção do Colégio. Durante seis anos foi substituído pelo seu filho João Knuppel, mas este não tinha o gabarito do pai. Por isso o Colégio fechou suas portas com grande dano para a mocidade estudiosa.

Knuppel faleceu em 18/09/1895. No cemitério local há um túmulo, onde se lê: “Gratidão dos seus discípulos”. O Dr. Von Gieseler, está sepultado em Botucatu. Nenhum descendente desses dois grandes vultos reside na terra dos “bons ares e das boas escolas”.

( Correio de Botucatu – 08/12/1971)

## **96 - ITALIANOS DA VELHA GUARDA**

Desde 1880, Botucatu foi um dos grandes núcleos italianos na terra bandeirante. Dos peninsulares da velha guarda, vou focalizar hoje os Bertocchi e Stefanini.

ELDERICO BERTOCCHI

Também chamado Enrico ou Henrique Bertocchi, nascido em Pontremoli, província de Massa Carrara, aos 06 de fevereiro de 1882, menino ainda, veio para o Brasil. Aqui se fez homem. Casou-se. Prosperou. E se tornou chefe de estimada família. Faleceu aos três de março de 1940. Bertocchi veio para o Brasil com seu tio Carlos Sordi. Residiram inicialmente na Vila dos Lavradores, que estava começando a crescer.

Casado com Herminia Mori ( nascida em Potremoli aos 03 de outubro de 1881 e falecida em Botucatu aos 17/08/1937 ), iniciou suas atividades como carroceiro, transportando café do Pardinho para Botucatu. Ainda como carroceiro, contava, puxou areia e tijolos para a construção da Escola Normal, hoje IECA, isto em 1913-14. Morou, de começo, na Boa Vista. Depois transferiu-se para o Bairro Alto. Construiu um prédio para comércio e residência, ali na rua Cap. José Paes de Almeida, antigamente rua Dr. Ritt. Ao lado do armazém ficava o jogo de “boccie”, aliás muito concorrido. Bertocchi tornou-se importador de vinho, azeite, queijo, farinha de trigo, conservas, etc., vindos da Itália, pois no Brasil não se produziam tais artigos.

O jogo do “boccie”, não era a dinheiro. O perdedor pagava em mercadoria, principalmente vinho e queijo, ou em saborosas “pizzas”, em que a casa era afamada. O consumo do vinho era enorme. Semanalmente, uma cartola ou quinto de vinho ( cem litros ),

era bebido nos almoços e partidas de boccie. Nas comemorações do XX de Setembro, era uma coisa louca. Esgotava-se o estoque da praça. . . No tocante a alimentação – copa, pancheta, cudiguim, presuntada, macarronada com a poma-róla in gopa, etc. – a excelente comida italiana, regada a vinho ( um cruzeiro velho por litro ), faziam as delicias dos Menegon, Durante, Titon, Benato, Fioravanti, Bertani, Dinucci, Carlos Corsi, Pedretti, Magnani, Forti, Roder, Trevisoli, Stocco, Losi, Lecióli, Balestrim, Bertagna, Di Folco, Contim, Rafanelli, Cechetti e tantos outros, que se empenhavam a fundo nas partidas de tre-séte, escopone e briscola. Cabritos à “cacciatore”, também não faltavam para os gastrônomos.

Bertocchi, foi dono da fazenda Bocaina. Mais tarde comprou uma serraria em Presidente Wenceslau. Visitando sua propriedade na Alta Sorocabana, perdeu-se na mata virgem. E durante três dias, até ser encontrado, viveu momentos de medo e tristeza, naquele ambiente de onças e cobras, bugres e mosquitos, altamente perigosos.

Bertocchi e dona Hermínia, deixaram os filhos INÊS, casada com Antonio Stefanini, do qual houve os filhos Hilda, Hélio e Heraldo, sendo que dona Inês faleceu em 05/05/1939; Anunciadina, casada com o falecido Gino Cavalini, é mãe de Irineu e Renato, este residente em Avaré; Alcides, casado com Bianca Di Folco, tem os filhos Elderico, Contador, e a Professora Nancy, casada com o médico Dr. Olavo Delmanto; Antonio casado com Laureana Lorenti; Iracema, casada com Antonio Amat, sendo os últimos residentes em São Paulo.

#### PEDRO STEFANINI

Nascido em Bologna aos 05/06/1875, faleceu em Botucatu aos 10/10/1962. Foi casado com dona Carlota Zerbetto, nascida em Veneza, aos 27/05/1879 e falecida em 11/05/1962, sendo o casamento realizado em nossa terra em 24 de dezembro de 1900. O feliz casal comemorou bodas de diamante, o que pouca gente consegue.

Pedro Stefanini que viveu toda sua vida “brasileira” em Botucatu, aqui foi carpinteiro, marceneiro e construtor. Espírito progressista, montou uma fábrica de móveis, muito afamada, e que até agora funciona, sob a direção de seus filhos.

Pedro Stefanini, gozava de grande prestígio na Colônia Italiana, a tal ponto, que durante quarenta anos exerceu eficientemente, o cargo de Agente Consular Italiano em Botucatu. Pelos relevantes serviços prestados à Colônia Italiana, foi agraciado pelo governo da Itália, com a medalha “Stella Della Solidarietà Italiana”, isto em 17/07/1959, juntamente com outro agraciado, o botucatuense Emílio Peduti. Foi um festão a entrega dessas medalhas honoríficas. Compareceu o ministro Franco Fontana, representando o governo italiano. A sociedade botucatuense, pelas suas autoridades e elementos mais expressivos, prestigiou a solenidade. Houve sessão solene na Câmara Municipal. E num grande banquete, o orador oficial, foi o brilhante médico e beletrista Dr. Aleixo Delmanto.

O casal Stefanini deixou os seguintes 9 filhos: Antonio, casado em primeiras núpcias com Inês Bertocchi, da qual houve os filhos Hilda, Hélio e Heraldo; em segundas núpcias com

Santa Geraldini, da qual houve os filhos Carlos e Maria Amélia. Natalina, casada com Caetano Danziato, do qual houve os filhos Waldyr, Professora Wilma e Wilson, químico industrial. Irene, casada com o Professor Mario Cacace, do qual houve os seguintes filhos: Paulo Sérgio – Contador; Ivo Roberto, Contador; Céres, professora; Mirtes, Professora, e João, estudante. Dante, casado com Carmem Lima, da qual houve os filhos: Celina, Professora; Regina, Professora; e Dante, estudante. Aldo, casado com Alice Ignácio, da qual houve os filhos: José, Cecília, Pedro, Marisa e Luiz, todos estudantes; Orlando, casado com Edith Carvalho, residentes em Curitiba; Profa. Odila, casada com Benjamin Nicolau, residentes em Manduri; Inês e Noêmia, solteiras, residem em Botucatu.

( Correio de Botucatu – 11/12/1971 )

### **97 - OS GUIMARÃES DE ONTEM E DE HOJE**

Nascido em Guimarães, no Minho, em Portugal, Antonio Álvaro Guimarães veio para o Brasil, por volta de 1890. Já casado, veio só. Deixara a esposa Tereza Fernandes Guimarães, com dois filhos – Luiza e Manoel – lá na santa terrinha, como era comum entre os corajosos imigrantes, que se aventuravam por mundos desconhecidos. Mandaria buscá-los mais tarde, quando as coisas estivessem bem encaminhadas. Isso aconteceu em 1899, quando regressou a Portugal. Liquidou seus haveres e com a esposa e filhos, rumou definitivamente para o Brasil.

No Rio de Janeiro, onde de início se fixara, Antonio Álvaro Guimarães conheceu Tertuliano Alves de Camargo, que exercia suas atividades no interior paulista. A convite de Tertuliano, que posteriormente viria a ser seu sócio no ramo de construções, em 1894 mudou-se para Botucatu, atraídos pelo desenvolvimento da região. Aqui, Guimarães especializou-se na construção de terreiros de café, nas grandes fazendas que se formavam. O serviço era duro. Começava na extração e transporte das pedras, arrancadas na serra de Botucatu. Depois, vinham a terraplanagem, construção de muros de arrimo e quadras para secagem de café. Estas eram cimentadas. E cortadas pelas canaletas, condutoras de água para distribuição do café lavado ou despulpado. Eram construções enormes, sólidas. Ainda hoje estão em uso, os magníficos terreiros construídos nas fazendas Lageado, Morro Vermelho, Monte Selvagem, Matão e outras.

Na zona urbana, o velho Guimarães fez alinhamento de ruas da cidadezinha que crescia. Colocou sarjetas e guias nas ruas Curuzu, Riachuelo e travessas. Construiu pontes. E no seu gênero, tornou-se um credenciado mestre.

Em Botucatu o casal Teresa e Guimarães, teve mais três filhos - Alvarina, Álvaro e Alberto. Esses filhos, netos e bisnetos, povoam a terra a que bem serviram e onde dormem o sono eterno ( falecidos octogenários ). Estudando a descendência dos Guimarães de ontem e os de hoje, encontramos a seguinte linhagem:

Luiza, a filha primogênita. Portuguesa. Foi casada com Manoel da Silva (que era viúvo), comerciante na Vila dos Lavradores, já falecido. Desse casamento nasceram os filhos: Orlando, funcionário público estadual, casado com Laura Martins; Tereza, casada com Alcindo Valadão, comerciante; Cecília, casada com o Corretor Alcides de Souza Freitas; Daniel, funcionário estadual, Ex-Vereador e ex-presidente da Câmara Municipal de Botucatu, casado com a Profa. Eurides Cassetari; Adelaide, funcionária estadual casada com Vicente Carta; Waldomiro, comerciante, casado com Nadir Barbim; Lurdes, casada com João Jaqueta Sobrinho, representante comercial; Alvarina casada com o Vereador Plínio Paganini, Presidente da Câmara Municipal de Botucatu, Diretor do “Correio de Botucatu” e da Rádio Emissora de Botucatu “PRF-8”, tendo sido Vice-Prefeito Municipal de Botucatu, em exercícios várias vezes.

Alvarina, botucatuense, é casada com Lourenço Carmelo, industriário aposentado de tradicional família Carmelo ( da Vila dos Lavradores ), sendo seus filhos: Elza, Professora, casada com o Advogado Dr. Sebastião Figueiredo Torres; João Antonio, representante comercial, casado com Hermínia Correia, residente em Santo André; Lucila, Professora, casada com Andislan Delucci, funcionário da Cia Paulista de Força e Luz, em Botucatu. O Dr. Sebastião Torres é da família dos Noronha do Ó, fundadora de Baependy em Minas Gerais.

Álvaro, botucatuense, Professor do Colégio Industrial “Armando de Salles Oliveira”, exímio desenhista de plantas de casas residenciais. É um artista. Casado com Eugenia Vitti Guimarães, é pai da Professora Glorinha Guimarães, que é também diplomada pela Faculdade de Música Santa Marcelina, militando na imprensa local.

Alberto, botucatuense, industriário aposentado reside em São Paulo. Do seu casamento com Elvira Mainardes, tem os filhos: Prof. Antonio, psicólogo; Bernardete, professora; e Luiz, industriário.

Manoel Álvaro Guimarães, português. Veio menino para o Brasil. Em Botucatu se casou com Adelina Michelucci ( a falecida e bondosa dona Nenê ), que era italiana. Dona Nenê chegou a Botucatu quando a ponta dos trilhos da Sorocabana estava em Vitoriana. De lá p’ra cá, era de carro de bois. Manoel Álvaro dedicou-se à construções; principalmente de igrejas. As matrizes de Fartura, Bernardino de Campos, São Pedro do Turvo, Pardinho e Santa Cruz do Rio Pardo foram obras suas. Mas sua maior glória foi a construção da Catedral de Botucatu, a Basílica Menor de Sant’Anna. Também construiu esse notável Instituto Santa Marcelina, a igreja de Santo Antonio em Rubião Junior ( no alto do morro ), e capelas nas zonas urbana e rural, além de bons prédios residenciais. Ao falecer, relativamente moço, seus filhos prosseguiram nas atividades construtoras. O casal Adelina e Manoel Álvaro deixou os filhos: Mário, professor, ex-diretor da Escola Senac, já falecido, deixou viúva Ida Simões; Orlando, já falecido, deixou viúva Lúcia Poli; Irmã Olga, religiosa da Congregação das Marcelinas; Oswaldo, industrial, casado com Maria Teresa de Oliveira; Oscar, industrial, casado com Isabel Cláudio Pereira; Maria de Lourdes, professora, casada com Cleófas Soler; Milton, professor, economista, agente do INPS de Botucatu, casado com Nancy Ribeiro; Manoel, contador, membro do Lions Clube, gerente do Banco Francês e Italiano em Botucatu, casado com Evanira Rubio.

## 98 - OS QUE VIERAM DE SÃO PEREGRINO

Família tradicional na Vila dos Lavradores, é a dos Lunardi. Gente que impulsionou decisivamente o progresso botucatuense. Foram pioneiros da indústria local. Constituíram autênticos valores, que devem ser focalizados nestas evocações, para conhecimento da geração atual.

Os irmãos Virgínio e Mansueto eram italianos. Naturais de São Peregrino in Alpes, Província de Luca. Moços, vieram para o Brasil. Para o Estado de São Paulo. E aqui em Botucatu se fixaram, ramificando-se em numerosas famílias, cujos descendentes estão por aí, atestando que os “velhos” foram elementos positivos na vida local. Mansueto e Virgínio dormem o sono eterno na terra que escolheram para berço dos filhos, netos e bisnetos, que, em grande número constituem a linhagem dos Lunardi. Seus nomes figuram em rua e praça pública da cidade, como reconhecimento ao que fizeram.

### CAVALHEIRO VIRGÍNIO LUNARDI

No fim do século passado, o moço Virgínio Lunardi, já casado com a patrícia Stela Paolini, chegou a Botucatu. Juntamente com um irmão ( prematuramente falecido ), iniciou atividades comerciais. Em 1911, com a chegada do irmão Mansueto, os dois Lunardi alargaram seus negócios. Enveredaram para a indústria e subseqüentemente para a lavoura. E prosperaram. No “Almanaque de Botucatu” de 1920 há referencias ao Empório “Apeninos” de Virgínio Lunardi e Irmão; ao Curtume Vitória, de Virgínio Lunardi & Cia; ao Açougue da Liberdade, de Lunardi & Fialdini; à Grande Fábrica de Massas Alimentícias – Torrefação de Café e Fábrica de Banha Refinada, de Lunardi & Cassetari; Máquina de beneficiar Café e Algodão ( São Pelegrino ), de Lunardi & Cia; Sociedade Anonima Botucatuense, serraria.

Mais tarde, Virgínio e Mansueto adquiriram as fazendas Boa Vista e São Bento ( café e pecuária ), e mantinham campos de cooperação ( produção de sementes ), com o Governo de São Paulo. Essas atividades foram complementadas, posteriormente, por agências de automóveis e distribuição de filmes, bombas de gasolina, etc. . . aqui e na alta Sorocabana.

No seio da Colônia, Virgínio era um líder. Durante longos anos foi Presidente da Sociedade Italiana de Beneficência. Foi agraciado pelo governo italiano com a comenda de Cavaleiro Uf. Da Coroa da Itália. Em avançada idade, em 1933, faleceu o Cav. Virgínio. Sua viúva faleceu em 1939. Ambos estão sepultados em Botucatu. Deixaram os filhos:

Luciano, casado com Etelvina Santini; Oliva, casada com o Mestre Pedro Chiaradia, o decano dos jornalistas interioranos, agraciado com a medalha “Couto de Magalhães”, pelos serviços prestados ao país; Margarida, já falecida, que foi casada com Leopoldo Bechelli, sendo mãe do Professor Lunardi Bechelli, o popular “ Maestro da Vila”; Oswaldo, Contador, Ex-

Vereador, rotariano dos bons, ex-presidente do Aero clube local e do Centro Cultural de Botucatu, casado com Olga Donini; Ana Clementina Virgínia (Déia), Professora, casada com o Contador Waldomiro Pires Correia; Rolando Aristides Armando ( o Ary ), casado com Inês Ayres. Ary e Déia são italianos e os demais são brasileiros, botucatuenses. Netos, bisnetos e trinetos do Cav. Virgínio, são numerosos. Um deles, o Dr. Virgínio José ( neto ) é médico, e o Primo Virgínio é universitário. Os netos Inocente e Fulvio Chiaradia são homens de empresas, e as netas Lívia, Eda, Vera, Lourdes e Mirna Chiaradia, são Professoras, bem como Lina e Lana Lunardi.

#### CAVALHEIRO MANSUETO LUNARDI

O jovem Mansueto Lunardi deixou a Itália em 1911. E veio se reunir ao mano Virgínio com ele se associando. Logo se casou com Maria Carmelo, da veterana família Carmelo, tradicional no antigo Bairro da Estação.

Mansueto Lunardi era o braço forte da casa. Ativo, dinâmico, de visão larga, colaborou em muito para o engrandecimento da firma Virgínio Lunardi & Irmão. Por morte do irmão mais velho, assumiu a chefia e levou a bom termo sua tarefa, revelando-se um capitão de indústria. Faleceu aos 25 de janeiro de 1961, aos 80 anos de idade. Está sepultado na necrópole local.

Mansueto Lunardi, Cavalheiro Uf. Da Coroa de Itália, era um líder da Colônia Italiana e gozava de prestígio em todos os meios sociais. De seu casamento com dona Maria Carmelo, também falecida, deixou os filhos:

Ferdinando, lavrador, casado com a Professora Maria Eulália César ( Lalic ); Demade Nelson, industrial, Vereador à Câmara Municipal de Botucatu em três legislaturas, casado com a Professora Dulce Porto Rodrigues; Dr. Clóvis Milton, Engenheiro, residente em Curitiba, casado com a Professora Nilza Santos; Maria Odette, Professora, casada com Antonio Figueira; Cleonice Carlota, Professora do Ensino Industrial, residente em Ipaussu.

Netos e bisnetos do Cavalheiro Mansueto, em grande número, residem em Botucatu, onde são Professores, pecuaristas, comerciários, industriários e estudantes. Tenho lembrança das senhoras Maria Alcina e Leila César Lunardi, que são Professoras do Ensino Secundário; do jovem Mansueto César Lunardi, que é aluno da Escola Superior da Agricultura de Viçosa, Minas Gerais.

( Correio de Botucatu – 18/12/1971)

#### 99 - O CAVALHEIRO SERAFIM BLASI

Nascido no dia 27 de outubro de 1865, em San Fili ( Reggio Calábria ) na Itália, Serafim Blasi aos 13 anos de idade, já era mecânico na oficina de seu avô Giuseppe Di Chelo, fabricante

de grandes relógios para torres de igreja. Revelava desde então seus pendores para a mecânica de máquinas, que o levariam a se tornar um grande industrial em terras americanas.

Em março de 1881 em companhia do pai, viajou para os Estados Unidos da América do Norte, onde ia trabalhar na Estrada de Ferro Transcontinental ( Nova York – São Francisco ). Foi morar em Denver, no Estado do Colorado. Seis anos viveu na América do Norte. Durante esse tempo aprendeu a falar, fluentemente, a língua inglesa, o que lhe foi de grande valia no futuro. Em 1887 regressou à Itália para prestar o serviço militar no exército, e isto pelo prazo de 3 anos, reformando-se como sargento. Durante o tempo em que foi soldado, Serafim casou-se com Carmela Luccheta, a qual ao dar à luz uma menina, Emilia, veio a falecer. Emilia, mais tarde, no Brasil, casou-se com o artista Rafael Laurindo ( ambos falecidos ) e que veio a ser professor de trabalhos manuais da Escola Normal de Botucatu. Desse casamento nasceram vários filhos, dos quais estão vivos o Professor Arnaldo, o Contador Alberto, o Professor Oswaldo, o Médico Dr. Silvio e a Professora Amélia Laurindo.

Em 1890 Serafim Blasi deixou a Europa, cruzou o Atlântico e dirigiu-se à Argentina, onde na cidade de Buenos Aires pretendia montar uma oficina mecânica. Não se deu bem na cidade portenha. Incentivado pelas notícias do progresso do Brasil, principalmente do Estado de São Paulo, em 1892 mudou-se para a Paulicéia. Dois anos lutou na pequena cidade, que dava os primeiros passos para ser a descomunal metrópole que é hoje. Em São Paulo, o moço Serafim Blasi, trabalhou como mecânico nas renomadas oficinas de Leopoldo Sidow. Este, acabou se arruinando, sem recursos financeiros até para pagar os empregados. Serafim Blasi em pagamento dos seus créditos, recebeu do arruinado patrão, algumas máquinas: um velho torno, uma máquina de furar, uma bigorna, um fole de forjas e algumas ferramentas.

Assim equipado, veio parar em Botucatu. A Estrada de Ferro Sorocabana chegava até Vitória. De lá para cá, a cavalo, subiu a serra e encontrou-se com o panorama da sertaneja região. Isto, em 1893. Gostou da cidadezinha nascente. E fixou-se definitivamente em Botucatu então “boca de sertão”. Na rua Curuzu, montou sua oficina, uma tenda que começou a funcionar em 1893. O homem prosperou. Granjeou grande freguesia. Até a ponto que teve de providenciar novas instalações, mais amplas e melhor equipadas. Na Avenida Floriano Peixoto, que acabava de ser rasgada, construiu amplos barracões, onde cresceram as Indústrias Blasi, já conhecidas em toda a região e pelo Estado afora.

O moço calabrês, prestativo e atencioso, relacionou-se com grandes e pequenos lavradores, boiadeiros e tropeiros, construindo e reparando toda espécie de veículos utilizados na época. A força criativa e a engenhosidade de Serafim Blasi, levaram-no a enveredar-se por um caminho ainda não explorado: fabricar máquinas e implementos para lavoura, resolvendo problemas que iam da lavoura do solo ao beneficiamento dos produtos agrícolas. Daí surgiram as afamadas MAQUINAS BLASI, de renome mundial. As máquinas de beneficiar café então, constituíram verdadeiro sucesso. É por essa razão que no Brasil todo, na Colômbia, na África Portuguesa, as MAQUINAS BLASI difundem o nome de Botucatu. As Indústrias Blasi fabricavam também, bombas hidráulicas, rodas de água, fogões, fornalhas, executava serviço de serralheria

e montava serrarias com locomóveis a vapor. O homem era notável. Muitas máquinas eram de sua invenção. E para inventá-las, experimentá-las, testá-las, comprou uma fazenda em Cerqueira César, com extensos cafezais onde realizava os mais variados tipos de experiências.

Ampliando suas atividades, Serafim desenvolveu ainda mais a linha de produtos, especializando-se na fabricação de maquinismos para café – lavadores para terreiros, catadores de pedras, descascadores – culminando com a sua última invenção que foi o famoso “Classificador de café com peneiras planas”.

Serafim era um dínamo, que começou a produzir em 1894 e só descansou com a morte, falecendo repentinamente em Botucatu no dia 15 de março de 1932, deixando sua empresa aos cuidados dos seus filhos e seguidores.

Em 1927 tentou instalar uma fábrica de tecidos, mas não contou com o apoio das autoridades municipais. Para impulsionar o progresso local, construiu um hotel, hoje Hotel Santo Antonio, e vários prédios de grande estrutura. Várias vezes auxiliou a Municipalidade Botucatuense com empréstimos a longo prazo. Financiou as Prefeituras de Botucatu, Penápolis e outras para a construção de redes de água e esgoto. Colaborou eficientemente para a instalação da Diocese de Botucatu, sendo um dos Conselheiros do primeiro Bispo Diocesano, Dom Lúcio. Presidiu a “Societá Italiana de Beneficenza”. Nunca foi político. Pelos relevantes serviços prestados à Colônia Italiana, em 1914 foi distinguido pelo Rei da Itália Vitório Emanuele III, com o título de “CAVALHEIRO DA ORDEM DA COROA DA ITÁLIA”.

O Cav. Uf. ou simplesmente O CAVALHEIRO, como era conhecido, foi o primeiro em Botucatu a receber e instalar um telefone, que recebeu o N.01. Possuindo apenas curso primário, tornou-se um homem ilustre, pelas suas leituras e pelas freqüentes viagens que fazia ao Velho Mundo. E aqui ficam os dados sobre o CAVALHEIRO, aquele que para chegar a América do Norte, em 1881, pagou sua passagem trabalhando como um dos cozinheiros do navio em que viajava.

( Correio de Botucatu – 01/01/1972 )

## **100 – A FAMILIA BLASI**

Em 1893, casado em segundas núpcias com D. Miquelina Laurindo Blasi, o futuro industrial Serafim Blasi fixou-se em Botucatu. Na sua esposa teve uma dedicada companheira corajosa, que em muito o auxiliou a vencer as dificuldades daqueles tempos duros e da terra estranha. Dona Miquelina faleceu em 1936, deixando os filhos:-

ALFREDO, casado com Adelina Koch. Ambos são falecidos e deixaram os filhos: Serafim Blasi Neto, casado com Florinda Boaro; Roberto, casado com Érika; Waldomiro, casado com Lourdes; Carlos casado com Idalina e Fausto.

MARIA, gêmea de Alfredo. Viúva do Contador João Laurindo, do qual houve o filho Etéocles.

ROSA, Professora, casada com João Baptista de Toledo Cesar, tendo as filhas Lúcia, Dirce e Lina, residentes em São Paulo.

JORGE, Engenheiro, casado com Olga Ciamberlini Blasi, ambos falecidos. Deixaram os filhos: Profa. Iolanda Miquelina; Conrado Serafim, Engenheiro; Helio; George Renato, residente em Goiânia; e Leila. Foi Vereador em várias legislaturas.

IZABEL, Professora, casada com o Prof. Jerônimo Martorelli, residentes em São Manuel, tendo os filhos: Clélia, Professora; Profa. Odila e Hugo, residentes em Maringá, os dois últimos.

ADELINA, Contadora, viúva de Levino Monteferrante, tem os filhos: Mercedes; Profa. Judith; Profa. Ema; Dr. Anísio, Economista, Delegado Seccional de Rendas; Hélios, Técnico Mecânico e Dr. Eugênio Monteferrante Netto, Engenheiro Arquiteto, residentes em Botucatu.

JÚLIA, casada com o Dr. Boanerges Gurgel do Amaral, tendo os filhos: Djalma, Enéas, Enoé, Tarcísio e Heráclito, todos formados e casados.

BRASIL, Engenheiro, casado com a Professora Elza Fernandes Leite Blasi, tem os filhos : Maria Helena, Professora e pianista laureada pela Faculdade de Música Santa Marcelina, Vera Magali, Professora, casada em Nova York, com o Engenheiro Harry Smith; Lucila, Professora, casada em São Francisco da Califórnia – USA – com o norte-americano Jack J. Fields; e um filho, Brasil Serafim, estudante de engenharia.

FRANCISCO, Engenheiro, casado com a Profa. Maria Emilia Mendes Blasi, tendo os filhos:- Profa. e Pianista Maria Amélia Blasi Toledo Piza, formada pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, casada com o Engenheiro Jayme de Toledo Piza e Almeida Neto; Engenheiro Francisco Serafim Blasi, casado com Iwonka Wasilewski Blasi, Assistente Social; e Fernando Antonio Mendes Blasi, Economista, casado com a Profa. Angela Maria de Souza Blasi.

JÚLIA, Professora, casada com o Dr. Boanerges Gurgel do Amaral, tendo os filhos: Djalma Brasil, economista; Enéas Francisco; Tarcísio, químico industrial; Heráclito e Enoé, professores, todos formados e casados.

AMÉRICA, Professora, viúva do Prof. Jayme de Toledo Piza Filho. É mãe do Dr. Jayme Piza Neto, Engenheiro e Professor da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu; Lucia Tereza, Secretária e Pianista diplomada pelo Conservatório Musical de São Paulo.

O casal Miquelina-Serafim Blasi, deixou inúmeros netos e bisnetos dispersos pelo estado e Brasil. E por falar em Brasil, é de se notar que os filhos América e Brasil, tiveram seus nomes dados como homenagem ao continente e ao país que recebeu o Cavalheiro, constituindo sua segunda pátria.

Com relação aos filhos, é de se notar que os Drs. Brasil e Francisco, se tornaram figuras de projeção nos meios econômicos, políticos e sociais de Botucatu. Dr. Brasil, foi Vereador em várias legislaturas. E o Dr. Francisco, o “pai” do Museu de Botucatu, foi político militante, exercendo a Presidência de Diretórios políticos locais. Era ademarista vermelho, enquanto o Dr. Brasil, foi meu companheiro no velho PSD.

Dos netos do Cavalheiro Serafim, oriundos do seu primeiro matrimônio, é de justiça falar nos irmãos Arnaldo e Alberto, homens que se destacaram no cenário estadual e botucatuense. O Professor Arnaldo Laurindo, um dos grandes do Ensino Técnico Industrial Paulista, foi deputado Estadual, Diretor do Ensino Profissional e Secretário do Interior do Estado de São Paulo. Hoje faz parte do Conselho Estadual de Educação, apesar de aposentado no magistério. Alberto Laurindo, Contador, é dos mais antigos Vereadores da Câmara Municipal de Botucatu. Exerceu o mandato em várias legislaturas. Integra o corpo docente do IECA e de outros estabelecimentos de ensino da cidade. Um irmão, o Dr. Silvio Laurindo, exerce a medicina, na Capital do Estado.

Hoje, decorridos 78 anos de sua fundação, as indústrias Serafim Blasi & Cia, tem a sua diretoria formada pelos Dr. Francisco Blasi, Diretor Presidente; Dr. Francisco Blasi Filho, Diretor Técnico; Dr. Fernando Blasi, Diretor Gerente e Profa. Maria Amélia Blasi de Toledo Piza.

Há na cidade, uma rua com o nome do Cavalheiro Blasi.

( Correio de Botucatu – 05/01/1972 )

## A FAMÍLIA BLASI

(Correções)

Em nosso último capítulo, focalizamos a família Blasi. Várias omissões e incorreções verificadas, devem ser corrigidas no texto em apreço, o que fazemos abaixo

O cav. Serafim Blasi nasceu em San Fili, província de Cosenza, na Itália. Do seu primeiro matrimônio com da. Carmela Lucheta, realizado na Itália, nasceu a filha Emília, que ficou órfã porque sua genitora faleceu pouco depois do nascimento da menina. Viúvo, já no Brasil, Serafim Blasi contraiu núpcias com da. Miquelina Laurindo Blasi. E em 1893 veio para o Botucatu, onde residiu até a data do seu falecimento.

Grande é a descendência do Cav. Serafim Blasi. Do primeiro matrimônio, a filha Emília casou-se com o prof. Rafael Laurindo e nasceram os filhos Arnaldo, Alberto, Oswaldo, Sílvio, Amélia Laurindo, dos quais reside em Botucatu, apenas o Sr. Alberto Laurindo. Desses netos do Cavalheiro, o prof. Arnaldo, um dos grandes do ensino Técnico-Industrial Paulista, foi deputado estadual, secretário da Educação, Diretor do Ensino Profissional, sendo hoje membro do Conselho Estadual de Educação. Alberto Laurindo, contador, é um dos mais antigos Vereadores

da Câmara Municipal de Botucatu. Integra o corpo docente do IECA e de outros estabelecimentos de ensino da cidade. O prof. Oswaldo Laurindo, licenciado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, exerce o magistério secundário na Capital. O Dr. Sílvio Laurindo, médico, e sua irmã profa. Amélia, residem na Capital paulista.

ALFREDO BLASI, casado com Adelina Koch, ambos falecidos, deixaram os filhos: Serafim Blasi Neto, casado com Florinda Boaro; Roberto, casado com Érika; Carlos, casado com Idalina; Waldomiro, casado com Lurdes e Fausto. Da. Maria Blasi, gêmea de Alfredo, casada com João Laurindo, contador, tem o filho Etéocles.

Profa. ROSA BLASI, casada com João E. de Toledo César, tem as filhas Lúcia, casada com Henrique; Dirce, casada com Nelson, e Lina, casada com Orlando. A Profa. Isabel Blasi, casada com o Prof. Jeronimo Martorelli, tem os filhos: Clélia, casada com o dr. Fernando de Lima; Hugo e professora Odila, casada, com o dr. Wilson Zurita.

Dr. JORGE BLASI, engenheiro, que foi industrial e vereador à Câmara Municipal de Botucatu, já falecido, deixou viúva a profa. Olga Ciamberlini Blasi, e os seguintes filhos: Yolanda Miquelina Camila Blasi; Conrado Serafim Blasi, engenheiro, casado com a profa. Maria do Carmo César; George Renato Blasi casado com Maria Blasi, Hélio e Leila.

Da. ADELINA BLASI, contadora, é viúva de Levino Monteferrante, e do seu matrimônio houve os filhos: Mercedes, casada com Álvaro Zacharias; Profa. Judith, casada com Japir de Mello; Profa. Ema, casada com Chaim Pedro; Anísio, economista e delegado seccional de Rendas em Araçatuba, casado com a profa. Maria Helena Timóteo; Hélios, técnico mecânico, casado com Margarita Alvarez e dr. Eugenio Monteferrante, engenheiro arquiteto.

Dr. BRASIL BLASI, engenheiro, casado com a Profa. Elza Fernandes Leite Blasi, tem os filhos: Profa. Maria Helena, casada com Antonio Trevisani, descendente da tradicional família Sartori, sendo filho de Dante Trevisani (falecido) que foi pioneiro de transportes urbanos em Botucatu; Profa. Magali, casada com o norte-americano Harry W. Smith, residentes em Nova York; Profa. Lucila, casada com o norte-americano Jack Fields, residentes em São Francisco da Califórnia. Dr. Brasil, industrial, foi Vereador à Câmara Municipal de Botucatu, em várias legislaturas. Seu filho Brasil Serafim é estudante de engenharia confirmando a tradição da família.

Dr. FRANCISCO BLASI, engenheiro, casado com a profa. Maria Emília Mendes Blasi, tem os filhos: Profa. Maria Amélia Blasi Toledo Piza, casada com o engenheiro dr. Jayme de Toledo Piza e Almeida Neto; Francisco Serafim Blasi, engenheiro, casado com Iwonka Wasilewski Blasi, assistente social; e Fernando Antonio Mendes Blasi, economista, casado com a profa. Ângela Maria de Souza Blasi.

Da. AMÉRICA BLASI, viúva do prof. Jayme de Toledo Piza e Almeida Júnior, é professora e tem os filhos: dr. Jayme de Toledo Piza e Almeida Neto, engenheiro e professor da Faculdade

de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, casado com a profa. Maria Amélia Blasi Toledo Piza; Lúcia Tereza, secretária e professora de música, casada com o químico Jayme Silva.

Da. JÚLIA BLASI, casada com o dr. Boanerges Gurgel do Amaral, cirurgião dentista, residentes na Capital, tem os filhos: Djalma Brasil, economista; Enéas Francisco; Tarcízio, químico industrial; Heráclito e profa. Enóe.

Com estas correções, cremos ter bem focalizada a numerosa família Blasi, tradicional e das mais antigas da cidade.

(Correio de Botucatu - 19/01/1972)

#### ADENDO DOS REVISORES

ALGUNS DADOS ATUALIZADOS EM OUTUBRO DE 2011 PELA PROFESSORA  
E PIANISTA MARIA AMÉLIA BLASI TOLEDO PIZA, LIGADOS A BOTUCATU:

#### FAMÍLIA BLASI DE BOTUCATU

Descendentes de Alfredo Blasi casado com Adelina Koch:

Filho: Carlos Blasi, (falecido), casado com Idalina M. Blasi.

Neto: Antonio Carlos Blasi, casado com a Profa. Márcia Furrier

Guedelha Blasi, musicista.

Bisneta: Débora Guedelha Blasi, enfermeira.

Descendentes de Adelina Blasi Monteferrante casada com Levino Monteferrante:

Filha: Mercedes Monteferrante Zacharias, casada com Álvaro Zacharias.

Neta: Maria Cristina Zacharias, artista plástica e professora, casada em primeiras núpcias com Acácio Ferreira de Toledo, que tiveram o filho André Zacharias de Toledo, e casada em segundas núpcias com Hélvio Benito Scapolan, que tiveram os filhos Adriana Zacharias Scapolan e Rafael Zacharias Scapolan.

Bisnetos: André, Adriana e Rafael, acima.

Neto: Antonio Carlos Zacharias, casado com Nádia Sulete Bonucci Zacharias.

Bisneto: Murilo

Filha: Emma Monteferrante Pedro, casada com Chaim Pedro.

Neto: Fernando.

Neto: José Eduardo.

Filha: Judith Monteferrante de Melo, casada com Japyr Rodrigues de Melo.

Neto: Luís Henrique.

Neto: Mário Roberto.

Neto: Japir Guilherme.

Neto: Carlos Alberto.

Neto: Antonio Sérgio.

Filho: Eugênio Monteferrante Netto.

Filho: Anísio Seraphim Monteferrante, casado com Maria Helena Thimóteo Monteferrante.

Neta: Sylvia Helena.

Neto: Henrique.

Neto: André.

Neta: Lúcia Helena.

Filho: Hélios Monteferrante, casado com Margarita Alvarez Monteferrante.

Neto: Humberto.

Neto: Hélios.

Neta: Márcia.

Descendentes de Brasil Blasi casado com Elza Fernandes Leite Blasi:

Filha: Maria Helena Blasi Trevisani, casada com Antonio Trevisani.

Neta: Marília Trevisani, casada com Márcio.

Bisnetos: Nicholas, Larissa e Aléxia.

Filha: Magali Blasi Smith, casada com Harry Smith.

Netos: Vera, Cristiane e Evan.

Filha: Lucila Blasi Fields, casada com Jack Fields.

Filho: Brasil Serafim Blasi.

Descendentes de Francisco Blasi casado com Maria Emília Mendes Blasi:

Filha: Maria Amélia Blasi Toledo Piza, casada com Jayme de Toledo Piza Almeida Neto.

Neta: Ana Maria Blasi Toledo Piza, Médica.

Neto: Francisco José Blasi Toledo Piza, Engenheiro.

Neto: Pedro Luís Blasi Toledo Piza, Engenheiro Agrônomo.

Neto: André Luís Blasi Toledo Piza, Advogado.

Neto: João Fernando Blasi Toledo Piza, Arquiteto Urbanista.

Descendentes de América Blasi de Toledo Piza e Almeida casada com Jayme de Toledo Piza e Almeida Júnior:

Filho: Jayme de Toledo Piza e Almeida Neto (ver acima).

Filha: Lúcia Thereza de Toledo Piza e Almeida Silva.

Netos: Jayme, Vera Lúcia, Maria Lúcia e Renato.